

Guia do  
Estudante

➤ **SIMULADÃO EXCLUSIVO:** CONFIRA SE VOCÊ ESTÁ REALMENTE PREPARADO

EDIÇÃO  
AMPLIADA  
**16 PÁGINAS  
EXTRAS!**

# e História VESTIBULAR



OS  
**58**  
TEMAS  
QUE MAIS CAEM  
NAS PROVAS

**LINHAS  
DO TEMPO**  
A CRONOLOGIA  
DETALHADA  
DA HISTÓRIA



**MAPAS E  
INFOGRÁFICOS**  
IMAGENS IMPECÁVEIS  
PARA APROFUNDAR  
O CONHECIMENTO!

**DIVIRTA-SE  
E APRENDA**  
FILMES, QUADRINHOS  
E JOGOS QUE AJUDAM  
A SABER AINDA MAIS

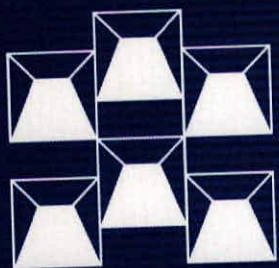
➤ **CHINA IMPERIAL** O PASSADO GRANDIOSO DA SUPERPOTÊNCIA  
QUE JÁ MANDOU NO MUNDO E PROMETE FAZER ISSO DE NOVO



EDIÇÃO 02 • R\$ 14,95  
[www.guiadoestudante.com.br](http://www.guiadoestudante.com.br)







# UnG

Sua Universidade. Sua Carreira.

0800 15 88 22 | [www.ung.br](http://www.ung.br)

## PROCESSO SELETIVO UnG

INSCRIÇÕES ABERTAS

NOS CURSOS TECNOLÓGICOS DA UnG VOCÊ SE  
FORMA EM NO MÁXIMO DOIS ANOS E MEIO E  
PODE IR DIRETO PARA A PÓS-GRADUAÇÃO.

Acesse [www.ung.br](http://www.ung.br) e confira listagem  
dos cursos oferecidos nas unidades:

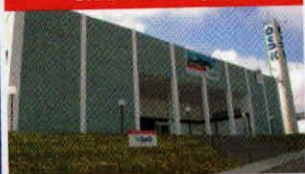
UNIDADE GUARULHOS-CENTRO



UNIDADE GUARULHOS-DUTRA



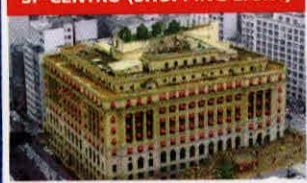
UNIDADE ITAQUÁ



NOVA UNIDADE  
METRÔ JABAQUARA



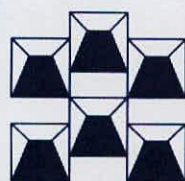
NOVA UNIDADE  
SP-CENTRO (SHOPPING LIGHT)





Seus passos definem sua posição no  
mercado de trabalho.

Definir sua **Universidade** é  
definir sua **Carreira**.



**UnG**

0800 15 88 22 | [www.ung.br](http://www.ung.br)

Sua Universidade. Sua Carreira.



## CARTA AO LEITOR



# O passado que fala

Um dos livros mais antigos do mundo, o *I Ching* é considerado a base de toda a milenar sabedoria chinesa, tendo influenciado pensadores de todas as eras e lugares. É nele que podemos ler: "Nas palavras e atos do passado jaz oculto um tesouro que o homem pode utilizar para fortalecer e elevar seu próprio caráter. O estudo do passado não deve se limitar a um mero conhecimento da história, mas deve, através da aplicação desse conhecimento, procurar dar atualidade ao passado".

Foi com esse pensamento em mente – dar atualidade ao passado – que preparamos para você esta nova edição do *História Vestibular*. Pois é isto o que as principais universidades do país exigem do estudante hoje: que, à luz do que aconteceu antes, ele saiba decifrar o que acontece agora; que, em meio ao vozerio do presente, ele reconheça o passado que fala.

Para ajudá-lo nessa tarefa, nos debruçamos sobre os temas que mais caem em vestibular e elaboramos dezenas de reportagens abrangentes, concisas e, sobretudo, prazerosas de serem lidas. Confira, por exemplo, a estratégia do compositor Chico Buarque para driblar a censura da ditadura militar (pág. 150), ou veja um infográfico sensacional com o raio-x de um navio negreiro (pág. 108). Nesse sentido, buscamos inspiração em outra milenar fonte de conhecimento, a sabedoria árabe, cujo ditado diz: "A melhor descrição é aquela que faz do ouvido um olho". Ou seja, a melhor descrição é aquela que amplia os sentidos do ouvinte, que coloca o leitor – você – no meio da história. Boa leitura!

Lauro Henriques Jr.

Editor

lajunior@abril.com.br

## FALE COM A GENTE

### Atendimento ao leitor

guiadoestudante.abril@atleitor.com.br

Av. Nações Unidas, 7 221, 8ª andar,  
CEP 05425-902, São Paulo/SP

**EDITORIA**  **Abril**  
Fundador: VICTOR CIVITA  
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita

Vice-Presidente Executivo: Jairo Mendes Leal

Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente),  
Thomas Souto Corrêa (Vice-Presidente), José Roberto Guzzo

Diretor de Assinaturas: Fernando Costa

Diretora Geral de Publicidade: Thais Chede Soares

Diretor Geral de Publicidade Adjunto: Rogério Gabriel Comprido

Diretor de RH e Administração: Dimas Mietto

Diretora de Mídia Digital: Fabiana Zanni

Diretor de Planejamento e Controle: Auro Luis de Iasi

Diretora Superintendente: Helena Bagnoli  
Diretora de Núcleo: Roberta Fucuta

**História**  
**VESTIBULAR**

Redator-chefe: Ricardo Lombardi

Diretor de Arte: Fábio Bosqué Editores: Lauro Henriques Jr., Lisandra Matias, Paulo Zochi Editora Assistente: Isabela Goulart Reporters: Mariana Defini Designer: Paula K. Santos Estagiários: Mariana Nadai, Marcus T. Kawasaki Internet: Editor: Fabiana Minto Assistente de Redação: Simone Borsatto Atendimento ao Leitor: Adriana Meneghelli e Carlos Santos CFI Aldo Macedo (chefe), Aldo Teixeira, Regina Sano, Rodrigo Lemes e Rogério da Veiga COLABORAR: NESTA EDIÇÃO Consultoria: Fausto Henrique Gomes Nogueira Reportagem: Sheyla Miranda Ilustração: Nelson Provat Mapas: Infográfica Pesquisa iconográfica: Acácia Corêa

www.guiadoestudante.com.br

Apoio Editorial: Bia Mendes, Carlos Grassetti Depto. de Documentação e Abril Press: Grace de Souza

**PUBLICIDADE CENTRALIZADA** Diretores: Marcos Peregrina Gomez, Mariane Ortiz, Robson Monte, Sandra Sampaio Executivos de Negócios: Alessandra D'Amaro, Ana Paula Moreno, Caio Souza, Claudia Galdino, Cláudio Gomes, Cristiane Tassoules, Elani Prado, Marcello Almeida, Marcia Sotir, Marcia Vinhas, Nilo Bastos, Pedro Bonaldi, Regina Moura, Tiara Mendes, Virginia Ary, William Haggerty **PUBLICIDADE REGIONAL** Diretor: Jacques Biali Rizzato **PUBLICIDADE RIO DE JANEIRO** Representante de publicidade: Rogério Ponce de Leon **PUBLICIDADE NÚCLEO JOVEM** Gerente: Fernando Sabadin. Executivos de negócios: Alice Ventura, Analucia Bertola, Camilla Dell, Camila Fomseier, Cíntia Curly, João Eduardo Dias, Luis Fernando Lopes, Mara Marques. **MARKETING E CIRCULAÇÃO** Gerente de Marketing: Wagner Gombi Gerentes de Publicações: Renato Caprio (Marketing Publicitário), Louise Falcões, Edson Bottura (Marketing Leitor) Analistas: Flávia Martins, Thaise Victório Gerente de Eventos: Camila Mersona Analistas: Cláudio Batista, Luciana Boleim, Saraninha Pinto Estagiária: Juliana Louzada Gerente de Circulação: Andressa Magli Superf Gerente de Circulação Assinaturas: Mônica Simone Donha **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES** Gerente: André Vasconcelos Consultor: Silvio Fontes, Fábio Leislaupin Processos: Fabiano Valim **ASSINATURAS** Diretor de Atendimento e Relacionamento com o Cliente: Fabiano S. Magalhães Operações de Atendimento ao Consumidor: Márcia Galvão Licenciamento: Paulo Alves, Vanessa Weinman Eventos: Denise Zuanazzi

**PUBLICIDADE São Paulo** www.publilab.com.br, Classificados tel. 0800-7012066, Grande São Paulo tel. 3037-2700 **ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL** - Central-SP tel. (11) 3037-6564 **Baur** Gnotos Mídia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0378, email: gnotos@gnotosmidia.com.br **Belem** Midiasolution Belem, tel. (91) 3222-2303, email: simone@midiasolution.com.br **Belém** Horizonte Escritório tel. (51) 3282-0630, fax (51) 3282-0632 Representante: Tristão Mineiro F&C Campos Consultoria e Assessoria Ltda, telef. (16) 3620-2702, tel. (16) 8111-8159, email: inc.rp@netnet.com.br **Blumenau** M. Marthi Representações, tel. (47) 3329-3820, fax (47) 3329-6191, email: mauro@marnhiabril.com.br **Brasília** Escritório tel. (61) 3315-7554/55/56/57, fax (61) 3315-7558 **Brasília** Carvalhal Marketing Ltda, tel. (61) 3426-7542/3223-0736/3225-2946/3223-7778, fax (61) 3321-1943, email: starmkt@uol.com.br **Campinas** CZ Press Com. e Representações, telef. (19) 3251-2007, email: czpress@czpress.com.br **Campo Grande** Josimar Promocões Artísticas Ltda, tel. (67) 3382-2139, email: karen@josimarpromocoes.com.br **Curitiba** Agnecy, Comunidade, Ltda, tel. (41) 9235-7410, email: justin@uol.com.br **Curitiba** Escritório tel. (41) 3250-8000/8030/8040/8050/8080, fax (41) 3252-7110 **Curitiba** Representante Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda, tel. (41) 3234-1224, email: viamidia@viamidia.com.br **Florianópolis** Intermix Publicidade Ltda, tel. (48) 3232-1617, fax (48) 3232-1782, email: gorgonio@intermixabril.com.br **Fortaleza** Midiasolution Repres. e Negoc., tel. (85) 3264-3939, email: simone.midiasolution@vivo.com.br **Goiania** Middle West Representações Ltda, tel. (62) 3215-5158, fax (62) 3215-9007, email: publicidade@middlewest.com.br **Maringá** Paper Comunicações, tel. (92) 3656-7586, email: paper@intermix.com.br **Maringá** Atitude de Comunicação e Representação, telef. (44) 3028-6069, email: marlene@atitudetcp.com.br **Porto Alegre** Escritório tel. (51) 3327-2850, fax (51) 3327-2855 **Porto Alegre** Representante Print Sol Veículos de Comunicação Ltda., telef. (51) 3328-1344/3823/4954, email: ricardo@printsul.com.br **Recife** Multitevistas Publicidade, telef. (81) 3327-1597, email: multitevistas@uol.com.br **Ribeirão Preto** Gnotos Mídia Representações Comerciais, tel. (16) 3911-3025, email: gnotos@gnotosmidia.com.br **Rio de Janeiro** Escritório tel. (21) 2546-8282, fax (21) 2546-8253 **Salvador** AGM Consultoria Public. e Representação, tel. (71) 3311-4999, fax (71) 3311-4990, email: abrilagm@uol.com.br **Vitória** ZMR - Zambini Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952, email: samuel@zambini.com

**PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL:** Veja: Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais: **Núcleo Negócios:** Exame, Exame PME, Você S/A **Núcleo Tecnologia:** Info, Info Corporal **Núcleo Informação:** Revista da Semana **Núcleo Consumo:** Boa Forma, Elle, Elle, Manequim, Manequim Nova, Revista A **Núcleo Comportamento:** Claudia, Gloss, Nova **Núcleo Semanais de Comportamento:** Ana Maria, Sou Mais Eu, Viva Mais! **Núcleo Bem-Estar:** Bons Fluidos, Saúde, Vida Simples **Núcleo Jovem:** Almanaque Abril, Aventuras na História, Capricho, Guia do Estudante, LoveTeen, Mundo Estranho, Superinteressante **Núcleo Infantil:** Atividades, Disney, Recreio **Núcleo Homens:** Men's Health, Playboy, Vip **Núcleo Casa e Construção:** Arquitetura e Construção, Casa Claudia **Núcleo Celebidades:** Bravo!, Confie!, Minha Novela, Tili **Núcleo Motor Esportes:** Foca S/A, Foca, Quatro Rodas **Núcleo Turismo:** Guias Quatro Rodas, National Geographic, Viagem e Turismo **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

Guia do Estudante, História Vestibular 2009, ed.2. EAN 789 5614 04793 5, é uma publicação da Editora Abril S.A. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSO NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900 - Freguesia do Ô - São Paulo - SP

FIPP

 **Abril**

Presidente do Conselho de Administração: Roberto Civita  
Presidente Executivo: Giancarlo Civita  
Vice-Presidentes: Arnaldo Tibyrcia, Douglas Duran,  
Marcio Ogliari, Mauro Calliani, Sidnei Basile

www.abril.com.br



# Sumário

<b>6</b>	<b>MUNDO</b>	
	LINHA DO TEMPO.....	6

<b>8</b>	<b>PRÉ-HISTÓRIA</b>	
----------	---------------------	--

<b>10</b>	<b>ANTIGUIDADE</b>	
	LINHA DO TEMPO.....	12
	MESOPOTÂMIA.....	14
	EGITO.....	15
	GRÉCIA.....	16
	ROMA.....	19
	CHINA IMPERIAL.....	22
	QUEM JÁ MANDOU NO MUNDO.....	26

<b>28</b>	<b>IDADE MÉDIA</b>	
	LINHA DO TEMPO.....	30
	REINO FRANCO.....	32
	FEUDALISMO.....	33
	INQUISIÇÃO.....	35
	IMPÉRIO ÁRABE.....	36
	CRUZADAS.....	38
	GUERRA DOS CEM ANOS.....	40
	CIVILIZAÇÕES PRÉ-COLOMBIANAS.....	42

<b>44</b>	<b>IDADE MODERNA</b>	
	LINHA DO TEMPO.....	46
	RENASCIMENTO.....	48
	REFORMA.....	50
	ANTIGO REGIME.....	52
	EXPANSÃO MARÍTIMO-COMERCIAL.....	54
	COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA.....	56
	REVOLUÇÕES INGLESAS DO SÉCULO XVII.....	58
	REVOLUÇÃO INDUSTRIAL.....	59
	ILUMINISMO.....	61
	INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS.....	63

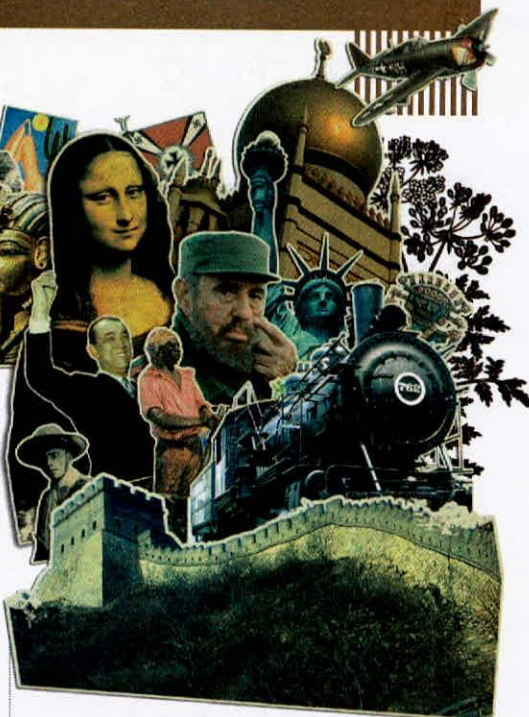
<b>64</b>	<b>IDADE CONTEMPORÂNEA</b>	
-----------	--------------------------------	--

	LINHA DO TEMPO.....	66
	REVOLUÇÃO FRANCESA.....	70
	INDEPENDÊNCIA DA AMÉRICA ESPANHOLA.....	72
	DOCTRINAS SOCIAIS E POLÍTICAS DO SÉCULO XIX.....	73
	IMPERIALISMO.....	74
	I GUERRA MUNDIAL.....	76
	REVOLUÇÃO RUSSA.....	78
	CRISE DE 29 E GRANDE DEPRESSÃO.....	80
	NAZI-FASCISMO.....	81
	II GUERRA MUNDIAL.....	82
	GUERRA FRIA.....	84
	REVOLUÇÃO CULTURAL NA CHINA.....	86
	DESCOLONIZAÇÃO AFRO-ASIÁTICA.....	87
	DITADURAS NA AMÉRICA LATINA.....	88
	MAIO DE 68 NA FRANÇA.....	89
	REVOLUÇÃO ISLÂMICA NO IRÃ.....	90
	FIM DA GUERRA FRIA E NOVA ORDEM MUNDIAL.....	91
	DESMANTELAMENTO COMUNISTA.....	92

<b>93</b>	<b>BRASIL</b>	
	LINHA DO TEMPO.....	94

<b>96</b>	<b>PRÉ-HISTÓRIA</b>	
-----------	---------------------	--

<b>98</b>	<b>COLÔNIA</b>	
	LINHA DO TEMPO.....	100
	POLÍTICA COLONIAL.....	102
	ECONOMIA COLONIAL.....	103
	SOCIEDADE COLONIAL.....	105
	ESCRavidÃO.....	106
	ENTRADAS E BANDEIRAS.....	110
	INDEPENDÊNCIA.....	111



<b>114</b>	<b>IMPÉRIO</b>	
	LINHA DO TEMPO.....	116
	PRIMEIRO REINADO.....	118
	REGÊNCIAS.....	120
	SEGUNDO REINADO.....	122
	PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA.....	125

<b>126</b>	<b>REPÚBLICA</b>	
	LINHA DO TEMPO.....	128
	REPÚBLICA DA ESPADA.....	132
	IMIGRAÇÃO.....	134
	REPÚBLICA DO CAFÉ-COM-LEITE.....	136
	ERA VARGAS.....	140
	REPÚBLICA LIBERAL.....	144
	DITADURA MILITAR.....	148
	NOVA REPÚBLICA.....	152

<b>154</b>	<b>DIVIRTA-SE</b>	
	FILMES, DOCUMENTÁRIOS, QUADRINHOS, SITES E JOGOS QUE AJUDAM A APRENDER	

<b>156</b>	<b>FOTO-HISTÓRIA</b>	
	AS ADULTELAÇÕES FOTOGRÁFICAS NA RUSSIA COMUNISTA	

<b>158</b>	<b>SIMULADÃO</b>	
------------	------------------	--

## NOTAS DA REDAÇÃO

» Os editores são gratos àqueles que possam apontar possíveis omissões de créditos devido à dificuldade de localizar determinadas fontes.  
» O mural México Prehispânico y Colonial, de Diego Rivera,

reproduzido em parte na página 56, pertence ao Instituto de Bellas Artes y Literatura, na Cidade do México.  
» A obra Abaporu, de Tarsila do Amaral, reproduzida na página 139, foi gentilmente cedida por Tarsila Educação e [www.tarsiladoamaral.com.br](http://www.tarsiladoamaral.com.br).

» As imagens utilizadas na matéria Foto-História, na página 156, pertencem à coleção David King.  
» Agradecemos a: Patrícia Hargreaves (revista Aventuras na História), Fábio Volpe (revista Mundo Estranho) e Sérgio Gwercman (revista Superinteressante).



## LINHA DO TEMPO

## O passado em suas mãos

**P**ara começar nosso mergulho na história, nada melhor do que ter uma visão geral dos fatos. Confira a seguir uma linha do tempo completa, que vai desde o surgimento do universo até os ataques de 11 de setembro de 2001, com destaque para os eventos que mais caem no vestibular. Depois, é só ir direto à página indicada para saber tudo sobre cada um.

**3,8 BILHÕES DE ANOS ATRÁS**

Surgem as **primeiras formas de vida**. São formadas por apenas uma célula e vivem na água.

**13,7 BILHÕES DE ANOS ATRÁS**

Segundo a teoria do **Big Bang**, o universo surge a partir de uma explosão primordial. É o início de toda a matéria, energia, espaço e da contagem do tempo.

**4,5 BILHÕES DE ANOS ATRÁS**

A partir da condensação de uma nuvem de gases, **forma-se o sistema solar**, incluindo nosso planeta, a Terra.

**470 MILHÕES DE ANOS ATRÁS**

Surgem as **primeiras plantas** na Terra.

**225 MILHÕES DE ANOS ATRÁS**

Aparecem os **primeiros dinossauros**.

**65 MILHÕES DE ANOS ATRÁS**

Os **dinossauros** são extintos, provavelmente por causa da colisão de um asteroide com a Terra.

**4,5 MILHÕES DE ANOS**

**Surgimento dos primeiros homínidos, ancestrais do homem. É o início da Pré-História. O período pré-histórico inicial é chamado de Paleolítico, ou Idade da Pedra Lascada.** Pág. 8

**8000 a.C.**

Começa o **Neolítico**, ou **Idade da Pedra Polida**, o terceiro e último período pré-histórico.

**5000 a.C.**

O homem começa a empregar o **cobre** como matéria-prima, dando início à **Idade dos Metais**.

**4000 a.C.**

**Surgimento das primeiras civilizações e da escrita, o que marca o começo da Antiguidade.** A partir da pág. 10

**476**

O **imperador romano Rômulo Augusto é deposto pelo chefe germânico Odoacro. É o fim do Império Romano do Ocidente, fato que marca o início da Idade Média.** A partir da pág. 28

**482**

Fundação do **Reino Franco**. Pág. 32

**630**

Tem início o **Império Árabe**. Pág. 36

**SÉCULO XII**

Chega ao auge na Europa o sistema político, econômico e social que marca a Idade Média: o **feudalismo**. Pág. 33

**ANTIGUIDADE****IDADE MÉDIA****10 000 a.C.**

Início do segundo período da Pré-História, o **Mesolítico**.

**3200 a.C.**

Os **sumérios** formam a primeira civilização da **Mesopotâmia**. Pág. 14

Simultaneamente, tem início a **civilização egípcia**. Pág. 15

**150 000 ANOS ATRÁS**

Nascem os **primeiros Homo sapiens**, a espécie a que pertencemos.

**ANO 1**

Início da **Era Cristã**, segundo o calendário gregoriano.

**1095**

Começam as **Cruzadas**. Pág. 38

**2000 a.C.**

Começa a surgir a **civilização grega**. Pág. 16

**753 a.C.**

Fundação lendária de Roma, marco do **Império Romano**. Pág. 19





1453

A cidade de Constantinopla, então sede do Império Bizantino, é tomada pelo Império Turco-Otomano. Começa a Idade Moderna. A partir da pág. 44

1517

Martinho Lutero dá início à Reforma Protestante. Pág. 50

1521

Os espanhóis conquistam o Império Asteca, no atual México. Está em pleno curso a colonização da América pelos europeus. Pág. 56

1745

Começa a produção da *Enciclopédia*, uma das principais obras do Iluminismo, que vive seu auge. Pág. 61



1765

James Watt aperfeiçoa a máquina a vapor, evento marcante da Revolução Industrial. Pág. 59

1867

É lançada *O Capital*, obra fundamental do socialismo, uma das idéias sociais e políticas que surgem no século XIX. Pág. 73

1884-1885

As potências europeias partilham a África entre si na Conferência de Berlim. Trata-se da política de imperialismo. Pág. 74

1914

Começa a I Guerra Mundial. Pág. 76

1939

Começa a II Guerra Mundial. Pág. 82

1946

Tem início a Guerra da Indochina, um dos marcos da descolonização afro-asiática. Pág. 87

1962

O mundo fica à beira do colapso nuclear durante a Crise dos Mísseis, um dos episódios mais tensos da Guerra Fria. Pág. 84



1989

A queda do Muro de Berlim simboliza o fim da Guerra Fria e o início da Nova Ordem Mundial. Pág. 91

## IDADE MODERNA

## IDADE CONTEMPORÂNEA

1492

Cristóvão Colombo chega à América - um dos pontos altos da expansão marítimo-comercial europeia. Pág. 54



1688

Culmina o processo das revoluções inglesas do século XVII, com o fim do absolutismo no país. Pág. 58

1776

É declarada a independência dos Estados Unidos. Pág. 63

1825

Conclui-se o processo de independência das colônias espanholas na América. Pág. 72



1917

A Revolução Russa derruba a monarquia e abre caminho para o surgimento da União Soviética. Pág. 78

1929

A quebra da Bolsa de Nova York causa uma crise mundial. Pág. 80

1933

Adolf Hitler assume o governo alemão e começa a implantar o nazismo. Pág. 81



1964

As Forças Armadas instalam um governo autoritário no Brasil. É a época das ditaduras militares na América Latina. Pág. 88

11 DE SETEMBRO DE 2001

No maior ataque terrorista da História, são destruídas as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, nos Estados Unidos.



1506

Leonardo da Vinci conclui a *Mona Lisa*, uma das pinturas mais conhecidas do Renascimento, e de todos os tempos. Pág. 48

1643

Começa o reinado de Luís XIV, na França, durante o qual o absolutismo - sistema de governo do Antigo Regime - chegaria ao auge. Pág. 52





## PRÉ-HISTÓRIA

**Cavalcada ancestral**

Os homens da Pré-História não conheciam a escrita, mas deixaram importantes vestígios de sua existência, como esta pintura feita há cerca de 15 mil anos na gruta de Lascaux, na França

[1]

# Do macaco ao Estado

Em cerca de 4 milhões de anos, o homem moderno surgiu, dominou a natureza e inventou a civilização

**A** Pré-História teve início há cerca de 4,5 milhões de anos atrás, com o surgimento dos primeiros hominídeos (família de primatas ancestrais do homem) e se estendeu até aproximadamente o ano de 4000 a.C., quando a escrita foi inventada e começaram a aparecer as primeiras civilizações. Esses milhões de anos foram marcados pela evolução das espécies humanas – que culminou com o surgimento e a supremacia do homem moderno (veja o box na pág. ao lado) – e por um revolucionário desenvolvimento tecnológico, cujo principal destaque foi a invenção da agricultura. Com base nas etapas desse avanço, a Pré-História foi dividida em três períodos: paleolítico (ou Idade da Pedra Lascada), mesolítico e neolítico (ou Idade da Pedra Polida).

## PALEOLÍTICO

Também conhecido como **Idade da Pedra Lascada**, o paleolítico vai até aproximadamente 10 000 a.C. Durante esse período ocorreram mudanças radicais no clima da Terra, formaram-se vales e rios e a flora se modificou. Os hominídeos do paleolítico eram nômades, viviam em grupos e utiliza-

vam cavernas como habitação. Eram essencialmente coletores e caçadores. Lascavam ossos e, principalmente, pedras para usar na extração de raízes e no abate de animais. Assim, inventaram o anzol, o arpão, o arco-flecha e a lança. O trabalho era dividido por sexo e idade. Foi também no paleolítico que o homem passou a utilizar o fogo e desenvolveu a linguagem oral e a arte rupestre – desenhando animais nas paredes das cavernas.

## MESOLÍTICO

Foi o período de transição entre a Idade da Pedra Lascada e a Idade da Pedra Polida (neolítico). Estendeu-se de 10 000 a.C. a 8000 a.C. Nessa época, a Terra começava a adquirir suas características atuais, com o fim da era das glaciações (quando grandes áreas do planeta ficavam cobertas de gelo) e o aparecimento de desertos e florestas nas regiões temperadas. É nesse período que o homem começou a domesticar animais e a cultivar algumas espécies de planta, dando início à sedentarização (fixação numa área). Também aprimorou a tecnologia e a arte, produzindo instrumentos mais elaborados, desenvolvendo utensílios de cerâmica, fazendo desenhos estilizados e introduzindo a figura humana nas pinturas.

## NEOLÍTICO

Na **Idade da Pedra Polida** (de 8000 a.C. a 4000 a.C.), os grupos humanos deixaram de ser essencialmente caçadores e coletores para cultivar alimentos – em geral, cereais – e domesticar animais. A mudança no modo de vida acarretada por esse avanço foi tamanha que ficou conhecida como **Revolução Neolítica**.

O homem construiu uma sociedade comunitária com base no conceito de cooperação – a terra, os rebanhos e os instrumentos eram de todos e o indivíduo só poderia se considerar dono deles se pertencesse à comunidade. Surgiu a necessidade de defender territórios, o que levou à formação de grupos mais complexos – as tribos –, com eleição de chefes para liderá-las. A economia também evoluiu: as tribos passaram a produzir mais do que precisavam para consumo próprio e a trocar esses excedentes de produção com outras comunidades. A fixação definitiva na terra levou ao estabelecimento dos primeiros núcleos urbanos, formados por construções de pedra ou de madeira.

No neolítico, o homem inventou a roda, confeccionou tecidos e desenvolveu meios de transporte com barcas de couro e carros



puxados por força animal. A arte tornou-se mais complexa, com pinturas figurativas e geométricas em cerâmica e esculturas de baixo-relevo. Teve início ainda o culto à natureza, aos antepassados e à deusa da fecundidade, relacionada à colheita.

**IDADE DOS METAIS** – No fim do período Neolítico, entre 5000 a.C. e 4000 a.C., o homem aprendeu a usar o cobre, o que marcou o início da Idade dos Metais. Mais tarde desenvolveu a técnica da fundição do bronze (mistura de cobre e estanho), utilizando esse material para substituir a pedra na confecção de armas e outros utensílios. Por volta de 1200 a.C., as civilizações do Oriente Médio e do sudeste da Europa passaram por nova revolução tecnológica ao utilizar uma matéria-prima ainda melhor: o ferro. A descoberta lhes conferiu superioridade militar e consequente possibilidade de conquistar melhores territórios.

A Pré-História terminou por volta do quarto milênio a.C., com o surgimento da escrita e o aparecimento das primeiras civilizações organizadas num Estado centralizado. As regiões onde estas transformações primeiro ocorreram foram a Mesopotâmia e o Egito.

## DE ONDE VIEMOS?

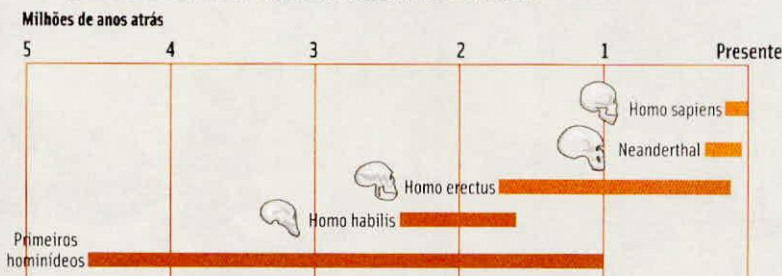
### EVOLUÇÃO HUMANA

Crê-se que a primeira espécie de homínido foi o *Ardipithecus ramidus*, que surgiu 4,5 milhões de anos atrás, na região da Etiópia. Ele já era semelhante aos *australopithecus*, que vieram milhares de anos depois. Só há 2,5 milhões de anos apareceu o primeiro grupo considerado humano, com o *Homo habilis*, capaz de produzir ferramentas de pedra. Em seguida veio o *Homo erectus*, o primeiro a usar o fogo e a deixar a África, indo para a Ásia e a Europa, há cerca de 1,8 milhão de anos.

Na Europa, entre 230 mil e 120 mil anos atrás, surgiu o *Homo neanderthalensis*, que dominou grandes territórios e sumiu há uns 25 mil anos.

Também é indefinida a origem do homem moderno, o *Homo sapiens*, surgido entre 200 e 100 mil anos atrás. Existem pelo menos duas hipóteses. Uma propõe que ele tenha aparecido na África e, ao migrar do continente, substituiu todas as populações humanas do globo. A outra defende a ideia de que os *Homo erectus* dispersos pelo mundo se transformaram em *sapiens*, cruzando entre si e com outros grupos, como o neanderthal.

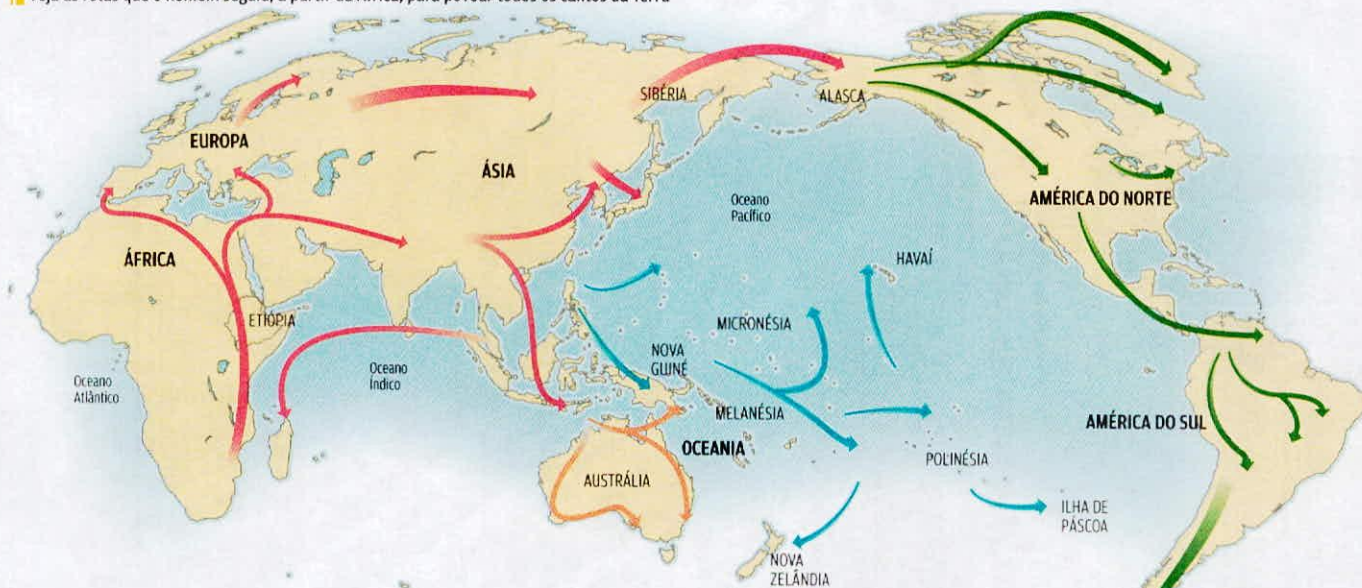
### VEJA QUANDO VIVERAM OS PRINCIPAIS ANCESTRAIS DO HOMEM



Fonte: Patricia Daniels e Stephen Hyslop, Atlas da História do Mundo, Abril

## A POSSE DO GLOBO

Veja as rotas que o homem seguiu, a partir da África, para povoar todos os cantos da Terra



### EUROPA E ÁSIA

Há 1,8 milhão de anos, o *Homo erectus* foi o primeiro homínido a deixar a África, indo rumo à Europa e ao leste da Ásia.

### AUSTRÁLIA

O *Homo sapiens* chegou à Austrália há cerca de 50 mil anos, cruzando pontes terrestres que a ligavam ao Sudeste Asiático e usando balsas.

### ILHAS DO PACÍFICO

A partir da Nova Guiné, o homem chegou às ilhas mais próximas há cerca de 32 mil anos. As mais distantes permaneceram desabitadas até 2 mil anos atrás.

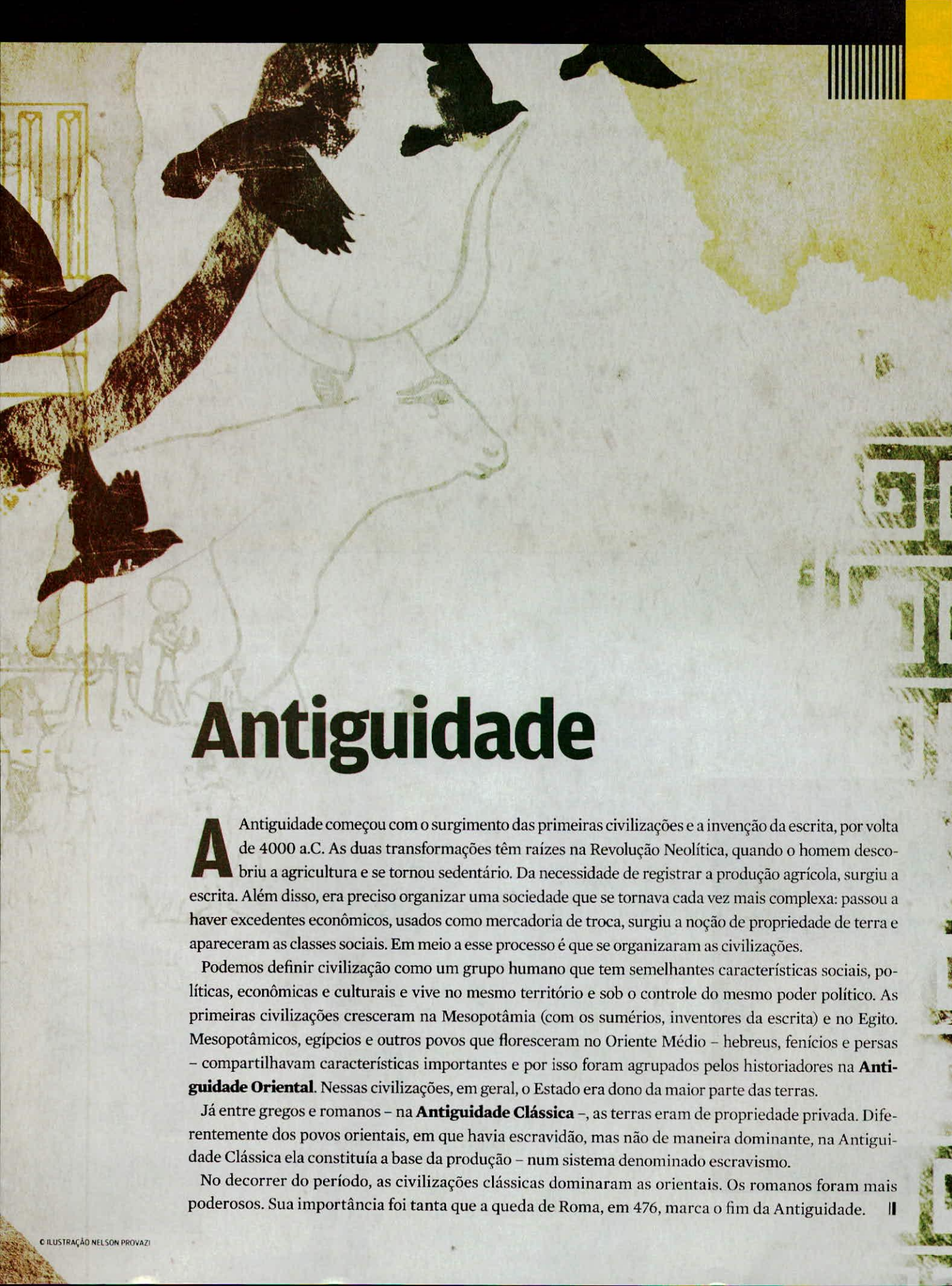
### POVOAMENTO DAS AMÉRICAS

Segundo a hipótese mais tradicional, o homem chegou à América 12 mil anos atrás, por terra, tendo atravessado a Beringia, que ligava a Sibéria ao Alasca. Veja mais na página 96.









# Antiguidade

**A** Antiguidade começou com o surgimento das primeiras civilizações e a invenção da escrita, por volta de 4000 a.C. As duas transformações têm raízes na Revolução Neolítica, quando o homem descobriu a agricultura e se tornou sedentário. Da necessidade de registrar a produção agrícola, surgiu a escrita. Além disso, era preciso organizar uma sociedade que se tornava cada vez mais complexa: passou a haver excedentes econômicos, usados como mercadoria de troca, surgiu a noção de propriedade de terra e apareceram as classes sociais. Em meio a esse processo é que se organizaram as civilizações.

Podemos definir civilização como um grupo humano que tem semelhantes características sociais, políticas, econômicas e culturais e vive no mesmo território e sob o controle do mesmo poder político. As primeiras civilizações cresceram na Mesopotâmia (com os sumérios, inventores da escrita) e no Egito. Mesopotâmicos, egípcios e outros povos que floresceram no Oriente Médio – hebreus, fenícios e persas – compartilhavam características importantes e por isso foram agrupados pelos historiadores na **Antiguidade Oriental**. Nessas civilizações, em geral, o Estado era dono da maior parte das terras.

Já entre gregos e romanos – na **Antiguidade Clássica** –, as terras eram de propriedade privada. Diferentemente dos povos orientais, em que havia escravidão, mas não de maneira dominante, na Antiguidade Clássica ela constituía a base da produção – num sistema denominado escravismo.

No decorrer do período, as civilizações clássicas dominaram as orientais. Os romanos foram mais poderosos. Sua importância foi tanta que a queda de Roma, em 476, marca o fim da Antiguidade. ||



## LINHA DO TEMPO

## ANTIGUIDADE

**A**companhe os eventos que marcaram a Antiguidade. Nas páginas indicadas, você encontra tudo sobre os assuntos que mais caem no vestibular.

**4000 a.C.**

Os sumérios inventam a escrita e começam a desenvolver a primeira **civilização mesopotâmica**. É o marco inicial da Antiguidade. Pág. 14

**2600 a.C.**

Descendentes de povos variados, sobretudo arianos, os **cretenses** começam a criar vilas portuárias, como Cnossos e Malia, na ilha de Creta, no mar Mediterrâneo. Praticam comércio marítimo com o Egito e os Estados do Oriente Médio. São conquistados pelos aqueus, de origem indo-européia, em 1450 a.C.

**2000 a.C.**

Tem início a **civilização grega**. Pág. 16

**2000 a.C.**

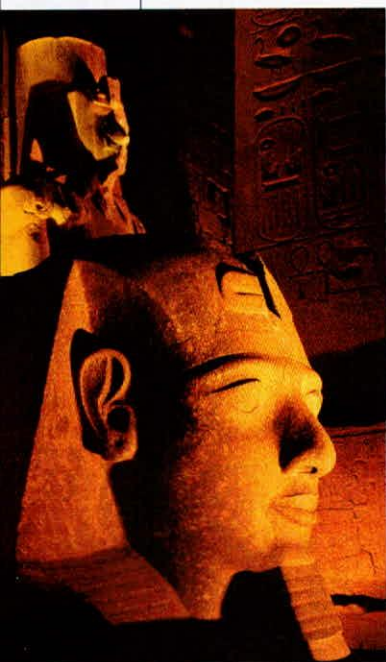
A chegada dos hebreus à Palestina - chamada de Canaã, a "Terra Prometida por Deus" -, sob a liderança do patriarca Abraão, segundo a narrativa bíblica, é o marco inicial da **civilização hebraica**. Os hebreus criam a primeira religião monoteísta - o judaísmo - e deixam sua história narrada no Antigo Testamento, livro que faz parte da *Bíblia*.



## ANTIGUIDADE

**3200 a.C.**

O **Egito Antigo** é unificado. Pág. 15

**3000 a.C.**

O atual Líbano começa a ser povoado por tribos semitas que dão origem à **civilização fenícia**. Os fenícios fundam cidades como Sidon, Biblos e Tiro, inventam um alfabeto que serve de base para o grego e o romano e desenvolvem a navegação. A partir do século X a.C., colonizam vastas áreas nas margens do Mediterrâneo, onde realizam intenso comércio marítimo. Fundam diversos entrepostos comerciais. Cartago, instalada no norte da África em 814 a.C., torna-se a mais importante cidade fenícia após a conquista de Tiro pelos macedônios, em 332 a.C. Em 146 a.C., Cartago é destruída pelos romanos nas **Guerras Púnicas**. Pág. 20

**2500 a.C.**

Entre 2500 e 1500 a.C., os arianos invadem o norte da atual Índia, dando origem à **civilização hindu**. Os hindus praticam a agricultura, a metalurgia e o comércio. A sociedade divide-se em castas: sacerdotes (brâmanes), guerreiros (châtrias), camponeses (vaisia) e servos (sudras). Os párias não têm casta e podem ser escravizados. Politeístas, os hindus seguem os Vedas, os mais antigos textos sacros conhecidos. Estão entre as **principais civilizações da História**. Pág. 26

**1792 a.C.**

Hamurabi dá início à unificação da Mesopotâmia, que origina o **Império Babilônico**. Pág. 14





**1640 a.C.**

Procedentes do Cáucaso, **os hititas** estabelecem um reino na Capadócia (atual Turquia). Expandem-se em direção à Síria, à Babilônia e ao Egito e acabam dominados pelos aqueus, por volta de 1200 a.C.

**1300 a.C.**

Ascensão no golfo do México da **civilização olmeca**, que expande seus domínios até o litoral do Pacífico. Os olmecas usam a escrita pictográfica e fornecem a base cultural para os povos que habitariam a região nos séculos seguintes, como **maias** e **astecas**. Pág. 42

**926 a.C.**

Em razão de disputas internas após a morte do rei Salomão, as 12 tribos hebraicas, então unificadas, dividem-se em dois novos reinos: Judá, ao sul, e Israel, ao norte. É o **Cisma Hebreu**.

**753 a.C.**

Fundação lendária de Roma, marco da **civilização romana**. Pág. 19

**721 a.C.**

Sargão II torna-se rei dos assírios, iniciando o período de auge da **civilização assíria**. Pág. 14

**612 a.C.**

Uma aliança entre medos e caldeus derrota o Império Assírio, abrindo caminho para o surgimento do **II Império Babilônico**. Pág. 14

**586 a.C.**

Os hebreus são deportados no **Cativeiro da Babilônia**. É o início da primeira diáspora judaica - a dispersão dos judeus pelo mundo.

**359 a.C.**

Surge o **Império Macedônico**, com Alexandre, o Grande. Pág. 18

**SÉCULO III a.C.**

Nessa época vivem alguns dos maiores **estudiosos gregos**: Euclides - criador da geometria - e Arquimedes - o Descobridor do princípio da alavanca. Pág. 18

**264 a.C.**

**Guerras Púnicas**. Pág. 20

**70**

Os romanos destroem o Templo de Jerusalém e expulsam os judeus da Palestina, dando início à **segunda diáspora judaica**. Eles migram para a Ásia Menor e a Europa.

**395**

O **Império Romano divide-se** em Império Romano do Ocidente e Império Romano do Oriente. Pág. 21

**1600 a.C.**

Surgimento da mais antiga linha dinástica chinesa a deixar registros históricos: a dinastia Shang. A **civilização chinesa** desenvolve a agricultura, a metalurgia do cobre e do bronze, o comércio e a fabricação de seda, tecidos e artesanato de cerâmica. Os chineses inventam o papel, a bússola e os sistemas monetário e de pesos e medidas. Possuem uma escrita com ideogramas e uma literatura rica, na qual se destaca Confúcio, cujos ensinamentos dão origem ao confucionismo. Pág. 22

**1250 a.C.**

Os hebreus deixam o Egito - onde foram escravizados - e migram para a Palestina, guiados pelo patriarca Moisés, no episódio conhecido como **Êxodo**. Durante dois séculos, governados pelos juizes, lutam contra povos da região, como os filisteus, pela posse da terra. Em 1010 a.C., Saul torna-se o primeiro rei hebreu. Seus sucessores, Davi e Salomão, impõem um período de expansão e prosperidade.

**SÉCULO IX E VIII a.C.**

Nessa época teria vivido o poeta grego Homero, autor das epopéias **Ilíada** e **Odisséia**, dois dos mais importantes relatos da Antiguidade.

**SÉCULO V a.C.**

A **arte grega** chega ao auge. São dessa época o Partenon (templo em homenagem à deusa Atena) e o Discóbolo (escultura do lançador de disco). Pág. 17

**492 a.C.**

**Guerras Médicas**. Pág. 17

**431 a.C.**

**Guerra do Peloponeso**. Pág. 18

**476**

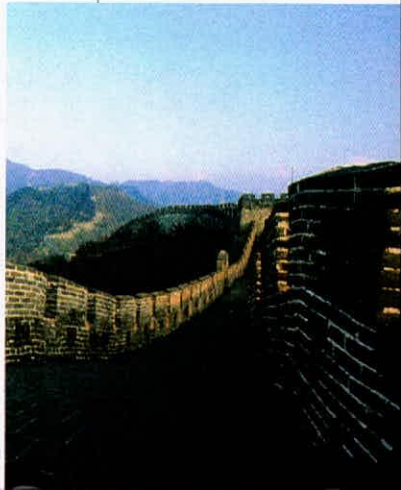
As invasões bárbaras derrubam o **Império Romano do Ocidente**, marco da transição da Antiguidade para a Idade Média. Pág. 21

**221 a.C.**

A **unificação da China** começa com a dinastia Chin. Os chineses expandem-se pela Ásia Central e pelo Sudeste Asiático e, no século I, ampliam seu domínio até o golfo Pérsico. Nesse período, é iniciada a construção da **Muralha da China**. Pág. 22

**539 a.C.**

Comandados por Ciro II, os persas derrotam os medos, que habitavam o planalto do Irã, e fundam o **Império Persa**. Sob Dario I, que assume em 521 a.C., o império atinge a extensão máxima, indo do Egito à Índia. Os persas constroem estradas e canais para facilitar o comércio e o transporte. Praticam a agricultura, a pecuária, o artesanato e a mineração. Seguem os ensinamentos do profeta Zaratustra, ou Zoroastro, fundador da religião dualista chamada zoroastrismo.





## MESOPOTÂMIA

# A vida entre dois rios

A geografia privilegiada do atual Iraque favoreceu o aparecimento das primeiras cidades-Estado do mundo



**A** Mesopotâmia (do grego “entre rios”) é a região localizada entre os rios Tigre e Eufrates – território que se situa no atual Iraque –, onde surgiram as primeiras cidades-Estado do mundo. Ela faz parte do Crescente Fértil, área na qual brotou grande parte das civilizações antigas que se estende até o Egito.

Todo ano, quando a neve das montanhas da Armênia derretia, o Tigre e o Eufrates inundavam as planícies próximas às suas margens, cobrindo-as com uma camada de lama extremamente fértil. Isso atraiu vários povos para a região durante toda a Antiguidade.

## SUMÉRIOS

Os primeiros habitantes da Mesopotâmia foram os sumérios, lá instalados pelo menos desde 4000 a.C. Foi nessa época que in-

ventaram seu maior legado histórico: a escrita cuneiforme, feita com talhes em placas de argila, que servia para controlar a produção agrícola. Os sumérios dominaram os semitas (povos nômades) e fundaram cidades-Estado como Kish e Ur. Por volta de 3200 a.C., já eram organizados em uma civilização. Cada cidade tinha governo próprio, centralizado na figura dos patesis – reis que concentravam o poder militar, político e religioso.

Em 2300 a.C., as cidades sumérias foram unificadas pelos acádios, originários de tribos do norte da Mesopotâmia. Eles formaram um império com capital em Acad (daí surgiu seu nome). O domínio acádio, porém, ruuiu por volta de 2180 a.C., com as invasões dos gutis, vindos da Armênia.

## I IMPÉRIO BABILÔNICO

Por volta de 2000 a.C., nova invasão semita deu origem à cidade da Babilônia, que se tornou importante centro político. Sob a liderança do rei Hamurabi, entre 1792 e 1750 a.C., a Mesopotâmia foi outra vez unificada, e teve início o I Império Babilônico. Hamurabi elaborou o primeiro código jurídico completo, com

282 leis – entre elas a severa Lei de Talião (“olho por olho, dente por dente”). O império dos babilônios (também conhecidos como amoritas) durou até o século XVI a.C., quando tombou após as invasões dos hititas – nômades vindos do Cáucaso.

### Que rei sou eu?

Sargão II (acima): líder dos assírios, um dos antigos povos mesopotâmicos

## ASSÍRIOS

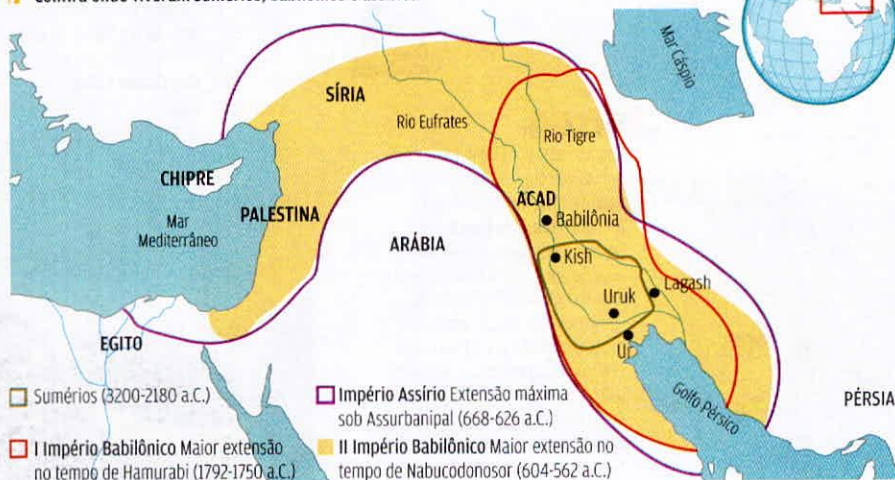
No século IX a.C., outro povo começou a despontar como potência: os assírios. Originários do norte do Tigre, conquistaram um vasto império, cujo auge foi entre os séculos VIII e VII a.C., nos reinados de Sargão II, Senaqueribe e Assurbanipal, construtor da famosa biblioteca da cidade de Nínive. Os assírios ficaram conhecidos pelo Exército poderoso e cruel, impondo violentos castigos aos povos conquistados.

## II IMPÉRIO BABILÔNICO

Abalado por revoltas internas e invasões, o Império Assírio tombou em 612 a.C., diante de uma aliança entre medos (oriundos das margens do mar Cáspio) e caldeus (vindos do sul da Mesopotâmia). Sob o domínio dos caldeus, a Babilônia voltou a ser a capital da Mesopotâmia, o que deu origem ao II Império Babilônico. O apogeu ocorreu no governo de Nabucodonosor II (604 - 562 a.C.), que expandiu o território até a Palestina, escravizando o povo local, os hebreus, no evento conhecido como o “cativeiro da Babilônia”. Nabucodonosor também construiu a Torre de Babel e os Jardins Suspensos da Babilônia. Em 539 a.C., a Babilônia foi conquistada pelos persas, tornando-se uma de suas províncias. Era o fim da era de autonomia da Mesopotâmia.

### POVOS MESOPOTÂMICOS

Confira onde viveram sumérios, babilônios e assírios



Fonte: José Arruda e Nelson Piletti, *Toda a História*, 3 ed., Ática, págs. IV, V



# Uma veia no Saara

As águas do rio Nilo permitiram o surgimento de um extenso e opulento império em meio ao deserto africano

Os antigos egípcios formaram uma civilização que começou a florescer no fim da Pré-História, às margens do rio Nilo, no desértico nordeste da África, e estendeu-se até o fim da Antiguidade. A existência da civilização só foi possível em razão das cheias periódicas do rio, que fertilizavam o solo, tornando-o próprio para a agricultura. Não à toa, o historiador grego Heródoto dizia que o “Egito é um presente do Nilo”. A história dos antigos egípcios é dividida em dois grandes períodos: o Pré-Dinástico e o Dinástico.

## PERÍODO PRÉ-DINÁSTICO

No início da Antiguidade, a civilização egípcia via-se organizada em espécies de

clãs denominados nomos, cujos líderes eram os nomarcas. Por volta de 3500 a.C., os nomos se agruparam formando dois reinos – um ao norte (o Baixo Egito) e outro ao sul (o Alto Egito). Em 3200 a.C., o chefe do Alto Império, Menés – considerado o primeiro faraó (rei) egípcio –, conquistou o Baixo Egito e unificou a região. Tinha início o período dinástico.

## PERÍODO DINÁSTICO

A era dos faraós começou com o estabelecimento da monarquia teocrática: todo o poder político e religioso ficava concentrado no soberano, considerado um deus vivo. Ele era o dono de todas as terras e ocupava o topo da pirâmide social, seguido pela nobreza (sacerdotes, militares, escribas), pelos artesãos e camponeses servos e pelos escravos. O período dinástico é dividido em três fases: o Antigo, o Médio e o Novo Império.

## ANTIGO IMPÉRIO (3200-2000 a.C.)

É marcado pela construção das grandes pirâmides de Gizé, monumentais demonstrações do poder monárquico, erguidas pelos faraós Quéops, Quéfren e Miquerinos em torno da capital, Mênfis. Porém, no fim do período, por volta de 2300 a.C., os nomarcas, antigos líderes dos clãs, voltaram a ganhar importância política. O poder se descentralizou e ocorreu uma série de re-

## VOCÊ SABIA?

### DAMAS, PERUCA E CAMISINHA

A escrita hieroglífica, as técnicas de mumificação, o calendário lunar e os fundamentos da geometria são alguns dos grandes legados da civilização egípcia, que deixou também heranças mais curiosas, como a peruca – inventada por causa dos ataques de piolho –, o jogo de damas e a camisinha – feita de tripa de carneiro.



Invólucro pós-vida Sarcófago do faraó Ramsés II

voltas sociais e lutas entre os líderes locais, comprometendo a economia do império.

## MÉDIO IMPÉRIO (2000-1580 a.C.)

Após intensos confrontos com os nomarcas, restabeleceu-se o poder dos faraós, e Tebas tornou-se a nova capital. Entretanto, os hicsos (nome dado pelos egípcios aos estrangeiros asiáticos) começaram a se instalar no delta do Nilo e, por volta de 1750 a.C., munidos de carros de combate puxados por cavalos – novidade para os egípcios –, tomaram o poder do império. Seguiram-se quase dois séculos de dominação estrangeira.

## NOVO IMPÉRIO (1580-525 a.C.)

Depois de finalmente expulsar os hicsos, os egípcios deram início à fase de maior expansão territorial de sua história (veja o mapa ao lado). Alguns dos faraós mais importantes dessa época foram Tutmés III, que criou um Exército permanente; Amenófis IV, que tentou diminuir o poder dos sacerdotes ao lançar uma reforma religiosa monoteísta; e Ramsés II, em cujo reinado o império viveu o auge militar, cultural e econômico. No fim do Novo Império, a monarquia foi conquistada pelos assírios. Os egípcios chegaram a restabelecer o poder brevemente, mas não resistiram à invasão persa em 525 a.C., que selou definitivamente o fim de sua história independente na Antiguidade. Nos séculos seguintes, o território ainda seria ocupado por macedônios e romanos.



Fonte: José Amado e Nelson Piletti, *Toda a História*, 3 ed., Ática, pág. 4V



## GRÉCIA ANTIGA

**Escola de Atenas**

Nesta pintura do século XVI estão representados vários gênios gregos, como Platão e Aristóteles, ao centro

# Os pais do Ocidente

Conheça a fascinante história do povo que deu origem à cultura ocidental ao inventar, entre outras coisas, a cidadania, a democracia, a filosofia, a geometria e o teatro

A civilização grega, na qual foram estabelecidas as bases da política e da cultura ocidentais, começou a se formar em torno de 2000 a.C., na península Balcânica, e entrou em declínio no século II a.C., quando o território foi ocupado pelos romanos. A história da Grécia antiga é dividida em quatro períodos: Pré-Homérico, Homérico, Clássico e Helenístico.

## PERÍODO PRÉ-HOMÉRICO (séc. XX - séc. XII a.C.)

A Grécia antiga começou a tomar forma por volta de 2000 a.C., quando povos indo-europeus saídos das atuais Federação Russa e Turquia se instalaram no sul da península Balcânica. Os primeiros foram os aqueus. De suas estreitas relações com os cretenses, habitantes da ilha de Creta, nasceu a cultura micênica (cujo nome vem da cidade aquéia de Micenas). Nos séculos se-

guintes, outros indo-europeus chegaram à região: os jônios e eólios. Por volta de 1200 a.C., foi a vez dos dórios. Exímios guerreiros, conhecedores do ferro, eles não apenas destruíram boa parte da civilização micênica como fizeram com que muitos habitantes fugissem, dando origem à **primeira diáspora grega**.

## PERÍODO HOMÉRICO (séc. XII - séc. VII a.C.)

O período recebe esse nome derivado do poeta Homero, de cuja autoria são as maiores fontes históricas sobre a época: os poemas épicos *Iliada* – sobre a Guerra de Tróia – e *Odisseia* – que descreve as aventuras do herói Ulisses (Odisseu, em grego), sobrevivente da guerra. Os refugiados da primeira diáspora grega fundaram pequenas unidades agrícolas auto-suficientes baseadas no coletivismo – os **genos**, ou comunidades gentílicas. Essas unidades eram com-

postas de membros de uma mesma família, sob a chefia do pater. Mas, por volta do ano 800 a.C., as disputas por terras cultiváveis e o crescimento populacional acabaram com o sistema gentílico. Alguns pater se apropriaram das melhores terras, originando a propriedade privada, e muitas outras famílias se dispersaram para o sul da Itália e para outras regiões, ocasionando a **segunda diáspora grega**.

## PERÍODO ARCAICO (séc. VII - séc. VI a.C.)

Com o surgimento da propriedade privada, alguns grupos ficaram com as melhores terras, outros com as piores; e vários, sem nenhuma. Por essa razão, iniciaram os conflitos entre eles, e, para lidar com as constantes crises, os proprietários de terra passaram a formar associações, as **fratrias**. Aos poucos, as fratrias se uniram na formação das **tribos**, que, por sua vez, se organi-



zaram em **demos**. Os demos deram origem às **cidades-Estados**, ou **pólis** – a principal transformação do período Arcaico. As duas pólis mais importantes da Grécia Antiga foram Atenas e Esparta.

**ATENAS** – Conhecida como a cidade exemplar da Grécia Antiga, por sua cultura e prosperidade econômica, Atenas se desenvolveu na Ática, região cercada de montanhas, no século X a.C. Por causa da falta de terras férteis, os atenienses voltaram-se para a pesca, a navegação e o comércio marítimo.

A sociedade era dividida entre os **eupátridas** (grandes proprietários de terra), **georgóis** (pequenos proprietários), **thetas** (camponeses sem terra), **thecnays** (thetas que viviam do artesanato), **demiurgos** (comerciantes), **metecos** (estrangeiros) e **escravos**. Nos primeiros séculos de sua história, Atenas foi governada por um rei – o basileu. Mas, com o enriquecimento da classe eupátrida, o governo foi substituído por um conselho desses ricos proprietários de terra – o **Areópago** –, transformando-se numa oligarquia (governo de poucos).

A desigualdade social marcou a história de Atenas, com constantes revoltas e instabilidade política. Para tentar resolver as sucessivas crises, alguns legisladores impuseram reformas. O primeiro foi Drácon, que, em 621 a.C., redigiu as leis – até então orais –, dificultando sua manipulação pelos eupátridas.

As reivindicações populares não cessaram e, em 594 a.C., outro legislador entrou em ação: Sólon. Ele aboliu a escravidão por dívidas, libertou os devedores da prisão e determinou a devolução de terras confiscadas pelos credores eupátridas. Também dividiu a sociedade de forma censitária em quatro classes sociais e instituiu o princípio da eunomia (igualdade perante a lei). Para diminuir a força dos eupátridas, Sólon criou

órgãos legislativos: a **Bulé** (ou Conselho dos 400), que preparava leis, e a **Eclésia** (Assembléia Popular), que as votava.

Apesar das reformas, os conflitos sociais se mantiveram, dando origem a uma guerra civil. Aproveitando-se da situação de crise, em 560 a.C. o eupátrida Psístrato tomou o poder, instaurando um novo tipo de governo, a **tiranía** (ao contrário de hoje, o termo não indicava um governo opressor, mas, sim, tomado ilegalmente). Sua administração foi marcada por uma relativa estabilidade, que seus filhos não conseguiram manter após sua morte.

Em 507 a.C., Atenas foi varrida por uma revolta popular liderada pelo aristocrata Clístenes. Conhecido como “pai da democracia”, ele dividiu a cidade em dez tribos, fortaleceu a Eclésia, aumentou o número de membros da Bulé e criou o ostracismo, que era a suspensão dos direitos políticos e o exílio de cidadãos que ameaçassem o Estado. Com essas mudanças, todos os cidadãos de Atenas podiam participar diretamente do governo. Esse tipo de sistema ficou conhecido como **democracia** (governo do povo).

**ESPARTA** – Localizada no Peloponeso e fundada pelos dórios no século IX a.C., Esparta chamava atenção pelo caráter militar de sua sociedade. Os espartanos eram educados de acordo com uma rígida disciplina: aos 7 anos, os meninos eram entregues ao Estado para o aprendizado militar e, aos 18, ingressavam no Exército, tornando-se hoplitas (soldados). Os que nasciam com defeito físico, segundo o costume, eram jogados do ponto mais alto do monte Taigeto.

Até seu desaparecimento, no século IV a.C., a cidade manteve a estrutura social estratificada (sem mobilidade) e o regime oligárquico. Os **espartanos**, descendentes dos dórios, eram os únicos a possuir direitos po-

líticos e monopolizavam o poder; os **periecos** habitavam a periferia e dedicavam-se ao comércio e ao artesanato; os **hilotas**, escravos de propriedade do Estado, cultivavam as terras dos espartanos.

Quem detinha o poder político de fato na cidade era o **eforato**, formado por cinco magistrados eleitos anualmente. Os outros órgãos administrativos eram a **diarquia**, composta de dois reis hereditários que exerciam funções executivas e militares; a **gerúsia**, constituída de 28 membros vitalícios que apresentavam projetos de leis; e a **ápela**, ou assembléia popular, formada por todos os espartanos com mais de 30 anos, com funções consultivas.

## PERÍODO CLÁSSICO (séc. V - séc. IV a.C.)

Durante essa fase, a Grécia Antiga atingiu o apogeu e, por fim, acabou destruída por guerras. Atenas, com seu novo sistema democrático, se desenvolveu e se expandiu pelo mar Egeu. Sua política hegemônica, no entanto, esbarrou em outra potência da época: a Pérsia. A luta pela supremacia marítima e comercial entre gregos e persas (ou medos), conhecida como **Guerras Médicas**, teve como estopim o levante das cidades gregas da Ásia Menor em 499 a.C. contra a política expansionista do imperador Dario, da Pérsia.

Nesse primeiro confronto, os gregos conseguiram vencer a expedição de 50 mil persas enviada à planície de Maratona. Mas os inimigos não desistiram e, em 486 a.C., voltaram a atacar as pólis, que se uniram para vencê-los novamente nas batalhas de Salamina e Platéia. Sabendo que os persas poderiam voltar a atacar, várias cidades se reuniram e, lideradas por Atenas, formaram a **Confederação de Delos**.

Responsável pela administração financeira da confederação, Atenas usou os recur-

## MUNDO GRECO

Veja como era o território da Grécia e por onde se estendiam suas colônias no século VI a.C.



Fonte: Alfredo Bouleis Júnior, História: Sociedade & Cidadania - 5ª série, 1 ed., FTD, págs. 214, 220

## A HISTÓRIA HOJE

### DEMOCRACIA AINDA QUE TARDIA

Se hoje podemos escolher quem ocupa os quadros políticos de um governo, devemos isso aos gregos, criadores da democracia. Mas a democracia grega não era igual à nossa. Ela atingia apenas os homens nascidos na Grécia. Mulheres e estrangeiros, incluindo aí os escravos, não eram considerados cidadãos. A ampliação do conceito de cidadania é um fenômeno recente: na maioria dos países, por exemplo, as mulheres só tiveram acesso aos direitos políticos no século XX.



## GRÉCIA ANTIGA

so em benefício próprio, impulsionando sua indústria e seu comércio. Logo se tornou a cidade mais poderosa da Grécia, com elevado desenvolvimento cultural e econômico. O apogeu dessa fase ocorreu entre 461 e 431 a.C., quando a pólis foi governada por Péricles. Durante o século V (chamado de século de Péricles), ele fez reformas para diminuir o desemprego e realizou obras públicas. Nessa época também surgiram grandes artistas, filósofos e dramaturgos. Eram os “anos de ouro” de Atenas.

Todo esse sucesso acirrou a rivalidade entre as cidades e fez com que Esparta liderasse a **Liga do Peloponeso**, que empreendeu, em 431 a.C., uma guerra contra a Confederação de Delos, a **Guerra do Peloponeso**. Com a vitória espartana e a devastação de muitas cidades, teve início o último período da história da Grécia antiga.

### PERÍODO HELENÍSTICO (SÉC. IV - SÉC. II A.C.)

Após anos de guerras, acabou a hegemonia ateniense e teve início a de Esparta, que impôs governos oligárquicos em todas as pólis da Confederação de Delos. Mas o auge espartano foi breve. Em 371 a.C., a cidade foi derrotada por Tebas, na Batalha de Leutras.

As constantes lutas arrasaram as cidades e desorganizaram o mundo grego. Em-

brecidas e fracas, as pólis foram presas fáceis para o grandioso Exército de Felipe II, rei da Macedônia (região norte da Grécia Continental). Em 338 a.C. teve fim a autonomia das pólis gregas.

O filho e sucessor de Felipe, **Alexandre, o Grande** (também conhecido como Alexandre Magno), foi ainda mais longe: conquistou o Império Persa e dominou vastos territórios, do Egito até a Índia (veja o mapa abaixo). Alexandre assumiu o poder com apenas 20 anos e, apesar de jovem, demons-

trou incrível preparo para governar. Com ele, houve grande aceleração do comércio, da urbanização e da mesclagem de valores gregos com os dos povos conquistados. Essa mistura deu origem à **cultura helênica**.

Em 323 a.C., com a morte de Alexandre, seus generais dividiram o império e passaram a disputar o poder entre si, empreendendo guerras que enfraqueceram os reinos. No século II a.C., a Grécia e a Macedônia foram convertidas em províncias da nova potência mundial: a civilização romana.

### IMPÉRIO DE ALEXANDRE

Veja o trajeto percorrido e os vastos territórios conquistados pelo líder macedônio em menos de 20 anos



Fonte: José Arrada e Nelson Piletti, Toda a História, 3 ed., Ática, pág. VII

## QUEM É QUEM NA CULTURA GREGA

A Grécia Antiga deixou uma imensa herança cultural para a humanidade. Veja quem são e o que fizeram os principais protagonistas desse legado

PENSADORES	<b>TALES DE MILETO (625 - 546 A.C.)</b> Filósofo e matemático. Buscou explicações não mitológicas para o universo.	<b>PLATÃO (427 - 347 A.C.)</b> Filósofo. Discípulo de Sócrates, afirmou que as idéias são o próprio objeto do conhecimento intelectual.
	<b>PITÁGORAS (580 - 500 A.C.)</b> Filósofo e matemático. Criou os números irracionais e o teorema que leva seu nome.	<b>ARISTÓTELES (384 - 322 A.C.)</b> Filósofo. Criador da lógica, defendeu a existência do real independentemente das idéias, contrariando seu mestre, Platão.
	<b>SÓCRATES (470 - 399 A.C.)</b> Filósofo. Desenvolveu a maiêutica, método de perguntas e respostas para a busca da verdade.	<b>EUCLIDES (SÉC. IV - SÉC. III A. C.)</b> Matemático. É considerado o fundador da geometria, por compilar e ampliar os conhecimentos da área.
	<b>HIPÓCRATES (460 - 377 A.C.)</b> Médico. Considerado o pai da medicina, afirmou que as doenças possuem causas naturais, e não mitológicas.	<b>ARQUIMEDES (287 - 212 A.C.)</b> Matemático. Calculou o volume da esfera e formulou os princípios da alavanca e do empuxo.
ARTISTAS	<b>HOMERO (SÉC. IX - SÉC. VIII A.C.)</b> Poeta. O mais importante da Grécia Antiga, a quem se atribui Ilíada e Odisseia.	<b>FÍDIAS (490 - 430 A.C.)</b> Escultor. O melhor do período clássico. São dele o Parthenon e as estátuas dos deuses Zeus e Atena.
	<b>ARISTÓFANES (450 - 388 A.C.)</b> Dramaturgo. Maior representante da comédia antiga. Satirizava artistas, pensadores e políticos.	<b>SÓFOCLES (496 - 406 A.C.)</b> Dramaturgo. Escreveu algumas das maiores tragédias gregas, como Édipo Rei e Antígona.



## ROMA ANTIGA



**Centro do poder** Instituição fundamental da política romana - principalmente durante o período republicano -, o Senado originou os atuais Parla-mentos, instalados na maioria dos países

# Donos do mundo

Nenhuma civilização foi tão poderosa, por tanto tempo, quanto a romana.  
Veja como se formou - e por que desmoronou - o último império da Antiguidade

**F**undada no século VIII a.C., Roma resultou do encontro de três povos: os itálicos, de origem indo-européia; os etruscos, vindos da Ásia Menor; e os gregos. Partindo das férteis planícies da península Itálica, os romanos desenvolveram um vasto império cujas leis, monumentos, táticas militares e instituições influenciaram todo o mundo ocidental. Sua queda, em 476, marcou o fim da Antiguidade e o início da Idade Média.

A mítica versão para o surgimento da cidade de Roma, narrada pelo historiador Tito Lívio e pelo poeta Virgílio na obra *Eneida*, conta que a cidade foi fundada em 753 a.C. pelos gêmeos Rômulo e Remo. De acordo com a lenda, os dois irmãos foram abandonados ainda bebês no rio Tibre e só conseguiram sobreviver graças a uma loba que os amamentou. A história romana é dividida pelos estudiosos em três grandes períodos: o monárquico, o republicano e o império.

## PERÍODO MONÁRQUICO (753 - 509 a.C.)

Nessa época, a sociedade romana estava dividida em quatro camadas: os **patrícios**, ricos proprietários de terra; os **clientes**, parentes pobres ou serviçais desses proprietários; os **plebeus**, homens livres sem direitos políticos; e os **escravos**. A economia era baseada em atividades agropastoris. O rei, eleito por uma assembleia popular - a Comícia Curiata -, acumulava funções de líder político, sacerdote e juiz. Seu cargo era vitalício e seu poder, controlado pelo Senado (ou Conselho dos Anciãos), regido apenas por patrícios. Nesse período, Roma teve sete reis. Os últimos tentaram diminuir a ação do Senado, levando os patrícios a derrubar a monarquia, em 509 a.C., e a implantar a República.

## PERÍODO REPUBLICANO (509 - 27 a.C.)

Essencialmente aristocráticas, as instituições da República romana foram formuladas pelos patrícios e para os patrícios. Com

o passar do tempo, houve maior participação da plebe no poder, mas, no início, eram os chefes das grandes famílias proprietárias que controlavam o Senado e tinham poder de voto na Assembleia Centuriata - órgão criado para decidir sobre declarações de guerra e votar leis.

As funções executivas e jurídicas eram distribuídas entre membros da **Magistratura**, uma espécie de ministério. A principal magistratura era o **consulado**, composto de dois cônsules responsáveis pela política interna e externa. Outros exemplos de magistrados eram os **edís**, encarregados, entre outras atribuições, da limpeza pública; os **prettores**, com funções semelhantes às dos atuais juízes; os **qüestores**, que administravam as finanças; e os **ditadores**, escolhidos em caso de calamidade ou guerra para governar com amplos poderes durante seis meses.

**CONQUISTAS DOS PLEBEUS** - Apesar de constituírem a maioria da população e de serem obrigados a pagar impostos e a compor o



## ROMA ANTIGA

Exército, os plebeus não tinham nenhum direito político. Em 494 a.C., eles se retiraram de Roma, indo para o monte Aventino, numa espécie de greve. Vendo a cidade desprotegida e praticamente paralisada, os patrícios cederam e criaram o cargo de **tribuno da plebe** – magistrado representante dos plebeus que tinha poder de veto no Senado. Para elegê-lo, também foi criada uma nova assembleia: a Comícia Plebis. Com o tempo, os plebeus conseguiram outros benefícios, como a **Lei das Doze Tábuas** (450 a.C.), que compilou o primeiro código de leis escritas de Roma, a Lei Canuléia, que autorizou o casamento com patrícios, a Lei Licínia, proibindo a escravidão por dívidas e a Lei Hortênsia, que fez com que as decisões da Comícia Plebis tivessem validade legal.

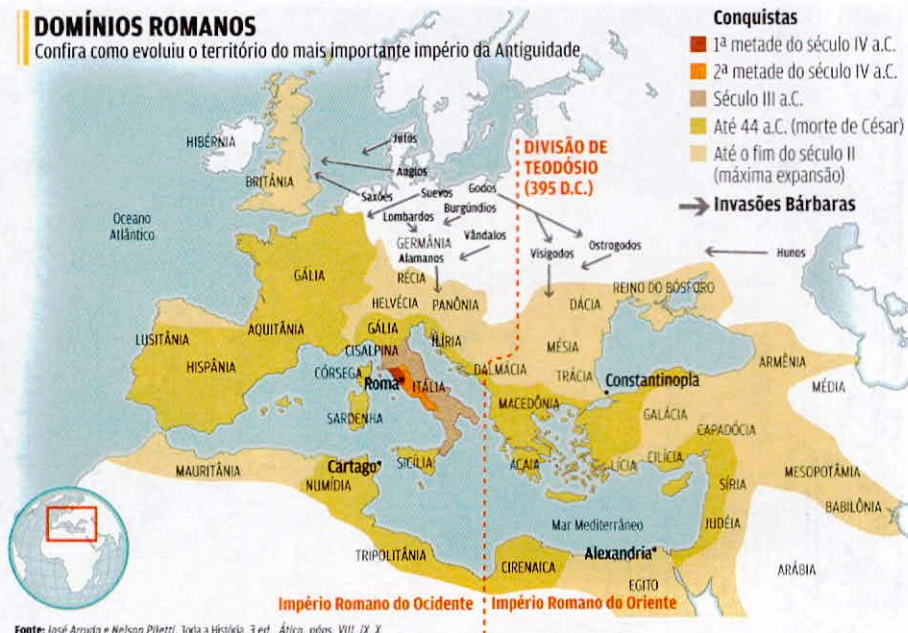
**GUERRAS PÚNICAS** – Desde sua formação, a civilização romana desenvolveu uma política expansionista e se preocupou em organizar um grande Exército. Mas foi com a implementação da República que isso ocorreu de forma mais agressiva. Em 275 a.C., os romanos conquistaram boa parte da península Itálica. Em 264 a.C., o interesse pela Sicília os colocou em conflito com Cartago – cidade fundada pelos fenícios no norte da África –, dando início às Guerras Púnicas.

A primeira Guerra Púnica durou 23 anos e impulsionou o desenvolvimento naval dos romanos, que saíram vitoriosos, anexando a Sicília, a Córsega e a Sardenha. No segundo conflito, de 218 a 202 a.C., Roma conseguiu derrotar o famoso general cartaginês Aníbal e obrigou os adversários a entregar sua frota naval, suas colônias espanholas e a pagar uma grande quantia em dinheiro. Na terceira Guerra Púnica (149-146 a.C.), Cartago foi completamente destruída e teve seus sobreviventes escravizados.

**CRESCIMENTO E CRISE** – O resultado desse extenso embate foi a supremacia de Roma, que passou a dominar quase toda a bacia do Mediterrâneo. O montante de riquezas das províncias conquistadas provocou enorme impacto na economia da nova potência. Os escravos vindos das áreas vencidas formavam uma massa numerosa de trabalhadores concentrados na cidade. Os clientes foram os principais afetados pelas guerras, tendo suas propriedades devastadas e adquiridas a preços irrisórios pelos patrícios, que se tornavam cada vez mais ricos. Com a falência das pequenas propriedades, o êxodo rural passou a ser prática freqüente. Pobres e sem perspectiva de trabalho, muitos cidadãos se concentravam na capital, que cresceu desmedidamente, aumentando os focos de tensão social.

### DOMÍNIOS ROMANOS

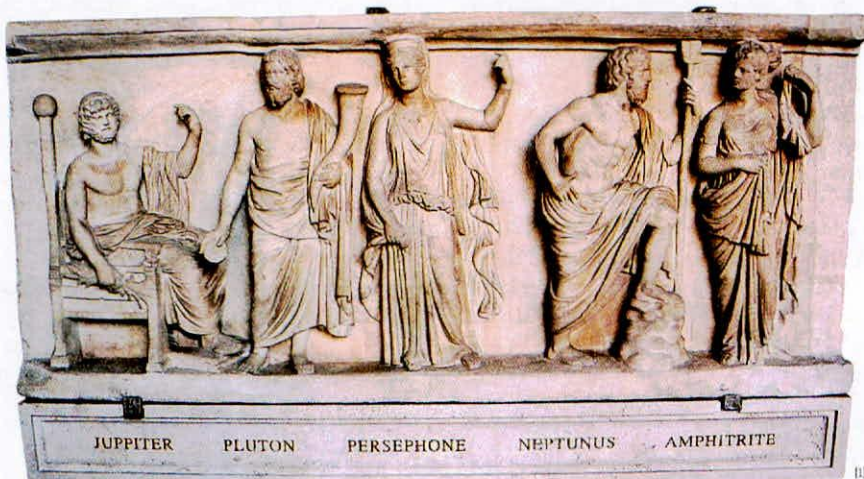
Confira como evoluiu o território do mais importante império da Antiguidade.



De 133 a 27 a.C., Roma viveu uma sequência de guerras civis. Para tentar controlar a crise, o governo adotou a política do **pão e circo**, ou seja, passou a distribuir trigo aos famintos e a promover espetáculos gratuitos para entreter a população e evitar mais protestos. Nesse contexto, dois irmãos eleitos tribunos da plebe, Tibério e Caio Graco, propuseram uma reforma agrária: a cada cidadão seria permitido possuir, no máximo, 125 hectares de terra – ou o dobro, no caso de terem filhos. A medida, claro, não agradou aos patrícios, que provocaram a morte de Tibério e impediram a retomada da ideia de reforma por Caio, que se matou anos depois.

**DITADURAS MILITARES** – Em meio a esse conflito, que expressava a avançada crise

da República romana, surgiram as ditaduras militares. O primeiro ditador foi o general de origem plebéia Mário, que, em 107 a.C., instituiu o pagamento para soldados (soldo) e empreendeu sucessivas conquistas territoriais. Com sua morte, Sila o substituiu. Líder aristocrático, reforçou o Senado e anulou o direito de veto do tribuno da plebe. Pressionado pela oposição, renunciou em 79 a.C. Sua saída abriu espaço para a tomada do poder por uma aliança formada pelos generais Pompeu e Júlio César – ambos prestigiados por suas conquistas na Espanha e na Gália, respectivamente – e pelo banqueiro Crasso, o homem mais rico de Roma. Esse governo ficou conhecido como **Primeiro Triunvirato**.



**Panteão variado** No início, os romanos eram politeístas. Neste relevo, vemos Júpiter (deus supremo) e dois casais: Plutão (deus dos infernos) e Proserpina; Netuno (deus dos mares) e Salácia





**Diversão macabra** As sangrentas disputas entre os gladiadores faziam parte da política do pão e circo

A morte de Crasso, em 53 a.C., deu início a uma luta armada pelo poder entre os dois líderes restantes. Apesar de ter o apoio do Senado, Pompeu acabou derrotado e morto, e César tornou-se ditador vitalício de Roma. Durante seu governo, construiu obras públicas, objetivando a diminuição do desemprego, doou terras a ex-soldados, concedeu cidadania a habitantes de outras províncias e introduziu o calendário com 365 dias.

Mas, apesar da enorme popularidade, César tinha inimigos no Senado. Seu assassinato, em 44 a.C., desencadeou profunda comoção popular e o retorno das lutas civis. A situação só se acalmou com a imposição do **Segundo Triunvirato**, formado por Otávio (líder do Ociden-

te), Marco Antônio (líder do Oriente) e Lépido (líder da África), todos ligados a Júlio César.

Mas a aliança durou pouco. Em 36 a.C., Lépido foi afastado pelo Senado. Em seguida, Marco Antônio foi acusado de trair Roma por casar-se com Cleópatra, rainha do Egito. Seguiu-se uma briga pelo poder, que teve fim com a Batalha de Accio (31 a.C.), vencida por Otávio. Ele então conquistou o Egito e regressou como senhor absoluto de Roma, recebendo o título de “Augusto”, antes dado apenas a deuses. Tinha início o Império Romano.

## IMPÉRIO (27 a.C. – 476 d.C.)

Esse período costuma ser dividido em duas partes: o Alto Império – época de prosperidade – e o Baixo Império – tempo de crise.

**ALTO IMPÉRIO** – Com poder absoluto, Otávio Augusto impôs reformas e estendeu o território romano até os rios Reno, Danúbio e Eufrates. Instituiu o Conselho do Imperador, para assessorá-lo, e nomeou governantes para as províncias. Também dividiu os cidadãos em três camadas proporcionais a seus bens: senatimonial, equestre e inferior. Para contentar os mais pobres, concedeu terras aos ex-soldados e intensificou a política do pão e circo. Com essas medidas, ele conseguiu governar por 41 anos e iniciou

um período de paz e prosperidade conhecido como **Pax Augusta** (ou Paz Romana).

Após a morte de Otávio, que recebeu a apoteose (direito de ter um lugar entre os deuses), Roma se transformou num centro de comércio intenso, com melhoramento de estradas, portos e pontes e o uso de uma única moeda e da mesma língua – o latim – em todo o império. Nessa fase, Roma foi governada por dinastias. A primeira foi a Júlio-Claudiana (14-37), formada por Tibério, Calígula, Cláudio e Nero – parentes de Otávio e membros da nobreza. Após alguns conflitos sucessórios, ascendeu a dinastia Fláviana (69-96), representada por Vespasiano, Tito e Domício. Foi nessa época que os romanos invadiram a Palestina, provocando a segunda diáspora judaica.

Com os imperadores Antoninos (96-192), Roma viveu o apogeu econômico, cultural e territorial – a chamada **Idade de Ouro**. Os principais governantes dessa época foram Trajano, Adriano, Antônio Pio e Marco Aurélio. A seguir, vieram os Severos (193-235) – Sétimo Severo, Caracala, Macrino, Heliogábalo e Severo Alexandre. No fim dessa dinastia, Roma já começava a mostrar os sintomas da crise que inauguraria o período do Baixo Império.

**BAIXO IMPÉRIO** – A principal causa da decadência do Império Romano foi a crise do sistema escravista. Com o fim das guerras de conquista, além da redução do fluxo de riquezas, também foi diminuída a oferta de escravos, que se tornaram mais caros. Isso afetou seriamente a economia romana, na qual o escravo constituía o pilar do sistema de produção.

Soluções foram buscadas por Diocleciano, em 284, que implantou o colonato (arrendamento de terra por colonos) como tentativa de substituir a necessidade de escravos. Para facilitar a administração de um império tão vasto, ele criou a tetrarquia (governo de quatro pessoas), que acabou fracassando nos anos seguintes.

Constantino, em 313, buscou o apoio dos cristãos – até então perseguidos –, legalizando a religião e convertendo-se a ela. Em 330, mudou a capital para Constantinopla – atual Istambul. Teodósio, em 395, dividiu o império em duas partes: **Império do Ocidente**, com a capital em Roma, e **Império do Oriente**, com centro em Constantinopla.

Porém, era cada vez maior a pressão exercida pelos povos bárbaros (estrangeiros) nas fronteiras romanas, e, em 476, Roma foi tomada pelos germânicos. Era o fim do Império Romano do Ocidente. O Império do Oriente, também conhecido como Bizantino, duraria até 1453, quando foi dominado pelos turco-otomanos.

## CULTURA E LEGADO

Conheça algumas das criações dos romanos e a herança que nos deixaram em diversas áreas

<b>ARQUITETURA</b>	Empregada para exaltar as glórias da nação, a arquitetura era a mais desenvolvida arte romana. Alguns elementos bastante utilizados eram os arcos – herdados dos etruscos – e as colunas – influência grega. Os romanos destacaram-se na construção de aquedutos, estradas e pontes e deixaram edifícios de grande valor artístico, como o Coliseu e o Panteão de Roma.
<b>DIREITO</b>	Com o idioma – o latim, que é a base de línguas atuais como o português, o espanhol e o italiano –, o Direito é o maior legado romano. Dividido em civil, que regulamentava a vida dos cidadãos; estrangeiro, aplicado aos que não eram cidadãos; e natural, que regulamentava a vida de todos os habitantes de Roma, ele é a base do atual sistema jurídico ocidental.
<b>LITERATURA</b>	Durante séculos, a literatura latina era basicamente a grega. A partir do fim do período Republicano, no entanto, os autores romanos começaram a produzir obras originais e importantes. Destacaram-se o poeta Virgílio, autor de Eneida, os dramaturgos Plauto e Terêncio e Tito Lívio, que escreveu o patriótico História de Roma.
<b>RELIGIÃO</b>	Os romanos eram politeístas, ou seja, acreditavam em vários deuses. Essas divindades se tornaram muito semelhantes às gregas após o contato com a cultura helênica, propiciado pela expansão territorial romana. A pregação de Jesus Cristo, nascido no Império Romano, deu origem ao cristianismo, cujos fiéis eram inicialmente perseguidos. Com a conversão de Constantino, em 313, a religião cristã ganhou força e apoio estatal, o que permitiu o surgimento da poderosa Igreja Católica.



## CHINA IMPERIAL



# Domínios sem fim

Conheça a trajetória do Império Chinês - que, durante séculos, esteve muito à frente do Ocidente

Muito antes de ser a badalada superpotência de hoje, a China, ou melhor, o Império Chinês foi uma das civilizações mais avançadas do mundo. Os registros da mais antiga linha dinástica chinesa a deixar vestígios, a dinastia Shang, datam de 1600 a.C., mas a unidade do império consolidou-se apenas por volta do século 3 a.C.. Essa data é conhecida devido a um dos maiores achados arqueológicos do século XX, feito nos arredores

da cidade de Xiang, na China central, a cerca de 30 anos.

## O PRIMEIRO IMPERADOR

Ao escavar um poço nas cercanias de uma muralha, em 1974, um grupo de moradores de Xiang encontrou cabeças, troncos e membros de estátuas. Os arqueólogos logo concluíram que ali havia um exército com mais de 7 mil soldados de terracota em tamanho natural. Os **guerreiros de Xiang** foram enterrados em nome do primeiro im-

perador da China, Shi Huangdi, da dinastia Chín (que durou de 221 a 210 a.C.). Foi ele o responsável por centralizar e fundar as bases do poderoso império.

Para a **unificação do país** era preciso controlar o poder dos manda-chuvas locais. O imperador dividiu o Estado em 36 capitânias, cada uma liderada por um governante civil e com um comandante militar (havia também um inspetor imperial para fiscalizar o trabalho do governador). A escrita foi padronizada, assim como pesos, medidas e



moedas. Mais de 6 mil quilômetros de estradas foram construídos – tanto quanto no Império Romano – e canais foram abertos para permitir a navegação pelos rios.

Mas não foi apenas a centralização política a responsável pela unificação da China. O “cimento” da cultura chinesa seria reforçado pelo **confucionismo**, tradição filosófica sistematizada pelo pensador chinês Confúcio (551-479 a.C.), que inclui princípios de ética, moral e política, entre outros.

## HIERARQUIA DIVINA

Na base do código confucionista está o respeito a uma hierarquia cósmica em que cada pessoa tem seu lugar, devendo venerar quem lhe é superior e cuidar de quem lhe é inferior. Se todos cumprirem seu papel – os filhos obedecerem aos pais, os súditos aos imperadores etc. – a ordem social estará garantida. Para o imperador, o confucionismo assegurava a legitimidade de seu governo, baseado na idéia de mandato divino. Não à toa, ele se apropriou do código confucionista, fazendo com que as leis fossem inspiradas nesses preceitos. Com o fim da dinastia Chin, esse sistema foi usado por seus sucessores. A começar pela dinastia Han (vigente entre 206 a.C. e 220 d.C.), eles preservaram a unidade da China e expandiram seu poder nos séculos seguintes.

Durante a dinastia Han, vários comerciantes enriqueceram com a exportação dos primeiros artigos chineses a ganhar fama mundial (veja o boxe ao lado). A rede de caminhos por onde esses produtos viajavam até a Europa seria conhecida mais tarde como a Rota da Seda, primeiro elo comercial entre a China e o Ocidente.

## VANGUARDA MUNDIAL

Uma das inovações nascidas na China foi fundamental para o desenvolvimento do império. Durante a dinastia Tang (618-907), os funcionários do Estado passaram a ser contratados por meio de exames (semelhantes aos atuais concursos públicos), algo que só iria se generalizar no Ocidente por volta do século XIX. Com isso, os administradores foram se profissionalizando, o que aumentou a eficiência do governo chinês e ajudou a conduzir o país a uma espécie de idade de ouro, vivida do século X até o século XIII – período em que a Europa medieval passava pela “idade das trevas”.

Não foi por acaso que, no início do século XIV, os relatos das viagens ao Oriente atribuídos ao veneziano Marco Polo maravi-

lharam os europeus como se fossem livros de ficção. Ao chegar à China, em 1275, ele teve contato com inovações como a bússola magnética, livros impressos, embarcações bem mais sofisticadas que as galeras mediterrâneas, explosivos, complexas redes de canais fluviais e uma indústria metalúrgica cuja produção anual de 125 mil toneladas somente seria equiparada pela Inglaterra no século XVIII, décadas após o início da Revolução Industrial.

Boa parte do que Marco Polo viu ainda eram os efeitos do renascimento tecnológico e cultural vivido durante a dinastia Song, que tivera seu auge no século XI. Mas esse apogeu não incluiu o campo militar: a inferioridade chinesa havia dado espaço para que a nação fosse invadida em 1234 e, quatro décadas depois, dominada pelos mongóis – quando Marco Polo esteve por lá, o imperador da China era o mongol Kublai Kahn. Os chineses só foram retomar o poder com a dinastia Ming, em 1363, quando finalmente pareciam prontos (inclusive pela tecnologia naval) a dominar o mundo. A história, contudo, não seria bem assim.

## A ÚLTIMA DINASTIA

O Império chinês contava com nada menos que cerca de 1350 navios de combate e 250 barcos destinados a viagens longas. Historiadores estimam que, no início do século XV, durante o período Ming, a China era a maior potência naval do mundo – para se ter uma idéia, a famosa armada espanhola reuniria, em 1588, cerca de 130 embarcações. Entre 1405 e 1433, os chineses empreenderam sete expedições de longa distância lideradas pelo almirante Zheng He. As viagens foram do sudeste asiático ao golfo Pérsico, chegando à costa oriental da África décadas antes de os portugueses se aventurarem por lá.

Entretanto, menos de um século depois dessas expedições, os chineses perderam a dianteira naval para os europeus. Uma das explicações para o recuo da expansão marítima chinesa – e a conseqüente perda de sua liderança mundial – teria sido a necessidade de concentrar esforços militares nas fronteiras do norte, ainda sob ameaça de invasão pelos mongóis. Mesmo após a dinastia Qing, iniciada em 1644, ter revigorado o país, a China não conseguiria mais acompanhar o crescimen-



to das potências do Ocidente. Pior. No século XIX, após várias invasões, a nação era controlada no norte pelos alemães, no centro pelos britânicos e no sudoeste pelos franceses.

Quando o último imperador, Pu-Yi, deixou o trono após um motim de seus oficiais, em 1911, ninguém sabia como a China se manteria unida. Só após as duas Guerras Mundiais e décadas de guerra civil, a China voltaria a encontrar um eixo unificador pelas mãos do líder comunista Mao Tsé-tung, que proclamou em 1949 a República Popular da China. A pujança econômica seria retomada a partir do final dos anos 1970, com as reformas econômicas empreendidas por Deng Xiaoping, o sucessor de Mao, após o fim da chamada Revolução Cultural chinesa (veja mais na página 86).

## VOCÊ SABIA?

### MADE IN CHINA

Dois mil anos antes de os produtos chineses invadirem as prateleiras de todo o mundo, a China já era um sucesso no Ocidente por seu pioneirismo. Além da seda e da porcelana – que maravilhavam os europeus –, devemos aos chineses a invenção do papel (e do papel-moeda), da pólvora, da bússola e do leme em embarcações. Eles também desenvolveram a arte da impressão e a técnica de construção de canais.



## CHINA IMPERIAL

# A Cidade Proibida

Conheça como era a imensa residência oficial do imperador, que abrigava a família imperial e um séquito de concubinas e eunucos

**E**m 1406, o chinês Yung Lo, terceiro imperador da dinastia Ming, ordenou o início da construção de um complexo para servir como sua morada oficial bem no centro de Pequim. O local abrigaria também a corte imperial, composta por eunucos, concubinas e herdeiros. Inaugurada 14 anos depois, a enorme residência, com 720 mil metros quadrados (ou metade de toda a área do parque do Ibirapuera, em São Paulo), fascinava quem só podia vê-la de fora. Mas aprisionava os que estavam dentro.

Com a exceção de alguns conselheiros e militares autorizados, ninguém mais poderia entrar. Exceto o imperador e alguns poucos eunucos encarregados de abastecer o local, ninguém mais podia sair. Foi por essa razão que o palácio imperial – e suas milhares de dependências – ficou conhecido como Cidade Proibida.

Durante 491 anos, foi por detrás dos enormes muros da Cidade Proibida que a China foi governada por 24 imperadores. Em 1911, após uma revolta republicana, Puyi, o último imperador da dinastia Qing, abdicou do trono. Ele e sua corte permaneceram morando no local até 1924, quando foram expulsos. Um ano depois, a Cidade Proibida foi rebatizada de Museu do Palácio e aberta ao público pela primeira vez.

## CELEBRAÇÃO AO SOL

A construção seguiu princípios da antiga arte chinesa do feng shui



## CONTRA O FOGO

Quase toda de madeira, a cidade vivia assombrada com o risco de incêndios, causados por raios, lampiões ou premeditados por eunucos e oficiais que enriqueciam com as obras de reconstrução. Para preveni-los, centenas de barris de ferro com capacidade para 2 mil litros de água foram espalhados por todos os cantos.



## USO RESTRITO

Com mais de 35 metros de altura, o chamado Portão Meridional é o principal e o maior acesso à Cidade Proibida. A entrada principal, que fica bem ao centro, era restrita, utilizada somente pelo imperador. Além dele, a imperatriz podia usá-la no dia de seu casamento e os três principais intelectuais da China estavam autorizados a sair por ela após sua aprovação, feita por um exame.



### PERPETUAÇÃO DA ESPÉCIE

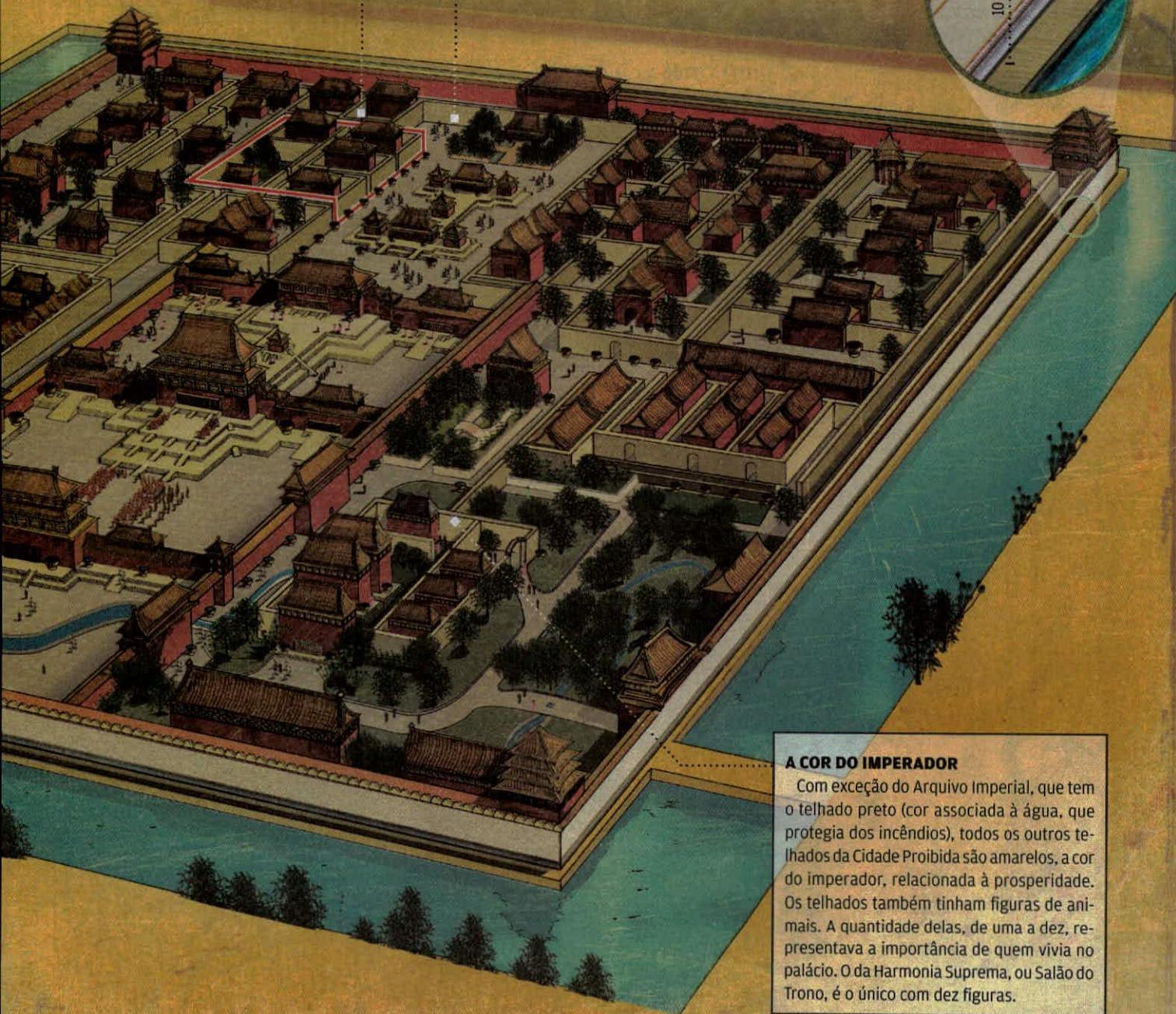
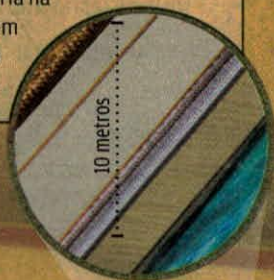
O imperador, considerado "filho dos céus", tinha de produzir herdeiros. Por isso, mantinha enormes haréns – as concubinas tinham palácios só para elas. Até o reinado de Kangxi, que começou em 1661, não havia limites para a quantidade de concubinas (acredita-se que alguns imperadores chegaram a ter 3 mil). Kangxi, no entanto, limitou esse número para no máximo 100 – que não foi respeitado.

### ÁREA DE LAZER

O Jardim Imperial ocupa uma área de cerca de 12 mil metros quadrados e é o maior da Cidade Proibida. Exclusivo para a família real, era um dos locais prediletos dos imperadores para tomar chá, jogar xadrez e meditar. No centro do jardim há o Salão da Paz Imperial, templo construído em homenagem a uma divindade da água, chamada Xuan Wu, para que esta protegesse a cidade dos incêndios.

### MURALHA IMPERIAL

Uma enorme muralha, com 10 metros de altura e 3,4 quilômetros de extensão, circunda toda a residência. Do lado de fora, foi construído um fosso com 52 metros de largura e 6 metros de profundidade. Era mais uma garantia de que ninguém entraria na Cidade Proibida sem a autorização do monarca.



### A COR DO IMPERADOR

Com exceção do Arquivo Imperial, que tem o telhado preto (cor associada à água, que protegia dos incêndios), todos os outros telhados da Cidade Proibida são amarelos, a cor do imperador, relacionada à prosperidade. Os telhados também tinham figuras de animais. A quantidade delas, de uma a dez, representava a importância de quem vivia no palácio. O da Harmonia Suprema, ou Salão do Trono, é o único com dez figuras.



## IMPÉRIOS E CIVILIZAÇÕES

# Quem já mandou no mundo

SUMÉRIOS (3100 A.C. A 1950 A.C.)

EGÍPCIOS (3100 A.C. A 30 A.C.)

HINDUS (2500 A.C. A 1500 A.C.)

ACADIANOS (2350 A.C. A 2180 A.C.)

CHINESES (2000 A.C. A 1911 D.C.)

ISRAELITAS (2000 A.C. A 70 D.C.)

BABILÔNIOS (1894 A.C. A 539 A.C.)

HITITAS (1700 A.C. A 1193 A.C.)

OLMECAS (1500 A.C. A 400 A.C.)

MAIAS (1500 A.C. A 1400 D.C.)

ASSÍRIOS (1400 A.C. A 612 A.C.)

GREGOS (1200 A.C. A 323 A.C.)

FENÍCIOS (1000 A.C. A 538 A.C.)

CARTAGINESES (800 A.C. A 146 A.C.)

ROMANOS (753 A.C. A 476 D.C.)

MACEDÔNIO (640 A.C. A 148 A.C.)

PERSAS (550 A.C. A 637 D.C.)

## EGÍPCIOS

(3100 A.C. A 30 A.C.)

Os egípcios foram a civilização de maior destaque antes dos gregos e dos romanos. Formada cerca de três milênios antes de Cristo pela unificação de várias comunidades à beira do Nilo, a civilização foi subjugada pelos persas em 525 a.C e desintegrou-se (veja na pág. 15)



## BABILÔNIOS

(1894 A.C. A 539 A.C.)

Civilização que floresceu em torno da cidade da Babilônia. Ficaram conhecidos pelo Código de Hamurabi, a primeira compilação de leis que se conhece (veja na pág. 14)





**H**oje, a hegemonia mundial dos Estados Unidos parece incontestável e eterna. Mas, perto do reino do Egito, que durou mais de 3 000 anos, o domínio americano de algumas décadas não significa muito. Veja quais são e quanto duraram os principais impérios e civilizações que passaram pelo planeta ao longo da História.

## MAIAS

(1500 A.C. A 1400 D.C.)

O Império Maia ocupou uma área que vai do atual Belize até o México, construindo cerca de 15 cidades. Seu desaparecimento, no século XV, antes da conquista espanhola, pode ter ocorrido devido a lutas entre essas cidades (veja na pág. 42)

## GREGOS

(1200 A.C. A 323 A.C.)

A civilização grega mudou o mundo ao desenvolver o conceito de democracia e estimular atividades como filosofia, poesia, dramaturgia, artes plásticas, ciências, esportes e arquitetura. Ela desapareceu gradualmente quando foi dominada pelos romanos (veja na pág. 16)

NAZCAS (200 D.C. A 600 D.C.)

BIZANTINOS (330 D.C. A 1453 D.C.)

TEOTIHUACANS (400 D.C. A 600 D.C.)

ÁRABES (622 D.C. A 1258 D.C.)

VIKINGS (750 D.C. A 1100 D.C.)

TOLTECAS (900 D.C. A 1100 D.C.)

ASTECAS (1250 D.C. A 1521 D.C.)

OTOMANOS (1281 D.C. A 1918 D.C.)

## ASTECAS

(1250 D.C. A 1521 D.C.)

Povo que ocupou o México e fundou belas cidades, ainda que boa parte da população fosse de agricultores. Usavam sementes de cacau como moeda. Implantaram o serviço militar obrigatório e construíram intrincadas obras de engenharia. Foram destruídos pelos espanhóis (veja na pág. 42)

INCAS (1438 D.C. A 1535 D.C.)

PORTUGUESES (1495 D.C. A 1975 D.C.)

ESPAÑHÓIS (1519 D.C. A 1898 D.C.)

BRITÂNICOS (1600 D.C. A 1945 D.C.)

AUSTRO-HÚNGAROS (1867 D.C. A 1918 D.C.)

SOVIÉTICOS (1922 D.C. A 1991 D.C.)

AMERICANOS (1945 D.C. -)

FONTE: ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA

© INFOGRÁFICO ARTUR LOPES, LUIZ IRIA, RODRIGO MAROJA E PAULO D'AMARO / SUPERINTERESSANTE / EDITORA ABRIL



## ROMANOS

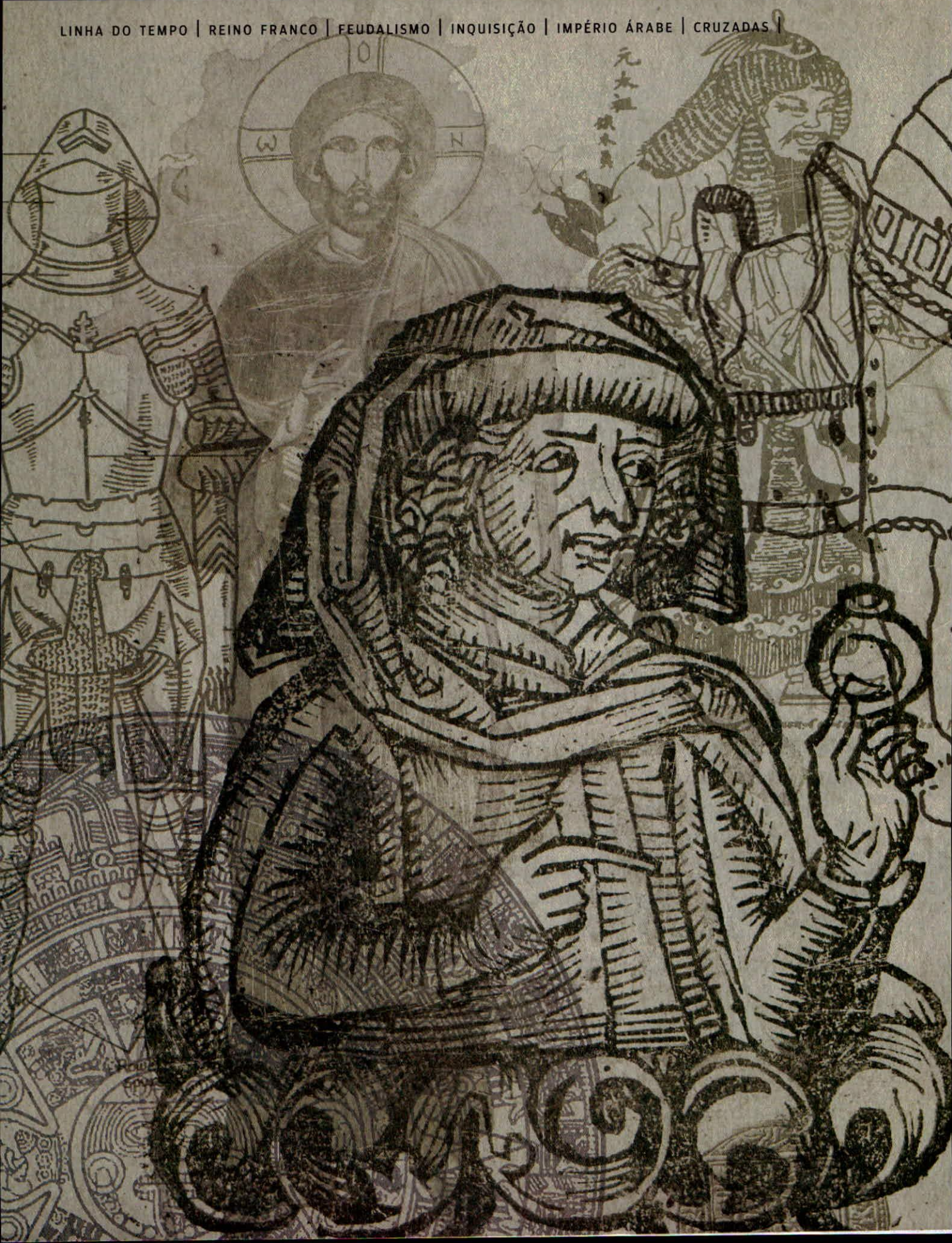
(753 A.C. A 476 D.C.)

Após receber a herança grega, os romanos desenvolveram o direito, a engenharia civil e vários campos da arte. O império acabou com as invasões germânicas (veja na pág. 19)

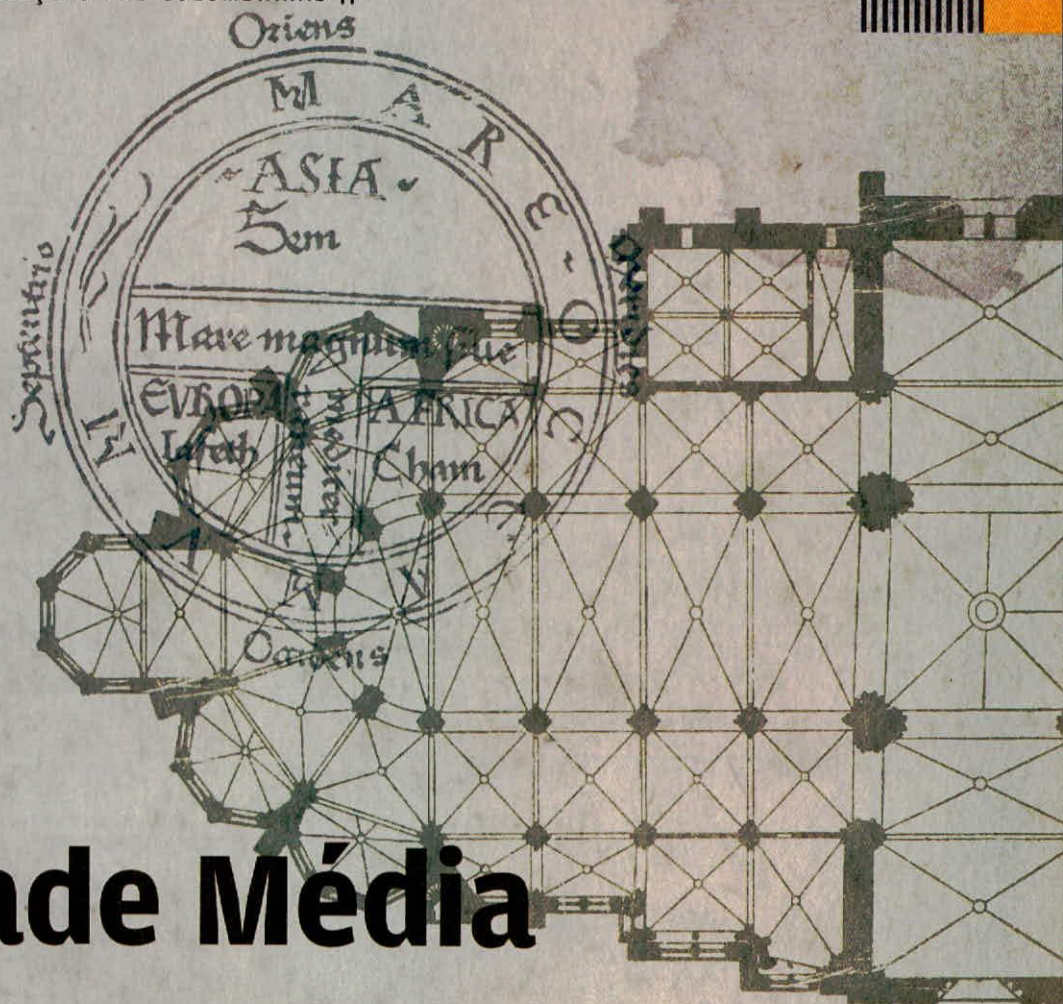




LINHA DO TEMPO | REINO FRANCO | FEUDALISMO | INQUISIÇÃO | IMPÉRIO ÁRABE | CRUZADAS







# Idade Média

**A** Idade Média começou com a queda do Império Romano do Ocidente, em 476, e se encerrou com a tomada da capital do Império Bizantino, Constantinopla, pelos turco-otomanos, em 1453. Costuma ser dividida em duas: Alta e Baixa Idade Média.

A **Alta Idade Média** estendeu-se do século V ao X. Foi a época de consolidação, na Europa Ocidental, do feudalismo, sistema socioeconômico predominante na era medieval. No Oriente, porém, em vez da descentralização política feudal, o período foi marcado por dois fortes impérios: o Bizantino e o Árabe.

A **Baixa Idade Média** vai do século XI até o fim do período medieval, no século XV. É quando o feudalismo chegou ao auge e entrou em decadência. Lentamente, ele começou a sofrer transformações que só se concluiriam na Idade Moderna, quando seria substituído, no campo político, pelas monarquias nacionais, e, no econômico, pelo sistema mercantilista.

Por séculos, a Idade Média foi tida como uma época de insignificante desenvolvimento científico, tecnológico e artístico. Essa visão nasceu durante o Renascimento, no século XVI, quando o período medieval foi apelidado de Idade das Trevas.

Porém, a Idade Média foi responsável por importantes avanços, sobretudo no que diz respeito à produção agrícola: inventaram-se o moinho, a charrua (um arado mais eficiente) e técnicas de adubamento e rodízio de terras. Outra herança medieval são as universidades, que começaram a surgir na Europa no século XIII. Além disso, desenvolveram-se importantes movimentos artísticos, como o românico e o gótico; viveram influentes filósofos, como Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino; e, graças ao trabalho dos monges, preservou-se a cultura greco-romana – o que possibilitaria, aliás, o surto de revalorização da Antiguidade Clássica ocorrido durante o Renascimento.



## LINHA DO TEMPO

## IDADE MÉDIA

Confira os principais acontecimentos do período medieval. Nas páginas indicadas, você encontra tudo sobre os assuntos que mais caem no vestibular.

482

Nasce o **Reino Franco**.  
Pág. 32

630

Surge o **Império Árabe**.  
Pág. 36



650

Num momento de auge da **civilização maia**, é erguida uma das mais impressionantes construções por ela deixada: o Templo das Inscrições. Os maias instalaram-se na península do Yucatán, no atual México, a partir de 700 a.C. Séculos depois, fundam cidades-Estado independentes, com governos teocráticos. Utilizam avançadas técnicas de irrigação e realizam trocas comerciais. Criam um calendário que determina com precisão o ano solar, adotam a escrita hieroglífica e inventam as casas decimais e o conceito do valor zero. Conflitos internos, entre outras razões, levam ao colapso da civilização por volta do ano 900. Pág. 42



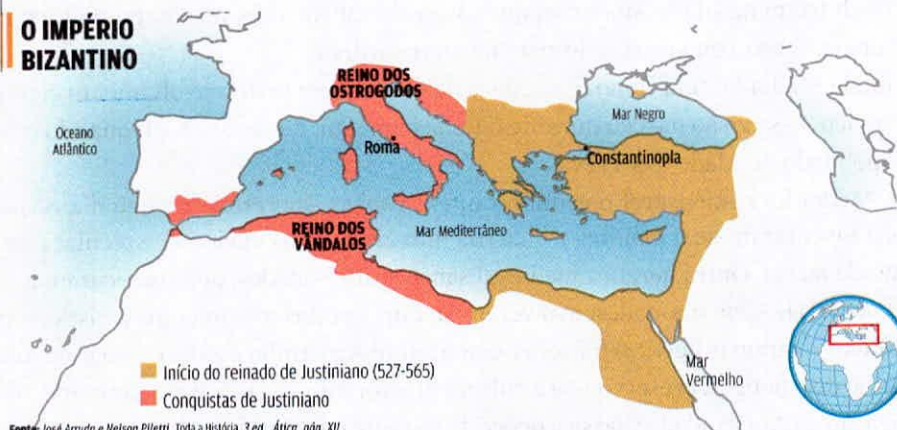
## IDADE MÉDIA

527

Com a coroação de Justiniano, o **Império Bizantino** começa a viver seu auge. O imperador reconquista territórios bárbaros no Ocidente (veja o mapa abaixo), estimula as artes e elabora o Código de Justiniano, que revisa e atualiza o direito romano. Ao fim de seu governo, em 565, o império começa a decair. Em 1204, a capital, Constantinopla, é conquistada pelos cruzados, e o restante do império é repartido entre príncipes feudais. Em 1453, a cidade é subjugada pelos turcos.



## O IMPÉRIO BIZANTINO



962

O papa João XII nomeia Otto I imperador do **Sacro Império Romano-Germânico**, numa tentativa de conter os ataques húngaros à Europa cristã. Seus domínios abrangem porções das atuais França, Holanda, Suíça, Alemanha, Áustria e Polônia (veja o mapa na página 50). Acentua-se a corrupção, e a Igreja Católica torna-se mais suscetível ao poder político, promovendo a venda de cargos eclesiásticos (simonia). A partir de 1250, o império compreende um conjunto de pequenos Estados, nos quais o poder local do príncipe supera a autoridade central do imperador – situação que se estende até o século XIX.



987

Após a morte de Luís V, último rei da dinastia carolíngia, nobres franceses elegem Hugo Capeto, conde de Paris, soberano da França. Inicia-se o processo de formação da **monarquia francesa**.

1054

A Igreja Oriental (Igreja Cristã Ortodoxa Grega) e a Igreja Ocidental (Igreja Católica Apostólica Romana) rompem entre si no **Cisma do Oriente**. Pág. 38

1096

Começam as **Cruzadas**. Pág. 38

1163

É iniciada a construção da **Catedral de Notre-Dame**, em Paris, um dos mais belos exemplares do estilo arquitetônico que marca a Baixa Idade Média: o gótico. De forte cunho religioso - o que demonstra o poder da Igreja no período -, uma das principais características do estilo são as linhas verticais, como se os prédios quisessem atingir o céu.



[4]



[6]

1231

São instaurados os **tribunais do Santo Ofício**, ou **Inquisição**, por meio dos quais a Igreja Católica, alegando agir em nome de Deus, persegue, tortura e mata milhares de pessoas consideradas hereges. Pág. 35

1309

Por causa da intromissão da Igreja em assuntos do reino, o rei da França Felipe IV prende o papa Bonifácio VIII e nomeia em seu lugar o francês Clemente V. O evento é conhecido como **Cativeiro de Avignon** (localidade na França onde o novo papado é instalado).

1337

A pretensão do rei inglês Eduardo III de disputar a sucessão do trono francês é o estopim da **Guerra dos Cem Anos**, que opõe França e Inglaterra. O conflito envolve disputas em torno de territórios que os duques da Normandia, ingleses, tinham na França. No fim da guerra, em 1453, a França recupera as possessões sob o domínio inglês. O embate impulsiona o nacionalismo francês e contribui para o fortalecimento do poder real. Pág. 40

1453

A **tomada de Constantinopla** - então sede do Império Bizantino - pelo Império Turco-Otomano marca o fim da Idade Média.

1066

William I (também chamado de Guilherme, o Conquistador), duque da Normandia, invade a Inglaterra, na Batalha de Hastings, e submete os saxões a um poder centralizado. É o início da **monarquia inglesa**. Pág. 52

SÉCULO XII

O **feudalismo** chega ao auge na Europa. Pág. 33



[5]

1215

Sob pressão da nobreza e do alto clero, o rei inglês João II, conhecido como João Sem-Terra, assina a **Magna Carta**. Em vigor até hoje, é o primeiro documento escrito da história a limitar os poderes da monarquia e a fixar os direitos dos vassalos. Pág. 53

1281

O sultão Otman I funda o **Império Turco-Otomano**. No século XVI, o império vive seu auge, ocupando o norte da África, a região do mar Vermelho e a faixa do golfo Pérsico até a Hungria. A partir do século XVII, a retração econômica dá início à decadência, mas o sultanato só é abolido após a derrota na I Guerra Mundial (1914-1919).



[7]

1325

Os **astecas** fundam Tenochtitlán, atual Cidade do México, a partir de onde criam um império no centro-sul mexicano. Possuem uma sociedade altamente hierarquizada. Desenvolvem importantes obras de drenagem e técnicas de irrigação e cultivo. Estudam a astronomia, a astrologia e a matemática. No século XVI, o império é destruído pelos espanhóis. Pág. 42



[8]

1385

A Revolução de Avis dá início à **monarquia nacional portuguesa**, inaugurada pelo rei João I.

1400

Começa a expansão da **civilização inca**, instalada em Cuzco, no atual Peru. O império se estende pela região de Equador, Chile e Bolívia. Ele viabiliza a agricultura nas montanhas e regiões desérticas, com técnicas de irrigação. Os incas são o único povo pré-colombiano a domesticar animais. Erguem centros religiosos e cultuam o deus Sol. Abalados por guerras internas, são dominados pelos espanhóis em 1532. Pág. 42



[9]



## REINO FRANCO

# Magnos bárbaros

Entre a derrocada de Roma e a instalação definitiva do feudalismo, os francos ergueram um sólido império na Europa Ocidental

O Reino Franco foi, dentre os bárbaros, o de maior duração e estabilidade fundado no Ocidente. Formou-se no século V, quando, após várias tentativas, os francos finalmente conseguiram instalar-se na antiga província romana da Gália – atual França. Ele se estendeu até o século IX, fragmentando-se depois da morte de seu mais célebre líder, Carlos Magno.

## DINASTIA MEROVÍNGIA

Após se fixarem na Gália, os francos permaneceram divididos em tribos, cada qual com seu chefe. Em 482, Clóvis, um desses líderes, unificou os grupos e tornou-se o primeiro rei, fundando a dinastia merovíngia (cujo nome deriva de seu avô, Meroveu). Clóvis empenhou-se em conquistar territórios e converteu-se ao cristianismo, formalizando uma aliança com a Igreja Católica.

Após sua morte, seus quatro filhos dividiram o reino entre si, enfraquecendo-o. Na época, a Europa vivia um processo de ruralização e descentralização do poder, com a formação do feudalismo (veja matéria na pág. ao lado). Os monarcas que sucederam a dinastia merovíngia ficaram conhecidos como **reis indolentes**, por demonstrar pouca habilidade política. O poder de fato passou então a ser exercido por altos funcionários da corte, os prefeitos do palácio, denominados **majordomos**.



Carlos Magno Em seu governo, os francos chegaram ao auge

## O IMPÉRIO CAROLÍNGIO

Confira os domínios de Carlos Magno



Fonte: José Arruda e Nelson Piletti, Toda a História, 3 ed., Atica, pág. XIII

O majordomo Carlos Martel ganhou prestígio com a vitória contra os muçulmanos na Batalha de Poitiers, em 732, que impediu o avanço islâmico sobre a Europa Ocidental. Após sua morte, seu filho, Pepino, o Breve, depôs o último monarca merovíngio, Childerico III, e, com o apoio da nobreza e do papa, tornou-se rei, iniciando a dinastia carolíngia.

## IMPÉRIO CAROLÍNGIO

O Reino Franco atingiu o apogeu durante o reinado de Carlos Magno, filho de Pepino. Em 800, ele foi coroado imperador pelo papa Leão III, adquirindo, assim, a incumbência de disseminar e defender a fé cristã.

Para conduzir o agora Império Carolíngio, Magno dividiu-o em centenas de unidades administrativas dotadas de certa autonomia – os **condados** –, governadas por nobres de confiança – os condes. Também aumentou o poder dos **missi dominici**, altos funcionários reais, em geral membros do clero, encarregados de fiscalizar a aplicação das leis capitulares (decretos emitidos em capitulos pelo imperador).

Além de continuar a política expansionista do pai, Magno promoveu o **Renascimento Carolíngio**, uma grande renovação educacional, artística, monetária, jurídica e administrativa. Estimulou a fundação de escolas e tornou-se um dos responsáveis

## O REPARTE DAS TERRAS

Veja que porção coube a cada filho de Luís, o Piedoso, em 843



Fonte: José Arruda e Nelson Piletti, Toda a História, 3 ed., Atica, pág. XIII

## VIAJE NO TEMPO

### DE FRANCOS A FRANCESES

No Reino Franco estão as raízes da França. Foi com base nas divisões do Tratado de Verdun, por exemplo, que se delinearão algumas das atuais fronteiras do país. Porém, a consolidação da monarquia nacional francesa só ocorreria a partir do século XV, após a Europa experimentar e superar a desintegração política do feudalismo (veja mais na página 52).

pela continuidade da cultura greco-romana. Morreu em 814, sendo substituído pelo filho, Luís, o Piedoso.

Mais tarde, com a morte de Luís, guerras sucessórias entre seus filhos resultaram no **Tratado de Verdun**, de 843, que estabeleceu a divisão do império em três reinos: Carlos, o Calvo, recebeu a parte correspondente à França; Luís, o Germânico, ficou com o território alemão; e Lotário coube a parte central. A desintegração levou a um aumento do poder da nobreza local, fato que, somado às novas invasões bárbaras, de normandos (originários da Escandinávia) e magiares (vindos da atual Hungria), permitiu a consolidação do feudalismo na Europa.



# A Europa de padres, senhores e servos



**Troca-troca** Na cerimônia feudal da homenagem, o suserano, de pé, cede um terreno ao vassalo, ajoelhado, que lhe jura fidelidade militar

Após a ruína do Império Romano e a do Carolíngio, o sistema feudal reinou no Velho Mundo. Veja como foi esse processo e como era a vida nessa época

O feudalismo foi o sistema político, social e econômico que predominou na Europa durante a Idade Média. Era marcado pela descentralização política, imobilidade social e auto-suficiência econômica dos feudos – as unidades de produção da época. Começou a se desenvolver após a queda do Império Romano do Ocidente, no século V, consolidou-se no século X, atingiu o auge no século XII e a partir do século XIII entrou em colapso. Durante a Baixa Idade Média, iniciou-se a transição que o substituiria pelo capitalismo, sistema dominante na História até hoje.

## FORMAÇÃO

A partir do século V, com o enfraquecimento do Império Romano, a Europa passou a sofrer diversas invasões dos povos bárbaros – como os vândalos, pioneiros, que atravessaram a península Ibérica de norte a sul e chegaram à África; os anglo-saxões, que desembarcaram na Inglaterra; e os lombardos, que se instalaram na Itália. Eles destruíram as instituições romanas mas, com exceção dos francos (veja matéria na pág. ao lado) – cujo reino se desmoronou no século IX –, não conseguiram substituí-las por outro Estado forte. A tomada do controle do comércio no mar Mediterrâneo pelos árabes, nos séculos VII e VIII, deixou os europeus ainda mais enfraquecidos.

O clima de insegurança e instabilidade prosseguiu até o século IX, quando ocorreu uma nova onda de invasões, realizadas pelos húngaros magiares e pelos vikings (também conhecidos como normandos). Como forma de defesa, os nobres construíram grandes castelos, que funcionavam como fortalezas, em torno dos quais a população pobre se instalou, buscando prote-

ção. Essas propriedades ficaram cada vez mais isoladas umas das outras, o que criou a necessidade de produzir ali mesmo o que era preciso para sobreviver. A agricultura se tornou a atividade econômica mais importante e os donos das terras, os grandes chefes políticos e militares. Era o início do feudalismo.

## POLÍTICA

A principal característica política do feudalismo era a **descentralização do poder**. O rei tinha pouca ou nenhuma autoridade e, em troca de ajuda militar, era comum que cedesse grandes porções de terra (os feudos) a membros da nobreza. Esse costume, o **beneficium**, se tornou hábito entre os nobres, e eles passaram a doar terras entre si. Numa cerimônia denominada **homenagem**, o proprietário que recebia o terreno – **vassalo** – prometia fidelidade e apoio militar ao doador – **suserano**. Esse, por sua vez, jurava proteção ao vassalo.

Essa obrigação recíproca, uma das características mais marcantes do feudalismo, teve origem nas tradições dos invasores germânicos, que praticavam o **comitatus** – fidelidade mútua entre chefes tribais e guerreiros. Outros costumes que influenciaram a estruturação da ordem feudal vieram de Roma, como o **colonato**, que impunha a fixação do homem à terra e virou prática fundamental no regime da Europa medieval. Por essa dupla herança, pode-se dizer que o feudalismo é resultado do choque de dois mundos: o romano e o germânico.

## SOCIEDADE

A sociedade feudal estava dividida basicamente em três grupos: **senhores feudais**, que detinham o poder sobre as terras e o monopólio militar; **clero**, nobres sacerdotes; e

**servos**, a mão-de-obra camponesa (veja o infográfico na pág. 34). Não havia mobilidade social, e a legitimidade da divisão era garantida pela amplamente difundida doutrina católica, que atribuía a estratificação à vontade divina.

Os servos não eram escravos, porque não pertenciam ao senhor – não podiam ser vendidos, por exemplo –, mas dependiam totalmente da estrutura que ele possuía. Em troca do direito de usar a terra, eles tinham de prestar serviços e pagar uma série de tributos. Entre as principais obrigações servis estavam a **corvéia**, trabalho gratuito; a **talha**, porcentagem da produção dada ao senhor; e a **banalidade**, pagamento pela utilização de instrumentos ou bens.

Além dos servos, havia, em menor número, outros tipos de trabalhador: os **vilões**, habitantes das vilas, que eram trabalhadores livres ligados a um senhor; e os **pequenos proprietários**, que usavam mão-de-obra familiar.

## ECONOMIA

O **feudo** era a principal unidade de produção medieval e a agricultura, a base da economia. A produção era voltada para o consumo

## VOCÊ SABIA?

### SENHORES DO CÉU E DA TERRA

Por que quem reza junta uma mão à outra? A origem do costume estaria na prática feudal da homenagem: ao jurar fidelidade ao suserano, o vassalo fazia esse gesto. Como à época se acreditava que a relação dos homens com Deus era comparável à dos senhores com os servos, os fiéis adotaram o hábito durante as orações.



## FEUDALISMO

interno. Cada feudo mantinha-se isolado um do outro. O comércio era quase nulo. Alguns senhores feudais cunhavam as próprias moedas para circulação interna, mas, de maneira geral, a atividade monetária também foi pouco desenvolvida.

Produziam-se basicamente trigo, centeio e cevada. Costumava-se utilizar o sistema de cultura em três campos (ou rotação dos campos), que evitava o esgotamento do solo por meio da alternância de plantações e de terrenos.

### O PODER DA IGREJA

Nenhuma instituição foi tão rica, bem organizada e influente na Europa feudal quanto a Igreja Católica. Com a transformação do cristianismo em religião oficial do Império Romano, em 391, durante o reinado de Teodósio, a Igreja passou a acumular fortunas e vastos territórios. No século V, a instituição tinha uma organização hierárquica definida – com padres e sacerdotes na base da pirâmide, bispos logo acima e o papa no topo – e estava bem instalada pelo continente. Os religiosos dedicaram-se a converter os bárbaros e a promover sua integração com os romanos, ganhando prestígio e passando a assumir funções administrativas nos novos reinos.

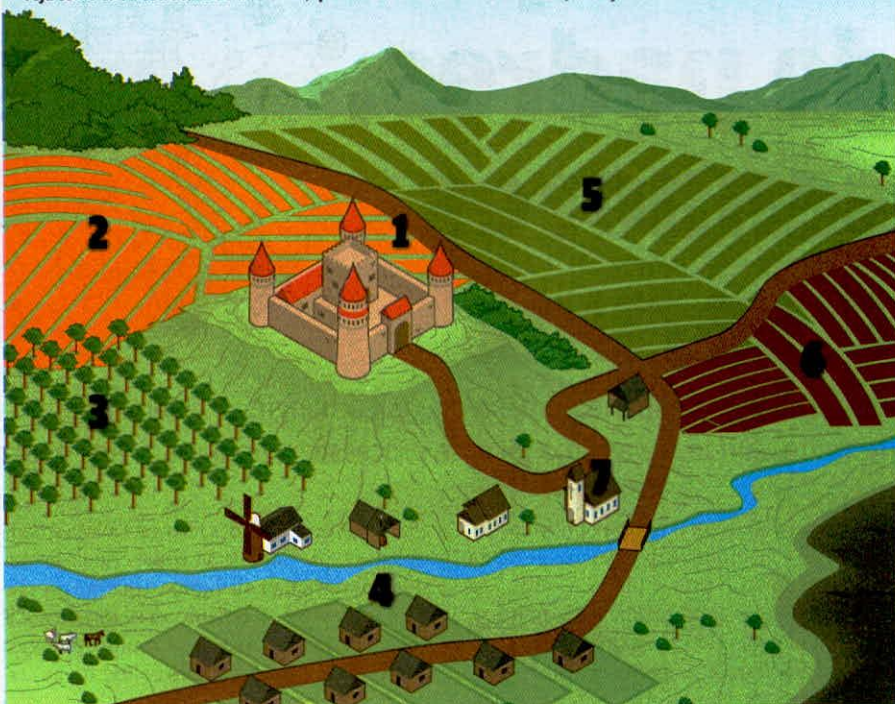
Além de deterem poder político e econômico, os sacerdotes formavam a elite que sabia ler e escrever e passaram a encerrar em si o monopólio do conhecimento. Não à toa, os maiores expoentes da filosofia medieval são religiosos: Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. O pensamento filosófico da época foi intensamente influenciado pelo cristianismo, confundindo-se com a teologia.

Com tanto poder nas mãos, as autoridades católicas fizeram de tudo para aumentá-lo ainda mais. Para isso, muitas vezes usavam como pretexto o suposto combate à heresia (prática contrária à doutrina da Igreja). O símbolo máximo dessa repressão foi a instauração, em 1231, dos **tribunais do Santo Ofício**, ou **Inquisição**, que tinham poderes para julgar e condenar à morte os réus considerados infiéis (veja na pág. ao lado). Na verdade, quase todos os condenados eram simplesmente pessoas que discordavam dos desmandos católicos ou opositores dos aliados da Igreja. Foram vítimas famosas da Inquisição Joana D'Arc, queimada viva em 1431, sob a acusação de bruxaria, e Galileu Galilei, que chegou a renegar suas descobertas científicas e foi condenado à prisão domiciliar, em 1633.

A intensa participação dos clérigos nas questões terrenas provocou reações de alguns cristãos, que decidiram isolar-se para viver de forma simples, sob votos de castidade e pobreza. Desse setor nasceram as ordens monásticas, cujos membros habitavam mosteiros e se dedicavam

### MANDA QUEM PODE, OBEDECE QUEM DEVE

Veja como era a estrutura de um feudo, quem vivia onde e como se dava a produção



**1. REDUTO NOBRE** Lar do senhor feudal e de sua família. O senhor era dono das terras, dos instrumentos de trabalho e de boa parte da produção do feudo. Ele defendia militarmente a propriedade.

**2. CANTEIRO DOS POBRES** No "manso servil", a terra também pertencia ao senhor feudal, mas aqui os servos podiam trabalhar em benefício próprio, desde que pagassem os impostos devidos.

**3. ZONA NEUTRA** Os pastos e os bosques – as "terras comunais" – eram de posse coletiva, usados tanto em benefício do senhor quanto dos servos. Aqui se praticava a caça e se extraía madeira.

**4. ABRIGO PLEBEU** Aqui viviam os servos, a maior parte da população feudal. Eram

a mão-de-obra local, altamente explorados e dependentes da estrutura e da proteção disponibilizadas pelo senhor.

**5. TERRAS DO SENHOR** A produção do "manso senhorial" pertencia ao senhor. Toda a labuta cabia aos servos, obrigados a trabalhar alguns dias da semana nessa área (quase metade das terras cultiváveis).

**6. LAVOURA SANTA** Quando não era ela mesma a dona do feudo – o que não era raro –, a Igreja Católica costumava ter a própria porção das plantações, cedida pelo senhor feudal.

**7. CASA DE DEUS** A Igreja Católica era a mais influente instituição do período. Ela monopolizava o acesso à cultura e legitimava a existência das camadas sociais por meio da doutrina religiosa.

ao trabalho intelectual e à oração. A Ordem dos Beneditinos, fundada por São Bento, em 525, consolidou a estrutura dessas organizações.

### DECADÊNCIA

A partir do século XI, as invasões da Europa começaram a cessar. Além disso, a Igreja conseguiu diminuir os conflitos entre senhores feudais. A principal medida tomada nesse sentido foi a **Paz de Deus**: para evitar os prejuízos causados pelos embates, a Igreja proibiu os confrontos em determinados dias da semana.

A Europa entrou num período de relativa paz e segurança. A agricultura se desenvolveu, o que possibilitou um conseqüente crescimento populacional. Porém, a partir do fim do século XIII, aproximadamente, o sistema feudal deixou de dar conta da sociedade em expansão. Sobre tudo após as Cruzadas (veja na pág. 38), que liberaram o Mediterrâneo aos europeus, a pressão pelo aumento do comércio e pela urbanização levou, aos poucos, à substituição do feudalismo por um novo sistema econômico: o capitalismo, que se consolidaria na Idade Moderna.



# Intolerância em nome da fé

Alegando agir em nome de Deus, os hediondos tribunais do Santo Ofício foram responsáveis pela condenação, tortura e morte de milhares de pessoas consideradas hereges pela Igreja Católica

A Inquisição era formada pelos tribunais da Igreja Católica que perseguiram, julgavam e puniam pessoas consideradas hereges. Ela teve duas versões: a medieval, nos séculos XIII e XIV, e a feroz Inquisição moderna, concentrada em Portugal e Espanha, que durou do século XV ao XIX. Tudo começou em 1231, quando o papa Gregório IX – devido ao crescimento de seitas religiosas – criou um órgão especial para investigar os suspeitos de heresia. Atuando na Itália, na França, na Alemanha e em Portugal, a Inquisição medieval tinha penas mais brandas, como a excomunhão. Já sua segunda encarnação surgiu com toda força na Espanha de 1478.

As punições tornaram-se bem mais pesadas com a instituição da morte na fogueira, da prisão perpétua e do confisco de bens. A crueldade dos inquisidores era tamanha que o próprio papa chegou a pedir aos espanhóis que contivessem o banho de sangue.

Dessa vez, os alvos principais eram os judeus e os cristãos-novos, como eram chamados os recém-convertidos ao Catolicismo, acusados de praticar o Judaísmo secretamente. O fato é que esses grupos já formavam uma poderosa burguesia que atrapalhava os interesses da nobreza e do clero. O apoio dos reis aumentou o poder do Santo Ofício, que passou a considerar como heresia qualquer ofensa “à fé e aos cos-

tumes”. A lista de perseguidos incluiu ainda protestantes e iluministas, entre outros – Galileu Galilei, por exemplo, chegou a negar seus achados científicos para fugir da fogueira.

O Brasil nunca chegou a ter um tribunal desses, mas emissários da Inquisição aportaram por aqui entre 1591 e 1767. Calcula-se que centenas de brasileiros foram condenados e mais de 20 queimados em Lisboa. Os inquisidores portugueses fizeram 40 mil vítimas, das quais 2 mil foram mortas na fogueira. Na Espanha, até a extinção do Santo Ofício, em 1834, estima-se que quase 300 mil pessoas tenham sido condenadas e 30 mil executadas.

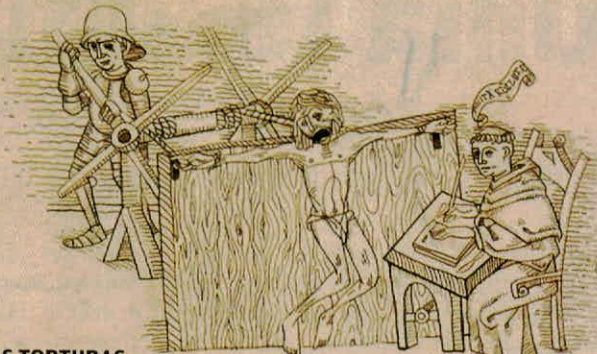
## A CAMINHO DA FOGUEIRA

A INQUISIÇÃO ABUSAVA DA CRUELDADE PARA PUNIR AQUELES CONSIDERADOS INFIÉIS



### 1. O JULGAMENTO

Representantes do Santo Ofício chegavam à aldeia e, no chamado Período de Graça, que durava um mês, convidavam as pessoas a admitirem suas heresias. Quem se confessasse, em geral se livrava de penas severas. Quem não o fazia poderia ser denunciado. Como a Inquisição incentivava a delação, o pânico era geral: todos eram suspeitos em potencial. Convocado a se defender no tribunal, o acusado era interrogado por três inquisidores. Mas a defesa era difícil: raramente o réu tinha direito a um advogado. E, para arrancar confissões, o Santo Ofício recorria a tenebrosas práticas de tortura.



### 2. AS TORTURAS

O inquisidor-mor variava a crueldade dos castigos conforme a heresia. Os mais leves incluíam deixar o acusado acorrentado, sem comer nem dormir por vários dias. Mas os relatos históricos registram outros bem mais dolorosos, como o aparelho chamado extensão. O livro *Prisioneiros da Inquisição*, de Frédéric Max, traz o relato de um maçom, condenado pelo tribunal, que passou pelos horrores da extensão: “As cordas, puxadas por um torniquete, faziam com que os punhos se aproximassem um do outro, por trás. Puxaram tanto que as minhas mãos se tocaram. Desloquei os dois ombros e perdi muito sangue pela boca. Repetiram três vezes o mesmo tormento antes de me devolverem à cela”.

### 3. AS SENTENÇAS

A cerimônia pública em que se liam as sentenças do tribunal chama-se auto-de-fé. Os autos-de-fé geralmente ocorriam na praça central da cidade e eram grandes acontecimentos. Quase sempre o rei estava presente. As punições iam das mais brandas (como a excomunhão) às mais severas (como a prisão perpétua e a morte na fogueira). A execução na fogueira ficava a cargo do poder secular. Se o condenado renunciava às heresias ao pé do fogo, era devolvido aos inquisidores. Se sua conversão à fé católica fosse verdadeira, ele podia trocar a morte pela prisão perpétua. Quando descobria-se que um defunto havia sido herético, seu cadáver era desenterrado e queimado.





## IMPÉRIO ÁRABE



**Um por todos**  
Muçulmanas oram em reverência a Alá, o deus único e onipotente da religião islâmica

# Uma fé, uma nação

Em apenas 100 anos, o Islã surgiu e deu origem a um império que se expandiu por três continentes, imprimindo profundas marcas culturais nas regiões em que se estabeleceu

**A** civilização árabe surgiu no século VII, na península Arábica, a partir de tribos de origem semita. Anteriormente, elas já compartilhavam algumas características, como a língua, mas foi somente nessa época que obtiveram união política, conquistada na esteira da pregação do Islã, religião então recém-nascida. Logo os árabes fundaram um extenso império que só se desintegraria no fim da Idade Média e deixaria forte influência cultural nas áreas por onde se estendeu.

## ANTES DE MAOMÉ

Inicialmente, o povo árabe (também conhecido como sarraceno) estava dividido em cerca de 300 tribos rurais e urbanas, chefiadas pelos xeques. As que habitavam o deserto – denominadas beduínas – eram nômades e se dedicavam sobretudo à criação de camelo e ao cultivo de tâmara e de trigo. Faziam constantes peregrinações em busca de lugares férteis para sobreviver, os oásis, e guerreavam entre si. Já aquelas que moravam nos centros urbanos da faixa costeira do mar

Vermelho se ocupavam principalmente do comércio, com a organização de caravanas de camelo para o transporte de produtos. Ao encontrarem melhores condições climáticas e solo mais favorável à agricultura, esses grupos se fixaram e formaram cidades como Meca e Iatreb – a atual Medina.

A religião pré-islâmica era politeísta. Os árabes cultuavam cerca de 300 astros, representados por ídolos. O maior centro religioso da península era Meca, que abrigava o templo da Caaba, com todos os ídolos tribais e a pedra negra – provavelmente um pedaço de meteorito, considerado sagrado. Todos os anos, milhares de beduínos e comerciantes se dirigiam à cidade para visitar o santuário, que era administrado pelos coraixitas, tribo de aristocratas que lucravam com as peregrinações e o comércio realizado na região.

Apesar de compartilharem algumas tradições, as tribos envolviam-se frequentemente em conflitos e guerras, prejudicando o comércio. A unificação viria com o surgimento e a disseminação de uma nova religião: o Islã.

## NASCE O PROFETA

Em 570 nasceu Maomé. Criado em um ramo pobre da tribo coraixita, tornou-se mercador. Aos 25 anos, ele se casou com uma viúva rica e mais velha e conseguiu certa estabilidade financeira, o que lhe permitiu viajar muito. Nesses deslocamentos, entrou em contato com cristãos e judeus. Aos 40 anos, começou a ter visões e a ouvir vozes, que acreditava serem do anjo Gabriel.

Os chamados que Maomé recebia o apontavam como profeta de um deus único e onipotente, Alá. Dois anos depois, quando já era aceito pela esposa e pela família como profeta, ele começou a pregar o monoteísmo e a abominação dos ídolos a todas as tribos de Meca, revelando-lhes a religião islâmica. Seus ensinamentos foram compilados no *Corão*, livro sagrado dos muçulmanos, usado por muitos países como código de moral e justiça.

Ao condenar a peregrinação à Caaba, Maomé ganhou muitos inimigos em Meca e passou a sofrer perseguições. Em 622, fugiu para Iatreb – atual Medina (“cidade do profeta”). O episódio, conhecido como hégira, marca o



**“CONTA-SE, MAS ALÁ É MAIS SÁBIO, PODEROSO E BONDOSO, QUE EXISTIU UM REI, O MAIS PODEROSO ENTRE OS REIS (...) E SHERAZADE LHE RESPONDEU: ‘DE TODO O CORAÇÃO E COMO TRIBUTO DE HOMENAGEM DEVIDA! SE CONTUDO, ASSIM PERMITIR ESTE REI BEM EDUCADO E DOTADO DE BOAS MANEIRAS!’ QUANDO O REI OUVIU AQUELAS PALAVRAS, E COMO ALIÁS TINHA INSÔNIA, NÃO SE ABORRECEU POR OUVIR O CONTO DE SHERAZADE. E SHERAZADE, NAQUELA PRIMEIRA NOITE, COMEÇOU O SEGUINTE CONTO...”**

TRECHO DA OBRA AS MIL E UMA NOITES, CLÁSSICO ANÔNIMO DA LITERATURA ÁRABE QUE EXERCERIA GRANDE INFLUÊNCIA NO OCIDENTE AO LONGO DOS SÉCULOS

início do calendário árabe. Em Medina, Maomé tornou-se líder político, religioso e militar. Organizou um Exército e deu início a uma guerra – dita santa, a **jihad** – para tomar Meca e propagar a nova religião. Em 630, a cidade sagrada foi tomada; os ídolos da Caaba, destruídos; e os opositores, aniquilados. Ao morrer, dois anos depois, Maomé havia deixado as tribos árabes politicamente unificadas sob uma mesma religião.

## O IMPÉRIO

Após Maomé, o poder da Arábia passou às mãos dos **califas**, que, como ele, tinham poder religioso, político e militar. A necessidade de conquistar terras férteis, o interesse dos grandes comerciantes e a crença no islamismo como a única possibilidade de salvação fizeram os árabes se engajar na guerra contra povos es-

trangeiros. Sob o governo dos quatro primeiros califas, o império atingiu a Síria, a Palestina, a Pérsia e o Egito. Os povos dominados não eram obrigados a se converter ao islamismo, mas sofriam certa pressão – cobrava-se um imposto especial dos infiéis, por exemplo –, de modo que a crença em Alá acabou por se tornar predominante nas áreas ocupadas.

Com a **dinastia dos Omíadas** (661-750), a expansão árabe ganhou novo impulso, avançando em direção à Índia e ao norte da África. O auge das conquistas ocorreu quando os árabes atravessaram o estreito de Gibraltar, entre a África e a Europa, e ocuparam a península Ibérica – onde permaneceriam por séculos. Seu avanço só foi barrado com a derrota na Batalha de Poitiers, em 732, vencida pelos francos.

Com os califas da **dinastia Abássida** (750-1258), o império alcançou o máximo da sua ex-



**Mesquita de Córdoba**

Herança do avanço árabe sobre a atual Espanha, no século VIII

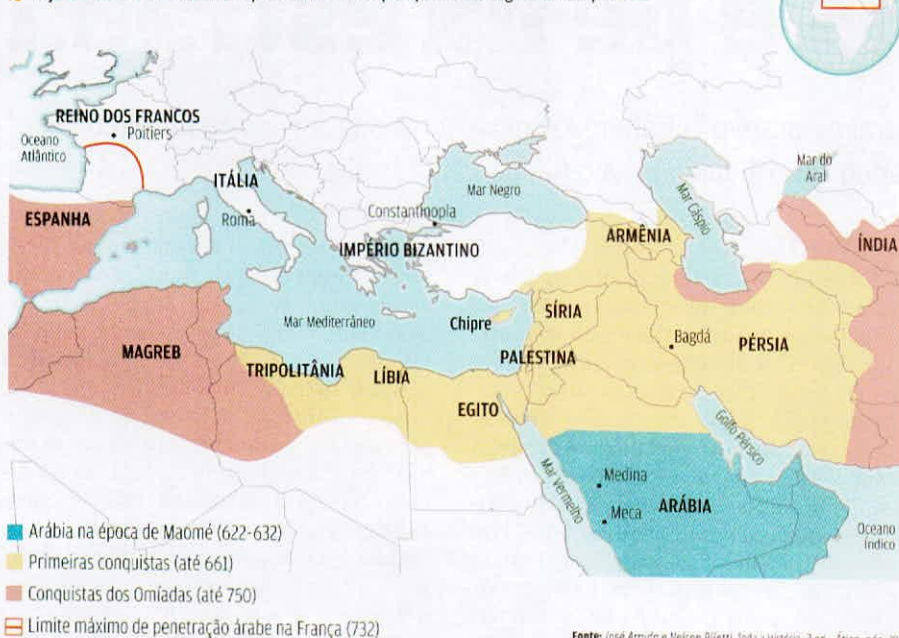
ensão, tendo Bagdá como a nova capital e centro do comércio entre o extremo Oriente e o Ocidente. No entanto, o sucesso durou pouco. No período final da dinastia, conflitos políticos e religiosos desmembraram o califado em grupos independentes.

A perda da unidade política veio acompanhada da desagregação religiosa, com o surgimento de duas seitas principais: a **xiita** e a **sunita** – que até hoje mantêm fortes divergências. A primeira só admitia como fonte de ensinamentos o *Corão* e defendia a idéia de que o poder do Estado deveria se concentrar em um único descendente direto de Maomé. Já os sunitas fundaram sua crença no *Suna* – livro com os ditos e atos de Maomé – e acreditavam na livre escolha dos governantes pelos crentes.

Com governo fraco e desmembrado, os abássidas perderam o poder de Bagdá, em 1258, para os mongóis – guerreiros nômades vindos da Ásia. A derrota final ocorreria no século XV, quando os turco-otomanos conquistaram a parte oriental do império e os espanhóis dominaram o último reduto árabe na península Ibérica, expulsando-os definitivamente da Europa.

## EXPANSÃO ISLÂMICA

Veja até onde se estendeu o Império Árabe e em que época cada região foi conquistada



Fonte: José Arruda e Nelson Piletti, *Toda a História*, 3.ª ed., Ática, pág. XII

## A HISTÓRIA HOJE

### VAI-SE O IMPÉRIO, FICA A CULTURA

Apesar de ter sido desmembrado há mais de 500 anos, o Império Árabe deixou na região por onde se estendeu marcas ainda extremamente sensíveis. Salvo algumas poucas exceções, como Irã, Israel e Turquia, as nações do Oriente Médio e do norte da África mantêm o islamismo como a religião mais popular e o árabe, sua língua oficial. Com o objetivo de reforçar esses laços, os países árabes estão reunidos desde 1945 num órgão internacional: a Liga Árabe.



## CRUZADAS E CRISE FEUDAL



**Choque de mundos** Durante as Cruzadas, os cristãos europeus empreenderam longas expedições militares contra os árabes muçulmanos, movidos por objetivos políticos, econômicos e religiosos

# Fé em Deus e pé na estrada

Veja por que milhares de europeus atravessaram o continente rumo à Terra Santa para matar e morrer em nome do Criador, e como isso acabou contribuindo para o fim da Idade Média

**A**s Cruzadas foram uma série de expedições militares comandadas pela Igreja Católica e por nobres europeus, entre o século XI e o XIII, rumo à região de Jerusalém. Formalmente, tinham um objetivo religioso: retomar a cidade – considerada sagrada pelos cristãos –, que fora dominada pelos turcos muçulmanos em 1071. Porém, suas principais motivações eram políticas e econômicas, e foi nesse último campo que as Cruzadas obtiveram maior sucesso: possibilitaram o renascimento do comércio no mar Mediterrâneo – o que contribuiria decisivamente para a crise do feudalismo na Europa.

## MOTIVOS

No século XI, a Igreja Católica passava por crises internas. Havia sofrido forte golpe em 1054, no **Cisma do Oriente**, quando o alto clero de Constantinopla rejeitou a supremacia papal de Roma, dando origem à Igreja Ortodoxa. Além disso, estava travando uma disputa de poder com o Sacro Império Romano-Germânico, conhecida como **Querela das Investiduras**, que acabaria por restringir a atuação política do papa. Para completar, as peregrinações a Jerusalém haviam sido impedidas pelos muçulmanos, e corriam boatos de que o Santo Sepulcro tinha si-

do destruído. Foi então que o papa Urbano II, em seu discurso durante o Concílio de Clermont, na França, em 1096, conclamou todos os cristãos europeus a conquistar a Terra Santa. Era a oportunidade de a Igreja reafirmar seu poder.

Para a nobreza – cuja participação seria fundamental para o sucesso da empreitada –, a idéia vinha bem a calhar. O feudalismo começava a não dar conta do aumento da produção agrícola e da população. Os senhores feudais precisavam de novas terras, e o restabelecimento do comércio com o Oriente seria uma saída para a estagnação econômica que o continente vivia.



## GUERRAS

Os fiéis atenderam ao chamado do papa. Ainda em 1096, uma multidão de mendigos e pobres sem nenhum preparo saiu caminhando em direção a Jerusalém. Muitos morreram antes do destino final e os que chegaram foram dizimados pelos turcos. A aventura, liderada pelo pregador Pedro, o Eremita, ficou conhecida como a **Cruzada dos Mendigos**.

Essa, porém, ainda não era uma cruzada oficial. A primeira foi organizada naquele mesmo ano. No total, elas seriam oito e se estenderiam até meados do século XIII. As quatro primeiras foram as mais importantes (veja no mapa abaixo).

## RENASCIMENTO COMERCIAL E URBANO

A reabertura do Mediterrâneo ao comércio, consolidada na Quarta Cruzada, começou a transformar a economia feudal. Estabeleceram-se rotas comerciais ligando

regiões produtoras – como Flandres (onde atualmente ficam Bélgica e Holanda), famosa por sua lã – e as cidades portuárias italianas que controlavam o contato com o Oriente – Veneza e Gênova. Nos cruzamentos dessas novas rotas foram organizados centros de comércio temporários. Eram as **feiras** – como a de Champanhe, na França –, que reuniam mercadores de diversas partes da Europa.

Para se protegerem de assaltos, os mercadores passaram a se estabelecer ao redor de palácios e mosteiros, formando os **burgos** (de onde vem o termo burguês). Com o tempo, esses núcleos cresceram e ergueram novas muralhas a seu redor. Constituíam-se assim as cidades. No entanto, por viverem em áreas ainda pertencentes aos feudos, os burgueses eram obrigados a pagar impostos aos senhores. A luta pela independência urbana ficou conhecida como **movimento comunal**, e a emancipação era garantida pelas cartas

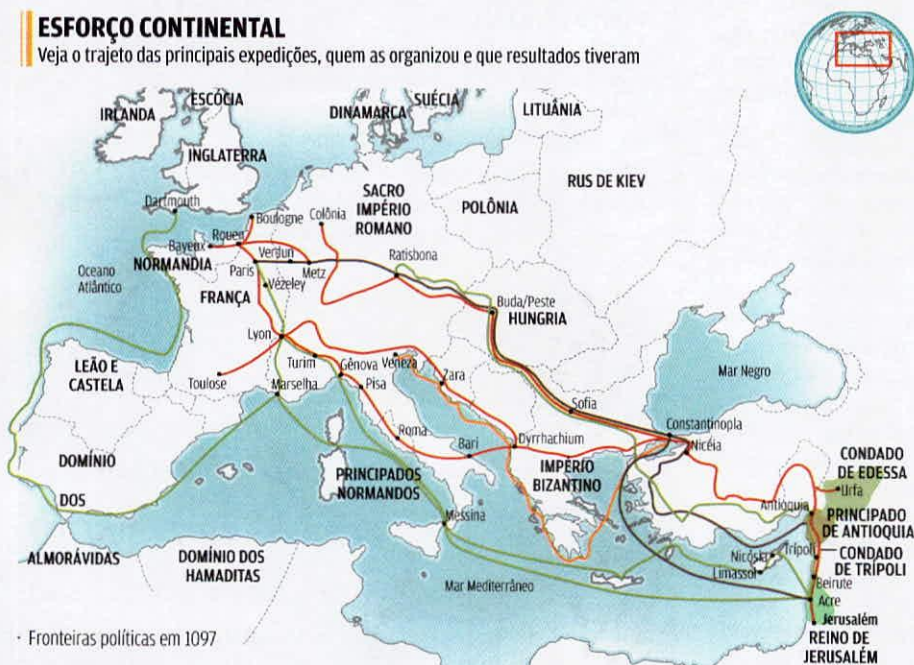
de franquia, documento que assegurava às cidades direitos como o de cobrar impostos e organizar milícia.

Livres da tutela feudal, as novas cidades se organizaram em ligas (ou hansas), para agilizar o comércio e congregar interesses. A mais importante foi a **Liga Teutônica** (ou Hanseática), que chegou a reunir mercados de mais de 80 pólos urbanos.

Dentro das cidades, os burgueses também se organizaram em corporações, para garantir o monopólio do comércio local. As mais conhecidas foram as corporações de mercadores, ou **guildas**, que limitavam o comércio estrangeiro e controlavam os preços, e as **corporações de ofício**, que agrupavam artesãos – com o objetivo de impedir a concorrência de quem produzisse o mesmo artigo. Na hierarquia das corporações de ofício, os **mestres** eram os proprietários das oficinas e donos das ferramentas. Cabia-lhes estipular salários e normas de trabalho. Abaixo deles estavam os **oficiais**, trabalhadores especializados remunerados, e, por último, os **aprendizes**, jovens sem experiência que recebiam roupas, alimento e moradia em troca de trabalho.

## ESFORÇO CONTINENTAL

Veja o trajeto das principais expedições, quem as organizou e que resultados tiveram



• Fronteiras políticas em 1097

### 1ª Cruzada (1096-1099)

Convocada pelo papa Urbano II e organizada por nobres cavaleiros, resultou na conquista da Terra Santa. Foram fundados quatro Estados cristãos no Oriente Médio: o Reino de Jerusalém, o Principado de Antioquia e os condados de Edessa e Trípoli.

### 2ª Cruzada (1147-1149)

Como os turcos já se reorganizavam para reconquistar Jerusalém, o rei da França, Luís VII, e o do Sacro Império, Conrado III, lideraram uma nova expedição. Essa, porém, fracassou. A cidade acabou voltando para o domínio muçulmano.

### 3ª Cruzada (1189-1192)

A Cruzada dos Reis contou com os três principais soberanos da época: Ricardo Coração de Leão, da Inglaterra; Felipe Augusto, da França; e Frederico I, o Barba Ruiva, do Sacro Império. Um acordo com o sultão Saladino liberou a peregrinação a Jerusalém.

### 4ª Cruzada (1202-1204)

Também é chamada de Cruzada Comercial, o que define bem seus objetivos. Financiada por Veneza, resultou num violento saque a Constantinopla, na tomada do controle do Mediterrâneo pela cidade italiana e no restabelecimento do comércio na região.

## CRISE DO FEUDALISMO

Para comprarem os produtos vendidos nas cidades e, assim, saciarem sua fome por luxo, os senhores feudais precisaram aumentar a produção. Explorado à exaustão, o solo começou a mostrar sinais de esgotamento, o que, somado a fortes chuvas do início do século XIV, diminuiu gravemente a oferta de alimentos, causando a **Grande Fome**. A situação piorou entre 1348 e 1350, com a **Peste Negra**, uma epidemia de peste bubônica que matou cerca de um terço da população europeia.

A dizimação dos camponeses causou uma crise de mão-de-obra. Em algumas regiões, os servos foram ainda mais explorados, para manter o ritmo da produção, situação conhecida como **segunda escravidão**. Em outras, passaram a exigir o recebimento de salários e diminuição nos impostos. As tensões sociais levaram a uma série de **revoltas camponesas** em várias partes do continente. Na França, elas ficaram conhecidas como **jacqueries**.

A crise do feudalismo fez com que os senhores feudais fossem lentamente perdendo o poder político. Ao mesmo tempo, fortaleciam-se a burguesia e o poder real. Essa transição só se conclui a partir da Idade Moderna, com a formação das monarquias nacionais e o nascimento do capitalismo. ||



## GUERRA DOS CEM ANOS

# A mais longa das batalhas

Num conflito que atravessou gerações, Inglaterra e França travaram a última grande guerra feudal, cujo desdobramento impulsionaria o nacionalismo moderno e o fortalecimento do poder real, sobretudo em solo francês

**A** Guerra dos Cem Anos foi um dos maiores conflitos da Idade Média, entre duas das principais potências europeias: França e Inglaterra. Apesar do nome, durou mais de um século – segundo a definição dos historiadores, tudo começou em 1337, para terminar só em 1453. Além disso, não foi um confronto ininterrupto, mas uma série de disputas que incluíram várias batalhas.

Para entender a origem de tanta briga é preciso recuar no tempo. Em 1066, um duque da Normandia (território francês) chamado Guilherme conquistara a Inglaterra, tornando-se seu rei. Tanto Guilherme quanto seus sucessores eram, ao mesmo tempo, donos do trono inglês e também súditos do rei da França, já que tinham herdado terras naquele país. Séculos depois isso criaria muita encrenca.

Em 1328, o rei francês Carlos IV morreu sem deixar um herdeiro. O então rei da Inglaterra, Eduardo III, considerou-se um pretendente legítimo ao trono vago, pois, além de súdito, era sobrinho de Carlos IV. O problema era que outros nobres franceses reivindicavam o mesmo trono e uma assembleia acabou escolhendo um conde chamado Felipe – que ganhou o título de Felipe VI. A relação de desconfiança entre os monarcas dos dois reinos e a disputa entre eles por territórios franceses – Eduardo III tinha herdado direitos sobre algumas regiões – resultou na guerra.

A princípio, a balança pesou a favor dos ingleses. É que, embora tivesse uma população quase quatro vezes maior que a da Inglaterra e também fosse mais rica, a França não se encontrava tão unida e organizada enquanto nação. A Inglaterra, por sua vez, possuía uma monarquia mais forte e se deu melhor no início da guerra. Não houve uma grande expansão, mas, ao final da primeira fase do conflito, em 1360, tratados asseguraram aos ingleses a total soberania sobre as terras que possuíam na França.

Nas décadas seguintes, conflitos internos levaram os dois países a se concentrarem mais nos problemas domésticos e a guerra entrou numa fase de paz não-declarada, rompida de quando em quando. Por volta de 1420, um novo rei inglês, Henrique V, decidiu aproveitar uma crise entre o monarca francês e alguns nobres para reivindicar novamente o trono da França, dando início a mais um período turbulento. Essa fase final do conflito, porém, foi favorável aos franceses. Comandados por um novo rei, Carlos VII, e com exércitos mais organizados, eles expulsaram os ingleses de várias regiões, como a Normandia. A famosa batalha na cidade francesa de Castillon, em 1453, é hoje considerada pelos historiadores o fim da longa guerra, embora nenhum acordo tenha sido assinado e eventuais conflitos tenham continuado a ocorrer.

Independentemente do resultado, o fato é que a Guerra dos Cem Anos representou um grande marco ao impulsionar o nacionalismo e a ideia de Estado e fortalecer o poder real na Europa, sobretudo na França (veja mais na pág. 53).

## PONTO ESTRATÉGICO

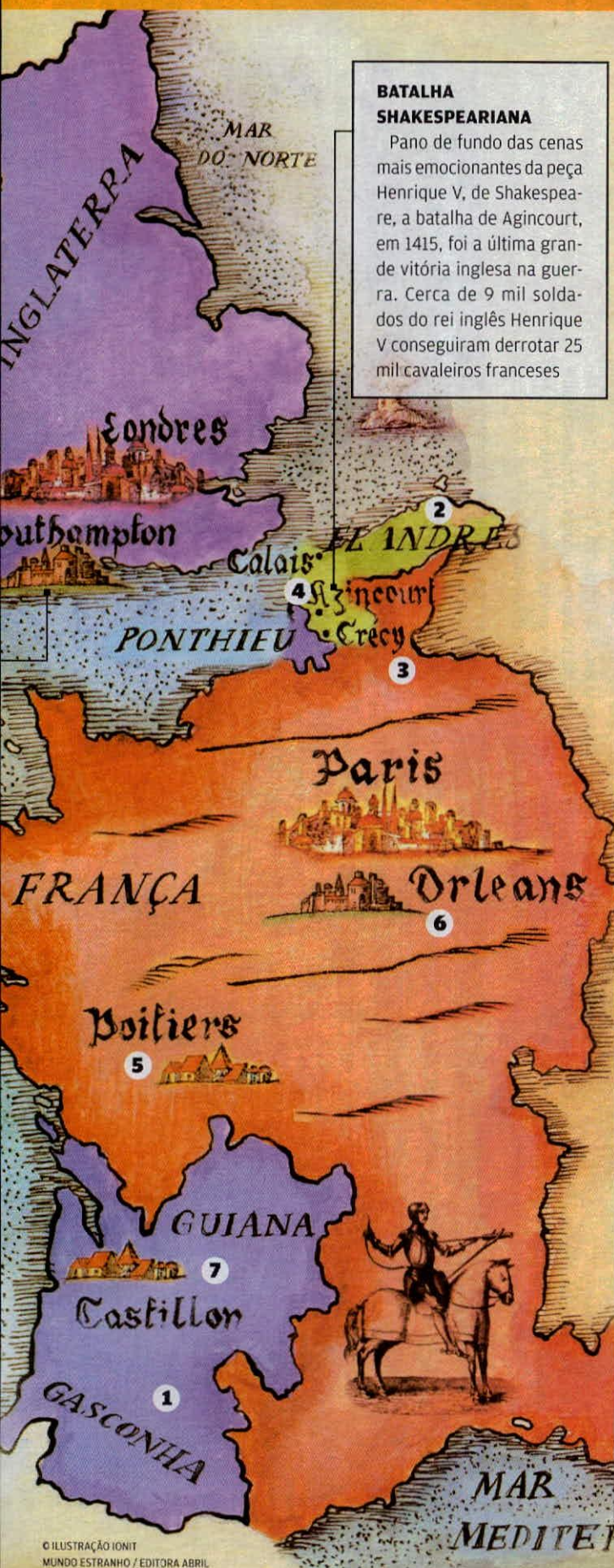
Apesar de a guerra ser travada em território francês, havia cidades estratégicas também na Inglaterra. Os navios que faziam a ligação entre a ilha e o continente partiam de Southampton, um dos principais portos ingleses na Idade Média.

OCEANO ATLÂNTICO

## ARMA PODEROSA

A besta, arma medieval para lançar setas, foi um dos destaques do arsenal militar usado na guerra. Sob certas condições, o arco se mostrou superior, disparando mais flechas por minuto, com maior alcance e precisão. Mas a besta possuía suas vantagens: exigia menor esforço, era mais fácil de transportar e de ser disparada por um homem a cavalo





#### BATALHA SHAKESPEARIANA

Pano de fundo das cenas mais emocionantes da peça Henrique V, de Shakespeare, a batalha de Agincourt, em 1415, foi a última grande vitória inglesa na guerra. Cerca de 9 mil soldados do rei inglês Henrique V conseguiram derrotar 25 mil cavaleiros franceses



#### MOMENTOS DECISIVOS

##### OS GRANDES CERCOS E BATALHAS SE DERAM NA FRANÇA

**1** No início do século XIV, o rei da Inglaterra, Eduardo III, controlava os ducados da Gasconha e da Guiana e o condado de Ponthieu, territórios que herdou dentro das atuais fronteiras da França. Mas, em 1337, o rei francês Felipe VI ordenou o confisco das duas primeiras regiões - foi o estopim da guerra

**2** Outra causa importante do início do conflito foi a disputa pela região de Flandres, que enriquecera com a produção de tecidos, importando lã da Inglaterra. Apesar de estar economicamente vinculada aos ingleses, Flandres era um domínio francês. Quando começaram as hostilidades na Gasconha, o rei inglês desembarcou um exército em Flandres

**3** A primeira grande batalha foi travada na cidade de Crécy em 1346 e acabou vencida pelos ingleses. Nela morreram o irmão do rei Felipe VI e cerca de 1 500 soldados franceses

**4** Nas guerras medievais, grandes batalhas só aconteciam de vez em quando. Eram mais comuns os cercos a cidades e fortificações. A cidade portuária de Calais enfrentou um dos primeiros grandes cercos da guerra e resistiu por quase um ano diante dos ingleses, até a população se render em 1347, abalada pela fome

**5** Em 1356, numa batalha em Poitiers, os ingleses tiveram outra importante vitória. Caçados por um exército comandado pelo próprio rei francês João II (sucessor de Felipe VI), eles se protegeram numa área pantanosa. Ao atacar, os cavaleiros franceses atolaram e foram dizimados por arqueiros. O rei João II foi feito prisioneiro e só libertado após aceitar tratados que garantiam à Inglaterra o controle de territórios na França

**6** A virada na guerra viria após o cerco a Orleans, que durou sete meses, entre 1428 e 1429. Os franceses, encurralados, já estavam prontos para se render quando Joana D'Arc, camponesa transformada em grande guerreira, convenceu o rei francês a mandar tropas para a região. Os ingleses não resistiram e abandonaram o cerco. O episódio serviu para colocar na história o nome de Joana D'Arc e unir ainda mais os franceses

**7** Em julho de 1453, tropas inglesas tentaram atacar uma fortificação francesa perto de Castillon. Elas foram derrotadas ao serem recebidas pela recém-introduzida artilharia de campanha - canhões que podiam ser transportados. Embates continuaram ocorrendo, mas essa batalha é considerada o marco histórico que encerrou a Guerra dos Cem Anos



# Impérios do Novo Mundo

Saiba quem foram os incas, os maias e os astecas, os três povos mais importantes da América antes da chegada de Colombo

**O**s incas, os maias e os astecas foram civilizações que dominaram boa parte das Américas antes da chegada dos europeus ao continente, no século XVI. A civilização maia foi a primeira a se consolidar como um império, atingindo o auge no final do século IX – época em que o território maia se estendia do sul do México à Guatemala. Arqueólogos especulam que guerras ou o esgotamento das terras cultiváveis levou a civilização a um rápido declínio a partir do ano 900. No início do século XVI, quando os espanhóis desbravaram a América, os maias encontrados eram simples agricultores que apenas praticavam rituais religiosos de seus ancestrais.

Já os astecas estavam no auge nesse período. A civilização deles surgiu mais ao norte do México. Enquanto seus “vizinhos” maias entravam em decadência, os astecas começaram a crescer por vol-

ta do século XII. Formando alianças com estados vizinhos, montaram um grande império que ainda estava se expandindo quando ocorreu o contato com os espanhóis, em 1519. Em apenas dois anos os invasores do Velho Mundo dominaram o mais importante centro asteca: Tenochtitlán, a atual Cidade do México. Era outro império pré-colombiano que chegava ao fim.

Na América do Sul, os incas viveriam uma história semelhante. Até o século XIV, eram só mais uma tribo indígena espalhada pela cordilheira dos Andes. Mas a partir do século XV se expandiram, atacando vilas vizinhas. Quando os espanhóis chegaram, os incas já dominavam uma grande área do norte do Equador à região central do Chile. Epidemias e lutas pela sucessão imperial deixaram a civilização enfraquecida para enfrentar os conquistadores europeus. Resultado: assim como fizeram com os astecas, os espanhóis derrotaram rapidamente o império inca. Levou só três anos, de 1532 a 1535.



NO AUGE  
DA EXPANSÃO

Incas (século 16) ●  
Maias (século 9) ○  
Astecas (século 16) ○

## PODERIO INDÍGENA VEJA AS SEMELHANÇAS E AS DIFERENÇAS ENTRE OS TRÊS POVOS QUE DOMINARAM O CONTINENTE AMERICANO

### INCAS

A língua era o quéchua, falado por todo o território em vários dialetos. Outros povos conquistados pelos incas podiam manter seu idioma original, desde que falassem o quéchua como língua principal. Hoje, quase a metade da população do Peru ainda usa o idioma

Não desenvolveram a escrita. Mas criaram um complexo sistema para números na forma de nós distribuídos numa corda. Apenas pessoas treinadas entendiam essa contagem, cujo significado não foi totalmente decifrado até hoje

### MAIAS

Não havia um único idioma principal. Os atuais descendentes de maias, por exemplo, podem ser divididos em seis grupos principais, que falam dialetos às vezes muito semelhantes, mas em outros casos com grandes variações

As paredes de templos e palácios são cobertas de inscrições em hieróglifos. Os textos, em boa parte já decifrados, registravam sobretudo as histórias das dinastias maias, suas guerras e o sacrifício de inimigos para agradar aos deuses

### ASTECAS

Falavam o nahuatl, que faz parte de um grande grupo de idiomas indígenas – incluindo o de tribos do Velho Oeste americano. Os astecas podiam ser chamados de Mexica, algo como “lago da Lua” – nome mítico de um lago da região

Usavam sinais conhecidos como pictógrafos ou pictogramas, com figuras de homens, serpentes e outros seres da natureza, formando uma espécie de escrita. Alguns dos pictógrafos representavam idéias; outros, sons de sílabas

IDIOMA

ESCRITA



## POPULAÇÃO



Foi o maior dos três impérios em número de súditos: 12 milhões de pessoas. As conquistas territoriais pela cordilheira dos Andes e ao longo da costa do Pacífico começaram no início do século XV. Cem anos depois, a população sob domínio inca atingiria seu auge



Os números da época da conquista espanhola não são confiáveis. Mas, apesar de a civilização ter sido quase dizimada, ainda hoje existem cerca de 4 milhões de descendentes dos maias na América Central - o que dá uma ideia da grandiosidade da sua população



Em 1519, a população estimada do império asteca era de 5 a 6 milhões de pessoas, espalhadas por centenas de pequenos estados/cidades. A expansão dos astecas se deu do norte para o sul da América Central, conquistando outras civilizações, como os toltecas

## CIDADES



Na época da chegada dos espanhóis, em 1532, calcula-se que Cuzco, a capital do império, tinha cerca de 40 mil habitantes. Outra cidade inca bastante famosa, Machu Picchu, era bem menor, abrigando em torno de mil pessoas



As cidades maias - algumas com até 50 mil habitantes - eram muitas vezes independentes, mas podiam liderar federações que abrangiam grandes territórios. Palácios e templos eram de pedra, enquanto a população comum vivia em cabanas de madeira

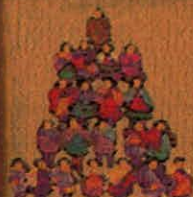


Em seu auge, Tenochtitlán (hoje a Cidade do México) tinha mais de 140 mil habitantes. Ela foi a maior cidade das antigas civilizações da América. Os templos eram de pedra e alinhados aos astros. Já o povo morava em cabanas feitas de madeira com lama seca

## SOCIEDADE



Era uma civilização muito estratificada, sendo quase impossível mudar de classe social. O poder supremo pertencia ao imperador, que era auxiliado por uma aristocracia hereditária. Esta exercia a autoridade com rigor e medidas muitas vezes sangrentas



Até meados do século XX, arqueólogos achavam que a sociedade maia tinha no topo uma classe de pacíficos sacerdotes observadores de estrelas, mantidos por camponeses devotos. Hoje já se sabe que essa sociedade era agitada com frequência por guerras entre cidades



O poder pertencia ao setor militar da sociedade. Sacerdotes e burocratas administravam o império, enquanto as classes mais baixas eram formadas por servos, serviçais e escravos. Demonstrar bravura nas guerras era a principal forma de ascensão social na cultura asteca

## PODERIO MILITAR



Seus exércitos, de camponeses recrutados para campanhas militares, eram muito numerosos. Tinha como armas principais lanças de madeira com várias pontas de pedra e atiradeiras (feitas com lâ de lhama) para arremessar pedras



Sua força militar residia no tamanho dos exércitos que podiam ser recrutados. Os armamentos, porém, eram mais limitados: arcos e flechas de concepção primitiva, lanças e escudos de madeira e até mesmo pedras que podiam ser atiradas com as mãos



Camponeses podiam ser convocados a qualquer momento para integrar os exércitos astecas, que preferiam ferir a matar seus inimigos - obtendo, assim, prisioneiros para usar em sacrifícios. Lanças, porretes e escudos redondos de madeira eram as principais armas

## CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Possuíam conhecimentos astronômicos avançados e eram capazes de aplicar conceitos de matemática e geometria nas suas construções. Apesar disso, a tecnologia de construção dos incas era relativamente simples, fazendo uso em especial de artefatos de pedra



Faziam avançados cálculos matemáticos e observações astronômicas. Tinha um calendário de 260 dias (determinado por complexos movimentos de astros) e já entendiam o conceito do número zero - que só posteriormente seria bem compreendido pelos europeus

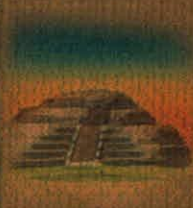


Tinha um calendário com cálculo preciso do ano solar (com 365 dias) e usavam um diferente sistema de contagem tendo como base o número 20. Médicos astecas podiam consolidar ossos quebrados e fazer obturações em dentes

## GRANDES REALIZAÇÕES



Construíram um incrível complexo de estradas ligando todo o império. O sistema tinha duas vias principais no sentido norte-sul: uma, com cerca de 3 600 km, corria ao longo da costa do Pacífico e a outra, com quase a mesma extensão, seguia pelos Andes

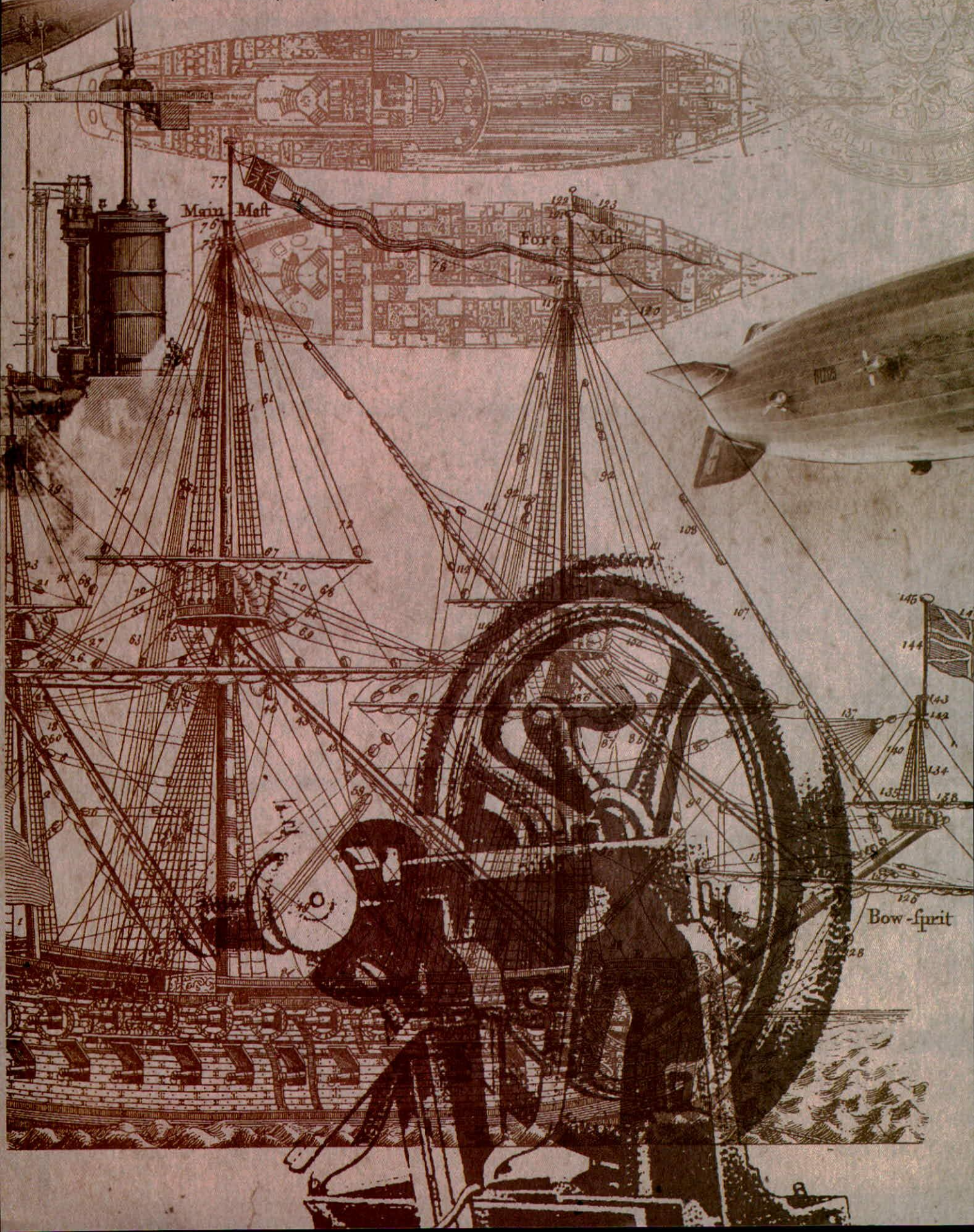


Criaram obras arquitetônicas tão grandiosas quanto egípcios, gregos e romanos. A cidade de Teotihuacán, por exemplo, tinha um complexo monumental de 600 pirâmides. Em Tikal, havia um templo com 70 metros de altura, o maior edifício erguido na América antiga



Desenvolveram um planejamento urbano impecável. Suas obras públicas incluíam quilômetros de estradas e aquedutos. A capital Tenochtitlán foi erguida em área pantanosa, cuidadosamente drenada e aterrada para comportar cerca de 100 pirâmides e torres









# Idade Moderna

**A** Idade Moderna começou com a queda do Império Romano do Oriente, em 1453, quando Constantinopla foi tomada pelos turco-otomanos, e acabou em 1789, com a Revolução Francesa. De modo geral, o período pode ser entendido como uma etapa de **transição entre o feudalismo e o capitalismo**. Nesses séculos, a Europa viu a economia auto-suficiente e agrária da era medieval ser substituída pelo comércio internacional e pela produção fabril, que marcariam a Idade Contemporânea.

O **Renascimento** – que pôs a razão e o ser humano no centro das atenções – e a **Reforma Protestante** – que diminuiu o poderio da Igreja Católica – também ajudaram a varrer as estruturas medievais. Consolidou-se ainda uma grande modificação política: a formação dos **Estados nacionais** e a instalação de **governos absolutistas**, com todo o poder nas mãos do rei.

Em busca de riquezas, essas monarquias empreenderam a **expansão marítimo-comercial**. Descobriram terras e exploraram-nas, fazendo da Europa o centro de uma rede de comércio que interligava quase todo o mundo. Logo, porém, a classe burguesa percebeu que não bastava acumular riquezas, era preciso produzi-las, num processo que levou à **Revolução Industrial**, quando surgiram as fábricas.

A Idade Moderna termina com demonstrações de força da burguesia. As **revoluções inglesas do século XVII** puseram fim ao absolutismo no país. No século XVIII, durante o **Iluminismo**, a burguesia dedicou-se à disseminação de valores culturais, políticos e econômicos alinhados às suas pretensões hegemônicas. O ápice desse movimento se deu com a Revolução Francesa, que consolidaria o estado burguês, marcando o início da Idade Contemporânea.



## LINHA DO TEMPO

## IDADE MODERNA

**V** veja quais são e quando ocorreram os episódios mais importantes da Idade Moderna. Nas páginas indicadas, você encontra tudo sobre os assuntos que aparecem com mais frequência no vestibular.

1469

O casamento de Fernando de Aragão e Isabel de Castela impulsiona a união dos dois reinos ibéricos, o que marca a formação da **monarquia nacional espanhola**.

1517

Indignado com a venda de indulgências, o monge alemão Martinho Lutero principia a **Reforma Protestante**. Pág. 50

1532

Os conquistadores espanhóis Francisco Pizarro e Diego de Almagro dão início à destruição do Império Inca, no Peru, um dos marcos da **Colonização da América**. Pág. 56

1547

Adotando o título de czar, inspirado no César latino, Ivan IV, o Terrível, funda o **Império Russo**. Mas somente em 1613, durante a dinastia Romanov, o Estado russo é unificado. Pedro I, o Grande (1672-1725), cria o Santo Sínodo, que coloca a Igreja sob o controle do czar. O dirigente também une a aristocracia ao governo absolutista, garantindo ao regime uma estabilidade que duraria até 1917, quando a monarquia seria derrubada pela Revolução Russa.

1556

Akbar, neto de Babur - descendente de mongóis e turcos que invadira a Índia décadas antes -, consolida o **Império Mogul**, que rege mais da metade da Índia por quase dois séculos. Em 1632, no governo de Shah Jahan, é iniciada a construção do famoso **Taj Mahal**, um mausoléu para uma das esposas do rei.



[4]

## IDADE MODERNA

1485

Após três décadas de batalhas, termina a Guerra das Duas Rosas, na Inglaterra. A nobreza sai dizimada do conflito, o que permite a instalação no país, pelo rei Henrique VII, do absolutismo, sistema político do **Antigo Regime**. Pág. 52



[1]

1498

**Vasco da Gama** é o primeiro europeu a chegar à Índia pelo mar.

1492

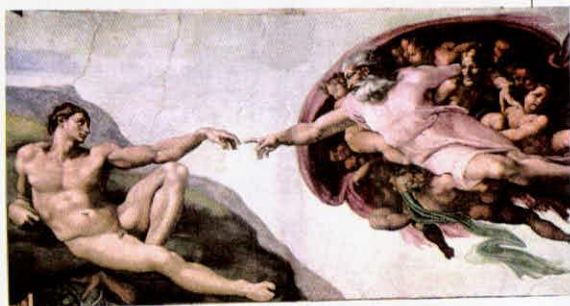
Em 12 de outubro, Cristóvão Colombo aporta nas atuais Bahamas. O descobrimento da América é um dos maiores feitos da **Expansão marítimo-comercial europeia**. Pág. 54

1500

Pedro Álvares Cabral e sua esquadra atingem o litoral da Bahia em 22 de abril. É o **descobrimento do Brasil**.

1508

Michelangelo começa a pintar o teto da Capela Sistina, no Vaticano. O conjunto de afrescos do gênio italiano é uma das obras mais famosas do Renascimento. Pág. 48



[2]



[3]

1534

Como parte da reação católica à Reforma, o religioso espanhol Ignácio de Loyola funda a **Companhia de Jesus** (ordem dos jesuítas) com a missão de ser uma instituição de ação política e ideológica da Igreja Católica.

1542

A **Inquisição**, que se tornara menos ativa no fim da Idade Média, é restabelecida como órgão oficial da Igreja, dirigida de Roma pelo Santo Ofício. O tribunal **detém** com violência o avanço protestante em Portugal, na Espanha e na Itália. Pág. 35

1618

Tem início o primeiro conflito europeu a adquirir proporções continentais, a **Guerra dos Trinta Anos**. Ela começa no Sacro Império Romano-Germânico, na região da Boêmia (atual República Tcheca), em razão de confrontos entre a dinastia católica dos Habsburgo e príncipes protestantes. Os Habsburgo fortalecem-se durante o embate interno sob o governo de Ferdinando II, o que preocupa a França, a Dinamarca e a Suécia, que entram na guerra. Os espanhóis aliam-se aos austríacos, mas sem sucesso. O Sacro Império é arrasado e os Habsburgo são forçados a pedir a paz, assinada no acordo de Westfália, de 1648.



[5]

1572

Em 24 de agosto, a rainha católica da França, Catarina de Médici, ordena o assassinato de mais de 3 mil protestantes em Paris, episódio conhecido como **Noite de São Bartolomeu**. Pág. 53





[6]

**1632**

O holandês Rembrandt van Rijn pinta uma de suas telas mais famosas, *A Lição de Anatomia do Dr. Tulp*. O pintor é um dos expoentes do **barroco**, movimento artístico predominante na Europa entre os séculos XVII e XVIII, caracterizado pelo uso do contraste e pela tentativa de conciliar razão e fé. Na música, destaca-se o alemão Johann Sebastian Bach.

**1694**

No Brasil, o **Quilombo dos Palmares**, reduto de escravos fugidos, é destruído por tropas enviadas pelas autoridades coloniais. Pág. 107



[10]

**1776**

É declarada a **independência dos Estados Unidos**. Pág. 63

**1754**

No Brasil, quatro anos após o Tratado de Madri estabelecer o domínio português sobre o então território espanhol dos Sete Povos das Missões, no atual Rio Grande do Sul, os guaranis que viviam na região reagem na **Guerra Guaranítica**. São atacados por castelhanos e luso-brasileiros e dominados em 1756.

**1630**

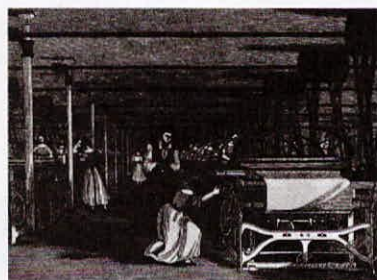
Tem início a mais duradoura **invasão estrangeira** no Brasil colonial, com a instalação dos holandeses em Pernambuco. A ocupação chega ao auge entre 1637 e 1644, durante o governo de Maurício de Nassau, marcado pela prosperidade econômica e cultural. Os holandeses permanecem no Nordeste brasileiro até 1654, quando são expulsos com a Insurreição Pernambucana.

**1687**

Isaac Newton publica *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*, um marco na história da ciência, em que divulga sua teoria gravitacional. O físico inglês é um dos principais impulsionadores do **Iluminismo**, movimento que predomina no século seguinte. Pág. 61



[7]



[9]

**1765**

O inventor escocês James Watt aperfeiçoa o motor a vapor – a primeira forma regular e estável de obtenção de energia descoberta pelo homem. O invento possibilita a **Revolução Industrial**. Pág. 59

**1640**

Estoura a Revolução Puritana, que, com a Revolução Gloriosa, de 1688, constitui as **Revoluções Inglesas do Século XVII**. Pág. 58

**1756**

Inglaterra e França enfrentam-se na **Guerra dos Sete Anos**, que vai até 1763. A origem do conflito está na rivalidade econômica e colonial entre as potências. Colonos britânicos ocupam os estados franceses da Terranova e da Nova Escócia, no norte da América. Em reação, tropas da França aliam-se a tribos indígenas e atacam as Treze Colônias. Essas se vêem obrigadas a unir-se à Coroa britânica, deixando de lado os atritos comerciais com a metrópole. A Inglaterra é a vencedora do embate, chamado pelos norte-americanos de "a guerra contra os franceses e os índios". Os ingleses consolidam seu domínio em grande parte do império colonial francês a oeste das Treze Colônias. A França perde o Canadá.



[8]



## RENASCIMENTO



**O florescer da arte** A tela *Primavera*, de Sandro Botticelli, é um dos marcos do movimento renascentista, que transformou radicalmente o pensamento e a criação artística ocidentais

# Explosão cultural

Muitas das mais famosas obras de arte da história foram produzidas na Itália, entre 1300 e 1600. Saiba por que e confira como essas criações nos ajudam a entender o espírito da época

O Renascimento foi o movimento intelectual e artístico que ocorreu entre o século XIV e o XVI na Europa. Representou a nova visão de mundo da sociedade que se formava após o surto de desenvolvimento comercial e urbano iniciado no fim da Idade Média. Se na estática estrutura social dos feudos valia a força da coletividade e uma conformada submissão aos desígnios de Deus, no ambiente dinâmico das cidades modernas valorizavam-se o indivíduo e seu imenso potencial de auto-aperfeiçoamento e criação.

### CARACTERÍSTICAS

O elemento central do Renascimento foi o **humanismo**, corrente filosófica que se base-

ava no antropocentrismo, ou seja, considerava o ser humano o centro das questões. Para os humanistas, o homem é dotado de uma capacidade quase divina de criar e, ao exercê-la, aproxima-se de Deus. Ao rejeitarem ferozmente os ideais medievais – segundo os quais Deus era o centro de tudo e a fé se sobrepujava à razão – e ao se inspirarem em pensadores da Antiguidade Clássica, os humanistas julgavam estar promovendo um renascimento da cultura – daí o nome pelo qual batizaram o período em que viveram.

Outras características fundamentais do Renascimento foram o **naturalismo**, a busca por uma representação da natureza fiel à realidade; o **racionalismo**, valorização da razão; e o **hedonismo**, que defende o prazer individual como único bem possível.

### NA ITÁLIA

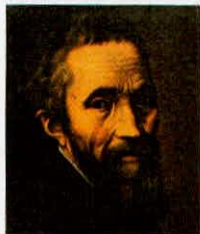
Intrinsecamente ligado ao desenvolvimento comercial e urbano, o Renascimento surgiu e atingiu o ápice na região da Europa onde essas transformações ocorreram antes e de maneira mais intensa: as cidades italianas. Foi lá que apareceram os primeiros burgueses endinheirados dispostos a patrocinar artistas e cientistas: os **mecenas** – como os Médici, de Florença. De fato, o Renascimento foi um movimento essencialmente elitista, pois só existia para a alta burguesia e a nobreza.

A Renascença italiana costuma ser dividida em três fases: o Trecento (século XIV), o Quattrocento (século XV) e o Cinquecento (século XVI).



## CRIADORES E CRIATURAS

Saiba mais sobre alguns dos maiores artistas italianos do Renascimento e entenda como suas obras expressam os valores do movimento



### Michelangelo Buonarroti (1475-1564)

Projetou a cúpula da Basílica de São Pedro e decorou a Capela Sistina (ambas no Vaticano) com algumas das mais conhecidas pinturas renascentistas, como *A Criação de Adão*. Mas foi na escultura que Michelangelo atingiu o auge. *Davi* (veja ao lado), uma de suas principais criações, diz muito sobre o que foi o Renascimento: além de exibir contornos precisos, a imponente escultura de 5 metros exprime a força e a confiança do ser humano.



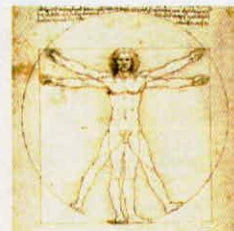
### Sandro Botticelli (1445-1510)

Assim como Michelangelo, Botticelli foi um dos artistas financiados pelos Médici e também participou da decoração da Capela Sistina. Parte de uma série de criações que representavam mitos greco-romanos, *Nascimento de Vênus* (veja na pág. ao lado) é uma de suas telas mais famosas. Representa um rompimento com a tradição medieval, pois, em vez de retratar personagens estáticos, enfatiza a liberdade de movimentos do corpo, em perfeita sintonia com o dinamismo renascentista.



### Leonardo da Vinci (1452-1519)

Pintor, arquiteto, botânico, cartógrafo, engenheiro, escultor, físico, geólogo, químico e inventor, entre outras ocupações, Da Vinci era o típico humanista, adquirindo e produzindo conhecimento em diversas áreas. Junto à famosa *Mona Lisa*, o *Homem Vitruviano* (veja ao lado), uma de suas mais conhecidas obras, é um belo exemplar do espírito do Renascimento: trata-se de um estudo anatômico que busca representar com perfeição matemática a beleza e a simetria do corpo humano.



**Galileu** Ícone da revolução científica da Renascença

**TRECENTO** – Foi o período em que se começou a romper com os modelos artísticos da Idade Média. Na pintura, destacou-se Giotto di Bondoni, que representava imagens sacras já com forte traço naturalista. Na

literatura, os maiores nomes foram Dante Alighieri (*Divina Comédia*), Francesco Petrarca (*De Africa*) e Giovanni Boccaccio (*Decameron*). Os três usavam, em vez do latim, identificado com a cultura eclesiástica medieval, o toscano, dialeto que originou o atual italiano.

**QUATTROCENTO** – Caracterizou-se por intensa produção artística e extrema evolução intelectual. Foi quando, graças ao financiamento dos mecenas, os artistas começaram a deixar de ser encarados como simples artesãos para se tornar profissionais independentes. Destacaram-se Leonardo da Vinci e Sandro Botticelli (veja o box acima).

**CINQUECENTO** – No século XVI, Roma substituiu Florença como principal centro de arte na Itália, e a Igreja Católica tornou-se o grande mecenas do período. Rafael San-

zio e Michelangelo (veja o box acima), dois dos maiores artistas plásticos do Cinquecento, produziram importantes obras para a Sé. Na literatura, sistematizou-se o uso da língua italiana com autores como Ariosto, Torquato Tasso e Maquiavel. Esse último, o mais importante pensador político do período, é o autor de *O Príncipe*, ensaio sobre a arte de bem governar, que defende a falta de escrúpulos, o uso da força e a diminuição da atuação política da Igreja.

Foi também no século XVI que viveram os grandes cientistas do Renascimento: o polonês Nicolau Copérnico, o alemão Johannes Kepler e os italianos Giordano Bruno e Galileu Galilei, todos astrônomos defensores da revolucionária teoria heliocêntrica, que rompeu com supostas verdades da Igreja ao afirmar que o Sol, e não a Terra, seria o centro do universo. Esses pensadores foram os primeiros a utilizar o método científico – série rigorosa de testes que pretende garantir a veracidade das teorias.

### DIFUSÃO

Seguindo pelas rotas comerciais, o Renascimento chegou a várias outras partes da Europa. Os Países Baixos destacaram-se na pintura, com Brueghel e os irmãos Hubert

e Jan van Eyck, e na filosofia, com o humanista Erasmo de Roterdã. Na Inglaterra surgiu outro expoente do humanismo, Thomas Morus (*Utopia*), e um dos maiores dramaturgos de todos os tempos, William Shakespeare (*Hamlet*, *Macbeth*, *Romeu e Julieta*). Dentre os franceses, os mais notáveis foram os escritores Rabelais (*Gargantua e Pantagruel*) e Montaigne (*Ensaaios*). A península Ibérica não incorporou completamente os valores renascentistas, mas também produziu célebres escritores no período, como o português Luís de Camões (*Os Lusíadas*) e o espanhol Miguel de Cervantes (*Dom Quixote de la Mancha*). ||

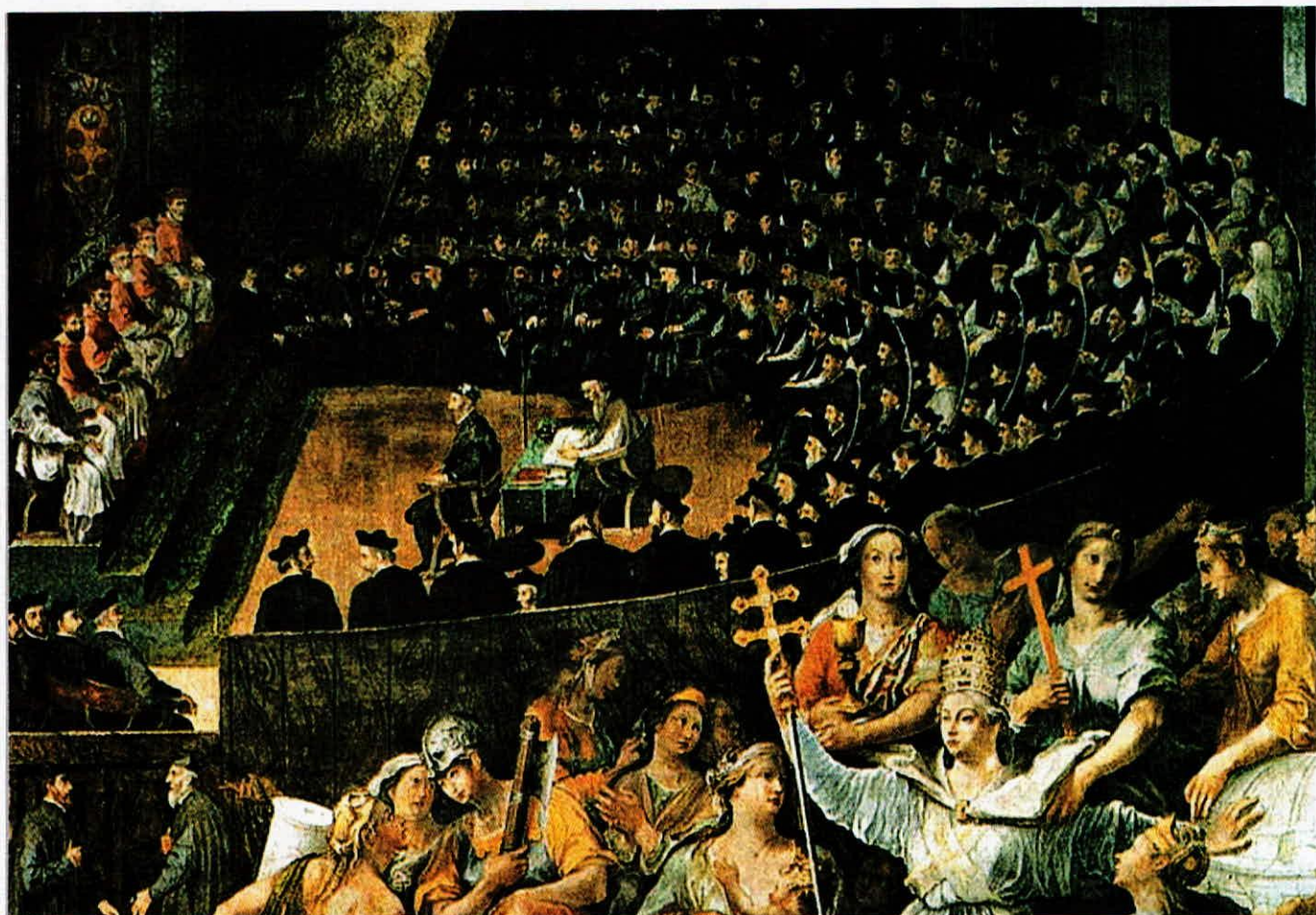
## HISTÓRIA MALUCA

### SEM SACO PARA TRABALHAR

Os castrati – meninos que tinham os testículos extraídos para preservar a voz aguda – eram comuns nos teatros europeus no século 16. Contudo, trezentos anos de tradição inflacionaram o mercado e, em Milão, em 1858, cerca de 2 mil castrati estavam sem emprego, e muitos viraram marginais. Mas devia ser difícil não rir ao ouvir uma vizinha ameaçar: “Isso é um assalto!”



## REFORMA PROTESTANTE



Contra-ataque Religiosos reunidos no Concílio de Trento, reação da Igreja Católica à Reforma Protestante, movimento que transformou para sempre a doutrina cristã

# Novos tempos, novas crenças

No início da Idade Moderna, a Europa passava por grandes mudanças políticas e econômicas. Alguns religiosos viram que também era a hora de revolucionar a fé

**E**m meados do século XVI, desencadeou-se na Europa um movimento de caráter religioso, político e econômico que contestava a estrutura e os dogmas da Igreja Católica: a Reforma Protestante. Ocorrida paralelamente ao Renascimento e à formação das monarquias nacionais europeias, ela expressou a necessidade de adequação da religião às transformações decorrentes do desenvolvimento do capitalismo.

## ANTECEDENTES

No fim da Idade Média, a Europa convivía com um constante medo dos castigos reservados aos pecadores no inferno. Quem estimulava essa tensão era a própria Igreja, que enriquecia com a venda de **indulgências** (perdão dos pecados). A prática financiava o luxo do alto clero, mas causava descontentamentos dentro da instituição.

A incipiente burguesia também estava insatisfeita. Ao proibir a usura – empréstimo de dinheiro a juros – e o lucro em geral, a doutrina católica freava o desenvolvimento das atividades bancárias e comerciais, prejudicando a alma do negócio burguês.

Ao mesmo tempo, formavam-se as monarquias nacionais. Com o estabelecimento de fronteiras, a Igreja, grande proprietária de terras, passou a ser considerada potência estrangeira, o que estimulou conflitos entre reis e o papa.

Nesse contexto, começaram a surgir importantes críticos da Igreja Católica. Destacaram-se John Wycliffe, no século XIV, na Inglaterra, e Jan Huss, no século XV, na Boêmia – região do Sacro Império Romano-Germânico. Eles condenavam a venda de indulgências, a opulência do clero e defendiam o confisco dos bens da Igreja. Os dois foram precursores de um movimento revolucionário que começaria, de fato, no século XVI.



## A REFORMA DE LUTERO

Em 1517, indignado com a venda de indulgências, o monge alemão Martinho Lutero afixou na porta da igreja em que pregava 95 teses, nas quais condenava várias práticas da Igreja. Após negar as exigências de retribuição do papa, Lutero foi excomungado, tendo queimado publicamente a bula – documento papal que o condenou.

Exilado na Saxônia, o monge desenvolveu sua nova doutrina, que tinha como base os princípios de predestinação, de Santo Agostinho, e de livre arbítrio, de Santo Tomás de Aquino. Segundo Lutero, a única saída para a salvação é a fé, não havendo necessidade de intermediários entre o homem e Deus – papel dos sacerdotes no catolicismo. Além da extinção do clero regular, ele defendia a livre leitura e interpretação da Bíblia pelos fiéis e a submissão da Igreja ao Estado.



1 Lutero

2 Calvino

3 Henrique VIII

Em 1517, o monge alemão passou a pregar que os fiéis não precisavam dos padres para interpretar a Bíblia e que a fé bastava para se salvar. Fundou o luteranismo, dando início à Reforma.

A partir de 1532, o religioso francês propôs a doutrina perfeita para a burguesia: o homem provava sua fé por meio do sucesso material. Originou os movimentos presbiteriano, puritano e huguenote.

Em 1534, o rei da Inglaterra usou seu divórcio com Catarina de Aragão como pretexto para romper com o papa, criar a Igreja Anglicana e tomar para si o poder político e econômico que a Igreja Católica tinha em seu país.

Fonte: Antonio Pedro, História Moderna e Contemporânea, 1 ed., Moderna, pág. 50

## “TRAZEI O DINHEIRO! SALVAI VOSSOS ANTEPASSADOS! ASSIM QUE O DINHEIRO TILINTAR EM NOSSA SACOLA, SUAS ALMAS PASSARÃO IMEDIATAMENTE AO PARAÍSO!”

PREGÃO DE INDULGÊNCIAS NA ALEMANHA DO SÉCULO XVI

Por causa dessa última idéia, principalmente, o luteranismo conquistou boa parte da nobreza alemã. O Vaticano pressionou, e, em 1521, o imperador Carlos V convocou uma assembleia, a **Dieta de Worms**, que condenou Lutero por heresia. Porém, o monge continuou atraindo a simpatia dos nobres. Oito anos mais tarde, na **Dieta de Spira**, propôs-se tolerar o luteranismo onde já estivesse instalado, mas impedir sua propagação. Alguns principados protestaram, o que deu origem ao nome protestantismo. Em 1555, após anos de luta, foi firmada a **Paz de Augsburg**, que consolidou a vitória do luteranismo. Foi estabelecida a liberdade religiosa para os príncipes – cuja fé deveria ser adotada pelos súditos –, e esses passaram a se apropriar dos bens da Igreja. Além da Alemanha, o luteranismo se difundiu por Suécia, Noruega e Dinamarca.

As pregações de Lutero estimularam movimentos que pretendiam causar transformações ainda maiores na sociedade. Um dos mais importantes ocorreu em 1524: a revolta camponesa dos **anabatistas** – nome pelo qual eram conhecidos os membros do grupo liderado pelo ex-discípulo de Martinho, Thomas Münzer, que defendia de forma violenta o fim da propriedade privada e a distribuição igualitária das riquezas. Lutero ficou do lado dos nobres, incitando a repressão, que acabou com a execução de Münzer no ano seguinte.

## A REFORMA DE CALVINO

A primeira tentativa de reforma na Suíça deu-se com Ulrich Zwinglio, estudioso de Lutero, que propôs uma doutrina mais radical. A briga entre protestantes e católicos desencadeou uma guerra civil entre 1529 e 1531, em que Zwinglio morreu. A **Paz de Kappel** determinou a autonomia religiosa para cada região do país.

Alguns anos depois, chegou a Genebra o religioso francês João Calvino. Assim como Lutero, ele reconhecia os princípios da predestinação – segundo a qual apenas alguns homens estão destinados à salvação – e da justificação pela fé. No entanto, pregava que as atividades comerciais e financeiras eram vistas com bons olhos por Deus e, portanto, em vez de condená-las, as encorajava.

Ao justificar a moral da ascendente burguesia, o calvinismo difundiu-se ainda mais que o luteranismo. Na Escócia – para onde foi levado, por John Knox –, seus seguidores foram chamados de **presbiterianos**; na França, de **huguenotes**; e, na Inglaterra, de **puritanos**.

## A REFORMA INGLESA

Na Inglaterra, a reforma foi desencadeada pelo rei Henrique VIII. Querendo tomar para si o poder que a Igreja Católica tinha em seu país, ele viu em sua mulher um bom pretexto para criar tensões com a Santa Sé. Argumentando que, após 18 anos de casamento, Catarina de Aragão não havia lhe dado nenhum herdeiro homem, pediu a Roma a anulação do matrimônio. A requisição foi negada, e Henrique VIII rompeu com o papa.

Em 1533, o Parlamento britânico aprovou o divórcio, e o rei se casou com uma dama da corte, Ana Bolena. No ano seguinte, Henrique VIII fundou a Igreja Anglicana, da qual era líder supremo. Após ser excomungado pelo papa, confiscou as terras católicas e extinguiu mosteiros. As propostas da nova religião em muito se assemelhavam às do catolicismo, o que resultou em sérios conflitos com os puritanos no século XVII.

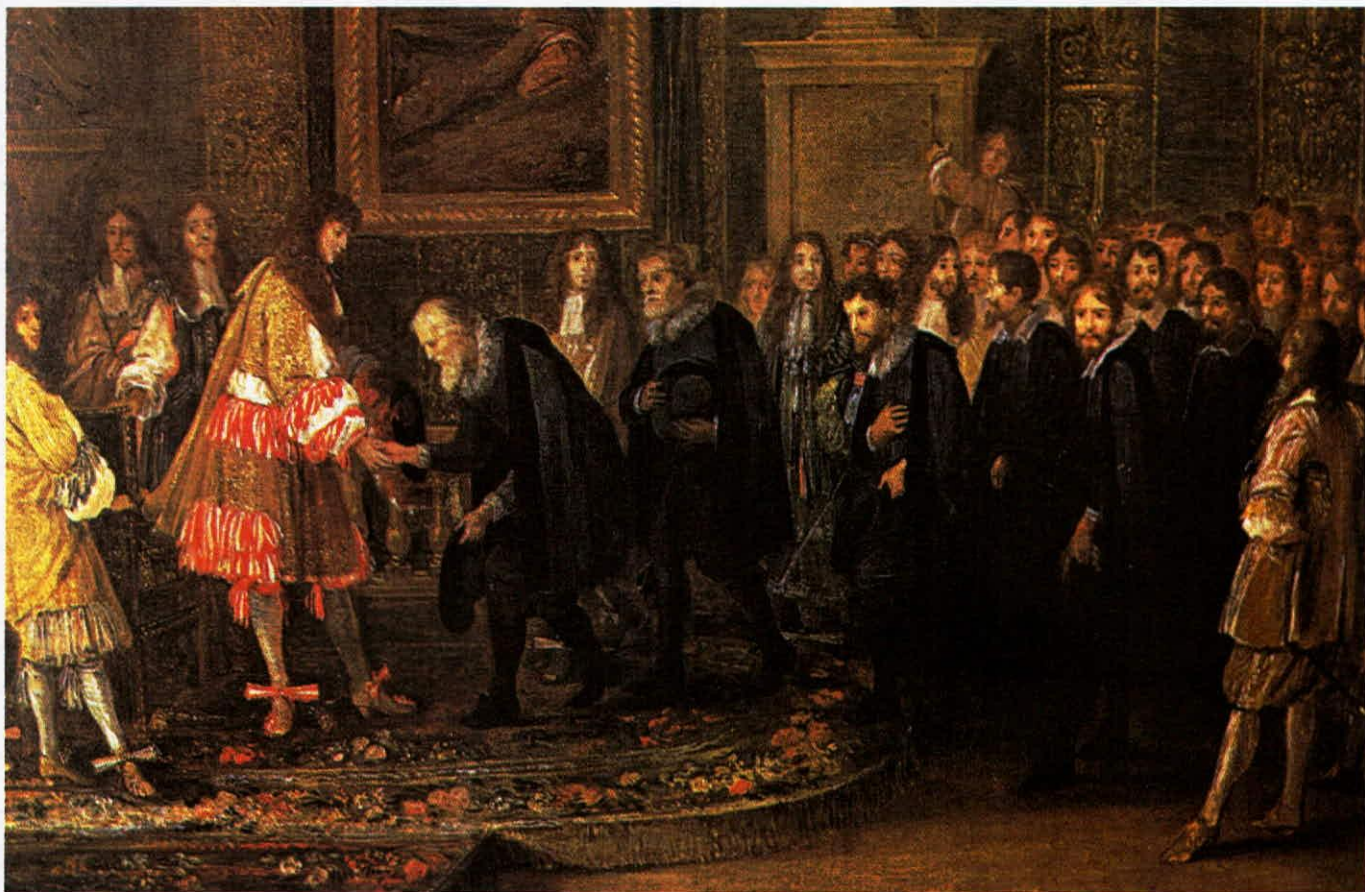
## CONTRA-REFORMA

A reação católica à expansão das doutrinas protestantes ficou conhecida como Contra-Reforma. O papa Paulo III convocou, em 1545, o **Concílio de Trento**, que condenou o protestantismo e reafirmou os princípios católicos. A Inquisição foi reativada e se instituiu o **Index Librorum Prohibitorum** – uma lista de livros proibidos aos católicos. Mas algumas reformas internas foram empreendidas: decidiu-se regular as obrigações do clero e o excesso de luxo na vida dos religiosos.

A Contra-Reforma não conseguiu acabar com o protestantismo, apenas freou sua expansão. Um de seus maiores êxitos foi a disseminação da fé católica pelas colônias européias – inclusive o Brasil –, trabalho realizado pela **Companhia de Jesus**, a ordem dos jesuítas, criada em 1534. É graças a ela que a América Latina comporta o maior número de católicos no mundo.



## ANTIGO REGIME



**Beija-mão** Vivendo em clima de total ostentação no exuberante Palácio de Versalhes, o rei francês Luís XIV encarnou o típico monarca absolutista: todo-poderoso e alheio à pobreza do povo

## “O Estado sou eu”

A frase, atribuída ao francês Luís XIV, mostra bem quem mandava na política da Idade Moderna: os reis. Veja como eles adquiriram e puseram em prática tal poder absoluto

O Antigo Regime foi o estilo de governo que marcou a Europa na Idade Moderna. Na esfera política, era caracterizado pelo absolutismo, ou seja, o poder ficava todo concentrado nas mãos do rei; na econômica, vigorava o mercantilismo, marcado pelo acúmulo de capital realizado pelas nações.

### FORMAÇÃO

Desde o fim da Idade Média, existia na Europa uma tendência de enfraquecimento do poder dos nobres, por causa do renascimento comercial e urbano. Para os reis, que durante o período medieval tinham autoridade quase nula, esse era o momento ideal de reafirmar seu poder.

Em alguns países, os soberanos contaram com o importante apoio da burguesia, que tinha forte interesse na centralização política, pois a padronização de pesos, medidas e moedas e a unificação da justiça e da tributação favoreciam o desenvolvimento do comércio.

A nobreza, sem forças para se impor, acabou por aceitar a dominação real – em alguns casos, após sangrentos conflitos. Parte dela foi cooptada por meio da formação das cortes, constituídas por nobres luxuosamente sustentados pelo Estado.

Os reis puderam, assim, tomar para si todo o controle político, econômico e militar dos países. No auge desse processo de centralização, estabeleceu-se o absolutismo.

### TEORIAS

O fortalecimento do poder real era defendido por vários pensadores da época. Um dos mais importantes foi o renascentista italiano Nicolau Maquiavel, autor de *O Príncipe*, em que apoiava o uso de todos os meios possíveis para o monarca aumentar sua força política.

Na Inglaterra, o grande nome foi Thomas Hobbes, autor de *O Leviatã*. Ele dizia que os homens tendem a viver em guerra constante entre si. Para evitar esse caos, seria necessário firmar um contrato social entre os indivíduos, e o cumprimento desse acordo só poderia ser garantido com o estabelecimento de um Estado forte.

Na França, destacou-se o cardeal Jacques Bossuet, segundo o qual o rei era o





**Porto inglês no século XVII** Comprar barato e vender caro no comércio exterior era um dos pilares do mercantilismo

representante de Deus na Terra e, por direito divino, não devia satisfação de seus atos. Foram nesses dois últimos países que o absolutismo se estabeleceu de forma mais exemplar.

## INGLATERRA

A monarquia inglesa teve início em 1066, quando o duque da Normandia, William I (também conhecido como Guilherme, o Conquistador), invadiu o país e impôs um governo centralizado. Mas o poder real era – e, de certa forma, sempre seria – limitado. A Magna Carta, de 1215, e o Parlamento – instituição central na história política inglesa, criada em 1264 – submetiam as decisões do soberano à aprovação dos nobres.

A primeira fase do absolutismo inglês começou após a **Guerra das Duas Rosas** (1455-1485), quando as duas mais importantes famílias da nobreza do país, Lancaster e York, se enfrentaram pela sucessão do trono. Elas praticamente se exterminaram mutuamente, abrindo caminho para que um herdeiro indireto de ambas assumisse o poder: Henrique VII, que fundou a dinastia Tudor. Com a nobreza enfraquecida e o apoio popular, em razão do fim das guerras, Henrique VII fortaleceu sua autoridade. Seu filho e sucessor, Henrique VIII, foi além, ao promover a Reforma Religiosa no país (veja na pág. 50).



**Maquiavel** Alicerce teórico do absolutismo

Mas o auge do absolutismo inglês seria atingido entre 1558 e 1603, no governo de Elizabeth I. Hável administradora, ela conseguiu manter o Parlamento sob relativo controle e promoveu grande expansão da economia. Foi em seu reinado que a Inglaterra derrotou a Invencível Armada da rival Espanha e fundou a primeira colônia inglesa, na América. Após sua morte, o país viveria um período de conflitos entre o rei e setores ligados à burguesia que resultaria no fim do absolutismo (veja na pág. 58).

## FRANÇA

Na França, o absolutismo seria mais consistente e duradouro. A autoridade real e o sentimento de nacionalidade começaram a se fortalecer no país após a vitória na **Guerra dos Cem Anos** (1337-1453) (veja na pág. 40). Nas décadas seguintes, os monarcas ampliaram os territórios sob seu domínio e, aliados à burguesia, estenderam o controle real sobre a economia. A nobreza passou a integrar uma numerosa corte. Formou-se, assim, uma grande aliança entre o monarca, os burgueses e os nobres, que duraria até a Revolução Francesa (veja na pág. 70).

Na segunda metade do século XVI, a França viveu intensos embates entre católicos e protestantes. Destacou-se o episódio da **Noite de São Bartolomeu**, em 24 de agosto de 1572, quando milhares de protestantes foram mortos por ordem da Coroa. Os conflitos terminaram com a tomada do poder por Henrique IV, que reconheceu os direitos dos protestantes pelo **Edito de Nantes**, de 1598. Fortalecido após a pacificação do país, ele deu início à dinastia dos Bourbon.

Seu sucessor, Luís XIII, nomeou primeiro-ministro o cardeal Richelieu. Ele

intensificou a centralização do poder e a política mercantilista. No campo externo, interveio na Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), contribuindo para o esfacelamento do Sacro Império Romano-Germânico e para a transformação da França na potência continental.

No governo seguinte, de Luís XIV (1643-1715), o absolutismo chegou ao auge. Conhecido como o Rei Sol, ele passou a viver em clima de luxo exacerbado, na corte, no Palácio de Versalhes, fora de Paris. O modo de vida do rei tornou-se símbolo do absolutismo francês. A economia ficou a cargo do ministro Colbert, um burguês que levou ao extremo a política mercantilista.

## MERCANTILISMO

Uma série de medidas econômicas, conhecidas pelo nome de mercantilismo, garantiu, durante o Antigo Regime, a manutenção do Estado absolutista e de seus suntuosos gastos com o aparelho administrativo, o Exército e, principalmente, com a corte.

A base inicial dessa política era o **metabolismo**, a idéia de que a riqueza de um país dependia de sua capacidade de acumular metais preciosos. Mais tarde, percebeu-se que isso não bastava: era necessário desenvolver a produção interna. Aí se destacaram outros princípios, como o da **balança comercial favorável**, que pode ser resumido na seguinte meta: comprar barato e vender caro. Para isso, muitos Estados implantaram **medidas protecionistas**, como barreiras alfandegárias para produtos estrangeiros, o que favorecia a manufatura e o artesanato nacionais.

A conquista e a exploração de colônias também eram fundamentais. Pelo **pacto colonial**, os Estados absolutistas europeus retiravam os recursos que bem desejavam de seus domínios em outros continentes e forçavam os povos colonizados a comprar os produtos fabricados na metrópole. II

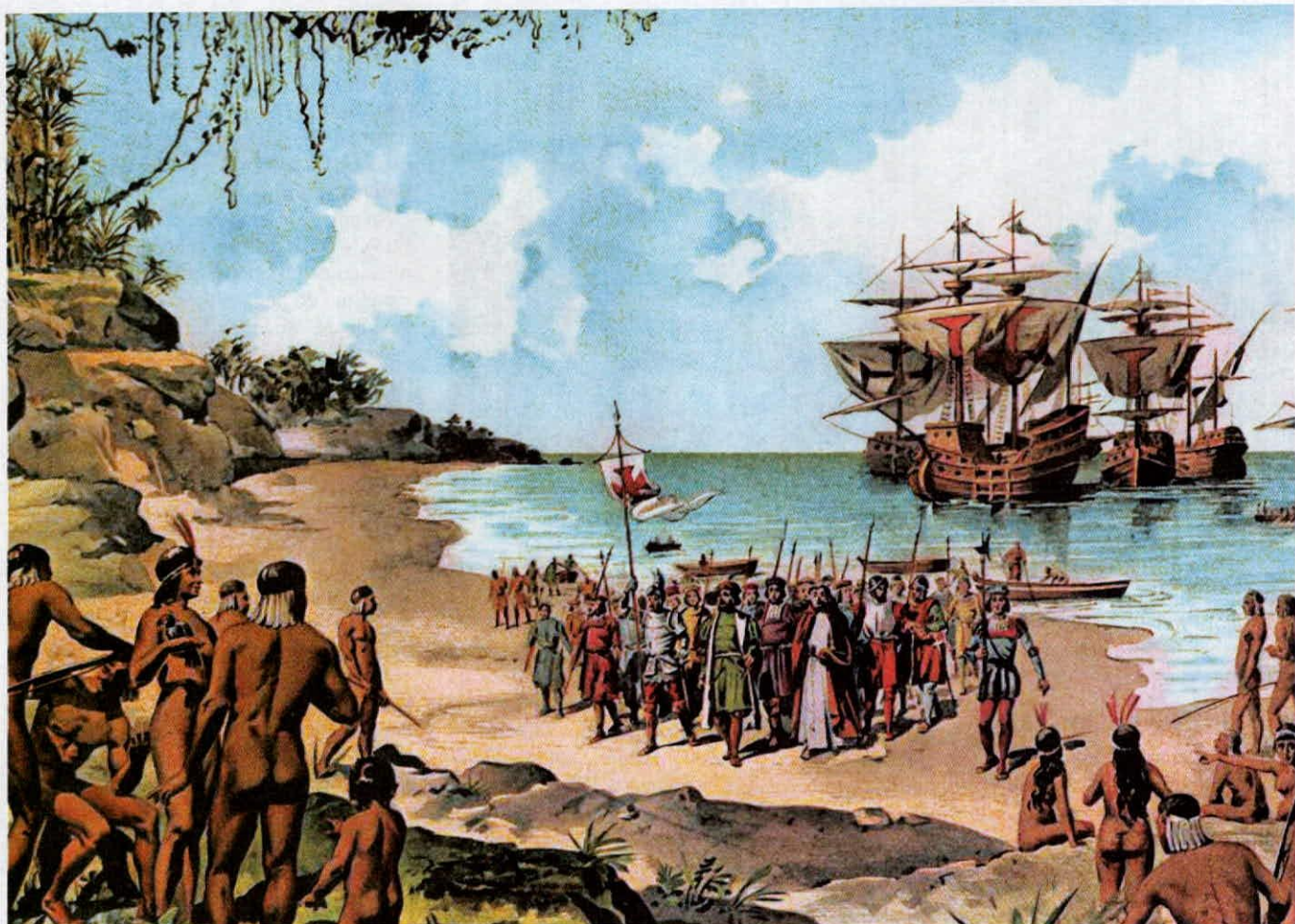
## VOCÊ SABIA?

### LUXO ABSOLUTO

Símbolo máximo do absolutismo francês, o Palácio de Versalhes exemplifica bem a excentricidade de Luís XIV, conhecido como Rei Sol. O prédio tinha 1,4 mil fontes e vários salões suntuosos – em apenas um deles, por exemplo, havia 357 espelhos. Ao todo, 36 mil homens trabalharam em sua construção.



## EXPANSÃO MARÍTIMO-COMERCIAL



**Donos da Terra** Pedro Álvares Cabral e sua tripulação desembarcam no futuro território do Brasil, uma das colônias que garantiria imensos lucros para Portugal

# Navegar é preciso

Em busca de mercados, ouro e poder, os europeus enfrentaram os oceanos desconhecidos e marcaram presença em todo o globo, transformando o mundo para sempre

A expansão marítimo-comercial compreende o período das grandes viagens empreendidas pelos países europeus nos séculos XV e XVI em busca de riquezas além-mar. Inseridas no contexto do desenvolvimento do mercantilismo, elas resultaram numa importante revolução comercial e na formação de vastos impérios coloniais.

## MOTIVOS E CONDIÇÕES

A principal motivação das grandes navegações foi a necessidade de **quebrar o monopólio árabe-italiano** no comércio

de especiarias. Até então, os mercadores de cidades como Gênova e Veneza controlavam a entrada de todos os produtos vindos do Oriente. Era preciso encontrar outra rota que evitasse o mar Mediterrâneo. Além disso, a Europa vivia um momento de **esgotamento das minas** de metais preciosos, o que bloqueava o comércio e provocava uma verdadeira sede de ouro.

Mas, para empreender tamanha aventura, era necessário mais que vontade. Apenas um Estado centralizado e forte poderia juntar os recursos indispensáveis e comandar com sucesso projetos

a tão longo prazo. Além disso, era fundamental ter a tecnologia apropriada: navios, mapas, instrumentos de navegação etc. Os dois países que primeiro reuniram essas características foram Portugal e Espanha.

## EXPANSÃO PORTUGUESA

Com a unificação como monarquia nacional desde 1385, quando João I venceu a disputa com o reino de Castela e assumiu o trono do país na **Revolução de Avis**, Portugal foi a primeira nação européia a lançar-se ao oceano Atlântico. Além do go-

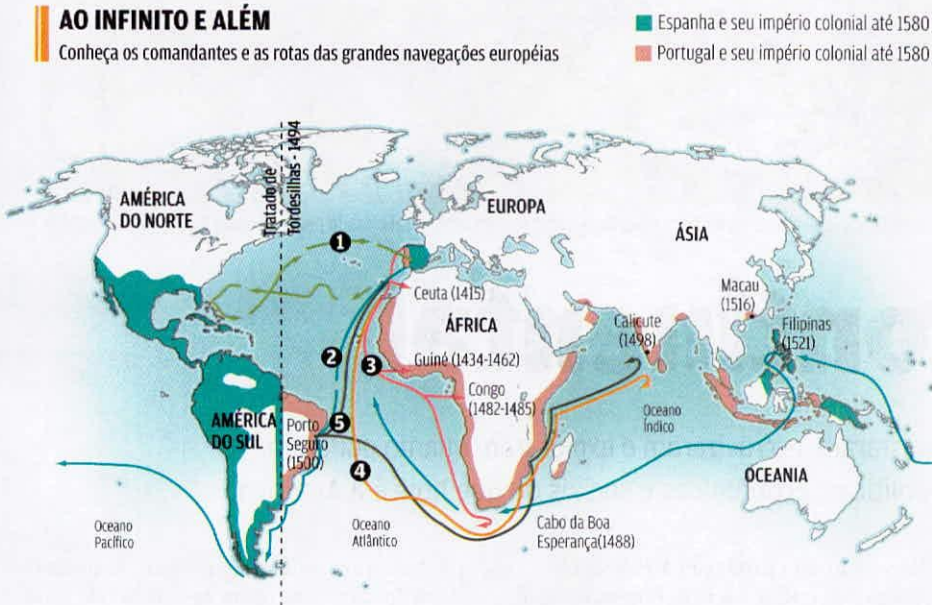


**“UM NAVEGANTE ATREVIDO  
SAIU DE PALOS UM DIA  
VINHA COM TRÊS CARAVELAS  
A PINTA, A NINA E A SANTA MARIA  
EM TERRAS AMERICANAS  
SALTOU FELIZ CERTO DIA  
VINHA COM TRÊS CARAVELAS  
A PINTA, A NINA E A SANTA MARIA”**

TRECHO DE TRÊS CARAVELAS, VERSÃO DE LAS TRÊS CARAVELAS (DE A. ALGUERO E G. MOREAU), CANTADA POR CAETANO VELOSO E GILBERTO GIL

**AO INFINITO E ALÉM**

Conheça os comandantes e as rotas das grandes navegações europeias



**NAVEGADORES ESPANHÓIS**

Cristóvão Colombo



Convencido da esfericidade da Terra, o genovês propôs a Portugal chegar às Índias viajando a oeste. Rejeitado, vendeu o plano à Espanha. Em 1492 chegou às Bahamas. Festejado na metrópole, foi nomeado vice-rei da nova colônia.

Fernão de Magalhães



Português a serviço da Espanha, em 1519 deu início à primeira viagem de volta ao mundo. Morreu em 1521, ao combater nativos nas Filipinas. A viagem foi concluída no ano seguinte por um de seus capitães, Juan Sebastián Elcano.

**NAVEGADORES PORTUGUESES**

Bartolomeu Dias



Responsável por algumas das primeiras viagens à África, foi encarregado de encontrar o limite sul do continente. Em 1488, atingido por tormentas, foi o primeiro a contornar, sem perceber, o cabo da Boa Esperança.

Vasco da Gama



Estabeleceu o domínio português na África oriental e chegou a Calicute, na Índia, em 1498, concluindo o pèriplo africano. Sua viagem se immortalizou no épico *Os Lusíadas*, de Luís de Camões.

Pedro A. Cabral



Em 1500, a caminho das Índias, desviou-se do trajeto original - de propósito, segundo muitos historiadores - e chegou ao Brasil. Tomou posse da terra em nome de Portugal e foi aclamado herói em Lisboa.

Fonte: José Arruda e Nelson Piletti, *Toda a História*, 3 ed., Ática, págs. XVII, XVIII

verno forte, outros fatores que explicam a primazia portuguesa são a posição geográfica favorável, a situação de paz interna (ao contrário da França e da Inglaterra, envolvidas na Guerra dos Cem Anos), a determinação de disseminar a fé cristã e a avançada tecnologia náutica, cujos estudos - que resultaram na invenção da caravela - se concentravam na célebre Escola de Sagres.

A conquista de Ceuta, na costa do Marrocos, marcou o início da expansão ultramarina portuguesa, em 1415 (veja no mapa abaixo). O segundo grande passo foi dado pelo navegador Bartolomeu Dias, que, em 1488, contornou o cabo da Boa Esperança (batizado de cabo das Tormentas). Dez

anos depois, Vasco da Gama chegou à Índia. Em 1500, a expedição de Pedro Álvares Cabral aportou no Brasil.

Os portugueses criaram diversos pontos de comércio nos locais em que paravam. Com isso, puderam criar seu império marítimo-comercial, que, a princípio, só tinha objetivos de exploração, não de povoamento.

**EXPANSÃO ESPANHOLA**

Ocupados com a unificação dos reinos locais de Aragão e Castela, que ocorreu em 1469, e com a expulsão dos árabes, na **Guerra da Reconquista**, que só se concluiria em 1492, os espanhóis começaram sua expansão marítima um pouco mais tarde.

Em 1492, os reis Fernando de Aragão e Isabel de Castela aprovaram o audacioso plano de Cristóvão Colombo de chegar ao Oriente indo rumo ao Ocidente (veja no mapa ao lado). No meio do caminho, no entanto, o navegador deparou com a ilha de Guanaani, atualmente parte das Bahamas. Mais tarde, o episódio ficaria conhecido como o **descobrimento da América**. Porém, até então, pensava-se que as terras faziam parte da Ásia. Sendo assim, Portugal reivindicou direitos sobre as áreas descobertas, e, em 1494, as duas potências assinaram o **Tratado de Tordesilhas** (veja no mapa ao lado), dividindo entre si as terras já conhecidas e as que ainda seriam descobertas por meio de uma linha imaginária localizada a 370 léguas do arquipélago de Cabo Verde.

Somente nos primeiros anos do século seguinte a existência do novo continente seria confirmada, pelo navegador florentino a serviço da Espanha Américo Vesputício, em cuja homenagem se escolheu o nome América.

**CONSEQUÊNCIAS**

Além de resultar na formação de enormes impérios coloniais, principalmente na América (veja matéria na pág. 56), a descoberta de novas terras e rotas comerciais provocou alterações profundas na sociedade europeia. O Velho Mundo se tornou o centro e o principal beneficiado de um comércio mundial que interligava quatro continentes. Por causa disso, a diversificação dos produtos e o aumento dos valores negociados proporcionaram um enriquecimento maciço das burguesias. Essas mudanças, conhecidas como **Revolução Comercial**, estabeleceriam as condições financeiras necessárias para uma transformação ainda maior: a Revolução Industrial (veja matéria na pág. 59).



## COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA



**Exploração** O trabalho forçado indígena foi a base do sistema econômico implantado na América espanhola, como retrata este mural pintado pelo mexicano Diego Rivera em 1951

# Quintal continental

Os europeus invadiram, mataram, conquistaram, escravizaram e exploraram quanto puderam. Ao mesmo tempo, forjaram as bases políticas, econômicas e sociais do que hoje é a América

**A**pós a chegada de Cristóvão Colombo à América, em 1492, as potências ultramarinas começaram a se instalar no novo continente. Os colonizadores dizimaram boa parte dos nativos, subjugaram os restantes e exploraram intensamente quase a totalidade das terras durante cerca de três séculos, o que resultou em um vigoroso fluxo de riquezas para a Europa.

## FORMAS DE COLONIZAÇÃO

As colônias européias dividiam-se, de maneira geral, em dois tipos: as de **exploração** e as de **povoamento**. As primeiras, voltadas para o abastecimento do mercado europeu, caracterizavam-se pela grande propriedade, pela monocultura e pelo trabalho escravo – uma forma eficiente de produzir muito com custo baixo. Além de agricultura, praticava-se intensa extração de metais. Nessas regiões valia o **pacto colonial**, segundo o qual a colônia só po-

dia vender sua produção à metrópole – a preços reduzidos – e dela importar aquilo de que precisasse – com altos valores. Esse era o tipo de colonização empregado pela Inglaterra (na porção sul de sua colônia) e por Espanha e Portugal (*veja colonização portuguesa na pág. 98*).

Já a colonização de povoamento foi implementada na parte norte da colônia inglesa, onde o clima não permitia o cultivo de itens diferentes dos plantados na Europa. Desse modo, a produção era voltada para o consumo interno e predominavam a pequena propriedade, a policultura e a mão-de-obra familiar.

## ESPAANHÓIS

A América pré-colombiana era ocupada por uma população de 50 milhões a 100 milhões de indígenas, que formavam desde agrupamentos muito primitivos até civilizações sofisticadas. A colonização es-

panhola teve início com a ocupação das ilhas do Caribe durante as viagens de Colombo. Em 1531, o México foi dominado e a população asteca, devastada. No Peru, a conquista do Império Inca começou em 1532. No fim do século XVI, a Espanha já havia tomado posse da maior parte de sua colônia americana. Os nativos foram exterminados por doenças e guerras ou obrigados a servir como mão-de-obra.

Após a conquista, as autoridades espanholas trataram de organizar a exploração. Para isso, criaram a **Casa de Contratação**, que controlava o comércio entre Espanha e América e punia quem tentasse burlar o monopólio – ou seja, a exclusividade comercial da metrópole. A terra foi dividida em quatro vice-reinos – Nova Espanha, Nova Granada, Peru e Rio da Prata – e em capitânias – as principais eram as de Cuba, Flórida, Guatemala, Venezuela e Chile. O **Real e Supremo Conselho das Índias** era o órgão



## HISTÓRIA HOJE

### PRESOS AO PASSADO

A América Latina ainda carrega nefastas heranças do pacto colonial. As ex-colônias até hoje correm atrás do desenvolvimento atingido pelas metrópoles, apresentando, de modo geral, economias instáveis e fortemente dependentes da agropecuária. Na sociedade, as cicatrizes também são nítidas: ainda não foi possível eliminar a enorme desigualdade estabelecida pela instalação de elites que exploravam os trabalhadores no tempo da colonização.

que indicava administradores para os vice-reinados e para as capitanias.

A principal atividade econômica das colônias espanholas era a extração de metais preciosos, principalmente a prata do Peru e do México. A mão-de-obra indígena era explorada por meio da **mita** – regime de trabalho forçado que durava quatro meses ao ano. A prática também era aplicada à agricultura, que recebia o nome de **encomienda**.

A estrutura social da América espanhola era dominada pelos **chapetones**, espanhóis que cuidavam da administração. Abaixo deles estavam os **criollos**, descen-

dentes de europeus que formavam a aristocracia local e exerciam o controle das câmaras municipais – também conhecidas por **cabildos** ou **ayuntamientos**. Já os **mestiços** eram artesãos ou capatazes, sempre com cargos intermediários na escala produtiva. Os negros escravos trabalhavam geralmente nas lavouras. Mas a mão-de-obra mais numerosa foi a indígena. Com os negros, os nativos estavam na base da pirâmide social e, apesar de não ser oficialmente considerados escravos, eram tratados como tal.

O clero católico que foi para a América condenava a exploração dos índios. Algumas iniciativas como a criação das **reduções** – espaços controlados pelos eclesiásticos nos quais os nativos eram catequizados, alfabetizados e se dedicavam à agricultura – tentaram amenizar o sofrimento indígena. Já, quanto ao escravo negro, a Igreja pouco se manifestou.

### INGLESES

No século XVII, os ingleses decidiram ocupar o vazio deixado na América do Norte pelos espanhóis – a quem a terra pertencia, segundo o Tratado de Tordesilhas. Para iniciar a colonização, foi criada a **Companhia de Plymouth**, que cuidava do norte, e a **Companhia de Londres**, responsável pelo sul. Ao todo, foram fundadas 13 colônias ao longo da costa.

O norte foi habitado por refugiados políticos e religiosos – protestantes calvinistas. Eles formaram pequenas propriedades baseadas no trabalho livre e no artesanato. Algumas atividades manufatureiras eram toleradas pela metrópole na região, que cresceu economicamente e passou a escoar o excedente para os mercados do sul. Mais tarde, criou-se o **comércio triangular**: mercadores da colônia fabricavam rum, que era trocado por escravos na África; esses, por sua

### AMÉRICA COLONIAL

Confira os antigos domínios espanhóis, portugueses, franceses, ingleses e holandeses no Novo Mundo



Fontes: José Arraujo e Nelson Piletti, *Toda a História*, 3 ed., Ática, pág. XX/ Patrícia Daniels e Stephen Hyslop, *Atlas da História do Mundo*, Abril, pág. 199



**Povoamento** À direita, William Penn, fundador da Pensilvânia, uma das Treze Colônias inglesas

vez, eram vendidos no Caribe e nas colônias do sul. Nessas últimas, foi implantado um esquema de monocultura algodoeira, destinada à exportação, com uso de mão-de-obra escrava trazida da África.

Durante muitos anos, a Inglaterra esteve envolvida com assuntos europeus e não controlou totalmente as suas Treze Colônias do norte, que desenvolveram uma tradição de autogoverno, fundamental depois na luta pela independência dos Estados Unidos (veja matéria na pág. 63).

### FRANCESES E HOLANDESES

Em menor escala, França e Holanda também marcaram presença na colonização da América. Os dois países começaram a se instalar no continente a partir do século XVII. Ambos ocuparam parte das Guianas e das Antilhas (ilhas do Caribe) e, nessas últimas, implantaram forte esquema de exploração baseado na produção açucareira. Tanto franceses quanto holandeses ocuparam durante determinado tempo terras brasileiras. A França ainda teve importante atuação na América do Norte, onde fundou Québec e Montreal – atualmente, no Canadá.



## REVOLUÇÕES INGLESAS DO SÉCULO XVII

# Xeque-mate

Em duas jogadas, a burguesia inglesa deu o golpe final no poder absoluto do rei, deixando a política nas mãos do Parlamento e a economia a caminho da Revolução Industrial

As revoluções inglesas do século XVII foram duas: a Revolução Puritana, que estourou em 1640 e resultou na substituição da monarquia por uma república temporária; e a Revolução Gloriosa, de 1688, que pôs fim ao absolutismo, consolidando a supremacia do Parlamento sobre a autoridade real. Ambas foram, na essência, revoluções burguesas, que abriram alas para a instalação do capitalismo no século seguinte.

## REVOLUÇÃO PURITANA

Na Inglaterra, os calvinistas eram chamados de puritanos. A religião era popular sobretudo entre os ex-camponeses e os pequenos burgueses, que andavam descontentes à época. Os primeiros haviam sido expulsos das lavouras durante os **cercamentos**,



**Ditador puritano** Cromwell, a cabeça por trás da revolução



**Execução real** O rei inglês Carlos I é morto em 1649, após a vitória do levante liderado por Oliver Cromwell

ocorridos ainda no fim da Idade Média, quando os nobres substituíram a agricultura auto-suficiente pela lucrativa criação de ovelhas, que alimentava as manufaturas de lã. E os pequenos burgueses reclamavam por não ter acesso à exportação, cujo monopólio era concedido pelo rei a uma parcela restrita de comerciantes.

Mas o puritanismo – que conflitava com a doutrina oficial do reino, o anglicanismo – também crescia junto ao Parlamento, tornando cada vez mais uma ameaça às pretensões absolutistas da dinastia Stuart, que substituíra os Tudor após a morte de Elizabeth I, em 1603.

As tensões evoluíram para uma guerra civil durante o reinado de Carlos I, em 1640. O Parlamento organizou um exército popular liderado por Oliver Cromwell, um puritano oriundo da pequena burguesia. A alta nobreza ficou do lado do rei. Os combates estenderam-se até 1649. Carlos I foi executado, a monarquia, abolida, e instalou-se a República Puritana, liderada por Cromwell.

Nacionalista, uma de suas principais medidas foi a promulgação dos **Atos de Navegação**, em 1651, segundo os quais somente embarcações inglesas poderiam transportar mercadorias procedentes ou destinadas à Inglaterra, o que alavancou a economia do país. Fortalecido, Cromwell dominou o Parlamento, dissolvendo-o mais de uma vez, e governou como um ditador até a morte, em 1658.

## REVOLUÇÃO GLORIOSA

Ao fim do governo de Cromwell, a ditadura já estava abalada. Seu filho, Ricardo, incapacitado de manter um governo estável, desistiu do cargo. Para evitar novos conflitos, decidiu-se pelo retorno da monarquia. Os Stuart voltaram ao poder, com Carlos II, coroado em 1660.

Contemporâneo do francês Luís XIV, soberano que levou o absolutismo ao seu máximo, Carlos II quis impor um regime semelhante na Inglaterra. Seu sucessor, Jaime II, que assumiu o trono em 1685, tinha as mesmas pretensões. Além disso, havia se convertido ao catolicismo, o que o tornava ainda mais impopular. Burgueses e parlamentares reagiram: ofereceram a Coroa inglesa ao holandês Guilherme de Orange, genro de Jaime II. Em troca, pediram a manutenção do anglicanismo e a liberdade do Parlamento.

Em novembro de 1688, Guilherme desembarcou na Inglaterra e não encontrou resistência, sendo coroado como Guilherme III. Para consolidar a supremacia legislativa, o Parlamento promulgou a **Declaração de Direitos** (em inglês, **Bill of Rights**), que limitou fortemente a atuação do rei. O absolutismo foi definitivamente abolido na Inglaterra, sendo substituído por uma monarquia constitucional.

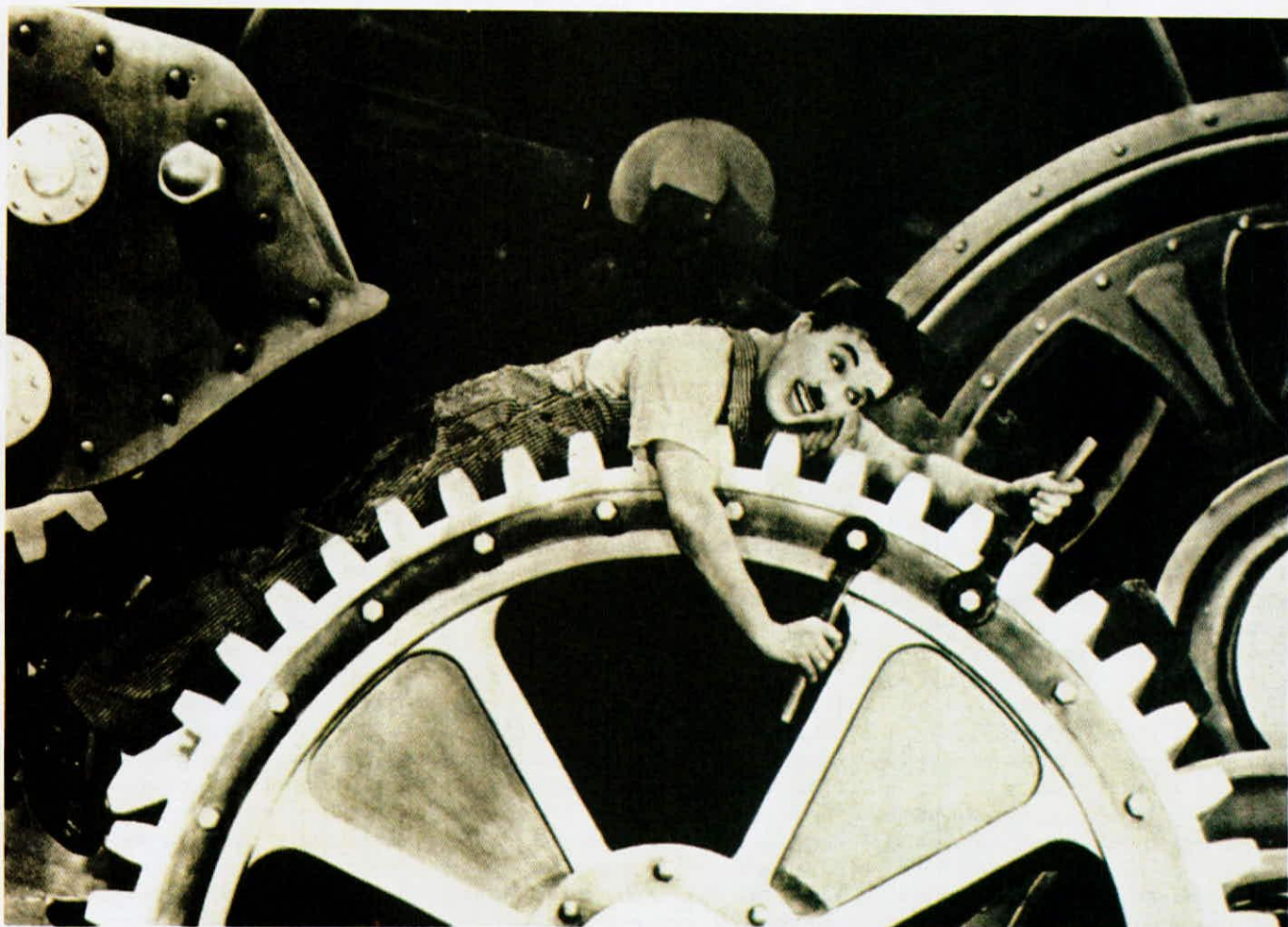
A grande beneficiada pelas revoluções inglesas do século XVII foi a burguesia, especialmente a parcela dedicada às atividades manufatureiras. Ela pôde ver, a partir de então, ruir as restrições mercantilistas, típicas do período absolutista, e abrir-se o caminho para o desenvolvimento do capitalismo industrial, no século XVIII. ||

## VIAJE NO TEMPO

### DOIS A ZERO

As revoluções inglesas do século XVII não foram o único movimento burguês que pôs fim ao poder absoluto dos reis no mundo. Um século depois, outro muito similar explodiria do outro lado do Canal da Mancha: a Revolução Francesa (veja na pág. 70).





**Fábrica de máquinas e homens** Charles Chaplin, numa cena do filme *Tempos Modernos*: olhar genial sobre o sistema de produção em série, que revolucionou a economia e o trabalho

# Produção a todo o vapor

Com as fábricas, a burguesia tomou de vez para si o poder econômico e mudou para sempre o modo como o mundo trabalha e se organiza socialmente

**A** Revolução Industrial foi o conjunto de transformações socioeconômicas vivido a partir do século XVIII que alterou a antiga economia agrária e consolidou a moderna estrutura capitalista de produção. Iniciada na Inglaterra, alastrou-se para o resto do mundo nos séculos seguintes, provocando profundas mudanças sociais. Desenvolveu-se em três etapas: a I, a II e a III Revolução Industrial.

### I REVOLUÇÃO

Esse primeiro conjunto de transformações ocorreu entre 1760 e 1860, na Inglaterra, e teve

início com o surgimento das primeiras indústrias – a princípio, têxteis. Até então, o mais eficiente método de produção era a manufatura doméstica: burgueses, donos da matéria-prima – no caso, algodão –, contratavam o serviço de tecelões independentes, proprietários de seus equipamentos de trabalho, para produzir os tecidos a ser comercializados.

A partir de meados do século XVIII, porém, a invenção das máquinas de tecer automáticas – primeiro, hidráulicas; depois, a vapor – permitiria uma transformação radical nesse processo. A máquina se tornou mais importante que a mão-de-obra. Os burgue-

### VOCÊ SABIA?

#### PEQUENAS ENGENHAGENS

Um terrível exemplo da exploração dos operários durante a I Revolução Industrial foi o uso disseminado de crianças como mão-de-obra. Na Inglaterra, no fim do século XVIII, dois terços dos trabalhadores das empresas têxteis eram menores de idade. A proibição do trabalho infantil em países ocidentais deu-se apenas por volta do fim do século XIX e começo do XX.



# REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

## EVOLUÇÃO DAS FERROVIAS NA EUROPA NO SÉCULO XIX

A instalação da rede ferroviária europeia mostra o ritmo acelerado em que a Revolução Industrial, a partir da Inglaterra, se alastrou pelo continente: em quatro décadas, os países já estavam amplamente interligados



Fonte: Flávio de Campos e Renan Garcia Miranda. Oficina de História. 1 ed., Moderna, pág. 157

ses passaram a adquirir esses equipamentos, mais eficientes, criando as indústrias, e arrastando por meio da concorrência a produção doméstica. Nas fábricas, a produção era dividida em etapas. Cada trabalhador executava uma única tarefa, sempre do mesmo modo – a especialização ou **divisão do trabalho**.

O sistema industrial instituiu duas novas classes opostas: os **empresários**, donos do capital e dos meios de produção (equipamentos, fábricas, matérias-primas etc.), e os **operários**, que vendiam sua força de trabalho em troca de salário. No início, os empresários impuseram duras condições aos operários, como baixíssimos salários e desumanas jornadas de trabalho (que chegavam a 17 horas diárias), para ampliar a produção e garantir uma margem de lucro crescente. A fim de reivindicar melhores condições, os trabalhadores passaram a se organizar em associações, que dariam origem aos sindicatos.

A Inglaterra foi pioneira na Revolução Industrial por causa principalmente da grande quantidade de capital acumulado na Revolução Comercial, da sua supremacia naval

e das abundantes jazidas de ferro e de carvão. Outro fator fundamental foi a disponibilidade de uma vasta e barata mão-de-obra, que vivia marginalizada nas cidades, sob péssimas condições de moradia e higiene, desde o intenso êxodo rural causado pelos cercamentos (veja na pág. 58).

## II REVOLUÇÃO

A partir de 1870, teve início a II Revolução Industrial, marcada pelo uso de novas fontes de energia – eletricidade e petróleo –, pela substituição do ferro pelo aço e pela criação da linha de montagem, idealizada pelo empresário norte-americano Henry Ford, já no século XX. O método da **produção em série**, caracterizado por grandes fábricas e forte concentração financeira, ficou conhecido como **fordismo**.

Outra característica desse segundo período foi a internacionalização das indústrias, antes restritas basicamente à Inglaterra. Foi nessa época também que a divisão do trabalho se generalizou como forma de aumentar o lucro. Surgiram os **trustes** (fusão de empresas do mesmo ramo para monopolizar a produção, o



**Efeito colateral** Boom industrial gerou miséria operária

preço e o mercado), as **holdings** (grandes conglomerados de empresas) e os **cartéis** (acordos para eliminar a concorrência). A disseminação da prática do financiamento para viabilizar o surgimento de novas fábricas fez com que o capitalismo industrial começasse a ser substituído pelo financeiro, ou seja, os bancos passaram a se tornar mais poderosos que as indústrias.

A II Revolução Industrial proporcionou ainda o desenvolvimento da política imperialista pelos países europeus (veja matéria na pág. 74). A industrialização criou uma crescente demanda por consumidores, e, com o esgotamento dos mercados internos, a solução foi buscar compradores em outros países. Também havia a necessidade de mão-de-obra, matéria-prima e locais de investimento de capital. Essa procura levou os países capitalistas a colonizar outros territórios e a brigar por eles, o que levou, em 1914, à eclosão da I Guerra Mundial (veja matéria na pág. 76).

## III REVOLUÇÃO

A III Revolução Industrial ocorreu a partir da década de 1950 e foi marcada pelo aparecimento de gigantes complexos multinacionais e pela informatização, que, ao substituir a mão-de-obra humana, contribuiu para a eliminação de postos de trabalho. Uma das características mais marcantes do período foi o surgimento dos **tecnopólos** – pólos tecnológicos com indústrias de ponta associadas a grandes centros universitários de pesquisa. O mais famoso é o Vale do Silício, na Califórnia, nos Estados Unidos, onde apareceram empresas como a Apple e a Microsoft.

No Japão, surgiu o **toyotismo** – em oposição ao fordismo –, um método de produção mais flexível e diversificado: em vez de produzir grandes séries de um mesmo modelo, ele visa à fabricação de séries menores de uma variedade maior de modelos de produtos. II

## VOCÊ SABIA?

### O QUE É CAPITALISMO

É o sistema econômico e social caracterizado pela propriedade privada dos meios de produção, pelo trabalho assalariado, pela acumulação de capital e pelo foco primordial no lucro. Algumas dessas características já existiam na Baixa Idade Média e na Idade Moderna, por isso às vezes se chama o sistema econômico desses períodos de protocapitalismo ou capitalismo comercial. Mas foi só a partir da I Revolução Industrial que a produção substituiu o comércio como principal fonte de lucro, marcando, assim, finalmente, o nascimento do capitalismo de fato.

A partir do século XVIII, iniciou-se um processo ininterrupto de produção em massa e acúmulo de capital. As sociedades passaram a rejeitar os tradicionais privilégios da aristocracia, e a força do capital se impôs. Surgiram as primeiras teorias econômicas, como o liberalismo, que defende a não interferência do Estado na economia (veja na pág. 73). Na segunda metade do século XX, o capitalismo passaria por novas mudanças, com o aparecimento do neoliberalismo e da globalização (veja na pág. 91).





**Difusão do saber** No século XVIII, casas como a Livraria de Minerva, em Viena, vendiam os tomos da Enciclopédia, o mais importante veículo de divulgação das idéias iluministas

# Razão, liberalismo e progresso

Para clarear os caminhos que lhe garantiriam mais poder econômico e político, a burguesia européia do século XVIII apresentou ao Ocidente uma nova maneira de pensar

**O** Iluminismo foi a corrente de pensamento dominante na Europa do século XVIII. Defendeu o predomínio da razão sobre a fé e estabeleceu o progresso como destino da humanidade, representando a visão de mundo da burguesia. Seus pensadores negavam as doutrinas absolutistas e mercantilistas e, em seu lugar, apoiavam valores liberais, tanto na política quanto na economia.

## ORIGENS

Os primeiros teóricos do Iluminismo estabeleceram as bases do movimento ainda no século XVII, influenciados pelas transformações que vinham ocorrendo na Europa desde o início da Idade Moderna, como o Renascimento, a Reforma Religiosa, a expansão marítimo-comercial e a ascensão da burguesia.



## ILUMINISMO

O **racionalismo**, que já se havia tornado o pensamento predominante durante a Renascença, foi fundamentado como método científico pelo filósofo e matemático francês René Descartes. Em *Discurso sobre o Método*, de 1637, ele estabeleceu a razão como único caminho para o conhecimento. Descartes acreditava que era preciso partir de verdades básicas – axiomas – para, então, utilizando-se da dedução matemática, atingir conhecimentos mais amplos. Seu primeiro axioma ficou famoso: “Penso, logo existo”.

Nas ciências exatas, o físico inglês Isaac Newton também revolucionou o pensamento da época, ao afirmar que o universo não precisa da intervenção divina para se manter, pois seria regido por leis próprias, que podem ser conhecidas pelo homem por meio da ciência. É dele a lei da gravitação universal, que explica desde por que os objetos na Terra são atraídos para o chão até por que a Lua está “presa” à órbita de nosso planeta e, este, à do Sol.

Os princípios da política iluminista – o **liberalismo** – foram formulados pelo filósofo inglês John Locke. Ele defendia uma relação contratual entre o monarca e seus súditos, em lugar do absolutismo. Para Locke, o homem possuía direitos naturais, como liberdade e propriedade privada, e cabia ao Estado proteger esses direitos, o que limitava seu poder.

## SÉCULO DAS LUZES

Os importantes avanços econômicos, culturais e científicos levaram à crença de que o destino da humanidade era o progresso e de que se vivia um momento “iluminado”. O auge dessa efervescência se deu no século XVIII – o “século das luzes”. Em 1745 começou a ser produzido o mais importante veículo de difusão das idéias do movimento, a **Enciclopédia** – organizada pelos filósofos Denis Diderot e Jean D’Alembert –, que pretendia reunir todo o conhecimento filosófico e científico da época. Além do racionalismo e do liberalismo, outro princípio tipicamente iluminista é o **anticlericalismo** – posição política contrária ao poder da Igreja.

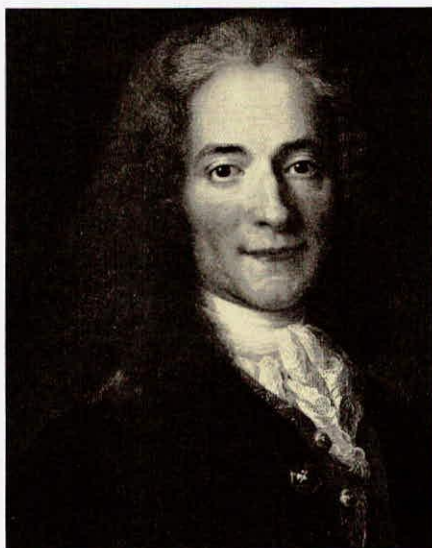
Os três nomes mais significativos do Iluminismo francês foram os filósofos Voltaire, Montesquieu e Jean-Jacques Rousseau. O primeiro, ligado à alta burguesia, era um crítico fervoroso do absolutismo, da nobreza e, principalmente, da Igreja. Grande defensor das liberdades individuais,



Montesquieu Espírito da lei

**“OS HOMENS SÓ SERÃO LIVRES QUANDO O ÚLTIMO REI FOR ENFORCADO NAS TRIPAS DO ÚLTIMO PADRE.”**

DIDEROT, EXALTANDO O LIBERALISMO E O ANTICLERICALISMO, VALORES TÍPICOS DO ILUMINISMO



Voltaire A razão a serviço das liberdades individuais

a ele é atribuída a famosa frase “Posso não concordar com o que dizes, mas defenderei até a morte seu direito de dizê-lo”. Na política, Voltaire foi um dos inspiradores do despotismo esclarecido (veja mais a seguir). Dentre suas obras, destacam-se *Dicionário Filosófico* e *Cartas Inglesas*.

Montesquieu, na obra *Do Espírito das Leis* (1751), defendeu a independência dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, de modo a limitar a força de cada um, harmonizando as esferas do Estado e garantindo as liberdades civis. Era partidário da monarquia constitucional. Nobre de origem, nutria extremo desprezo pelas camadas pobres da população, assim como Voltaire.

O mesmo não ocorria com Rousseau, identificado com a baixa burguesia e com os trabalhadores miseráveis. Em *O Contrato Social* (1762), posicionou-se a favor do Estado democrático, voltado para o bem comum e para a vontade geral. Republicano, considerava que o poder político deveria ser do próprio povo. É dele a noção do **bom selvagem**, segundo a qual o homem nasce bom e sem vícios, mas depois é pervertido pela sociedade. Foi o maior ideólogo da Revolução Francesa.



Rousseau Poder popular

## O ILUMINISMO NA ECONOMIA

Assim como atacavam o absolutismo na política, os iluministas também condenavam o sistema econômico do Antigo Regime, o mercantilismo. Os primeiros contestadores da doutrina vigente foram os  **fisiocratas**, representados pelos franceses Jacques Turgot e François Quesnay. Eles consideravam a terra a única fonte de riqueza de uma nação – em oposição ao comércio, em que não há produção, apenas troca – e a Constituição como obrigatória em qualquer governo.

O também francês Vincent de Gournay, discípulo de Quesnay, defendeu o fim das regulamentações limitadoras das atividades econômicas e cunhou a expressão que depois se tornou símbolo do liberalismo econômico: “**Laissez faire, laissez passer, le monde va de lui même**” (“Deixe fazer, deixe acontecer, o mundo vai por si mesmo”).

Mas a economia como ciência só foi inaugurada com o pensador escocês Adam Smith. Em sua obra *A Riqueza das Nações* (1776), ele defendeu a idéia de que a economia funcionava por si mesma, como se uma “mão invisível” a dirigisse. Condenava o mercantilismo, via o trabalho como única fonte de riqueza e pregava a livre concorrência e a não intervenção do Estado na economia, fundamentando, assim, o **liberalismo econômico**.

## DESPOTISMO ESCLARECIDO

O Iluminismo, com suas idéias revolucionárias, aterrorizava os soberanos. No entanto, alguns perceberam que, para se manter no poder, era preciso adotar parte dos novos valores. A tentativa de modernização, com reformas de cunho iluminista, por alguns reis, ficou conhecida como despotismo esclarecido e tinha por objetivo aliviar as tensões entre a nobreza e a burguesia e garantir a sobrevivência às monarquias absolutistas européias.

Algumas das medidas adotadas por esses governantes foi a limitação do poder da Igreja Católica, a redução dos privilégios da aristocracia e do clero, o favorecimento do progresso econômico e o estímulo das artes e as ciências. Os principais déspotas esclarecidos foram Frederico II, da Prússia; o marquês de Pombal, ministro de Dom José I, de Portugal; Catarina II, da Rússia; e José II, da Áustria. Apesar das mudanças, a participação política da burguesia e do povo continuava limitada, o que levaria a revoltas – sendo a principal a Revolução Francesa, em 1789. ■



# Liberdade no Novo Mundo

Influenciados pelo Iluminismo, os norte-americanos tornaram-se independentes dos ingleses no fim do século XVIII, o que deu origem à primeira nação do continente livre do domínio colonial

A independência dos Estados Unidos (EUA) foi um processo que começou em 1776 – ano em que as Treze Colônias declararam sua separação da Inglaterra e teve início a guerra entre as duas nações – e estendeu-se até 1783, quando os ingleses, derrotados, reconheceram a soberania de sua ex-colônia. Surgiu, assim, o primeiro país independente da América.

## ORIGENS

Apesar de ter vencido a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), contra a França, a Inglaterra saiu do conflito em péssima situação financeira. A solução encontrada foi intensificar a exploração das Treze Colônias por meio de impostos como a Lei do Açúcar (1764) – que afetava a produção de rum e, conseqüentemente, o comércio triangular – e a Lei do Selo (1765) – que taxava documentos oficiais, livros e jornais.

Em 1773 foi a vez da Lei do Chá, que conferiu o monopólio do comércio do produto à Companhia Britânica das Índias Orientais.

Prejudicados, comerciantes norte-americanos destruíram centenas de caixas da mercadoria inglesa no porto de Boston, no episódio conhecido como Festa do Chá, ou **Revolta do Chá**. Como punição, o governo inglês interditiou o porto e cobrou uma alta indenização. As Treze Colônias reagiram redigindo a **Declaração de Direitos** – que exigia igualdade entre colonizadores e colonos – e impondo um boicote comercial à metrópole.

## DECLARAÇÃO E GUERRA

Em 4 de julho de 1776, uma comissão reunida na Filadélfia, liderada pelo político Thomas Jefferson, redigiu a **Declaração de Independência**, proclamando a liberdade do país. Inspirada nos ideais do Iluminismo, ela defendia a liberdade individual e o respeito aos direitos fundamentais do ser humano.

A tensão entre as Treze Colônias e a metrópole evoluiu para uma guerra. Liderados pelo fazendeiro George Washington e apoiados por França e Espanha, os rebeldes finalmente derrotaram o Exército inglês em

## AS TREZE COLÔNIAS EM 1776

Confira como era o território dos EUA na época da independência



Fonte: José Arruda e Nelson Piletti, Toda a História, 3 ed., Ática, pag. 201

1781, na Batalha de Yorktown. Dois anos depois, foi assinado na Europa o **Tratado de Versalhes**, no qual a Coroa britânica reconheceu a independência dos EUA.

## UM NOVO PAÍS

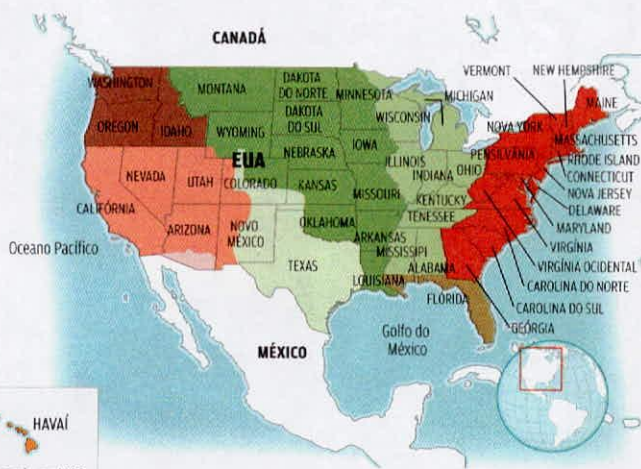
A Constituição dos EUA foi promulgada em 1787, equilibrando a tendência republicana – defensora da autonomia política para os estados – com a federalista – que pregava um poder central forte. Foi adotada como forma de governo a República federativa presidencialista, com a separação dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Em 1789, George Washington foi eleito o primeiro presidente norte-americano.

A independência dos EUA colaborou para o fim do Antigo Regime europeu, ao estimular movimentos semelhantes nas demais colônias americanas e ao contribuir para a eclosão da Revolução Francesa (veja matéria na pag. 70), que marcaria o fim da Idade Moderna.

## FORMAÇÃO DOS EUA

Veja como foi construído o atual território norte-americano

- Antigas Treze Colônias
- Obtido da Inglaterra no Tratado de Versalhes - 1783
- Comprado da França - 1803
- Anexado em 1812-1819
- Cedido pela Inglaterra - 1846
- Cedido pelo México - 1848
- Comprado do México - 1853
- Anexação do Texas - 1845-1848



Fonte: José Arruda e Nelson Piletti, Toda a História, 3 ed., Ática, pag. 201

## E NO BRASIL...

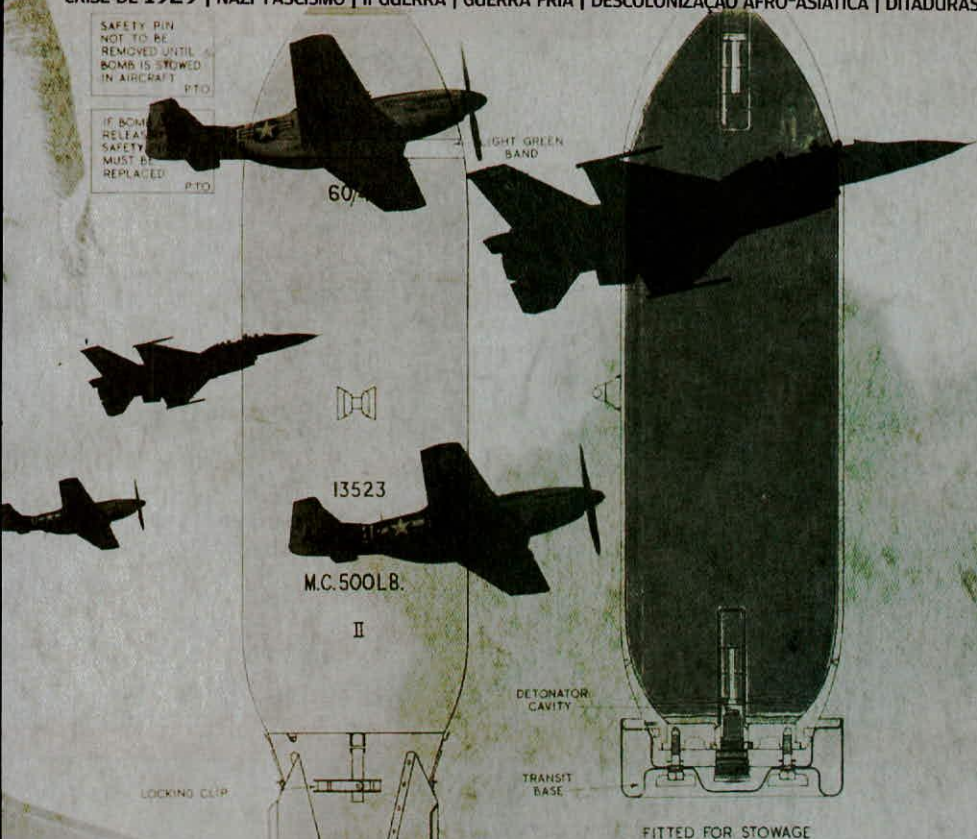
### INSPIRAÇÃO GRINGA

Treze anos depois da declaração de independência dos EUA, um grupo de brasileiros influenciados pela façanha norte-americana tentou realizar um movimento semelhante por aqui, que acabou fracassando: a Inconfidência Mineira (veja mais na pag. 112).









# Idade Contemporânea

**A** Idade Contemporânea começa com a **Revolução Francesa**, a partir de 1789, e se estende até os dias de hoje. A revolução representa a derrubada do absolutismo e a tomada do poder político pelos burgueses. Os ideais da burguesia vitoriosa se consolidam no século XIX, nas Revoluções Liberais, e se espalham pelo mundo. Na América, sua influência inspira a **independência das colônias** de Espanha e Portugal.

Para expandir seu poder econômico, a burguesia europeia passa a praticar o **Imperialismo**, explorando a África e a Ásia, onde mantém o domínio até meados do século XX. O choque entre os interesses das potências leva a um conflito global: a **I Guerra Mundial**, entre 1914 e 1919. Durante o confronto, o liberalismo burguês sofre um forte golpe: a **Revolução Russa**, de 1917, origina a União Soviética (URSS), o primeiro país a pôr em prática o **socialismo**, doutrina que prega o fim da propriedade privada e das classes sociais.

Na década seguinte, o capitalismo é novamente abalado pela **Crise de 1929**, a maior da História. Temendo o avanço comunista, a burguesia apóia a instalação de **regimes nazi-fascistas**, que se implantam com grande força na Itália e na Alemanha. As pretensões expansionistas do líder alemão Adolf Hitler dão origem à **II Guerra Mundial**, entre 1939 e 1945.

Do conflito, emergem duas superpotências – Estados Unidos (EUA) e URSS. O mundo se divide em dois blocos rivais: um capitalista, liderado pelos norte-americanos; outro socialista, capitaneado pelos soviéticos. Durante a **Guerra Fria**, EUA e URSS não guerreiam entre si, mas travam intensa disputa ideológica e intervêm em suas áreas de influência. A atuação norte-americana leva à instalação de violentas **ditaduras na América Latina**. O bloco socialista se desintegra no começo dos anos 1990, o que dá início à **Nova Ordem Mundial**, que dura até hoje e é marcada pela hegemonia dos EUA e pela globalização econômica. ||



## LINHA DO TEMPO

## IDADE CONTEMPORÂNEA

Confira os principais eventos da Idade Contemporânea. Nas páginas indicadas, você encontra tudo sobre os assuntos que mais caem no vestibular.

1789

Estoura a **Revolução Francesa**.  
Pág. 70

1817

Tem início a guerra pela **independência das colônias espanholas** na América.  
Pág. 72

1822

É proclamada a **independência brasileira**.  
Pág. 111

1826

O francês Joseph Niépce fixa a **primeira imagem fotográfica** conhecida da história, originando a fotografia.

1848

A crise econômica e a falta de liberdade civil acentuam a oposição à monarquia na França e levam às **Revoluções de 1848**, conhecidas como Primavera dos Povos, de inspiração nacionalista e liberal. Os revoltosos proclamam a República e instalam um governo provisório, de maioria burguesa, após uma insurreição em fevereiro. Apesar da conquista da democracia, as condições de vida dos trabalhadores pouco mudam. Em junho, eles promovem uma nova revolução, reprimida pelas tropas oficiais. A onda revolucionária atinge outras nações, mas é duramente reprimida.

1859

O inglês Charles Darwin publica *A Origem das Espécies*, em que expõe sua **teoria da evolução** das espécies por meio da seleção natural. A tese estipula que o meio ambiente seleciona os seres mais aptos e elimina os menos dotados.

## IDADE CONTEMPORÂNEA



1793

A obra *Enquiry Concerning Political Justice* (Investigação sobre a Justiça Política), do britânico William Godwin, marca o surgimento do **anarquismo** (do grego anarkhía, "falta de chefe ou governo"). A doutrina defende a abolição das formas de autoridade imposta, incluindo aí o Estado. Outros importantes teóricos anarquistas são o francês Pierre-Joseph Proudhon e o russo Mikhail Bakunin.  
Pág. 73



1804

**Napoleão toma o poder** como imperador da França.  
Pág. 71

1830

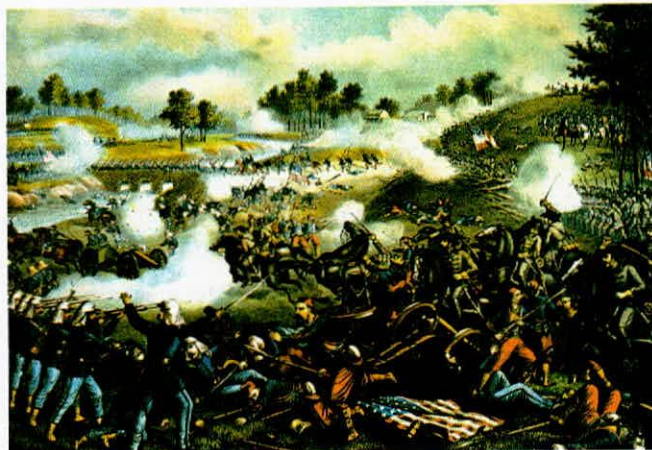
A burguesia francesa, reagindo às medidas autoritárias do rei Carlos X, derruba a dinastia Bourbon e leva ao poder Luís Felipe I um Orleães alinhado com seus interesses. Seguem-se várias insurreições semelhantes na Europa, as **Revoluções Liberais**.

1848

Os filósofos alemães Karl Marx e Friedrich Engels publicam o **Manifesto Comunista**, que origina o socialismo científico, umas das **doutrinas sociais e políticas do século XIX**.  
Pág. 73

1870

Ocorre a **unificação italiana**, que integra os vários Estados e reinos da península Itálica. O processo é defendido por dois grupos opostos: o Jovem Itálica (médica burguesia e proletariado) quer um Estado republicano; já o Risorgimento (alta burguesia) luta por uma monarquia liberal. Em 1861, Vitor Emanuel II, soberano de Piemonte-Sardenha, é proclamado rei da Itália. Mas o país se consolida apenas em 1870, com a conquista de Roma.



1861

Interesses antagônicos entre os estados do sul dos Estados Unidos (latifundiários e escravagistas) e os do norte (industrializados e abolicionistas) provocam a **Guerra Civil Americana** ou Guerra de Secessão. Com um saldo de 600 mil mortos, a guerra termina em 1865, com a vitória do norte e o fim da escravidão.





[3]

**1870**

A **Guerra Franco-Prussiana** marca o fim da hegemonia francesa na Europa. Reagindo à intenção de Napoleão III de conquistar a Prússia, o chanceler prussiano Otto von Bismarck derrota o Exército francês em 1871 e anexa a Alsácia e a Lorena. No mesmo ano, Bismarck efetiva a **unificação alemã**, integrando os Estados germânicos no II Reich (II Império).

**1895**

Os irmãos franceses Louis e Auguste Lumière inventam o **cinema**. A primeira sessão é realizada em 28 de dezembro, em Paris.

**1908**

O norte-americano **Henry Ford** introduz a linha de montagem na produção industrial, no método que fica conhecido como **fordismo**. Pág. 60

**1910**

Milhões de camponeses descontentes com o domínio dos latifundiários dão início à **Revolução Mexicana**, primeira revolta popular do século XX. Seguem-se dez anos de violentos conflitos e consecutivas derrubadas de governo. Destacam-se as lideranças populares de Pancho Villa e Emiliano Zapata. Em 1920, Álvaro Obregón assume o poder e consolida a revolução. Em seu governo se organizam os sindicatos e, na década seguinte, realiza-se a reforma agrária e as ferrovias e empresas de petróleo são nacionalizadas.



**1914**

Começa a **I Guerra Mundial**. Pág. 76

**1917**

É deflagrada a **Revolução Russa**. Pág. 78

**1922**

Benito Mussolini toma o poder na Itália, inaugurando os regimes **nazi-fascistas**, que marcariam a Europa após a I Guerra Mundial. Pág. 81

**1939**

Começa a **II Guerra Mundial**. Pág. 82



[7]

**1872**

O pintor francês Claude Monet conclui *Impressão: o Nascer do Sol*, tela que dá nome ao Impressionismo, movimento artístico que marca o **surgimento da arte moderna**.

**1885**

As potências europeias regulamentam a partilha da África na Conferência de Berlim. É um dos momentos mais representativos do **Imperialismo**. Pág. 74

**1889**

É proclamada a **República brasileira**. Pág. 125

**1905**

O alemão Albert Einstein publica a primeira etapa da **Teoria da Relatividade**, que revolucionou a física.

**1912**

Os países dos Balcãs, mais o Império Turco-Otomano, enfrentam-se em dois conflitos seguidos: as **Guerras Balcânicas**. Na primeira, em 1912, Montenegro, Sérvia, Grécia e Bulgária unem-se para combater a presença turca na região. Saem vitoriosos, mas a divisão dos territórios conquistados leva a um novo conflito, em 1913. Desta vez, a vencedora é a Sérvia, que amplia seus territórios. As ambições sérvias sobre domínios do Império Austro-Húngaro contribuirão para a eclosão da I Guerra Mundial.



[6]

**1929**

Os Estados Unidos (EUA) enfrentam a **Crise de 1929**, que se espalhará pelo mundo. Pág. 80

**1936**

Liderados pelo general Francisco Franco, militares rebelam-se contra o governo republicano da Espanha, iniciando a **Guerra Civil Espanhola**. O combate opõe nacionalistas (partidários de Franco) e republicanos. Os nacionalistas têm apoio dos fascistas italianos e dos nazistas alemães. Os republicanos, compostos de socialistas e liberais, dentre outros, contam com a ajuda de militantes de diversos países, organizados nas Brigadas Internacionais. O conflito acaba em 1939, deixando 1 milhão de mortos. Franco vence e implanta uma ditadura, que governa a Espanha até 1975.

**1945**

Josip Broz Tito assume o poder na **Iugoslávia**, organizando o país como uma federação socialista de seis repúblicas - Sérvia, Croácia, Eslovênia, Bósnia-Herzegovina, Montenegro e Macedônia - e duas províncias autônomas (Kosovo e Voivodina). Ele resiste à tentativa soviética de transformar a nação num Estado-satélite, como ocorre com o restante do Leste Europeu.



[4]



# LINHA DO TEMPO

## O PLANO DE PARTILHA DA ONU



Fonte: Le Monde Diplomatique

1948

O **Estado de Israel é proclamado** em maio de 1948, após aprovação pela ONU do plano de partilha da Palestina entre árabes e judeus. Nações árabes do Oriente Médio atacam Israel para impedir a criação do país, no primeiro conflito árabe-israelense. A luta termina em 1949, com a vitória de Israel, que amplia seu território para além dos limites estabelecidos pela ONU. Ao final do conflito, o Egito anexa a Faixa de Gaza e a Jordânia incorpora a Cisjordânia.

## APÓS A GUERRA DE INDEPENDÊNCIA



Fonte: Le Monde Diplomatique

## PALESTINA APÓS A GUERRA DOS SEIS DIAS



Fonte: Le Monde Diplomatique

1967

Na **Guerra dos Seis Dias**, os israelenses conquistam amplos territórios: a Faixa de Gaza e a península do Sinai, do Egito; a Cisjordânia e Jerusalém Oriental, da Jordânia; e as Colinas de Golã, da Síria.

## IDADE CONTEMPORÂNEA

1946

Eclode a Guerra da Indochina, um dos capítulos da **descolonização afro-asiática**.  
Pág. 87



1948

A política de segregação racial do **apartheid** (separação, em africâner) é oficializada na África do Sul. A minoria branca impede os negros de ter acesso à propriedade da terra, de participar da vida política e de frequentar determinadas áreas das cidades. Só nos anos 1990 o apartheid é revogado, no governo de Frederik de Klerk. Em 1994, o líder negro Nelson Mandela é eleito presidente.



1949

Os principais grupos políticos chineses – nacionalista e comunista – intensificam o conflito iniciado em 1927 e interrompido na II Guerra Mundial. O líder dos nacionalistas, Chiang Kai-shek, não resiste ao avanço dos camponeses comandados pelo líder comunista Mao Tsé-tung. Mao proclama a República Popular da China e reorganiza o país nos moldes socialistas: é a **Revolução Chinesa**. Chiang vai para Taiwan (Formosa) e funda a República da China, tida até hoje como uma “provincia rebelde” pelo governo de Pequim.

1950

Começa a Guerra da Coreia, o primeiro grande conflito da **Guerra Fria**.  
Pág. 84

1951

No contexto da Guerra Fria, tem início nos EUA o **macarthismo**, perseguição a comunistas conduzida pelo senador Joseph McCarthy.



1959

Irrrompe a **Revolução Cubana**.  
Pág. 85

1959

Tem início a **Guerra do Vietnã**.  
Pág. 85



[4]

1964

O movimento pela criação de um Estado árabe na Palestina consolida-se com a fundação da **Organização para a Libertação da Palestina (OLP)**.

1964

No Brasil, é instaurado o **regime militar**.  
Pág. 148

1966

Em meio a lutas internas no Partido Comunista Chinês, Mao Tsé-tung busca apoio das massas populares para voltar à liderança máxima do partido e impulsiona a **Grande Revolução Cultural Proletária**. Jovens militantes são estimulados a formar a Guarda Vermelha, que persegue os adversários e viabiliza a retomada do poder por Mao.  
Pág. 86



1968

Um dos principais líderes do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, o pastor batista **Martin Luther King** é assassinado por um segregacionista branco em Memphis. Defensor da não-violência e da igualdade entre negros e brancos, recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1964.



1968

Uma grande onda de protestos de estudantes – que evoluiu para uma greve de trabalhadores – toma as ruas de Paris, no evento que fica conhecido como o movimento de **Maio de 1968** na França.  
Pág. 89



1973

Golpes de Estado instalam regimes militares no Chile e no Uruguai. O movimento atinge vários outros países do continente. São as **ditaduras latino-americanas**.  
Pág. 88



1974

A crise econômica e as guerras nas colônias africanas levam as Forças Armadas de Portugal a derrubar o regime totalitário que comandava o país - o salazarismo - por meio da **Revolução dos Cravos**.

1989

A queda do Muro de Berlim marca o fim da Guerra Fria. Nos anos seguintes, o planeta assistiria ao desmantelamento do mundo comunista (pág. 92) e mergulharia na chamada **Nova Ordem Mundial** (pág. 91).



1989

O dirigente chinês Deng Xiaoping reage violentamente aos protestos pró-democracia em Pequim, matando entre 2 mil e 5 mil pessoas no **Massacre da Praça da Paz Celestial**.

1990

Saddam Hussein ordena a invasão do Kuwait, deflagrando a **Guerra do Golfo**. Forças internacionais lideradas pelos EUA reagem no ano seguinte, e o Iraque se rende.

1993

Depois da derrubada pacífica do regime socialista, em 1989, conhecida como Revolução de Veludo, é realizada a **divisão da Tchecoslováquia** em República Tcheca e Eslováquia.

1975

A transferência para Beirute da OLP - violentamente expulsa da Jordânia cinco anos antes - abala a frágil convivência dos grupos religiosos locais e provoca uma **guerra civil no Líbano** que se estende até 1990. A intervenção de países vizinhos torna o conflito ainda mais intenso. Em 1976, a Síria invade o Líbano, onde mantém tropas até 2005. Em 1982 é a vez de Israel, que força a saída da OLP de Beirute e ocupa uma faixa no sul do país até o ano de 2000, com o objetivo de combater as atividades do Hezbollah, milícia xiita que promove ataques constantes contra o território israelense.

1979

Egípcios e israelenses concluem a assinatura dos históricos **acordos de paz de Camp David**, sob a mediação dos EUA. O Egito recupe a península do Sinai (de forma gradativa, até 1982) e torna-se o primeiro país árabe a reconhecer a existência de Israel.

1979

Descontente com o governo pró-Occidente do xá Reza Pahlevi, a maioria xiita do Irã inicia a **Revolução Islâmica**. Setores da esquerda e liberais unem-se aos muçulmanos tradicionalistas, comandados pelo aiatolá Khomeini, líder religioso exilado na França. O governo não controla a insurreição, e, em janeiro de 1979, o xá foge do país. Khomeini volta a Teerã em fevereiro e proclama a República Islâmica do Irã, da qual se torna chefe religioso e político.  
Pág. 90



[8]

1980

Com pretensões de se tornar uma espécie de líder do mundo árabe, o ditador iraquiano Saddam Hussein inicia a **Guerra Irã-Iraque**. É maciçamente apoiado pelos EUA, preocupados com uma possível expansão da revolução islâmica iraniana. O conflito dura oito anos, termina sem vencedor e deixa 1 milhão de mortos.

1993

Israel e a OLP assinam o **Acordo de Oslo**, pelo qual os dois lados se reconhecem mutuamente. Em 1995 é a vez do Acordo de Oslo II, que prevê a extensão do controle palestino na Cisjordânia.

1994

Os **EUA intervêm no Haiti** com a permissão da ONU. O país sofrera um golpe militar, e o êxodo de refugiados para os EUA aumentara as pressões do governo norte-americano pela volta do presidente Jean-Bertrand Aristide. O Haiti é ocupado por uma força multinacional, e Aristide é reconduzido ao cargo.

1994

Cem mil pessoas morrem durante a **intervenção militar russa na Chechênia**, pequena república que se declarou independente da Federação Russa em 1991. Um acordo de paz é assinado em 1997, mas o conflito se prolonga pela década seguinte.

1998

Três anos após o fim da Guerra da Bósnia, em mais um capítulo do violento processo de dissolução da Iugoslávia, tem início a **Guerra do Kosovo**. A região, de população majoritariamente albanesa, luta pela independência, enfrentando a repressão do presidente Slobodan Milosevic. A Otan intervém no ano seguinte e Milosevic, acusado de massacres étnicos, capitula. A ONU instala um governo provisório na região.

2001

Em 11 de setembro, as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, são derrubadas, no **maior ataque terrorista da história**.



[10]



## REVOLUÇÃO FRANCESA



**Avanço liberal** Batizada de A Liberdade Guiando o Povo, a tela de Eugène Delacroix retrata o momento em que a revolução burguesa irrompe na França, para mudar, para sempre, a história do mundo

# O levante burguês

Foi um processo complicado, cheio de reviravoltas, mas, enfim, a burguesia conseguiu: guilhotinou o absolutismo na França, tomou o poder e soprou ventos liberais por todo o planeta

**A** Revolução Francesa, modelo clássico de revolução burguesa, foi um movimento social e político que transformou profundamente a França de 1789 a 1799. Sob o lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, a burguesia revoltou-se contra a monarquia absolutista e, com o apoio popular, tomou o poder, pondo fim aos privilégios da nobreza e do clero e livrando-se das instituições feudais do Antigo Regime.

## ANTECEDENTES

No fim do século XVIII, a população francesa estava dividida politicamente em três ordens. O clero compunha o **Primeiro Estado**; a nobreza,

o **Segundo Estado**. Eles eram os mais privilegiados, sustentados pelos impostos pagos pelo **Terceiro Estado**, que correspondia a cerca de 98% dos habitantes e era composto de burgueses, trabalhadores urbanos e camponeses.

À época, o país enfrentava sérias dificuldades econômicas. Além de endividada externamente, a França via sua agricultura sofrer com secas e sua indústria minguar por causa da concorrência inglesa. Como solução, os ministros do rei Luís XVI, influenciados pelo liberalismo, propuseram cobrar impostos da nobreza e do clero, até então isentos de tributos. As classes dominantes pressionaram contra o projeto, e a situação política ficou tensa.

## ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE

O rei convocou a **Assembléia dos Estados Gerais**, que se reuniu em 1789. Nesse órgão, cada Estado tinha direito a um voto, o que garantia o domínio da nobreza e do clero, tradicionais aliados. Cansado de não ter voz, e ao ver a aristocracia abalada pela crise econômica, o Terceiro Estado se rebelou: proclamou-se **Assembléia Nacional Constituinte**, dedicando-se à elaboração de uma nova Constituição para a França.

A população envolveu-se. Em 14 de julho, os parisienses **tomaram a Bastilha** – prisão que simbolizava o poder monárquico –, no episódio



**“AVANTE, FILHOS DA PÁTRIA, /  
O DIA DA GLÓRIA CHEGOU. / O  
ESTANDARTE ENSANGÜENTADO DA  
TIRANIA / CONTRA NÓS SE LEVANTA.  
/ OUVÍS NOS CAMPOS RUGIREM /  
ESSES FEROZES SOLDADOS? / VÊM  
ELES ATÉ NÓS / DEGOLAR NOSSOS  
FILHOS, NOSSAS MULHERES. /  
ÀS ARMAS CIDADÃOS! / FORMAI  
VOSSOS BATALHÕES! / MARCHEMOS,  
MARCHEMOS! / NOSSA TERRA DO  
SANGUE IMPURO SE SACIARÁ!”**

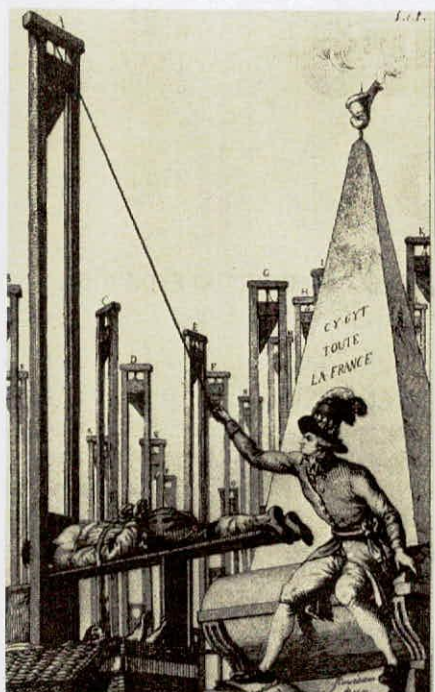
TRECHO DE A MARSELHESA, CANÇÃO REVOLUCIONÁRIA  
QUE, MAIS TARDE, VIRIA A SE TORNAR O HINO DA FRANÇA

que marcou o início da revolução. Grande parte da nobreza fugiu do país e os revolucionários avançaram para o interior, atacando seus castelos. Em agosto, a Assembleia Constituinte anulou os direitos feudais remanescentes e aprovou a **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão**, que estipulava liberdades individuais e estabelecia a igualdade de todos perante a lei.

## ASSEMBLÉIA NACIONAL LEGISLATIVA

Em 1791 foi finalizada a Constituição. O texto conservava a monarquia, mas instituía a divisão do Estado nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, proclamava a igualdade civil e confiscava os bens da Igreja.

Foi eleita a Assembleia Nacional Legislativa, com voto censitário (condicionado à renda), de modo que a maioria dos membros pertencia à elite burguesa. Os deputados estavam divididos em três grupos. Os **girondinos**, representantes da alta burguesia, sentados à direita do plenário, eram mais conservadores e combatiam a ascensão dos “**sans-culottes**” (os que não usam culotes, traje da nobreza – ou seja, o povo). Os **jacobinos**, à esquerda, representavam a média e pequena burguesia,



**Período do Terror** Milhares de opositores são guilhotinados na fase mais violenta do movimento

eram apoiados pelas camadas populares e buscavam ampliar a participação do povo no governo. Os deputados do centro, a maioria, apelidados de **grupo do pântano**, oscilavam entre jacobinos e girondinos.

Preocupadas com os eventos ocorridos no país vizinho – e apoiadas pela nobreza francesa refugiada e pelo próprio Luís XVI, que havia debandado para a Áustria e sonhava em voltar ao poder –, Áustria e Prússia invadiram a França em 1792. Liderados por Maximilien de Robespierre, Jean Paul Marat e Georges-Jacques Danton, jacobinos e sans-culottes organizaram um exército, venceram os estrangeiros e assumiram o governo do país. Formaram as guardas nacionais e radicalizaram a oposição aos nobres.

## CONVENÇÃO

A pressão popular fez com que se formasse uma nova Assembleia, dessa vez eleita por sufrágio universal, para preparar outra Constituição. A **Convenção**, como ficou conhecida, funcionou entre 1792 e 1795. Fortalecidos, os jacobinos proclamaram a **República** em 20 de setembro de 1792. No ano seguinte, guilhotinaram Luís XVI, capturado durante a guerra.

Começava o **Período do Terror**, que durou de 1793 a 1794. Sob o comando de Robespierre, foi criado o Tribunal Revolucionário, encarregado de prender e julgar traidores. Milhares de pessoas foram guilhotinadas, incluindo jacobinos acusados

de conspiração, como Danton e o jornalista Desmoulins. O governo jacobino foi popular, conseguiu controlar os preços, mas as perseguições levaram à perda do apoio do povo. Os membros da Convenção acabaram se voltando contra Robespierre, que foi preso e executado. Assim, chegava a fim a supremacia jacobina. Os girondinos, em aliança com o grupo do pântano, instalaram novamente no poder a alta burguesia.

## DIRETÓRIO E NAPOLEÃO

Os novos líderes decidiram redigir outra Constituição, instituindo o governo do Diretório (1795 - 1799), que consolidou as aspirações burguesas. Nesse período, o país sofreu ameaças externas, e, para manter seus privilégios, a burguesia entregou o poder ao general Napoleão Bonaparte.

Popular por suas conquistas militares, ele deu um golpe de Estado em 1799 – o **18 Brumário** –, instalando um novo governo, o **Consulado**. Nesse sistema, a nação era administrada por três cônsules, dos quais Napoleão era o mais influente. Em 1804, o general coroou-se imperador. Prosseguiu a expansão territorial, formando um grandioso império que incluía a Áustria, a Holanda, a Suíça, a Itália, a Bélgica e a península Ibérica. Também implantou o Código Civil, que confirmou a vitória da revolução burguesa e influenciou a legislação de todos os países europeus no século XIX.

Napoleão foi derrotado por uma coalizão de potências europeias em 1815. Reunidas no **Congresso de Viena**, no mesmo ano, elas retomaram os territórios perdidos e restauraram o poder político da nobreza no continente. Mas não por muito tempo. A partir de 1830, com as **Revoluções Liberais**, que começaram na França e se espalharam pela Europa, o Estado burguês concretizado por Napoleão foi reerguido, comprovando que as mudanças trazidas pela Revolução Francesa tinham vindo para ficar. ||

## HISTÓRIA MALUCA

### PIRAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS

Os revolucionários franceses resolveram mudar tudo no país – até a geometria. Em 1793, a Convenção aboliu o ângulo reto de 90 graus, que foi substituído pelo de 100 graus. Assim, o círculo ficava com um total de 400 graus em vez de 360. A mesma Convenção determinou que 100 segundos equivaleriam a um minuto. E 100 minutos dariam uma hora. As novas medidas, claro, acabaram não pegando.

## E NO BRASIL...

### CORTE FUGIDA

Inimiga da Inglaterra, a França de Napoleão decretou, em 1806, o bloqueio continental, impedindo a Europa de comercializar com os britânicos. Com a economia subordinada à Inglaterra, Portugal relutou em aderir ao bloqueio. Napoleão, então, ordenou a invasão do reino ibérico, provocando a vinda da família real portuguesa ao Brasil, em 1808. Isso apressaria nossa independência, ocorrida em 1822 (veja mais na pág. 111).



## INDEPENDÊNCIA DA AMÉRICA ESPANHOLA

# Livres, pero no mucho

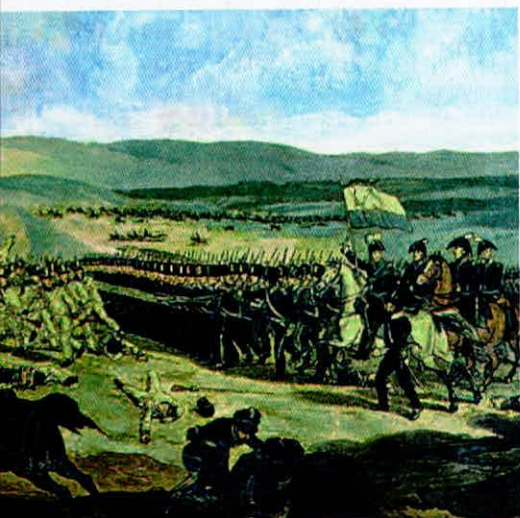
A elite hispano-americana libertou a região do domínio espanhol, mas não rompeu a dependência da Europa

Nas primeiras décadas do século XIX, as colônias espanholas na América travaram guerras contra a metrópole e tornaram-se independentes. Em geral liderados pela elite e apoiados pela Inglaterra, os movimentos resultaram no surgimento de várias repúblicas no continente.

## MOTIVAÇÕES

A invasão da península Ibérica por Napoleão Bonaparte, em 1807, causou o desaparecimento temporário da presença da metrópole nas colônias espanholas. Inspirados no Iluminismo, na independência dos Estados Unidos e na Revolução Francesa, e querendo ver-se livres do pacto colonial, que limitava seus negócios, os criollos perceberam que era um bom momento para ampliar a autonomia das colônias e brigar pela independência.

Para isso, eles contavam com um importante aliado: a Inglaterra. A potência industrial tinha interesse na liberação dos mercados latino-americanos – até então subordinados ao monopólio espanhol –, o que lhe permitiria inundá-los com seus produtos.



**El liberador** O argentino José de San Martín (no cavalo escuro), lidera os chilenos na sua libertação do domínio espanhol

## GUERRAS

Os primeiros movimentos pela independência ocorreram ainda no século XVIII e foram severamente reprimidos pela metrópole. O mais célebre foi comandado pelo líder indígena Tupac Amaru, no Peru, em 1780. A reação espanhola deixou 80 mil mortos.

Quando Napoleão foi derrotado, em 1815, a Espanha tentou se reimpôr nas colônias, mas as forças emancipacionistas já estavam bem articuladas e, com o apoio inglês, intensificaram a luta. Em 1817 teve início a Guerra da Independência. Seus principais líderes foram o venezuelano Simón Bolívar e o argentino José de San Martín, que percorreram o continente enfrentando os espanhóis (veja o mapa ao lado). O primeiro partiu do norte, libertando a Venezuela (1819), a Colômbia (1819), o Equador (1822) e a Bolívia (1825). San Martín, após livrar seu país, em 1816, rumou aos Andes, proclamando a independência do Chile (1818) – com a colaboração do líder local Bernardo O'Higgins – e do Peru (1821).

O movimento se estendeu à América Central e ao México, de modo que, em 1825, as únicas possessões espanholas no continente eram Cuba e Porto Rico, que passariam ao controle dos Estados Unidos em 1898, na Guerra Hispano-Americana.

## FRAGMENTADOS E DEPENDENTES

Em 1826, Bolívar apresentou na Conferência do Panamá seu projeto de uma grande federação de repúblicas, unindo as antigas colônias espanholas em um só país. Mas a ideia fracassou, pois batia de frente com as ambições das oligarquias locais, sedentas por poder, e aos interesses da Inglaterra e dos EUA, contrários ao surgimento de um país forte na região. Formaram-se, assim, quase duas dezenas de Estados.

A independência significou a separação política da metrópole, mas a estrutura social se manteve, com o domínio dos criollos, e a dependência econômica também, agora não mais em relação à Espanha, mas, sim, ao capitalismo industrial britânico.

## ROTAS DA LIBERDADE

Veja os caminhos seguidos por Bolívar e San Martín, os novos países que surgiram e as datas de independência



\* As datas referem-se à separação dos atuais países da antiga Grã-Colômbia, nação independente fundada por Simón Bolívar em 1821.  
\*\* Refere-se à segunda proclamação da independência em relação aos espanhóis. A primeira foi em 1821.

Fonte: Claudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo, História para o Ensino Médio, 1. ed., Scipione, págs. 326, 332/7

**“REALIZAVAN LA LABOR DE DESUNIR NOSSAS MÃOS E FAZER COM QUE OS IRMÃOS SE MIRASSEM CON TEMOR CUANDO PASSARON LOS AÑOS SE ACUMULARAM RANCORES SE OLVIDARAM OS AMORES PARECIAMOS EXTRAÑOS”**

TRECHO DE CANCIÓN POR LA UNIDAD DE LATINO AMÉRICA (DE PABLO MILANES E CHICO BUARQUE), QUE FALA DO PROCESSO DE FRAGMENTAÇÃO DO SOLO LATINO-AMERICANO

## E NO BRASIL...

### MÉTODO LUSITANO

A independência do Brasil, em 1822, apesar de ter ocorrido no mesmo contexto histórico da libertação das colônias hispano-americanas, foi um processo diferente. Não houve uma grande revolução armada, e a proclamação foi feita por um membro da família real da metrópole. Veja mais na página 99



# Idéias bombásticas

No século XIX surgiram teorias que marcariam a Idade Contemporânea, estimulando guerras e revoluções

**A** industrialização e a urbanização da Europa vieram acompanhadas do surgimento de novas doutrinas sociais e políticas. Para justificar o sistema econômico vigente – o capitalismo –, foi elaborado o liberalismo. Para combatê-lo, criou-se o socialismo. O avanço dessas idéias provocou conflitos durante os quais se desenvolveu outra inflamada novidade da época: o nacionalismo.

## LIBERALISMO

Nascido durante o Iluminismo, o liberalismo teve como principal teórico, na política, o inglês John Locke e, na economia, o escocês Adam Smith (veja na pág. 61). Outros nomes de peso foram os ingleses David Ricardo (1772-1823) e Thomas Malthus (1766-1834).

Uma das principais características do liberalismo é a propriedade privada, que seria um direito natural do ser humano. A partir dela, o indivíduo teria liberdade de produzir e comercializar, sem interferência do governo, que deve apenas garantir a ordem e a justiça. Para os liberais, a economia tem leis próprias que não devem ser violadas. Os preços variam de acordo com a oferta e a procura de cada produto, e a livre concorrência entre as empresas elimina as menos eficientes. Os liberais procuravam justificar as desigualdades, afirmando que elas eram naturais e que, com o progresso, diminuiriam.

A doutrina influenciou as revoluções liberais de 1830 na Europa, que consolidaram o poder político da burguesia.

## SOCIALISMO

O socialismo propõe a supressão da propriedade privada e das classes sociais. Os primeiros teóricos da doutrina buscaram solucionar os problemas da classe operária por meio de projetos idealistas, em geral voltados para grupos restritos. Um exemplo eram os falanstérios – comunidades operárias onde a divisão do trabalho seria abolida –, concebidos pelo francês Charles Fourier (1772-1837). Esses estudos pioneiros ficaram conhecidos como socialismo utópico.

Em 1848, com a publicação do *Manifesto Comunista*, os alemães Karl Marx e Friedrich Engels inauguraram o socialismo científico. Eles defendiam a tese de que a História é uma sucessão de lutas de classes e que, durante o capitalismo, o conflito se dá entre



**Internacional Socialista** Em 1889, representantes de vários países reúnem-se em Paris para debater as idéias de Engels e Marx

burgueses e proletários (trabalhadores que vendem sua força de trabalho).

Para explicar como esses últimos são explorados, Marx e Engels criaram o conceito da mais-valia. Ela é a diferença entre a riqueza produzida numa empresa e a parcela desse total paga aos trabalhadores – quantia a partir da qual o patrão retira o lucro. Para eles, essa diferença seria injusta: toda a riqueza produzida deveria ser dividida entre os trabalhadores.

Os teóricos estimulavam os proletários a se unir e lutar contra os burgueses. A vitória resultaria na ditadura do proletariado, que extinguiria a propriedade privada dos meios de produção. O socialismo seria uma etapa de transição para o comunismo, em que o Estado gradualmente desapareceria. Tais idéias influenciariam a Revolução Russa, de 1917 (veja na pág. 78).

## NACIONALISMO

O nacionalismo determina a devoção do indivíduo ao Estado nacional. Influenciou as unificações da Itália e da Alemanha e as lutas de independência das colônias. No século XX, inspirou os regimes nazi-fascistas, que deflagram a II Guerra Mundial (veja na pág. 81). ||

## VOCÊ SABIA?

### ANARQUIA ORGANIZADA

Outra doutrina a ganhar força no período é o anarquismo (do grego anarkhía, “falta de chefe ou governo”), que defende a organização social sem nenhuma forma de autoridade imposta, incluindo a publicação da obra *Enquiry Concerning Political Justice*, em 1793, pelo britânico William Godwin. No século XIX, o movimento se divide em duas correntes principais. A primeira, encabeçada pelo francês Pierre-Joseph Proudhon, afirma que a sociedade deve ser estruturada em pequenas associações baseadas no auxílio mútuo. A segunda, liderada pelo russo Mikhail Bakúnin, propõe uma revolução sustentada pelo campesinato. Os trabalhadores espanhóis e italianos são bastante influenciados pelo anarquismo, mas ele é esmagado nesses países pelo surgimento do fascismo.



## IMPERIALISMO

**Bê-á-bá da dominação**

Crianças africanas aprendem a "lição" do colonizador em Kwango, no Zaire, um dos vários países do continente dominados pelas nações imperialistas europeias

# O mundo é deles

Para elevarem seus lucros, as grandes potências industriais produziram uma nova onda de colonização no século XIX, partilhando entre si as regiões menos desenvolvidas do globo

A política de expansão de poder e dominação de um Estado ou sistema político sobre outros ocorreu muitas vezes na História. No entanto, o termo **imperialismo** – ou **neocolonialismo** – surgiu para designar especificamente a expansão das potências industriais europeias a partir do século XIX.

## CAUSAS E CARACTERÍSTICAS

A Revolução Industrial criou alguns problemas para as nações europeias. Com uma indústria apta a produzir mais, faltava, agora, mercado consumidor. Além disso, os grandes burgueses procuravam outras regiões onde pudessem investir mais para obter lucros ainda maiores. E também havia a necessidade de encontrar novas fontes de matérias-primas básicas, como ferro e petróleo.

Tudo isso levou os europeus a uma **nova expansão colonial**. Mas ela teve algumas diferenças importantes em relação à ocorrida no

(1) início da Idade Moderna, a começar pelos ob-

jetivos, que, nos séculos XV e XVI, eram primordialmente a exploração de metais preciosos e de produtos tropicais. Além disso, agora o sistema econômico vigente não era mais o capitalismo comercial e, sim, o industrial; por fim, em vez da América, foram exploradas a África e a Ásia.

## PARTILHA DA ÁFRICA

A descoberta de jazidas de diamante e outras riquezas, como marfim, no território africano precipitou a imediata colonização da região. Os primeiros a conquistar terreno foram os belgas, detentores do monopólio sobre o Congo desde 1876, e os franceses, que avançaram sobre a Argélia, a Tunísia e o Marrocos. Logo depois vieram os ingleses, que se apoderaram do Egito, do Sudão e do sul do continente. Os conflitos entre britânicos e a população bôer – descendente de holandeses, instalada na África do Sul – deu origem à **Guerra dos Bôeres** (1899-1902), que acabou com vitória inglesa.

A desavença entre as potências imperialistas crescia cada vez mais, e, para resolver o impasse de quem seria o grande ganhador do centro da África, os países europeus realizaram, em 1885, a **Conferência de Berlim**. No congresso ficou estabelecida uma verdadeira partilha do território africano. O resultado foi devastador para o continente, que teve suas fronteiras redivididas de acordo com os interesses europeus – o que provocou várias guerras sangrentas entre tribos rivais no decorrer do século XX – e viu sua economia tornar-se completamente dependente da Europa.

## CONQUISTA DA ÁSIA

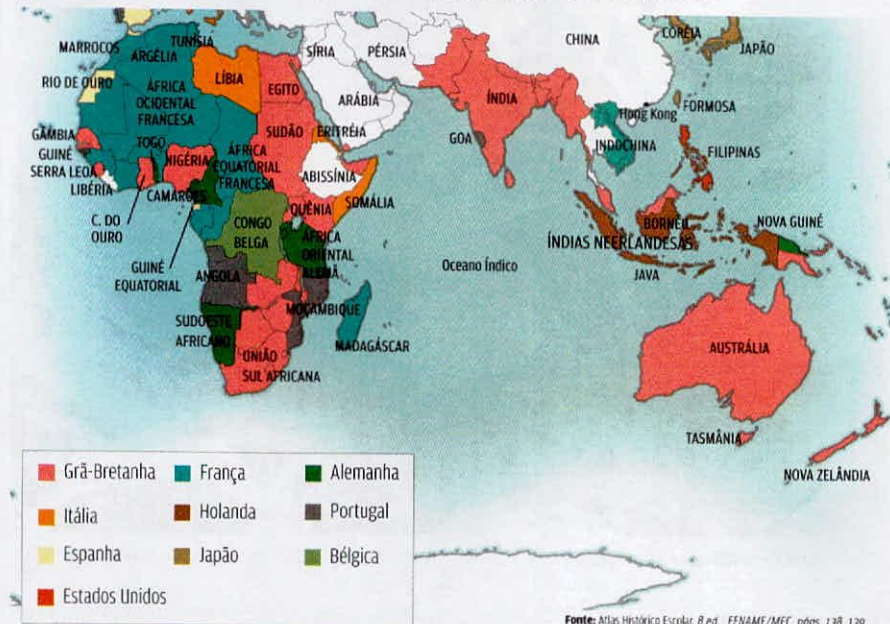
As regiões asiáticas mais almeçadas pelas potências imperialistas foram a Índia e a China. Na Índia, os britânicos já possuíam as bases da colonização estabelecidas desde a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), quando a vitória sobre a arqui-rival França lhes garantiu hegemonia na região. Em 1857, os nativos se rebelaram na **Guerra dos Sipaio**s, vencida pelos ingleses dois anos depois. Em 1876, a rainha Vitória foi coroada imperatriz da Índia. A exploração comercial era feita por meio da poderosa Companhia das Índias Orientais, detentora do monopólio da atividade.

Na China, a penetração europeia foi dificultada pelo governo forte e centralizado. O caminho encontrado pelos ingleses para penetrar no país foi a exportação ilegal de ópio – poderoso narcótico extraído da papoula –



## PLANETA PARTILHADO

Confira os domínios das potências imperialistas na África, no Sudeste Asiático e na Oceania



para solo chinês, onde seu consumo era proibido. As autoridades chinesas reagiram queimando 20 mil caixas do produto em 1839. A tensão levou às **Guerras do Ópio**. Depois de três anos de batalhas, os ingleses saíram vitoriosos e estabeleceram o Tratado de Nankim, no qual o governo chinês se comprometia a entregar Hong Kong à Inglaterra e a abrir cinco portos ao comércio internacional.

No fim do século XIX, o enorme território chinês estava dividido em esferas de influência de Inglaterra, Alemanha, Rússia, França, Estados Unidos (EUA) e Japão. Em 1900, os boxers, um grupo nacionalista com amplo apoio popular, sitiou o bairro ocupado pelas delegações estrangeiras em Pequim, dando início à **Guerra dos Boxers**. O confronto terminou com a derrota chinesa e com a imposição, por parte das potências imperialistas, da política da “porta aberta”, na qual a China ficava obrigada a fazer amplas concessões comerciais.

## IMPERIALISMO RUSSO

Por ter a economia basicamente agrária até o século XIX, foi somente depois de 1870 que a Rússia começou a sentir necessidade de mercados consumidores e de matéria-prima, dedicando-se às conquistas imperialistas. Lançou-se em direção à Criméia (região próxima ao mar Negro) e à Índia, mas foi barrada pelos interesses das demais potências europeias, principalmente a Inglaterra. A alternativa foi voltar-se para o Extremo Oriente, mais especificamente à região chinesa da

Manchúria, rica em minerais. Porém, aí também os russos depararam com um forte concorrente: o Japão.

## IMPERIALISMO JAPONÊS

Assim como a Rússia, o Japão foi, até o século XIX, fechado política e economicamente. As mudanças só começaram durante a **Era Meiji**, no fim do século, quando houve investimentos em indústrias, acabando com a antiga estrutura feudal de produção. Em guerras contra a China, o Japão conquistou a ilha de Formosa (Taiwan) e a Coreia. Mais tarde, o país entrou em choque com a Rússia pela Manchúria, na **Guerra Russo-Japonesa**. Apoiados por ingleses e norte-americanos, os japoneses saíram vencedores do conflito em 1905 e tornaram-se a maior potência imperialista do Oriente.

## IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO

A história de intervenções norte-americanas na América Latina começou em 1846, com a guerra contra o México, em que os EUA anexaram quase metade do território vizinho. Em 1898, na Guerra Hispano-Americana, o país conquistou Porto Rico e, três anos depois, por meio da emenda Platt, garantiu poder de intervenção sobre a recém-independente Cuba. No Panamá, os EUA intervieram apoiando a independência do país e garantiram para si o direito de construir e controlar o Canal do Panamá, que liga o oceano Atlântico

## VOCÊ SABIA?

### IMPÉRIO OU REINO?

Embora hoje estas duas palavras sejam comumente empregadas no sentido de Estado, os historiadores apontam diferenças entre elas. A princípio, a questão territorial: os impérios são maiores do que os reinos. Mas os conceitos diferem sobretudo por outro ponto: o rei governa seu próprio povo, enquanto o imperador é soberano de outros povos, conquistados pela força, pelo poder econômico ou pela eficiência diplomática. Um bom exemplo para entender a diferença é o do reino inglês. Com a conquista de territórios fora da Grã-Bretanha a partir do século 16, ele passaria a ser chamado de Império Britânico. Isso até perder quase todas as suas últimas colônias no século XX, voltando a ser apenas um reino.

ao Pacífico. Já no século XX, por meio da **política do “big stick”** (grande porrete), os norte-americanos consolidaram seu poder sobre o Caribe, impondo forte presença militar e domínio econômico na região.

## A SEGUNDA ONDA

Essa primeira fase do imperialismo terminou com a I Guerra Mundial. Entre 1914 e 1945, o imperialismo se caracterizou pela rápida expansão dos Estados totalitários, como a Alemanha nazista, a Itália fascista, o Japão e a União Soviética (URSS). Após a II Guerra Mundial e o fim dos processos de descolonização da África e da Ásia, o imperialismo assumiu a forma de hegemonia política e econômica, durante a Guerra Fria (veja matéria na pág. 84).

## E NO BRASIL...

### INFORMALIDADE INGLESA

O Brasil não esteve livre do imperialismo. Por aqui, assim como no resto da América do Sul, vigorou o imperialismo informal, implantado pelos britânicos. A Inglaterra era o país que mais nos vendia produtos, que mais investia no Brasil e para o qual nós mais devíamos dinheiro. Ou seja, apesar de ser politicamente independente, o país mantinha forte dependência econômica da potência imperialista.



## I GUERRA MUNDIAL

# Briga de cachorro grande

O mundo ficou pequeno para tanta sede imperialista, e as maiores potências do planeta se engalfinharam, no combate mais violento que já se virou até então

Em 1914, um conflito armado entre o Império Austro-Húngaro e a Sérvia estendeu-se às demais potências imperialistas européias e envolveu dezenas de países mundo afora, transformando-se num confronto generalizado. A guerra se prolongou por quatro anos, deixou cerca de 14 milhões de mortos e sacudiu a geopolítica mundial.

## MOTIVOS E ALIANÇAS

O principal fator que desencadeou a I Guerra Mundial foi o **choque de imperialismos**: todas as potências européias estavam empenhadas em expandir suas economias e seus domínios, o que inevitavelmente provocava disputas.

A situação ficou especialmente complicada no início do século XX porque a Alemanha, que até pouco tempo atrás era uma nação sem expressão, despontou como uma das economias mais pujantes do continente, após unificar-se e industrializar-se de forma acelerada. A rápida ascensão preocupava britânicos e, sobretudo, franceses, que alimentavam revanchismo com os alemães desde a derrota na Guerra Franco-Prussiana (1870).

A Rússia também tinha atritos com vizinhos. Sob o pretexto do **pan-eslavismo** (união de todos os povos eslavos), o país queria ampliar seu poder anexando áreas dos impérios Austro-Húngaro e Turco-Otomano. Os territórios otomanos eram desejados pela Sérvia, que sonhava, de forma semelhante à Rússia, em agregar os eslavos da região na Grande Sérvia.

Os choques de interesses levaram à criação de dois sistemas rivais de alianças. Em

1879, a Alemanha firmou com o Império Austro-Húngaro um acordo contra a Rússia. Três anos depois, a Itália, rival da França no Mediterrâneo, aliou-se aos dois países, constituindo a **Tríplice Aliança**. Do lado oposto, surgiu a **Tríplice Entente**, que teve origem na Entente Cordiale, formada em 1904, pelo Reino Unido e pela França,

para se opor ao expansionismo germânico. Em 1907 conquistou a adesão da Rússia.

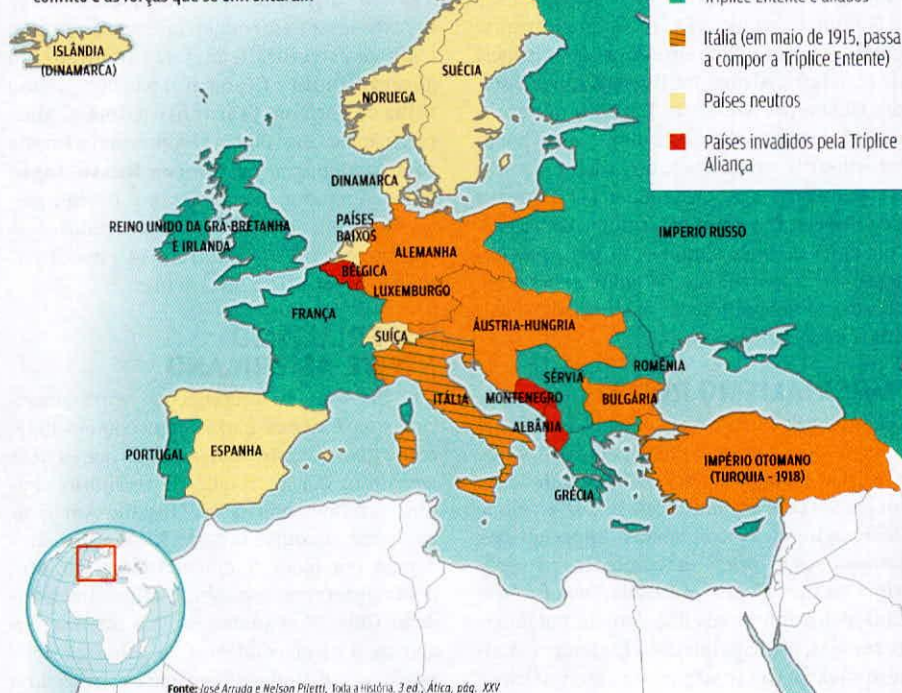
Uma vez montados os dois blocos, as potências iniciaram uma política de militarização, e pequenos conflitos começaram a estourar. As atenções agora se voltavam para a região dos Balcãs, disputada por ambas as alianças e agitada por levantes nacionalistas.



**Terra de trincheiras** Pintura retrata soldados ingleses em batalha na I Guerra: conflito sulcou o mundo com sangue

## EUROPA EM 1914

Veja as fronteiras do continente às vésperas do conflito e as forças que se enfrentaram



Fonte: José Arruda e Nelson Piletti, *Toda a História*, 3 ed., Ática, pág. XXX



## GUERRA

Em junho de 1914, o arquiduque Francisco Ferdinando, sucessor do Império Austro-Húngaro, e sua mulher foram assassinados durante visita a Sarajevo, na Bósnia-Herzegovina – região que havia sido anexada pelos austríacos anos antes –, por um estudante membro de uma organização separatista. Depois de confirmada a cumplicidade de políticos da Sérvia no atentado, o governo austríaco enviou um ultimato ao governo sérvio. Exigia, entre outras medidas, a demissão de ministros suspeitos de envolvimento com os terroristas. Como a Sérvia relutou em atender às exigências, o país foi invadido pelos austríacos em 1º de agosto, dando início aos combates.

Logo as demais nações que compunham as alianças entraram no conflito. A Rússia declarou guerra à Áustria; a Alemanha, à Rússia. A França mobilizou tropas contra os alemães. Em 3 de agosto de 1914, o continente estava em guerra. Em seguida, outros países tomaram partido: o Reino Unido aliou-se à França; a Turquia, do lado dos alemães, atacou os portos russos no mar Negro; e o Japão, interessado nos domínios germânicos no Extremo Oriente, engrossou o bloco contra a Alemanha.

Ao lado da Entente, que se mostrava superior desde o início, entraram outras 24 na-

ções, estabelecendo uma ampla coalizão, conhecida como **Aliados**. Já a Alemanha recebeu a adesão do Império Turco-Otomano, rival da Rússia e da Bulgária, movido pelos interesses nos Bálcãs. Esse primeiro estágio da guerra, que durou até a Batalha do Marne, vencida pelos franceses, em setembro de 1914, ficou conhecido como **guerra de movimento**. Era quando as potências ainda acreditavam numa decisão rápida para o conflito.

Já o momento seguinte, a **guerra de trincheiras** (ou de posições), foi caracterizada pelo uso de metralhadoras e de tanques blindados. Na frente ocidental, a guerra entre França e Alemanha continuou sem vencedores até 1918. Na frente oriental, os alemães abateram a Rússia. A Itália, embora pertencente à Triplice Aliança, ficou neutra no início, mas trocou de lado em 1915, sob a promessa de receber parte dos territórios turco e austríaco.

Em 1917, os únicos países da Entente que resistiam eram a Inglaterra e a França. Na Rússia, praticamente derrotada, a insatisfação popular levou à revolução socialista (veja matéria na pág. 78). Com a derrota russa e com o risco de a Alemanha avançar pela frente ocidental e conquistar a França, os Estados Unidos entraram na guerra pelo lado aliado e decidiram o confronto. O ob-

jetivo do país era preservar o equilíbrio de poder na Europa e evitar uma possível hegemonia alemã.

## TRATADOS DE PAZ

Em julho de 1918, forças inglesas, francesas e norte-americanas lançaram o ataque definitivo. As potências centrais recuaram e, ameaçadas pela ofensiva aliada, começaram a solicitar armistícios. Aos poucos, Bulgária, Turquia e Áustria renderam-se. A guerra estava praticamente vencida.

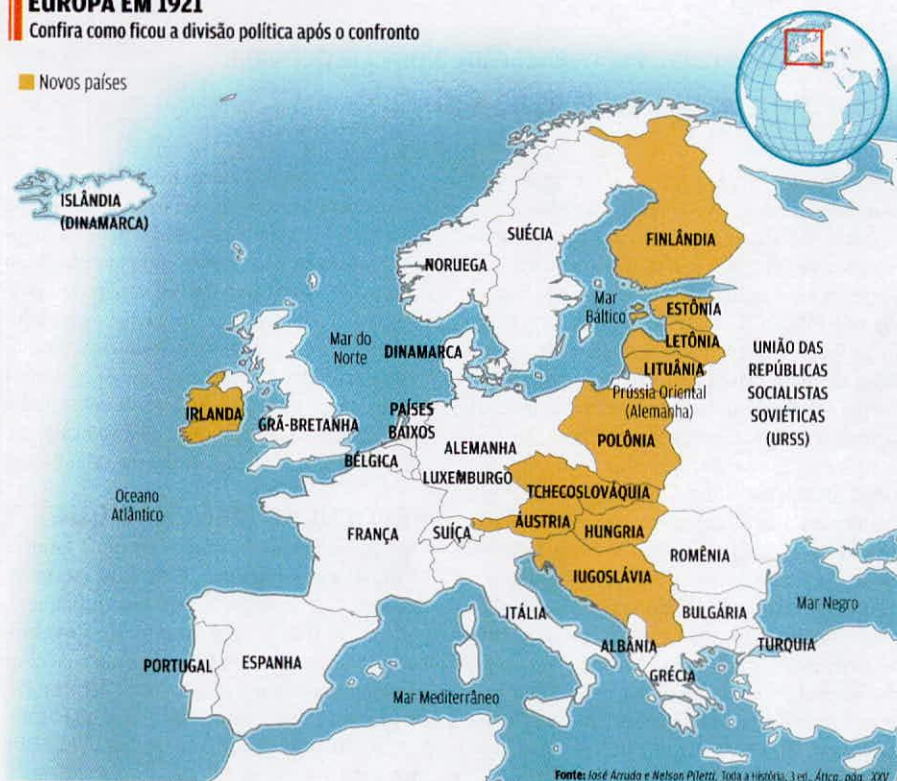
Pelo **Tratado de Brest-Litovsk**, os bolcheviques, que assumiram o poder na Rússia, já haviam assinado a paz em separado com a Alemanha, em março de 1918. A fome e a saúde precária da população alemã levaram o país à beira de uma revolução social. Com a renúncia do kaiser (imperador alemão), exigida pelos EUA, um conselho provisório negociou a rendição.

Em janeiro de 1919, no Palácio de Versalhes, iniciou-se a Conferência de Paris, em que o Conselho dos Quatro, formado pelas nações vencedoras – EUA, França, Inglaterra e Itália – tomou as decisões diplomáticas do pós-guerra. O **Tratado de Versalhes** determinou que a Alemanha cedesse um sétimo de seu território, perdesse suas colônias, tivesse seu Exército reduzido e pagasse uma alta indenização. Ainda pelo acordo, ficou estabelecida a criação da **Liga das Nações**, encarregada de manter a paz mundial. Pelos tratados de Saint-Germain e Trianon, o Império Austro-Húngaro foi desmembrado e surgiram a Hungria, a Tchecoslováquia, a Polônia e a Iugoslávia. A Áustria tornou-se um pequeno Estado, sem poder significativo. A paz com o Império Turco-Otomano foi selada no ano seguinte. ||

## EUROPA EM 1921

Confira como ficou a divisão política após o confronto

■ Novos países



Fonte: José Arruda e Nelson Piñetti, *Toda a história*, 3 ed., Ática, pag. 200

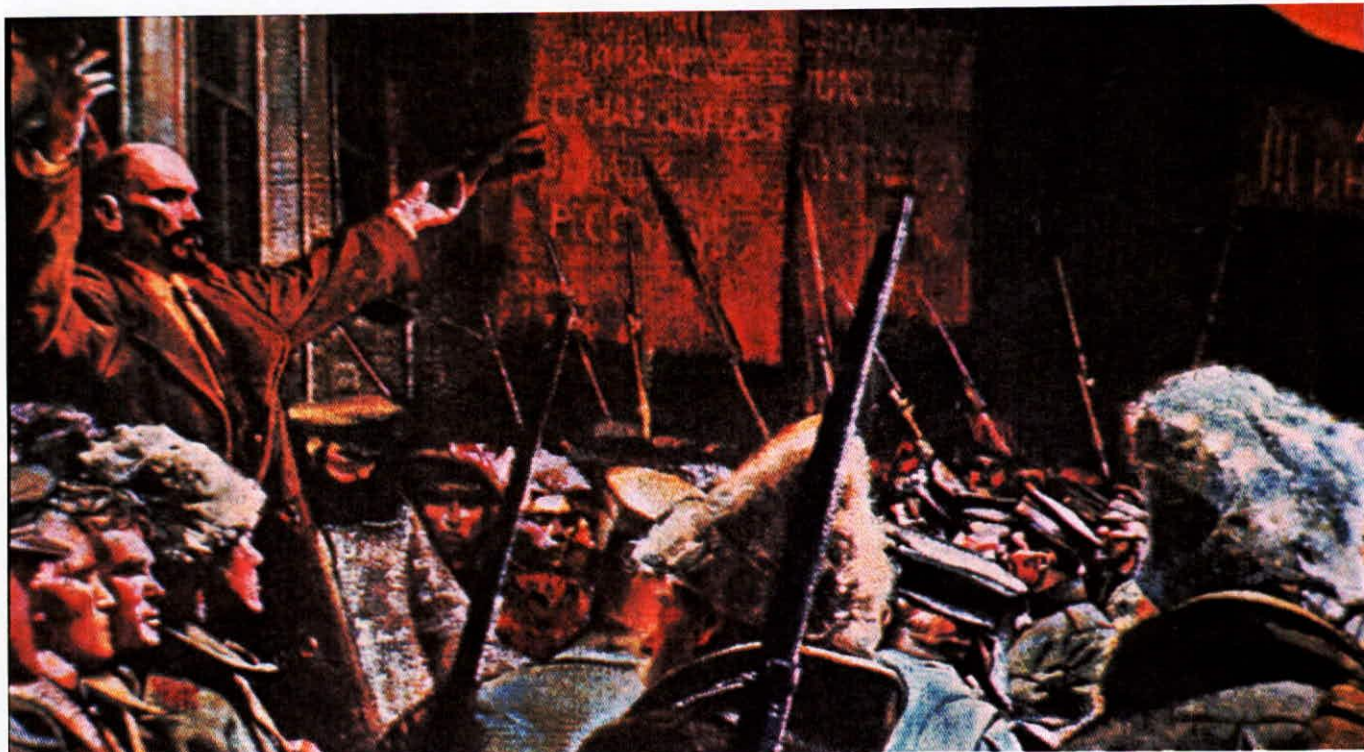
## E NO BRASIL...

### NÓS E A GUERRA

A I Guerra Mundial afetou o Brasil de diversas maneiras. Houve aumento dos preços e do desemprego e a queda nas exportações de café. Em 1917, greves de operários ocorreram em vários estados e foram duramente reprimidas. As operações militares na Europa também reduziram de forma significativa as importações brasileiras, estimulando certo desenvolvimento da indústria nacional. Em 1917, o Brasil declarou guerra à Alemanha e enviou à Europa um grupo médico e uma divisão naval.



## REVOLUÇÃO RUSSA



**Verve vermelha** Vladimir Lênin discursa em reunião dos conselhos populares, em Moscou, após a vitória da revolução bolchevique de 1917

# Surge a potência rubra

Durante a I Guerra Mundial, lideranças socialistas russas convenceram o povo a derrubar o imperador e criaram o primeiro país a pôr em prática as idéias de Karl Marx

**A** Revolução Russa foi um movimento ocorrido entre 1917 e 1928 que derrubou a monarquia no país e culminou com a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) – ou apenas União Soviética –, o primeiro país socialista do mundo. O processo foi de intensa agitação política e militar e influenciou de maneira decisiva a história do século XX, ao dar origem a uma das potências que dominariam por décadas a geopolítica global.

## ANTECEDENTES

No fim do século XIX, a Rússia não havia passado pelas reformas ocorridas na Europa Ocidental a partir do fim da Idade Moderna. Na política, vigorava ainda o absolutismo, personificado na figura do czar, o imperador russo. E, na economia, mantinham-se características feudais: a agricultura – baseada no trabalho dos **muíques**, servos camponeses – era de longe a atividade mais importante, e

a maioria das terras pertencia à nobreza – os **boiardos** – e ao clero da Igreja Ortodoxa.

A industrialização, tardia, era um fenômeno recente, restrito a algumas cidades. Por depender do capital de outros países, a Rússia não foi capaz de produzir uma burguesia local forte. O proletariado, ao contrário, embora também fosse pequeno, organizou-se de forma sólida e combativa, mantendo vínculos estreitos com as massas camponesas.

Entre esses operários, germinaram as idéias revolucionárias vindas da Europa Ocidental, o que permitiu o aparecimento de grupos políticos de oposição ao czar. O mais influente era o Partido Operário Social-Democrata Russo (POS DR), inspirado no marxismo. Em 1903, ele se dividiu em duas facções: os **bolcheviques**, liderados por Vladimir Lênin, defensores da tomada do poder pelos operários e camponeses; e os **mencheviques**, encabeçados por Iulii Martov – adeptos da revolução gradual, por meio de reformas.

Após a derrota na Guerra Russo-Japonesa, os ânimos populares se inflamaram e estourou a **Revolução de 1905**. No episódio mais marcante, o **Domingo Sangrento**, uma manifestação pacífica em São Petersburgo foi massacrada pelo Exército. O clima no país ficou tenso, seguindo-se várias greves e protestos. Operários, camponeses e soldados organizaram-se em conselhos denominados soviets – mais tarde controlados pelos bolcheviques. A burguesia forçou a instalação de um Parlamento – a **Duma** –, em 1906.

## REVOLUÇÃO MENCHEVIQUE

Os altos gastos militares com a I Guerra Mundial intensificaram o descontentamento com o governo. A insatisfação alcançou o auge em 1917, na **Revolução de Fevereiro**, quando o Exército se negou a marchar contra uma manifestação popular em Petrogrado (como era conhecida São Petersburgo). Enfraquecido, o czar Nicolau II foi obrigado a abdicar.



Os mencheviques, apoiados pela burguesia, instalaram a **República da Duma**, de caráter liberal, liderada por um nobre, o príncipe Lvov. O fracasso na I Guerra levou à sua substituição por um socialista moderado, Alexander Kerensky.

Apesar da concessão, a oposição bolchevique se fortaleceu. Leon Trótski, presidente do soviete de Petrogrado, criou a **Guarda Vermelha**, formada por milicianos operários. Lênin, que estava exilado na Finlândia, voltou clandestinamente ao país e incitou os soviets a tomar o poder por meio de uma revolução. Sob os lemas “Pão, paz e terra” e “Todo o poder aos soviets”, os bolcheviques defendiam a retirada do país da guerra, a tomada do poder pelos conselhos populares e uma ampla reforma agrária.

### “A ARTE NÃO É UM ESPELHO PARA REFLETIR O MUNDO, MAS UM MARTELO PARA FORJÁ-LO”

FRASE DO POETA VLADIMIR MAIAKOVSKY, DEFENSOR DO PAPEL REVOLUCIONÁRIO DA ARTE. APÓS O LEVANTE DE 1917, ELE CRIOU VÁRIOS SLOGANS PARA O NOVO GOVERNO DO PAÍS, COMO O DO CARTAZ ABAIXO

## REVOLUÇÃO BOLCHEVIQUE

Em 25 de outubro (segundo o calendário juliano, que vigorava na Rússia), eclodiu a revolução popular. Apoiados pelas massas, os bolcheviques derrubaram a República da Duma e instituíram o **Conselho dos Comissários do Povo**, presidido por Lênin. Ele então deu início à mudança do sistema econômico do país, concedendo aos camponeses o direito exclusivo de exploração das terras, transferindo o controle das fábricas aos operários, expropriando as indústrias e nacionalizando os bancos. No ano seguinte, a Rússia saiu da I Guerra Mundial ao assinar a paz em separado com a Alemanha, aceitando entregar a Polônia, a Ucrânia e a Finlândia. O POSDR passou a se chamar Partido Comunista Russo – o único permitido no país.

Aristocratas e mencheviques reagiram. Chamados de **Branco**s, eles receberam ajuda de países como Reino Unido, França, Japão e Estados Unidos, e a nação mergulhou numa guerra civil. Para combater os contra-revolucionários, Trótski organizou o **Exército Vermelho**. O conflito acabou em 1921, com vitória bolchevique. Milhares de adversários do governo foram fuzilados, incluindo o czar e sua família.

## VOCÊ SABIA?

### EXPRESSÃO ENGANOSA

Nunca houve um “Estado comunista”, embora essa expressão apareça com certa frequência na imprensa e em alguns livros. E a explicação é simples: segundo as idéias de Karl Marx, o comunismo é um estágio posterior ao socialismo no qual o Estado desaparece. As experiências de implantação da doutrina do pensador alemão ocorreram sempre com algumas distorções. Para diferenciar a teoria da prática, chamamos essas experiências de socialismo real. Podemos dizer que Estados como URSS, China, Coreia do Norte e Cuba foram – ou são – casos de socialismo real, mas não de comunismo.

Para recuperar a economia, abalada pelo confronto, Lênin estabeleceu a **Nova Política Econômica (NEP)**: uma série de medidas capitalistas temporárias que deveriam preparar terreno para a instalação do socialismo. Ele permitiu a criação de empresas privadas e o comércio em pequena escala e autorizou empréstimos externos. Em 1922 foi instituída a URSS, reunindo as diversas regiões do antigo Império Russo.

A morte de Lênin, em 1924, provocou uma luta pelo poder entre Trótski e Josef Stálin, secretário-geral do Partido Comunista. O primeiro defendia a ampliação da revolução para outros países – a **revolução permanente**. Já o segundo pretendia implantar o socialismo apenas na URSS. Stálin venceu, expulsou o adversário do país e implantou, a partir de 1928, o regime mais tarde batizado de **stalinismo**.

## STALINISMO

Stálin substituiu a NEP por uma nova política econômica baseada em planos quinquenais. Priorizou a indústria pesada e coletivizou as terras à força – processo durante o qual foram mortos milhões de camponeses. Politicamente, o stalinismo foi caracterizado pelo totalitarismo e pelo culto à personalidade de Stálin. Ele expulsou do partido e do Exército os inimigos declarados, potenciais ou meros suspeitos, chegando até a fazer montagens e adulterações de fotos para “apagar” seus desafetos da história (veja na pág. 156). Milhões de pessoas foram presas, executadas ou enviadas a campos de trabalho forçado. Trótski foi assassinado no México, em 1940.

Com governo forte e economia pujante, a URSS começou a se transformar na potência que teria papel decisivo na II Guerra Mundial e dividiria o poder global com os Estados Unidos durante a Guerra Fria (veja na pág. 84). ||



**Poeta por uma causa** Em um dos cartazes de propaganda revolucionária criados por Vladimir Maiakovsky, pode-se ler: “O grito de ucranianos e russos é um só: não haverá senhor algum a dominar o trabalhador!”



## CRISE DE 1929 E GRANDE DEPRESSÃO



### Potência esfomeada

População dos EUA faz fila para receber batatas após o caos da economia

# Falência múltipla

A prosperidade do pós-guerra nos EUA despedaçou-se a partir de 1929, dando lugar à maior crise econômica do século no mundo

**E**m 1929, os Estados Unidos (EUA) mergulharam numa crise econômica que se espalhou por quase todo o mundo na década seguinte, o que levou à Grande Depressão. O choque obrigou os países a reformar o liberalismo, aumentando a intervenção estatal na economia.

### ANTECEDENTES

Após a I Guerra Mundial, os EUA assumiram a hegemonia econômica do mundo. O aumento da produção industrial e a melhora do poder aquisitivo da população provocaram uma explosão de consumo. Os investidores, atraídos pela expansão das empresas, tomavam empréstimos bancários para comprar ações (títulos que representam o capital das empresas) e revendê-las com lucro. Esse processo especulativo fez com que, de 1925 a 1929, o valor total das ações negociadas subisse de 27 bilhões para 87 bilhões de dólares.

Porém, o consumo não acompanhou o crescimento da produtividade. Além disso, as nações européias já estavam se recuperando da guerra, e agora suas exportações competiam com as norte-americanas. O resultado foi a formação de enormes excedentes nos EUA. O preço dos produtos começou

a baixar, cresceu o desemprego e grandes empresas faliram. Aí ficou evidente que as ações estavam sendo negociadas a valores muito acima dos reais. Os acionistas, alarmados com a situação das empresas, procuraram vender todos os títulos na bolsa.

### CRASH

Com muita gente querendo vender ações e poucas pessoas querendo comprá-las, elas se desvalorizaram. A situação chegou ao extremo em 24 de outubro de 1929, a “quinta-feira negra”, quando a imensa oferta de títulos na bolsa de Nova York fez seus preços despencar vertiginosamente. O episódio ficou conhecido como crash, crack ou **quebra da Bolsa de Nova York**.

Vários investidores ficaram pobres da noite para o dia. Nos anos seguintes, milhares de bancos e empresas faliram. A redução dos salários chegou a 60% em 1932. A baixa do preço de matérias-primas e a diminuição das exportações e dos créditos norte-americanos a outros países espalharam a crise por várias nações. No Reino Unido e na Alemanha, por exemplo, o desemprego chegou a 25% em 1932.

### NEW DEAL

Diagnosticou-se que a causa da crise era o liberalismo econômico: a quebra da bolsa

ocorrera porque faltavam freios à economia. Influenciado pelas idéias do economista inglês John Keynes, segundo as quais o Estado deve intervir pontualmente na economia, o presidente norte-americano Franklin Roosevelt deu início, em 1933, a um programa de reformas: o New Deal (Novo Acordo).

Roosevelt criou mecanismos de controle de crédito e um banco para financiar as exportações. Fixou salários mínimos, limitou a jornada de trabalho e ampliou a previdência social. Construiu várias obras públicas, contratando operários em frentes de trabalho, o que ajudou a dinamizar a economia. Em 1937, o número de desempregados havia sido reduzido quase à metade, a renda nacional crescera 70% e a produção industrial, 64%. Porém, a crise no país só seria totalmente sanada na II Guerra Mundial, quando aumentaria a intervenção estatal e se intensificariam as exportações.

Na Europa, surgiram as políticas de bem-estar social, nas quais o Estado se compromete a oferecer garantias trabalhistas e serviços como educação e saúde à população. Mas a crise também estimularia o surgimento de regimes extremistas, como o nazismo e o fascismo (veja matéria na pág. ao lado). **II**

### E NO BRASIL...

#### ECOS DA QUEBRADERA

No Brasil, a crise de 1929 abalou fortemente a economia cafeeira, um dos pilares da República Velha, contribuindo para a ascensão de Getúlio Vargas na Revolução de 1930 (veja mais na pág. 139).



# Ordem e terror

Para tentarem superar crises econômicas, países europeus se submeteram a regimes autoritários que afundariam o planeta em um novo e sangrento conflito global

O período entre as duas guerras mundiais foi marcado na Europa pela ascensão do fascismo, regime autoritário baseado na centralização do poder, no nacionalismo, no militarismo, no expansionismo e no cerceamento das liberdades individuais. Esse tipo de **governo totalitário** – ou seja, em que o Estado domina todos os aspectos da vida social – ganhou força ao propor recuperar a economia, drasticamente abalada pela I Guerra, e impedir o avanço das idéias socialistas. Nos países que saíram derrotados na I Guerra, como a Alemanha, os fascistas ainda tinham outra arma a seu favor: o sentimento de revanchismo criado entre a população contra os vencedores.

Apesar de ter sido implantado em outros países, como Portugal (**salazarismo**) e Espanha (**franquismo**), o fascismo atingiu sua expressão máxima na Itália – onde surgiu – e, principalmente, na Alemanha, onde foi chamado de nazismo.

## O FASCISMO NA ITÁLIA

Logo depois da I Guerra, a Itália estava assolada por uma crise econômica sem precedentes: inflação galopante, desemprego e queda da produção industrial. O partido socialista ampliava sua força de atuação e as greves tomavam conta do país. Foi nesse contexto que, em 1919, o ex-militante socialista Benito Mussolini fundou o Partido Fascista, de cunho ultranacionalista, opondo-se tanto ao socialismo quanto à democracia liberal.

Temendo o avanço socialista, a burguesia apoiou Mussolini. Em 1922, os **“camisas negras”**, como eram conhecidos os militantes fascistas, desfilaram pela capital no episódio denominado **Marcha sobre Roma**, com a conivência do rei Vítor Emanuel III. Mussolini foi convocado para ser primeiro-ministro e assumiu a chefia do país com plenos poderes, passando a ser chamado de Duce (guia).

No decorrer da década, ele pôs em prática o novo regime. O Partido Fascista passou a ser o único permitido no país. Jornais de

oposição foram fechados e adversários políticos, perseguidos e mortos. Mussolini teve especial êxito na implantação do corporativismo, uma das características centrais do nazi-fascismo: tanto os sindicatos dos patrões quanto os dos empregados eram controlados pelo governo.

As medidas garantiram ótimos resultados econômicos, pelo menos até 1929, quando o país não escapou da Grande Depressão. A partir daí, a estratégia usada pelo Duce foi a busca da expansão territorial para resolver os problemas internos.

## O NAZISMO NA ALEMANHA

As penalidades sofridas pela Alemanha após a derrota na I Guerra provocaram inflação e desemprego em massa no país. Instalado no fim da guerra, o governo republicano, de orientação social-democrata – e, a partir de 1929, chamado de **República de Weimar** –, não conseguia controlar a crise. As tentativas de revolução socialista também fracassaram no país. Como alternativa, surgiu, em 1919, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, o Partido Nazista, liderado pelo ex-cabo do Exército Adolf Hitler.

As propostas nazistas foram sistematizadas no livro *Minha Luta*, escrito por Hitler em 1923, na prisão, após uma tentativa frustrada de golpe de Estado – o **Putsch de Munique**. Além das características comuns ao fascismo italiano – totalitarismo, nacionalismo, militarismo, corporativismo, expansionismo e anti-comunismo –, ele pregava o racismo. Segundo Hitler, os alemães pertenciam a uma raça pura e superior: a ariana; as demais deveriam ser subjugadas ou exterminadas.

Em 1932, apoiados por burgueses e setores conservadores nacionalistas, os nazistas venceram as eleições. Um ano depois, Hitler foi nomeado primeiro-ministro e, em 1934, tornou-se chefe de governo e de Estado. Passou então a ser chamado de Führer (líder) e inaugurou o **III Reich** (III Império Alemão).

O intervencionismo e a planificação econômica resultaram em expansão da atividade industrial e praticamente eli-



**Dupla tirânica** O italiano Benito Mussolini e o alemão Adolf Hitler: aliança em nome do totalitarismo e do horror

minaram o desemprego no país. Com todo o poder nas mãos, Hitler proibiu os partidos políticos – exceto o nazista –, fechou os jornais de oposição e perseguiu adversários e minorias por ele consideradas inferiores, como os judeus. Estes últimos passaram por dura segregação, tendo os bens confiscados e, mais tarde, sendo mortos aos milhões (*veja mais na pág. 82*). Os principais instrumentos de terror utilizados por Hitler eram a **SS** (guarda especial) e a **Gestapo** (polícia política). Em desrespeito ao Tratado de Versalhes, Hitler remilitarizou o país. Estava aceso o estopim para a II Guerra Mundial. ||

## E NO BRASIL...

### VERSÃO BRASILEIRA

Sob influência do ideário nazi-fascista, em 1932 surge no país a conservadora e ultranacionalista Ação Integralista Brasileira (AIB), liderada pelo paulista Plínio Salgado. Alguns de seus ideólogos dão ao integralismo fundo racista ao defender a superioridade dos brancos sobre negros, mestiços e judeus. O movimento, contudo, não chega ao poder e se desarticula em poucos anos.



## II GUERRA MUNDIAL

# O mundo sob bombas

No maior conflito da História, os cinco continentes se engalfinharam em sangrentos combates que deixaram 50 milhões de mortos e transformaram o planeta num palco de atrocidades sem precedentes

**P**rimero conflito militar de escala global, a II Guerra Mundial envolveu nações de todos os continentes, estendendo-se de 1939 a 1945 e deixando cerca de 50 milhões de mortos. O confronto foi resultado dos problemas sociais e políticos da Europa do entreguerras, do nacionalismo exacerbado e das pretensões da Alemanha de ampliar seus domínios. As consequências foram a destruição do III Reich, de Adolf Hitler, o declínio das nações da Europa e a emergência de duas superpotências mundiais – Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS) –, que passariam a disputar o controle do planeta na Guerra Fria.

## PRIMÓRDIOS

Ao perceberem que o nazismo servia de bloqueio ao avanço do socialismo no continente – e para evitar um novo enfrentamento militar na região –, as potências da Europa Ocidental não se opuseram ao crescimento do regime na Alemanha. Nem mesmo quando Adolf Hitler desrespeitou o Tratado de Versalhes, remilitarizando o país e anexando territórios vizinhos.

Em 1936, ele reocupou a Renânia, região na fronteira entre a França e a Bélgica, e lá instalou fábricas de armas. Em seguida, deu início a uma ofensiva diplomática. Ofereceu ajuda econômica à Itália fascista e apoiou o general Francisco Franco na Guerra Civil Espanhola. Com o Japão, assinou o **Pacto Anti-Komintern**, para conter a expansão da URSS no Extremo Oriente.

Em 1938, Hitler invadiu pacificamente a Áustria – episódio conhecido como *anschluss* –, com o consentimento do governo e da população locais. No mesmo ano, após obter de França e Grã-Bretanha a permissão para anexar uma região da Tchecoslováquia habitada por alemães – os **Sudetos** –, acabou dominando o país inteiro.

Em 1939, surpreendeu o mundo ao assinar com a rival URSS um acordo de não-agressão, o **Pacto Germânico-Soviético**. Abriu-se, assim, o caminho a leste para ocupar o Corredor Polo-

nês – área que permitia à Polônia acesso ao mar e mantinha a província alemã da Prússia Oriental isolada do resto do território.

## AVANÇO NAZISTA

As tropas nazistas invadiram a Polônia em 1º de setembro de 1939, inaugurando a famosa tática da **blitzkrieg**, ou guerra-relâmpago: um fulminante ataque por terra e ar. Logo depois, Reino Unido e França finalmente reagiram, declarando guerra aos alemães. Começava a II Guerra.

Após a invasão da Polônia, Hitler ocupou a Dinamarca e a Noruega, seguidas da Holanda (Países Baixos) e da Bélgica. Em junho de 1940, dominou a metade norte do território da França – no sul foi instalado um governo colaboracionista. O subsecretário de Defesa Nacional francês, general Charles de Gaulle, exilou-se no Reino Unido, passando a dirigir a Resistência Francesa.

Em setembro de 1940 foi formalizado o **Eixo** – pacto entre Alemanha, Itália e Japão que estabelecia o apoio mútuo em caso de ataque por potência ainda não envolvida na guerra – por exemplo, dos EUA. No mesmo mês, Hitler atacou os ingleses, bombardeando Londres. Porém, a reação da Real Força Aérea (RAF) impediu o avanço alemão sobre a Grã-Bretanha.

Em junho de 1941, Hitler reorientou suas tropas para a URSS, invadindo-a sem declaração formal de guerra. Dominaram uma larga faixa de terra, mas acabaram barradas pelo rigoroso inverno e pelo contra-ataque soviético. Agora, os nazistas precisavam lutar em duas frentes: contra os ingleses a oeste e contra os russos a leste.

**HOLOCAUSTO** – Paralelamente aos combates, Hitler punha em prática uma terrível política de perseguição aos judeus, considerados uma



**Horror vindo do céu** Alemães despejam toneladas de explosivos sobre Londres em 1940

raça inferior. Inicialmente, eles eram confinados em guetos, como o de Varsóvia, na Polônia, que chegou a abrigar mais de 400 mil pessoas. Mas, a partir de 1942, foi implantada a “**solução final**”, que previa a deportação e a execução em massa em campos de trabalho, concentração e extermínio na Polônia e na Alemanha. No fim do conflito, cerca de 6 milhões de judeus haviam sido mortos, num dos maiores crimes da História, que passou a ser denominado Holocausto.

## REAÇÃO ALIADA

Mesmo após o fortalecimento da Alemanha, os EUA ainda se mantinham neutros diante do conflito. A situação só mudaria em dezembro de 1941, quando os japoneses bombardearam a base naval de **Pearl Harbor**, no Havaí. Em seguida, Alemanha e Itália declararam guerra aos EUA. Definiram-se, assim, as duas facções em combate: de um lado, os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão); de outro, os **Aliados** (França, Reino Unido, EUA, URSS e China).

A partir de 1942, as investidas do Eixo foram cedendo lugar às contra-ofensivas dos Aliados. Foi nesse ano que o Brasil entrou na guerra (*veja matéria na pág. 142*). No Atlântico, a Marinha anglo-americana eliminava submarinos alemães; na Alemanha, a aviação aliada intensificava o bombardeio. No norte da África, o Exército alemão rendeu-se em maio de 1943. Os Aliados desembarcaram na Sicília e invadiram a Itália, destituindo Benito Mussolini. Logo, os italianos integrariam as forças antinazistas.



## A GUERRA NA EUROPA

Confira a dinâmica das fronteiras e das tropas durante o confronto no Velho Mundo



Fonte: José Arruda e Nelson Piletti, Toda a História, 3 ed., Ática, pág. XXV

No front leste, o Exército alemão sofreu uma derrota decisiva na **Batalha de Stalingrado** (atual Volgogrado), no sul da Rússia, em janeiro de 1943. No ano seguinte, os soviéticos alcançaram vitórias na Roménia, Bulgária e Iugoslávia, enquanto a Albânia e a Grécia expulsaram elas mesmas os invasores de seus territórios.

Em 6 de junho de 1944, o **Dia D**, foi desferido o golpe mortal às forças nazistas. No que é considerada a maior operação aeronaval da História, mais de 150 mil soldados aliados desembarcaram na Normandia francesa. Paris foi libertada em 25 de agosto. Do outro lado do continente, os soviéticos libertaram a Polónia e, em 2 de maio de 1945, ocuparam Berlim. Cinco dias depois, a Alemanha se rendeu incondicionalmente. Hitler já estava morto: certo da derrota, suicidara-se em 30 de abril. A guerra na Europa estava encerrada.

## “PACÍFICO”

Os japoneses haviam ocupado uma vasta área marítima no Pacífico. A situação só começou a se inverter a favor dos Aliados em 1942, após a vitória da EUA nas batalhas do mar de Coral (no litoral da Austrália) e do atol de Midway (a noroeste do Havaí). No início de 1945, tropas aliadas recuperaram as Filipinas. Em fevereiro, ocorreu o primeiro desembarque norte-americano em território japonês, na ilha de Iwojima.

Com o inimigo ainda resistindo, os EUA promoveram uma terrível demonstração de força.

**“PENSEM NAS CRIANÇAS MUDAS TELEPÁTICAS / PENSEM NAS MENINAS CEGAS INEXATAS (...) / MAS, OH, NÃO SE ESQUEÇAM DA ROSA, DA ROSA / DA ROSA DE HIROSHIMA A ROSA HEREDITÁRIA / A ROSA RADIOATIVA ESTÚPIDA E INVÁLIDA”**

TRECHO DA MÚSICA ROSA DE HIROSHIMA (DE VINÍCIUS DE MORAES E GERSON CONRAD)

## A EUROPA APÓS A GUERRA

Veja como ficaram as fronteiras e as alianças no continente depois do conflito



Fonte: José Arruda e Nelson Piletti, Toda a História, 3 ed., Ática, pág. XXVII

Em 6 de agosto, lançaram a primeira **bomba atômica** da História em combate, matando 100 mil pessoas e arrasando a cidade de Hiroshima. Dias depois, foi a vez de Nagasaki, onde mais 70 mil foram mortos. A partir de 8 de agosto, tropas soviéticas expulsaram os japoneses da Manchúria, na China, e da Coreia. Enfim, em 2 de setembro de 1945, o Japão se rendeu. Era o fim da II Guerra.

## TRATADOS DOS VENCEDORES

Em fevereiro de 1945, na **Conferência de Yalta**, na Criméia, o presidente dos EUA, Franklin Roosevelt, o primeiro-ministro do Reino Unido, Winston Churchill, e o líder da URSS, Josef Stálin, reuniram-se para dividir o mundo. Na ocasião, os soviéticos anexaram os Estados bálticos – Letônia, Lituânia e Estônia – e o leste da Polónia.

Em julho, na **Conferência de Potsdam**, na Alemanha, foram determinados, entre outras medidas, a dissolução de todos os órgãos nazistas, o pagamento de uma alta indenização pelos alemães e a divisão do país em quatro zonas de ocupação militar: soviética, norte-americana, francesa e britânica. Decidiu-se ainda pelo desarmamento alemão e pelo julgamento dos líderes nazistas, no que ficou conhecido como **Tribunal de Nuremberg**. A Alemanha também foi separada da Áustria, obrigada a devolver os territórios tomados da Tchecoslováquia, a entregar Dantzig à Polónia e a reconhecer a divisão da

Prússia Oriental entre soviéticos e poloneses.

Em abril de 1945, durante a Conferência de San Francisco, nos EUA, 50 países assinaram a carta de criação da **Organização das Nações Unidas (ONU)**, com o objetivo de manter a paz e promover o desenvolvimento das nações.

Medidas econômicas de peso também foram criadas. Com o pretexto de facilitar as operações financeiras entre países, em 1944 foi realizada a **Conferência de Bretton Woods**, nos EUA, que estabeleceu o dólar como base do sistema monetário mundial, em substituição ao ouro, e criou o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial. Em 1948, Washington aprovou ainda um programa de ajuda financeira para os países devastados pela guerra, o **Plano Marshall**. Bilhões de dólares foram investidos na reconstrução de Inglaterra, França, Itália e Alemanha. Os EUA tornaram-se o centro capitalista do mundo, tendo apenas a URSS como rival. As décadas seguintes seriam de disputa entre os dois países. ||

## HISTÓRIA MALUCA

### MORTO MUITO VIVO

Em 1943, a Inglaterra montou um embuste genial para despistar os nazistas na Sicília, na Itália. Fez chegar à costa da Espanha, dentro de um avião derrubado, o corpo de um certo major William Martin. Ele levava documentos confidenciais falsos sobre um suposto fim dos planos de invasão aliada à ilha italiana. Os nazistas caíram na trapaça e relaxaram a defesa. O major Martin, na verdade, morrera vítima de pneumonia.



## GUERRA FRIA



**Pare!** Em 1961, em plena Guerra Fria, tanques soviéticos posicionam-se diante de um setor de passagem do Muro de Berlim, tendo os norte-americanos de prontidão do outro lado: conflito por um triz

# Divisão política e ameaça nuclear

A Guerra Fria marca um dos períodos mais tensos da História: por décadas o mundo viveu sob a tutela de duas superpotências rivais e o temor de um apocalíptico conflito atômico

**A** Guerra Fria foi o confronto ideológico, político, econômico e militar travado entre os dois blocos internacionais que se formaram após o fim da II Guerra Mundial: o capitalista – liderado pelos Estados Unidos (EUA) – e o socialista – encabeçado pela União Soviética (URSS). O enfrentamento durou até a queda do Muro de Berlim, em 1989, que simbolizou o fim do bloco socialista.

## DIVISÃO

A polarização do mundo entre os dois maiores vencedores da II Guerra Mundial começou logo após o fim do conflito. Os EUA garantiram sua hegemonia sobre o oeste da Europa por meio do Plano Mar-

shall, de 1948. A URSS projetou-se sobre o Leste Europeu, estimulando a instalação do socialismo nos países que havia libertado do jugo nazista. Na visão ocidental, ao estabelecerem tais regimes autoritários e isolados, os soviéticos penduraram no meio do continente uma **Cortina de Ferro** – expressão criada pelo ex-primeiro-ministro britânico Winston Churchill, em 1946.

Em nenhum lugar da Europa a divisão foi tão visível quanto na Alemanha. Em 1949, o país foi dividido em dois: as zonas de ocupação francesa, britânica e norte-americana integraram a República Federal da Alemanha (RFA ou Alemanha Ocidental), capitalista; já a zona soviética originou a República Democrática Alemã (RDA ou Alemanha

Oriental), socialista. A capital, Berlim, que ficava na RDA, prosseguiu dividida nas quatro áreas de ocupação. Em 1961, para tentar impedir o fluxo de refugiados para a parte capitalista da cidade, o governo socialista ergueu o **Muro de Berlim**, que isolava o lado oeste da capital.

O alinhamento internacional ficou evidente pela formação de duas alianças militares. EUA e Europa Ocidental uniram-se em 1949 na **Organização do Tratado do Atlântico Norte** (Otan). Seis anos depois, URSS e o Leste Europeu constituíram o **Pacto de Varsóvia** (veja o infográfico na pág. ao lado). Os demais países alinharam-se a uma ou outra tendência ou integraram o Movimento Não-Alinhado – que nunca



## O PLANETA DIVIDIDO

Confira de que lado estava cada país\* na Guerra Fria e a potência dos arsenais das grandes alianças militares encabeçadas por EUA e URSS



- Estados Unidos e aliados (Otan)
- Países alinhados com os EUA
- União Soviética e aliados (Pacto de Varsóvia)
- Países alinhados com a URSS
- Países não-alinhados

\* Informações referentes ao ano de 1985

OTAN		Pacto de Varsóvia
1,367 milhão	Contingente	1,425 milhão
9900	Tanques e blindados	26000
1475	Helicópteros armados	1700
2875	Piões de artilharia	11200
300	Submarinos	290
28	Porta-aviões	12
83	Navios de superfície	300

Fontes: Almanaque Abril, Otan

chegaria a atingir coesão e atuação significativas. A gigante China, que se tornou socialista em 1949, com a Revolução Chinesa, manteve-se autônoma em relação à URSS a partir de 1960.

## ENFRENTAMENTO

Em 1949, a URSS explodiu sua primeira bomba atômica, num teste controlado. Agora as duas potências tinham a poderosa arma, e um conflito entre elas poderia destruir o mundo. Foi essa condição que deu origem à expressão Guerra Fria. Afinal, norte-americanos e soviéticos viviam em clima beligerante, mas não existia um confronto direto.

Indiretos, porém, houve vários. No Terceiro Mundo – como eram chamados na

época os países em desenvolvimento –, as forças locais adversárias envolvidas em guerras civis e em movimentos anticoloniais acabavam se alinhando às superpotências, em busca de apoio, e aí a Guerra Fria esquentava. O primeiro grande confronto desse tipo foi a **Guerra da Coreia** (1950-1953), iniciada por causa da invasão da Coreia do Sul, capitalista, pela Coreia do Norte, socialista. Outros importantes conflitos que opuseram os dois blocos foram a **Guerra do Vietnã** (veja o box acima), a **Revolução Cubana** (veja o box abaixo), a guerra civil em Angola (1961-2002) e a Revolução Sandinista, na Nicarágua (1979).

A Guerra Fria também foi caracterizada pelas intervenções das potências em suas

## VOCÊ SABIA?

### FIASCO IANQUE

Antiga colônia da França, o Vietnã foi dividido no fim da Guerra da Indochina (1946-1954) em Vietnã do Norte, sob o regime socialista de Ho Chi Minh, e o Vietnã do Sul, monárquico. Em 1955, com o apoio dos EUA, foi instalada uma ditadura no Sul. Em 1959, os vietcongues (guerrilheiros comunistas do Sul), apoiados pelo Norte, deram início a uma guerra civil.

Os EUA intervieram em 1964. Mas os vietcongues resistiram com táticas de guerrilha à máquina de guerra ianque. Em 1973, após sofrer muitas baixas e enfrentando protestos pacifistas em casa, os norte-americanos aceitaram um cessar-fogo. Em 1975, a superpotência bateu em retirada. Um ano depois, o Vietnã foi reunificado sob o regime socialista, alinhado à URSS. Morreram no conflito mais de 180 mil vietnamitas e 45 mil norte-americanos. Foi, até hoje, a maior derrota militar da história dos EUA.

áreas de influência. A URSS reprimiu violentamente rebeliões na Hungria (1956) e na Tchecoslováquia (1968) e invadiu o Afeganistão (1979-1989). Os EUA, temendo o avanço socialista na América Latina, apoiaram sangrentas ditaduras militares na região (veja matéria na pág. 88).

O momento mais tenso da Guerra Fria foi a **crise dos mísseis**. Em 1962, a URSS instalou secretamente ogivas nucleares em Cuba, país sob sua influência. Os EUA descobriram, e o presidente John Kennedy ordenou um bloqueio naval à nação vizinha. Moscou chegou a enviar uma frota para um confronto, mas o líder soviético Nikita Krushev cedeu e retirou os mísseis.

Afora as tensões bélicas, a disputa entre EUA e URSS estendia-se para várias outras esferas, como a esportiva, a cultural e a científica. Um importante capítulo da contenda foi a **corrida espacial**, uma acirrada competição tecnológica que culminou com a chegada do primeiro homem à Lua – o norte-americano Neil Armstrong –, em 1969.

A Guerra Fria foi amenizada em 1973, quando as superpotências concordaram em desacelerar a corrida armamentista, por meio da **Política da Détente**. Porém, o acordo duraria apenas até a invasão soviética no Afeganistão, em 1979. O conflito global só começou a acabar, de fato, a partir de 1985, com a subida ao poder do líder soviético Mikhail Gorbatchov (veja matéria na pág. 91).

## VOCÊ SABIA?

### O SOCIALISMO NA AMÉRICA

Independente desde 1902, Cuba continuou, por décadas, sendo dominada economicamente pelos EUA, que apoiavam a ditadura militar instalada no país, em 1952, por Fulgencio Batista. Em 1956, o advogado Fidel Castro, com a ajuda do argentino Che Guevara, montou uma base rebelde em Sierra Maestra, no leste da ilha. Em 1959 tomou Havana e instaurou um governo revolucionário.

Fidel decretou a reforma agrária e nacionalizou as empresas norte-americanas instaladas no país. Os EUA reagiram com um bloqueio comercial, em 1962. Cuba aproximou-se da URSS e tornou-se o único país socialista da América. As reformas garantiram várias melhorias sociais, mas a economia continuou precária e fortemente dependente da ajuda russa. Descontentes, milhares de pessoas deixaram a ilha. Mesmo após o colapso soviético, o regime cubano se mantém, atualmente com apoio da Venezuela de Hugo Chávez.



## REVOLUÇÃO CULTURAL CHINESA

# Abaixo a tradição

Insatisfeito com os rumos do governo comunista na China, em 1966 o líder Mao Tse-tung deu início à Revolução Cultural chinesa, um período de reformas profundas - e milhares de mortes - no país



A Revolução Cultural chinesa foi um conturbado período de transformações políticas e sociais que agitaram a China entre 1966 e 1976, tendo sido desencadeada por Mao Tsé-tung, que liderava o país desde 1949, quando os comunistas chegaram ao poder.

O movimento tomou forma em meados dos anos 1960, quando o Partido Comunista Chinês (PCC) começou a sofrer uma divisão interna, com membros questionando a eficácia das políticas de Mao. Sob influência do revisionismo soviético contra a figura de Stálin, o culto à personalidade do líder chinês passou a sofrer críticas. É então que Mao lançou um contra-ataque inesperado, que mergulhou a China num período de violência.

Em agosto de 1966, numa reunião do Comitê Central do PCC, ele lançou formalmente a chamada Revolução Cultural. Com mais de 70 anos, Mao se aliou aos jovens para enfrentar os burocratas e o “revisionismo

burguês” que, segundo ele, havia contaminado o partido. Milhões de jovens seguiram seu apelo e deram início à Revolução Cultural, cujo principal objetivo seria manter vivo o “espírito revolucionário”. Na prática, o movimento se tornou uma espécie de inquisição comunista a todos os suspeitos de adotarem “hábitos burgueses”, o que levou milhares de pessoas à morte.

Para atingir esses objetivos, Mao se apoiou numa enorme mobilização da juventude urbana da China, organizando grupos conhecidos como Guardas Vermelhos (*veja o boxe abaixo*). Além de questionar os rumos do comunismo chinês, a Revolução Cultural combateu o confucionismo, conjunto de idéias baseadas no pensamento do filósofo Confúcio, que durante milênios influenciaram a sociedade chinesa. Pelo valor que davam à hierarquia e ao culto do passado, tais idéias passaram a ser encaradas como reacionárias. O problema é que, na prática,

ela resultou em escolas fechadas, no ataque (não só verbal) a intelectuais e no culto exagerado à personalidade de Mao.

A Revolução Cultural foi encerrada após a morte do líder, em 1976, que abriu caminho para a ascensão do político Deng Xiaoping, que iniciaria o processo de reformas econômicas que faria da China a superpotência de hoje. ||

## E NO MUNDO...

### LINHA DURA POP

À época da Revolução Cultural, a aliança de Mao com a juventude parecia trazer um sopro de renovação à esquerda mundial, cada



vez mais cansada da fisionomia carrancuda do comunismo soviético. A imagem do líder chinês conquistou espaço nos pôsteres empunhados por estudantes na revolta de maio de 1968, em Paris, e também em objetos que traziam reproduções de pinturas do artista pop norte-americano Andy Warhol, como o bóton acima.

## VOCÊ SABIA?

### OS GUARDAS VERMELHOS

Recrutados entre estudantes, os Guardas Vermelhos eram unidades paramilitares, organizadas pelo Partido Comunista Chinês (PCC), que ajudaram Mao Tsé-tung a garantir o comando do país. O grupo, que chegou a ter 11 milhões de integrantes, iniciou uma onda de vandalismo con-

tra monumentos históricos - que lembrariam a antiga cultura chinesa -, perseguiu membros rivais do PCC, professores e pessoas acusadas de conservadorismo. Logo, os Guardas Vermelhos racharam em várias facções, cada uma crendo ser a legítima representante de Mao. Com isso, o grupo foi perdendo sua força até desaparecer.



# Baby boom de nações

As transformações decorrentes da II Guerra provocaram uma avalanche de independências na África e na Ásia: em poucas décadas, dezenas de novos países surgiram

A descolonização afro-asiática foi o processo de independência das antigas colônias europeias nesses dois continentes, ocorrido após a II Guerra Mundial. Entre os motivos que contribuíram para tal mudança, podemos destacar o enfraquecimento das nações imperialistas da Europa durante a II Guerra, o interesse das novas superpotências mundiais – Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS) – em transformar os territórios coloniais europeus em suas zonas de influência e o surgimento de movimentos nacionalistas nas colônias, impulsionados pela decadência europeia e apoiados por EUA ou URSS.

## ÁSIA

Dois processos distintos caracterizaram a descolonização asiática: a resistência pacífica, na Índia, e a guerra pela independência, cujo exemplo mais significativo é a Indochina.

Na Índia, o advogado Mohandas Gandhi, o Mahatma (Grande Alma), desencadeou um amplo movimento de **resistência pacífica** e desobediência civil, pregando o boicote aos produtos da metrópole inglesa e o não pagamento de impostos. Abalado pela II Guerra, o Reino Unido viu-se obriga-

do a conceder a independência, em 1947. A ex-colônia foi dividida na União Indiana, de maioria hindu, e no Paquistão, majoritariamente muçulmano. A separação levou a um intenso movimento migratório e a violentas lutas entre os grupos religiosos, deixando milhares de mortos.

A **Indochina**, antiga colônia francesa formada por Vietnã, Laos e Camboja, foi invadida pelo Japão na II Guerra. Após a rendição japonesa, o movimento nacionalista Vietminh, liderado pelo comunista Ho Chi Minh, proclamou a independência do **Vietnã**. A tentativa da França de retomar o domínio levou à **Guerre da Indochina** (1946-1954). Os europeus foram derrotados e os países obtiveram a independência. O Vietnã ficou dividido em Vietnã do Norte e Vietnã do Sul, que só seriam reunificados em 1976, após a Guerra do Vietnã.

## ÁFRICA

A maioria dos países africanos conquistou a independência na década de 1960, e apenas em raros casos a separação se deu de forma tranquila. Três dos processos mais conturbados ocorreram na Argélia, no Congo e em Angola.

A guerra da independência da **Argélia**, colônia francesa, durou de 1954 a 1962, deixando mais de 1 milhão de mortos. O conflito resultou em uma grave crise política na França, que culminou com a queda do go-



O sal da terra Gandhi, em ato numa salina indiana: movimento pacífico ruiu o domínio inglês

verno e a tomada da Presidência pelo herói da II Guerra Charles de Gaulle, em 1958. Quatro anos depois, ele negociou a paz.

No **Congo**, colônia belga, a independência foi proclamada em 1960, por Patrice Lumumba, que assumiu o governo. A reação das multinacionais belgas à sua administração levou a uma guerra civil com intervenções da Bélgica e da URSS. Lumumba foi assassinado em 1961. Em 1965, num golpe de Estado apoiado pelos EUA, o general Joseph Mobutu tomou o poder, mudou o nome do país para Zaire e instalou uma sangrenta ditadura.

As colônias portuguesas demoraram mais para obter a independência. As negociações só ocorreram após o fim do regime salazarista, em 1974. O caso mais violento foi o de **Angola**: a partir de 1975, a luta pela independência se transformou numa guerra civil que acabaria somente em 2002, deixando 1 milhão de mortos.

## A HISTÓRIA HOJE

### FRONTEIRAS ARTIFICIAIS

As divisas dos países africanos foram estabelecidas com base nos limites criados pela colonização europeia, e não pelas divisões étnicas e culturais do continente. Como resultado, povos rivais foram obrigados a viver juntos, o que até hoje causa violentos conflitos, como os que ocorrem em Ruanda entre hutus e tutsis.



## DITADURAS NA AMÉRICA LATINA



### Sob a mira do ódio

Exército chileno ataca o Palácio de La Moneda, em Santiago, em 1973. O cerco termina com a morte do presidente Salvador Allende e a instalação da ditadura militar no país

# Continente sitiado

Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos incentivaram a instalação de diversos regimes militares autoritários na América Latina, a fim de garantir sua hegemonia sobre a região

**E**ntre os anos 1960 e 1980, estabeleceram-se ditaduras militares em vários países da América Latina. Em geral, a instalação e a manutenção desses regimes tiveram o apoio dos Estados Unidos (EUA), que visavam a impedir o avanço do socialismo e a manter o continente sob sua influência. Além da supressão das liberdades democráticas, as ditaduras latino-americanas se caracterizaram pela perseguição, tortura, prisão e morte de milhares de opositores. Veja os casos mais emblemáticos de países que viveram esse terror patrocinado pelo Estado.

**“VOCÊ DEVE RESPONDER (...) PORQUE AO POVO INDEFESO RESPONDERAM COM O FUZIL (...) MORREU SEM SABER POR QUE CRIVARAM-LHE O PEITO ENQUANTO LUTAVA PELO DIREITO DE TER UM SOLO PARA VIVER”**

TRECHO DE PREGUNTAS POR PUERTO MONTT, DO CHILENO VÍCTOR JARA, QUE FALA DA MORTE DE MANIFESTANTES POR FORÇAS OFICIAIS. O MÚSICO FOI UMA DAS MILHARES DE PESSOAS EXECUTADAS PELA DITADURA NO CHILE

### ARGENTINA

Quando o presidente Juan Domingo Perón morreu, em 1974, as duas facções rivais de seu partido passaram a se enfrentar, mergulhando o país no caos. Sua mulher e vice, Isabelita Perón, assumiu o cargo e adotou uma postura favorável aos setores conservadores, apoiados pelas Forças Armadas, mas não conseguiu controlar os conflitos. Com o pretexto de resolver a situação, em 1976, o general Jorge Rafael Videla dissolveu o Congresso e instalou a ditadura. O governo perseguiu ferozmente os adversários – esse momento foi batizado de **guerra suja** –, causando o desaparecimento de cerca de 30 mil pessoas. A crise econômica e a derrota na Guerra das Malvinas, contra o Reino Unido, em 1982, enfraqueceram o regime, que chegou ao fim no ano seguinte, com a eleição do civil Raúl Alfonsín à Presidência.

### CHILE

Em 1970, o socialista Salvador Allende foi eleito presidente do Chile. Ao nacionalizar mineradoras norte-americanas, seu governo foi alvo de uma campanha de desestabilização promovida pelos EUA. Três anos depois, Allende foi deposto por um golpe militar e se suicidou no palácio presidencial. O poder foi assumido pelo general Augusto Pinochet, que permaneceu no cargo até 1990. Derrotado num plebiscito sobre sua continuidade no go-

verno, ele entregou a Presidência ao civil eleito Patricio Aylwin. A sangrenta ditadura chilena deixou milhares de mortos, desaparecidos e exilados. Em 2006, Pinochet morreu sem nem sequer ter sido julgado pelos casos de tortura e assassinato dos quais era acusado.

### URUGUAI

Eleito presidente do Uruguai em 1971, o conservador Juan Maria Bordaberry assumiu com a promessa de derrotar o grupo guerrilheiro de esquerda Tupamaro. Em 1973, com o apoio dos militares, ele fechou o Congresso, suspendeu a Constituição e instaurou uma das mais repressivas ditaduras do continente. No fim da década, os EUA chegaram a cancelar a ajuda militar e econômica ao país, em represália às violações dos direitos humanos cometidas pelo regime. A redemocratização ocorreu em 1984, com a eleição à Presidência do civil Julio Sanguinetti. ||

### E NO BRASIL...

#### CHUMBO VERDE-AMARELO

No Brasil, não foi diferente: a ditadura militar foi instalada em 1964 e se estendeu até 1985, apresentando características muito semelhantes às dos nossos vizinhos. (Veja matéria na pág. 148)



# A imaginação no poder

Em maio de 1968, num dos movimentos mais emblemáticos da história contemporânea, protestos estudantis desencadearam uma gigantesca greve geral na França, parando o país e deixando um saldo de centenas de feridos

**O** hoje quase mítico levante de Maio de 1968 na França foi uma grande onda de protestos que teve início com manifestações estudantis para pedir reformas no setor educacional do país. O movimento cresceu tanto que evoluiu para uma greve de trabalhadores. Os universitários se uniram aos operários e promoveram uma gigantesca paralisação geral, com a participação de milhões de pessoas, que balançou o governo do então presidente francês, Charles De Gaulle. Durante o movimento, nasceram frases famosas que se espalharam pelo mundo, como: “É proibido proibir”; “A imaginação no poder”; e “Sejamos realistas, peçamos o impossível”.

O começo de tudo foi uma série de conflitos entre estudantes e autoridades da Universidade de Paris, em Nanterre, cidade próxima à capital francesa. No dia 2 de maio de 1968, a administração decidiu fechar a escola e ameaçou expulsar vários estudantes acusados de liderar o movimento contra a instituição. As medidas provocaram a reação imediata dos alunos de uma das mais renomadas universidades do mundo, a Sorbonne, em Paris. Eles se reuniram no dia seguinte para protestar, saindo em passeata sob o comando do líder estudantil Daniel Cohn-Bendit. A polícia reprimiu os estudantes com violência e durante vários dias as ruas de Paris viraram cenário de batalhas campais.

No dia 6 de maio de 1968, uma passeata foi convocada pela União Nacional de Estudantes da França e pelo sindicato dos professores universitários. O objetivo era protestar contra a invasão da Universidade de Sorbonne pela polícia. A marcha teve a participação de mais de milhares de estudantes, professores e simpatizantes do movimento, que avançaram em direção à Sorbonne, sendo violentamente reprimidos pelos policiais. A multidão se dispersou, mas alguns manifestantes começaram a erguer barricadas, enquanto outros lançavam pedras contra os soldados, que foram obrigados a bater em retirada. Depois de se reagrupar, a polícia retomou a ofensiva, disparando bombas de gás lacrimogêneo e prendendo centenas de estudantes.

Alguns dias depois, em 10 de maio, outras concentrações voltaram a acontecer em Paris. A multidão ergueu novas barricadas e se preparou para resistir ao ataque policial, que



É proibido proibir! Milhares de estudantes e trabalhadores franceses tomam as ruas de Paris pedindo por reformas

aconteceu no começo da madrugada. Os confrontos duraram até o amanhecer do dia seguinte, resultando na prisão de centenas de manifestantes, além de deixar um grande número de feridos (foram cerca de 1,5 mil ao longo de todos os confrontos).

A reação brutal do governo, contudo, só ampliou a importância das manifestações: o Partido Comunista Francês anunciou seu apoio aos universitários e uma influente federação de sindicatos convocou uma greve geral para o dia 13 de maio. No auge do movimento, quase dois terços da força de trabalho do país cruzaram os braços. Pressionado, no dia 30 de maio o presidente De Gaulle convocou eleições para junho. Com a manobra política (que desmobilizou os estudantes) e promessas de aumentos salariais (que fizeram os operários voltar às fábricas), o governo finalmente retomou o controle da situação.

## E NO BRASIL...

### UM PAÍS SOB BALAS

O ano de 1968 também é emblemático para o Brasil. Em março deste ano, o estudante secundarista Edson Luís foi morto pela Polícia Militar durante protesto no Rio de Janeiro contra a qualidade da alimentação fornecida pelo restaurante estudantil Calabouço. Essa e outras violências mobilizaram estudantes, setores da Igreja Católica e da classe média, que, em junho, organizam a Passeata dos 100 Mil, no Rio. Em dezembro, o governo militar fechou o Congresso e decretou o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que institucionalizou de vez a repressão (veja mais na página 148).



## REVOLUÇÃO ISLÂMICA NO IRÃ

# O levante dos aiatolás

Tomados por um sentimento nacionalista e fortemente religioso, os iranianos derrubaram o governo pró-Occidente e levaram ao poder um grupo fundamentalista que alteraria o destino do Oriente Médio

**F**oi tudo muito rápido. Em janeiro, o último xá do Irã, um playboy com fama de dar as melhores festas do mundo, fugiu para o exterior. Em fevereiro, o líder da oposição, um religioso radical, voltou do exílio, foi recebido em triunfo e assumiu o poder. Em abril, o país transformou-se, após um plebiscito, em uma república islâmica, adotando como base uma interpretação fundamentalista das leis expressas no Alcorão. Depois disso, a história da região, uma das mais sensíveis em termos geopolíticos do planeta, jamais seria a mesma. A Revolução Islâmica ocorrida em 1979 no Irã levou ao poder um grupo de religiosos com práticas antiamericanas e antiocidentais, que influenciou toda a região e gerou algumas das imagens que marcaram os anos 80 e 90.

### ALIADO OCIDENTAL

Durante o século XX, o Irã não havia sido um problema para o Ocidente. Pelo contrário, os governos iranianos haviam cooperado com as nações ocidentais. No início do século, por exemplo, os britânicos exploravam a maior parte do petróleo do país (ainda chamado Pérsia). Enfraquecido, o xá Ahmed, soberano desse rincão dependente, não resistiu a um golpe de Estado em 1921 e o líder rebelde Reza Kahn foi proclamado xá da Pérsia pelo **Majlis** (Parlamento).

### MUDANÇA DE RUMO

O novo governante tinha dois objetivos. Um deles era modernizar o país. Tomando o Ocidente como modelo, promoveu reformas nos sistemas educacional e judiciário, além de construir hospitais e ferrovias. O mais importante, contudo, era livrar-se da dependência estrangeira. Primeiro, Reza Khan mudou o nome do país de Pérsia, palavra de origem grega, para Irã, como os próprios habitantes o designavam. Depois, nacionalizou tudo o que pôde, como os serviços de telégrafos.

Ao mesmo tempo, porém, o xá se aproximou dos nazistas alemães, de quem passou a importar tecnologia. Com a II Guerra Mundial, o Irã foi invadido pelas tropas aliadas e Reza Khan foi afastado do poder, fugindo para o exílio na África do Sul. Em seu lugar, com o apoio dos aliados, assumiu seu filho Mohammed Reza (chamado de Reza Pahlevi), de apenas 20 anos.



**A América é o diabo** Numa das imagens que marcaram o século XX, militantes queimam a bandeira dos Estados Unidos no Irã

### INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA

Na década de 1950, ocorreu uma crise quando, apoiado pelo Parlamento, o primeiro-ministro nacionalista Muhammad Mossadeq decidiu estatizar as reservas de petróleo que estavam nas mãos dos ingleses. O xá, aliado dos britânicos, tentou demiti-lo, mas perdeu a queda-de-braço e foi obrigado a fugir do país. Foi então que os americanos resolveram intervir, ajudando a organizar um contra-golpe, que contou com o apoio de membros do Parlamento, líderes religiosos e militares. O primeiro-ministro foi preso, o xá voltou ao país e o petróleo retornou às mãos estrangeiras.

Na década de 1960, o governo de Reza Pahlevi tornou-se mais ditatorial, iniciando uma campanha para eliminar os opositores. Um dos descontentes era um proeminente acadêmico xiita, conhecido como aiatolá Ruhollah Khomeini, que acabou expulso do país.

### REVOLUÇÃO DE TURBANTE

Enquanto o xá levava uma vida de playboy, a nação sofria com uma grave crise econômica. E o aumento da repressão na década de 1970 reforçou a oposição ao governo. O pontapé inicial da revolução foi uma manifestação pró-Khomeini realizada em 1978 na cidade de Qum. Tropas do xá reprimiram o protesto, matando

70 pessoas. Do exílio, Khomeini ordenou que após 40 dias fossem realizadas cerimônias em memória dos mortos, como é tradição no país. Esses eventos, que passaram a se repetir a cada quarentena, se transformaram em protestos contra o governo. Seguiu-se uma greve geral que paralisou a economia do Irã.

Em janeiro de 1979, Reza Pahlevi fugiu do país. Em fevereiro, Khomeini, que a esta altura vivia na França, voltou a Teerã, após 14 anos de exílio. Em seguida, o povo foi às urnas e decidiu, em plebiscito, o novo sistema de governo: uma República Islâmica, da qual Khomeini se tornou chefe religioso e político.

O país que surgiu desse movimento, no entanto, não teve vida fácil. A guerra contra o Iraque (1980-1988), na qual morreram 200 mil iranianos, colaborou para manter a instabilidade, e o apoio às milícias xiitas no Líbano durante a guerra civil (1975-1990) provocou o isolamento do Irã perante a comunidade internacional.

Insatisfeitos com os rumos que a revolução vinha seguindo e desejosos de maior liberdade, em 1997 os iranianos elegeram um aiatolá reformista, Mohammad Khatami, que foi reeleito em 2001. A linha-dura retoma o poder com a eleição de Mahmoud Ahmadinejad, em 2005 (saiba mais sobre os fatos recentes do Irã no *Atualidades Vestibular 2009, já nas bancas*). ||



# Globalizado mundo novo

A crise econômica da URSS levou à desintegração do país e do bloco socialista, dando início a uma nova era mundial marcada pela globalização e pelo neoliberalismo

Uma série de reformas adotadas pelo governo da União Soviética (URSS) durante os anos 1980, visando à recuperação da economia local, acabou levando ao esfacelamento do país, com todo o bloco socialista, e, conseqüentemente, ao fim da Guerra Fria (veja o infográfico na pág. 92). O mundo assistiu, então, ao surgimento de uma **Nova Ordem Mundial**, que perdura até hoje e é marcada pela supremacia de uma única superpotência – os Estados Unidos (EUA) – e por ampla globalização econômica.

## FIM DE UMA ERA

O cenário soviético – que já passava por séria crise ao fim do governo burocratizado de Leonid Brejnev, em 1982 – começou a mudar a partir de 1985, quando Mikhail Gorbatchov assumiu o governo da URSS. Ele deu início a duas grandes reformas. Na política, a **glasnost** (transparência) abrandou a censura. Na economia, a **perestroika** (reestruturação) implementou certa liberalização, restabelecendo, com limites, a propriedade privada e permitindo a instalação de empresas estrangeiras.

As reformas foram assimiladas por países do Leste Europeu, que, a partir de 1989, puseram fim a ditaduras, restauraram o pluri-

partidarismo e encaminharam a economia ao capitalismo. O episódio que simbolizou a desintegração do bloco socialista foi a **queda do Muro de Berlim**, em 1989, quando a barreira de concreto foi tomada e derrubada pela população. No ano seguinte, a Alemanha foi reunificada.

Na **Iugoslávia**, a pressão pelo fim do socialismo levou a um violento processo de desintegração do país, cujo capítulo mais sangrento foi a Guerra da Bósnia (1992-1995), com saldo de 200 mil mortos. A antiga Iugoslávia originou as atuais Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Sérvia, Montenegro e Macedônia.

Em 1991, depois de conseguir evitar um golpe militar, o presidente do Soviete Supremo da Federação Russa, Boris Iéltsin, promoveu a desmontagem das principais instituições da URSS, esvaziando o poder de Gorbatchov, que renunciou no mesmo ano. Em dezembro, a superpotência deixou de existir e, com ela, a Guerra Fria. No lugar da URSS surgiram 15 repúblicas independentes (veja na pág. 92), sendo a principal a Federação Russa, que elegeu Iéltsin presidente. A maior parte passou a integrar a **Comunidade dos Estados Independentes** (CEI), um fórum de coordenação política e econômica.

## NASCIMENTO DE OUTRA

O fim da Guerra Fria trouxe duas grandes transformações ao cenário global: o estabelecimento dos EUA como única superpotência e o do capitalismo como sistema econômico dominante. A Nova Ordem Mundial tem duas características principais: a globalização e o neoliberalismo.

**GLOBALIZAÇÃO** – É a crescente interdependência entre mercados, governos e movimentos sociais, em nível global.

Suas origens estão na expansão marítimo-comercial europeia, a partir do século XV, que criou uma rede intercontinental de comércio.

**Passagem livre** A queda do muro de Berlim, em 1989, marca o colapso do bloco socialista e o início da Nova Ordem Mundial

cio. Mas o termo é aplicado especificamente para definir a situação da economia global a partir dos anos 1990, quando a revolução tecnológica nas telecomunicações – sobretudo o advento da internet – dinamizou a troca de informações entre as nações.

Embora os defensores da globalização pregassem que ela traria um aumento geral da qualidade de vida, isso não ocorreu. A miséria cresceu em muitas nações, como na África Subsaariana (porção sul do continente), onde nos últimos 25 anos dobrou o número de pessoas que vivem com menos de 1 dólar por dia.

**NEOLIBERALISMO** – É a doutrina capitalista que se tornou preponderante após o fim da Guerra Fria. Ele prega que o funcionamento da economia deve ser entregue às leis de mercado, pois a intervenção estatal inibiria o desenvolvimento. Algumas de suas características são: abertura da economia por meio da liberalização financeira e comercial; amplas privatizações; redução de subsídios e gastos sociais pelos governos; e desregulamentação do mercado de trabalho. O neoliberalismo é uma espécie de releitura do liberalismo de Adam Smith, adaptado aos tempos da globalização. Ao contrário da antiga doutrina, porém, permite ao Estado promover um mínimo de bem-estar social por meio de serviços e programas assistenciais financiados por tributos.

Apesar de atingir alguns resultados, como o controle da inflação, a doutrina falhou na diminuição da desigualdade social: na América Latina, por exemplo, o número de pobres aumentou em 14 milhões na década passada. ||

## E NO BRASIL...

### REFORMAS NEOLIBERAIS

O Brasil dos anos 1990 é um típico exemplo de país em desenvolvimento que implantou a cartilha do neoliberalismo. Boa parte das medidas que levaram à abertura de nossa economia, como as privatizações, ocorreu durante o mandato do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Veja sobre esse período na página 153





## DESMANTELAMENTO COMUNISTA

## Dois anos e meio que transformaram o mundo

## O DESMORONAMENTO DA CORTINA DE FERRO

**1. JUNHO DE 1989**

**POLÔNIA** O sindicato Solidarnosc, sob a liderança de Lech Walesa, derrota os comunistas em eleições parlamentares. No ano seguinte, Walesa seria eleito presidente.

**2. SETEMBRO DE 1989**

**HUNGRIA** Os húngaros reabrem suas fronteiras para o Ocidente. Seis meses mais tarde ocorreriam as primeiras eleições livres desde a instauração do regime socialista, em 1947.

**3. NOVEMBRO DE 1989**

**TCHECOSLOVÁQUIA** Eclode a Revolução de Veludo, movimento que derrubaria o governo socialista, levando o dramaturgo Václav Havel à presidência da República Tcheca.

**4. NOVEMBRO DE 1989**

**BULGÁRIA** O governante comunista da Bulgária, Todor Zhikov, abre mão voluntariamente do cargo. Em junho do ano seguinte, seriam realizadas as primeiras eleições livres desde 1931.

**5. DEZEMBRO DE 1989**

**ROMÊNIA** Revoltas populares derubam o ditador comunista Nicolau Ceausescu, que estava no poder desde 1965. No Natal, Ceausescu e sua mulher, Elena, seriam executados.

**6. OUTUBRO DE 1990**

**ALEMANHA ORIENTAL** Menos de um ano depois da queda do Muro de Berlim, em 1989, as duas Alemanhas assinam o tratado de reunificação e voltam a ser um só país.

**7. ABRIL DE 1990**

**IUGOSLÁVIA** Croácia e Eslovênia, duas das seis repúblicas iugoslavas, realizam eleições livres e pluripartidárias. Começava o violento processo de desintegração do país.

**8. JUNHO DE 1990**

**ALBÂNIA** Manifestações populares abalam o regime comunista de partido único, em vigor desde 1944. As primeiras eleições livres ocorreriam oito meses depois.

## ESFALECIMENTO DA URSS

**1. ESTÔNIA**

Independência: 20 de agosto de 1991

**2. LITUÂNIA**

Independência: 06 de setembro de 1991

**3. LETÔNIA**

Independência: 21 de agosto de 1991

**4. CAZAQUISTÃO**

Independência: 16 de dezembro de 1991

**5. GEÓRGIA**

Independência: 9 de abril 1991

**6. RÚSSIA**

Independência: 24 de agosto de 1991

**7. UCRÂNIA**

Independência: 24 de agosto de 1991

**8. BIELO-RÚSSIA (ATUAL BELARUS)**

Independência: 25 de agosto de 1991

**9. MOLDÁVIA**

Independência: 27 de agosto de 1991

**10. AZERBAIDJÃO**

Independência: 30 de agosto de 1991

**11. UZBEQUISTÃO**

Independência: 31 de agosto de 1991

**12. QUIRGUISTÃO**

Independência: 31 de agosto de 1991

**13. TADJIQUISTÃO**

Independência: 9 de setembro de 1991

**14. ARMÊNIA**

Independência: 23 de setembro de 1991

**15. TURCOMENISTÃO**

Independência: 27 de outubro de 1991

**16. MOSCOU**

**25 de dezembro de 1991:** Mikhail Gorbachev vai à TV e renuncia à presidência da URSS. No Kremlin, a bandeira soviética tremula pela última vez. É o fim da potência militar e econômica nascida na revolução de 1917.





# Brasil

Os principais eventos que aconteceram em nosso território ao longo dos séculos e tudo sobre os temas que mais caem no vestibular



## LINHA DO TEMPO

# A longa História verde-amarela

**A**companhe o que de mais importante aconteceu em nosso território desde a época dos primeiros vestígios de presença humana por aqui até a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência, em 2002. Nas páginas indicadas, você encontra tudo sobre os assuntos que mais caem no vestibular.



## 11 500 ANOS ATRÁS

Nessa época vive Luzia, nome dado ao **mais velho fóssil humano brasileiro**, encontrado na região de Lagoa Santa, em Minas Gerais. Pág. 96

## 1500

A esquadra do português **Pedro Álvares Cabral** desembarca na Bahia em 22 de abril. É o chamado **descobrimento do Brasil**. A data marca o início do **período colonial brasileiro**. A partir da pág. 98



## 1693

É descoberto ouro em Minas Gerais, o que dá origem a uma intensa **atividade mineradora** no século seguinte. Pág. 103

## PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA

### 58 MIL ANOS ATRÁS

Nessa época o Nordeste brasileiro já seria ocupado por grupos humanos, conforme indicam os **mais antigos vestígios arqueológicos do país**, encontrados em São Raimundo Nonato, no Piauí. Mas ainda há uma grande **polêmica sobre o assunto**: muitos pesquisadores afirmam que a povoação da América e do Brasil só começou milhares de anos depois. Veja mais sobre a **pré-história brasileira** na pág. 96.



## 700 a.C.

Nessa época, o litoral sul brasileiro está ocupado pelos **povos dos sambaquis**, que deixam montanhas de conchas e de carcaças de peixes como vestígio de sua existência. Não há certeza sobre a data em que eles se instalaram na região, mas sabe-se que já estavam lá quando chegaram os tupis, que os teriam destruído ou incorporado seus traços. Pág. 97

## 1000 a.C. - 1500 d.C.

Os **tupis**, povos sedentários originários da América Central, chegam ao atual território brasileiro e espalham-se por praticamente todo o país, massacrando ou assimilando os grupos nômades que habitavam a região. São eles os ancestrais dos índios encontrados pelos exploradores portugueses em 1500. Pág. 97

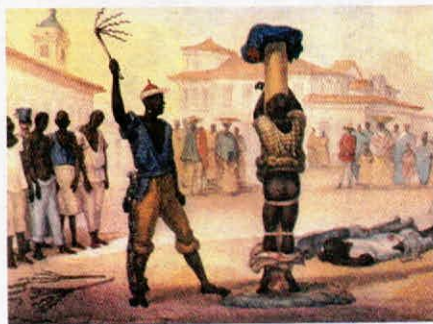
## 400 d.C.

Na Amazônia, por volta dessa época, desenvolvem-se duas civilizações conhecidas por produzir sofisticadas peças de cerâmica. Os **marajoaras** vivem na região da Ilha de Marajó, e desaparecem em torno de 1300. A **civilização tapajônica** floresce às margens do rio Tapajós, e é destruída após o contato com os portugueses.



## 1530

Por volta deste ano começa a **colonização brasileira** de fato, com a fundação das primeiras vilas e a introdução da **cana-de-açúcar** (pág. 103), e da **escravidão africana** (pág. 106).



## 1534

São criadas as **capitanias hereditárias**, a primeira divisão política do Brasil. Em 1548, é instalado o **governo-geral**. Pág. 102

## 1630

Na mais relevante invasão estrangeira do período colonial, os **holandeses se instalam no Nordeste**, onde permanecem até o fim da Insurreição Pernambucana, em 1654.

## 1630

Nas décadas de 1630 e 1640, chega ao auge no Sudeste o movimento das **bandeiras** de caça aos índios. Pág. 110





1808

A família real portuguesa muda-se para o Brasil.  
Pág. 111



1835

Irrrompe o maior conflito do período regencial, a **Revolta dos Farrapos**, no Rio Grande do Sul, que se estende por uma década.  
Pág. 121

1888

A escravidão é abolida pela **Lei Áurea**.

1889

A **proclamação da República**, por Deodoro da Fonseca, marca o início do **período republicano brasileiro**.  
A partir da Pág. 126

1908

Tem início a imigração japonesa para o Brasil. Os japoneses estão entre as nacionalidades que respondem pelas maiores levadas de **imigrantes para o país**.  
Pág. 134



1930

A Revolução de 1930 põe fim à República Velha e marca a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. É o início da **Era Vargas**.  
Pág. 140



1945

Governando como ditador desde 1937 no chamado Estado Novo, Vargas renuncia. Começa a **República Liberal**.  
Pág. 144

IMPÉRIO

REPÚBLICA



1789

Ocorre a **Inconfidência Mineira**.  
Pág. 112

1822

D. Pedro I proclama a independência do Brasil e é coroado imperador, dando início ao **período imperial brasileiro**. A partir da pág. 114.



1831

D. Pedro I abdica do trono brasileiro. O país passa a ser governado por **regências**.  
Pág. 120

1840

Filho de D. Pedro I, Dom Pedro II é declarado maior de idade aos 14 anos, e começa a governar, dando início ao **Segundo Reinado**.  
Pág. 122



1864

Irrrompe a **Guerra do Paraguai**, o maior conflito da história da América do Sul, que se estende até 1870.  
Pág. 123

1894

A eleição do primeiro presidente civil brasileiro marca o fim da **República da Espada** (pág. 132), e o início da **República do Café com Leite** (pág. 136). Os dois períodos, juntos, ficam conhecidos como **República Velha**.

1985

O civil Tancredo Neves vence a eleição indireta para a presidência, mas adoece e morre sem assumir. O vice, José Sarney, toma posse, marcando o fim do regime militar e o início da **Nova República**.  
Pág. 152



2002

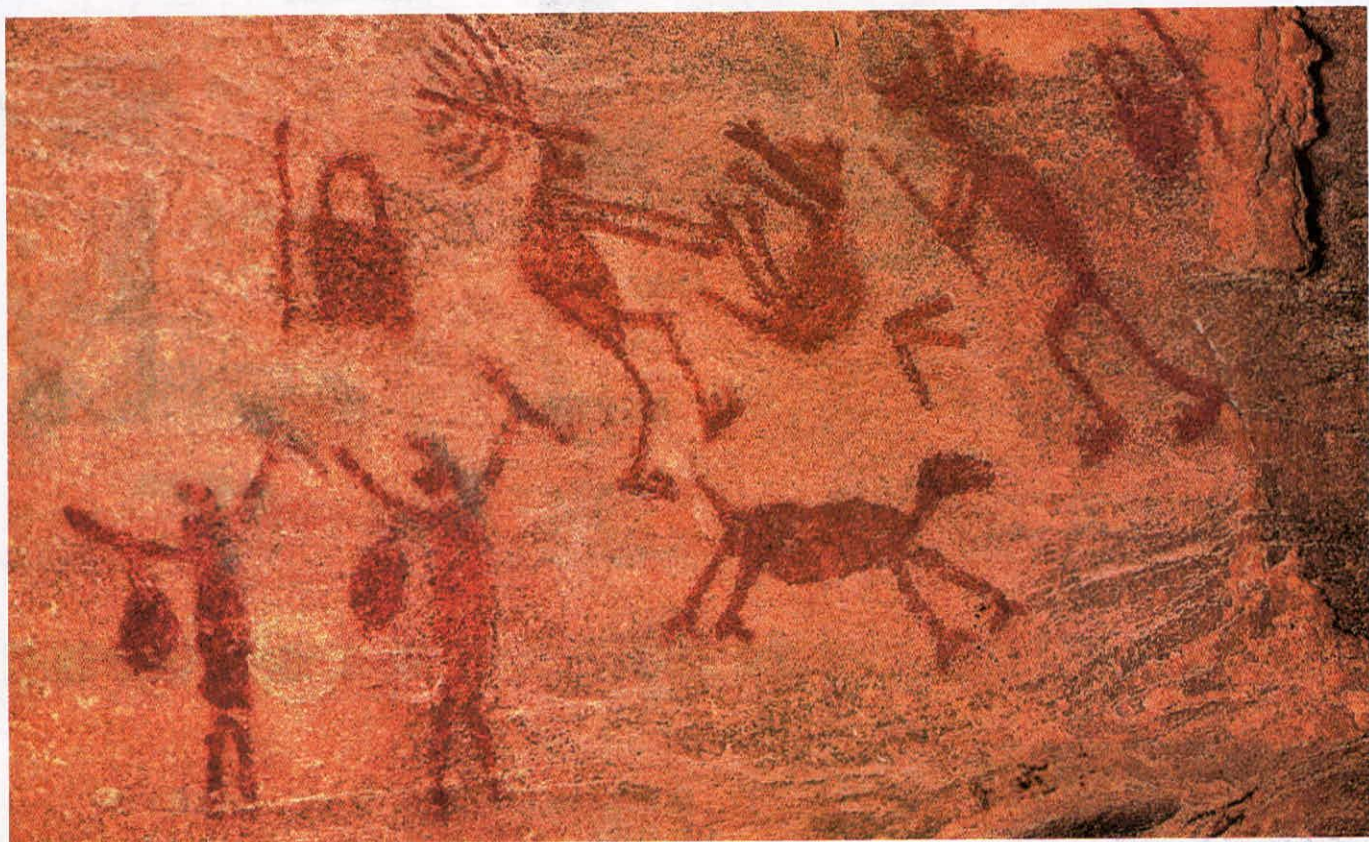
O ex-metalúrgico **Luiz Inácio Lula da Silva** vence as eleições presidenciais, tomando posse no ano seguinte. Em 2006, é reeleito para um segundo mandato.

1964  
Um golpe de Estado dá início à **ditadura militar**.  
Pág. 148





## PRÉ-HISTÓRIA



**Pintou Brasil** Inscrições rupestres no parque da Serra da Capivara, no Piauí, onde foram encontrados os mais antigos vestígios de vida humana no país, produzidos há 58 mil anos

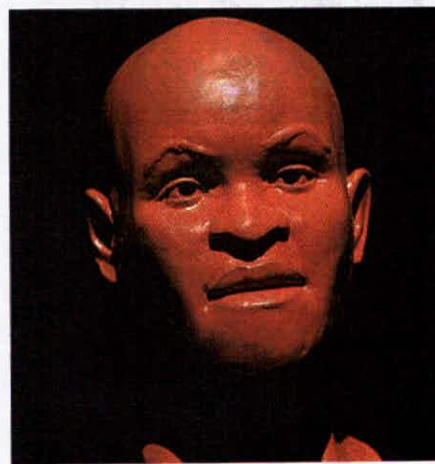
# Os primeiros brasileiros

Conheça as teorias que tentam explicar como o homem chegou ao nosso país e saiba de que forma viviam os grupos humanos que antecederam o desembarque de Cabral

**A**inda não se sabe exatamente quando e como os primeiros humanos chegaram ao território hoje pertencente ao Brasil – e nem mesmo ao continente americano. Há mais de uma teoria, e elas provocam grande polêmica entre os pesquisadores. Também não temos informações muito precisas sobre os povos que habitavam nosso país antes da chegada dos portugueses, pois eles desconheciam a escrita. Mas a análise de valiosos vestígios por eles deixados nos permite conhecer muito sobre seu modo de vida.

## A CHEGADA NA AMÉRICA

A hipótese mais tradicional que busca explicar a ocupação da América diz que a chegada dos primeiros humanos ao continente ocorreu há 12 mil anos. Um grupo de homens e mulheres vindo da Ásia teria atravessado a pé uma faixa de terra que ligava a Sibéria ao Alasca – a Beringia, formada em razão das glaciações no local onde fica o estreito de Bering (veja o mapa na pág. ao lado). Essa tese é embasada em descobertas arqueológicas feitas no estado norte-americano do Novo México, que comprovam que 11 mil anos atrás



**“Eva” brasuca** Assim seria Luzia, a primeira brasileira

existiu no local a **cultura Clóvis** – um bando de caçadores que fabricavam lanças de pedra lascada e eram especialistas na matança de grandes mamíferos, como o mamute. Os adeptos dessa hipótese acreditam que foi justamente a corrida atrás da caça que levou esses homens a atravessar a Beringia no fim da última era glacial, quando o nível do mar estava muitos metros abaixo do atual. De lá, esses migrantes teriam descido para o restante da América.



Essa teoria, que até a década de 1970 era praticamente unanimidade entre antropólogos e arqueólogos, foi contestada a partir do descobrimento de outros indícios de culturas humanas tão ou mais antigos que aqueles do Novo México. Os novos vestígios foram encontrados em regiões mais ao sul, como no Brasil. Pesquisas no sítio da Pedra Pintada, no Pará, mostraram que grupos estavam assentados na floresta Amazônica há 11 300 anos. Outra importante descoberta que pôs em xeque a teoria tradicional ocorreu na região de Lagoa Santa (MG), onde foi encontrado o mais antigo esqueleto humano brasileiro conhecido. Apelidada de **Luzia**, a “Eva” do Brasil viveu entre 11 mil e 11 500 anos atrás.

Os pesquisadores, contudo, acham impossível que os primeiros americanos tenham percorrido o longo trajeto entre o estreito de Bering e a América do Sul em apenas algumas centenas de anos. Se foi realmente essa a rota utilizada, a migração tem de ter começado mais cedo. Porém, antes de 12 mil anos, o estreito de Bering estava bloqueado pelo gelo – ou seja, era impossível para o homem atravessá-lo. Surgiram, então, novas teorias.

Uma das mais aceitas sugere que os primeiros americanos tenham usado barcos para passar da Ásia para a América do Norte

## VOCÊ SABIA?

### CIVILIZAÇÃO DAS CONCHAS

Por volta de 700 a.C., o litoral sul do Brasil era ocupado por homens primitivos cuja dieta se baseava em peixes e moluscos. O alimento era tão abundante que esses povos não sentiam necessidade de mudar constantemente de lugar. Depois de comerem, largavam a carcaça dos animais no chão. Aos poucos, foram se formando verdadeiras montanhas, os sambaquis, sobre as quais os homens passaram a construir sua casa. Alguns sambaquis atingem 40 metros de altura e são considerados sítios arqueológicos, preservados por lei. Os sambaquieiros teriam sido um dos grupos destruídos ou incorporados pelo avanço tupi.

cerca de 15 mil anos atrás. Depois, ele teriam navegado rumo ao sul pelo litoral norte-americano, fixando-se em regiões costeiras hoje inundadas pelo mar, o que explicaria por que existem poucos sinais dessa jornada.

Mas há quem acredite que a migração rumo à América do Sul seja muito anterior. Os primeiros humanos poderiam ter chegado ao continente mais de 60 mil anos atrás, vindos da Oceania, após cruzar todo o oceano Pacífico. A evidência para a data são ferramentas de pedra e restos de fogueira de 58 mil anos encontrados no sítio arqueológico do Boqueirão da Pedra Furada, no **Parque Nacional da Serra da Capivara**, em São Raimundo Nonato, no Piauí. Já a pis-

ta para a origem vem de Luzia: a “primeira brasileira” tem traços negróides, típicos da África e da Oceania, e não mongolóides, que caracterizam os povos asiáticos. No entanto, até hoje nenhum esqueleto que confirme essa datação mais antiga foi encontrado.

## OS ÍNDIOS

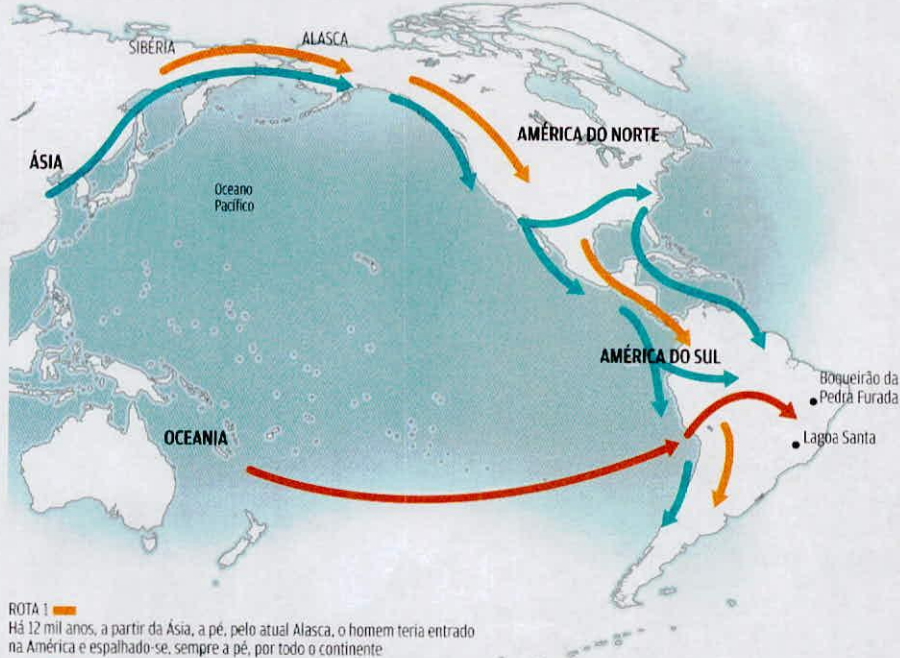
Independentemente de como tenha começado a ocupação da América e do Brasil, sabemos que, entre o último milênio antes de Cristo e o primeiro da Era Cristã, a etnia que deu origem aos atuais índios brasileiros se tornou predominante em nosso território. O mais avançado grupo dessa nova onda migratória, vinda da América Central, era o dos **tupis** – povos sedentários e conquistadores que destruíram ou assimilaram as comunidades coletoras e caçadoras então espalhadas pelo país.

Os tupis, na verdade, eram uma infinidade de grupos indígenas – como os tupis-guaranis, tupinambás, tupiniquins e tupinaés – que tinham culturas semelhantes entre si. Eles viviam em aldeias que funcionavam como cidades, chegando a ter alguns milhares de habitantes. A propriedade privada não existia. Plantavam mandioca, milho e hortaliças e produziam cerâmicas, utilizadas em rituais religiosos. Definiam a hierarquia social com base nos laços familiares e no desempenho dos guerreiros nas batalhas. A divisão do trabalho se dava de acordo com o sexo: a mulher cabia plantar, cozinhar e fabricar instrumentos domésticos; os homens tinham a responsabilidade de caçar, produzir armas, derrubar a mata e construir casas.

Apesar das características comuns, cada tribo tinha sua identidade, constituída por mitologias, formas de cultivo e regras sociais próprias – essas informações eram transmitidas oralmente de geração em geração. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, em 1500, estima-se que havia 1 milhão de índios vivendo por aqui, divididos em cerca de 1,4 mil povos, que falavam 1,3 mil línguas. A grande maioria foi morta ou escravizada, e suas culturas foram soterradas pela imposição dos costumes europeus.

## JORNADA POLÊMICA

Conheça as diferentes rotas e datas apontadas pelos cientistas para o povoamento da América



**ROTA 1**  
Há 12 mil anos, a partir da Ásia, a pé, pelo atual Alasca, o homem teria entrado na América e espalhado-se, sempre a pé, por todo o continente

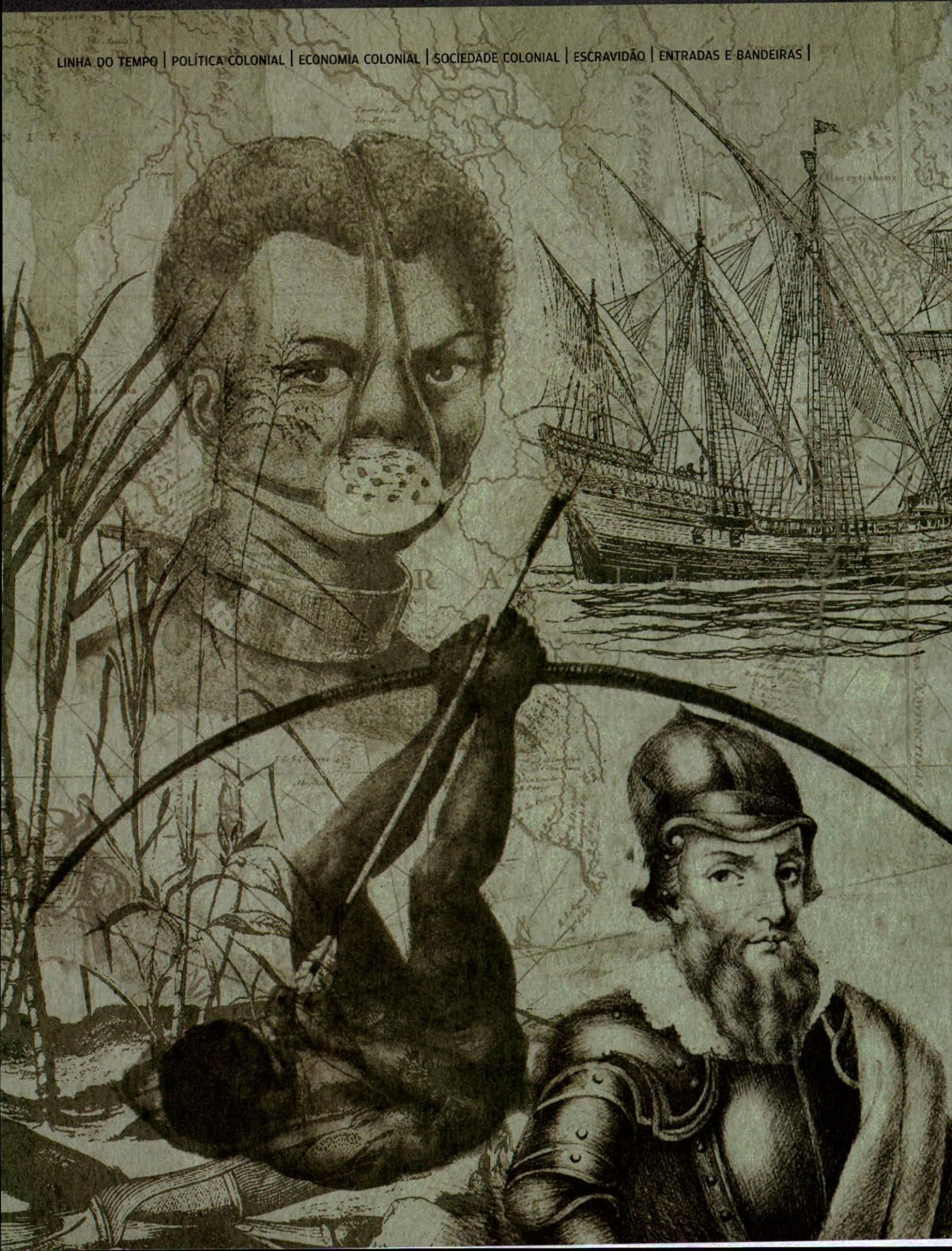
**ROTA 2**  
Há 15 mil anos, a partir da Ásia, de barco, pelo litoral oeste da América do Norte, o homem teria ocupado as regiões costeiras. Depois teria navegado para o sul e embrenhado-se pelo interior

**ROTA 3**  
Há pelo menos 60 mil anos, a partir da Oceania, de barco, o homem teria chegado ao litoral oeste da América do Sul e caminado até o interior do subcontinente

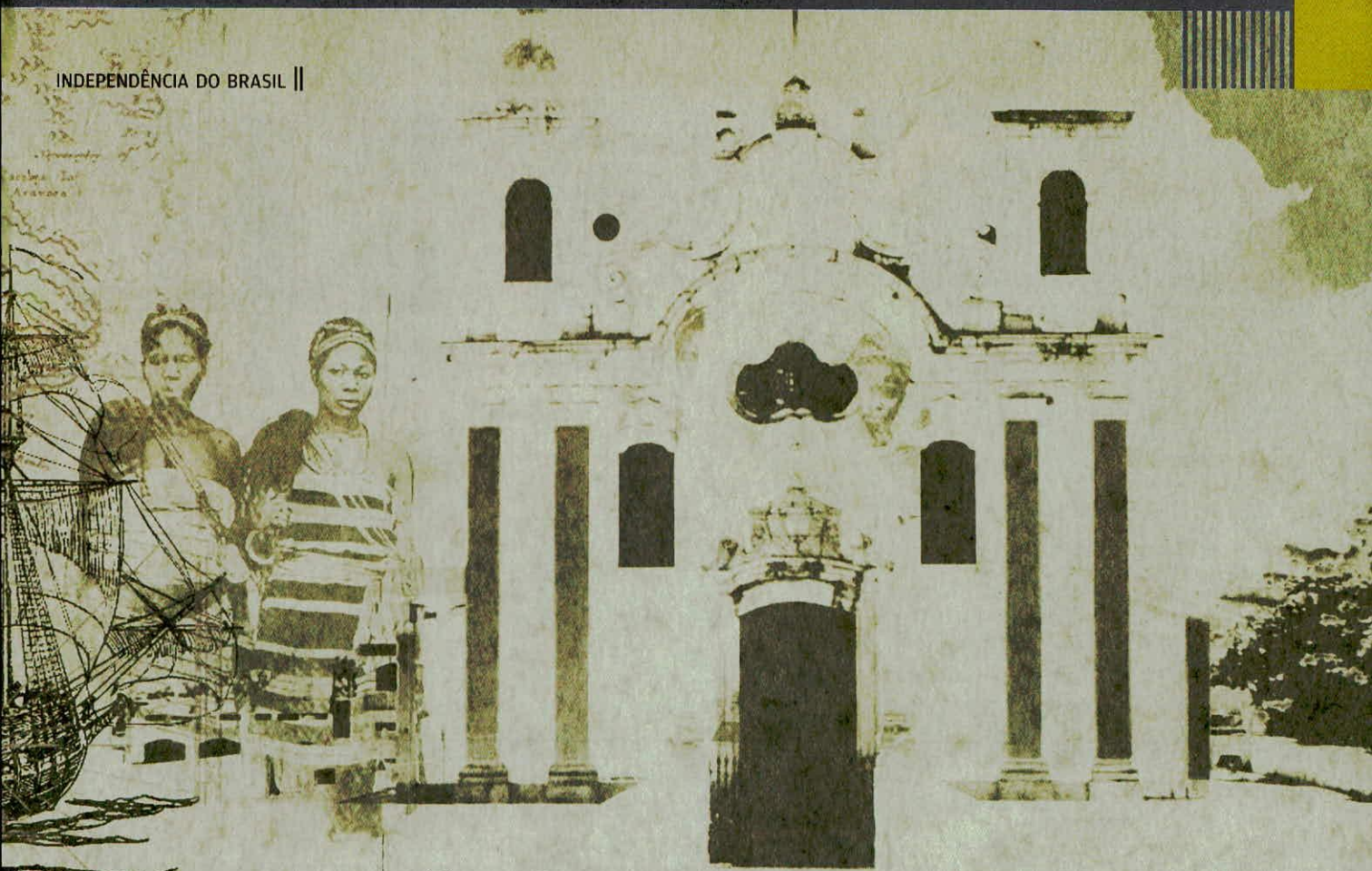
Fonte: adaptado de US News



LINHA DO TEMPO | POLÍTICA COLONIAL | ECONOMIA COLONIAL | SOCIEDADE COLONIAL | ESCRAVIDÃO | ENTRADAS E BANDEIRAS |







# Colônia

O período colonial brasileiro começou em 1500, com o desembarque da primeira expedição européia no atual território nacional, comandada pelo português Pedro Álvares Cabral, e se estendeu até a independência, proclamada em 1822 por dom Pedro I. No decorrer desses três séculos, o Brasil era uma possessão de Portugal, sendo todo o período marcado pela exploração de nossos recursos naturais e humanos em benefício dos lusitanos.

Nas primeiras décadas, os portugueses se limitaram à **extração de pau-brasil**, sem se fixar na terra. A **colonização** em si só começou por volta de 1530, com a fundação dos primeiros povoados, a criação das **capitanias hereditárias** e a introdução da **cana-de-açúcar**. Paralelamente, teve início a **escravização** de indígenas – nativos da terra – e de negros – trazidos aos milhões da África.

Até então, a ocupação portuguesa se restringia ao litoral. Foi só com o começo da atividade pecuária, ainda no século XVI, e, principalmente, com as **entradas e bandeiras** – expedições inicialmente dedicadas à caça de índios –, nos séculos XVII e XVIII, que ocorreu a expansão rumo ao interior. As bandeiras descobriram ouro na região de Minas Gerais, originando uma intensa **atividade mineradora** que se tornou o carro-chefe da economia brasileira no século XVIII.

No início do século XIX, a América Latina passa por uma crise do sistema colonial, quando, influenciadas pelo Iluminismo, pela independência dos Estados Unidos e pela Revolução Francesa, as colônias européias no continente começaram a se separar das metrópoles. No Brasil, o processo foi acelerado pela **vinda da corte portuguesa**, em 1808, fuga das invasões napoleônicas. A **independência** foi obtida em 1822, dando início ao período imperial.



## LINHA DO TEMPO

## COLÔNIA

**V** veja quais foram os principais acontecimentos da história do Brasil colônia. Nas páginas indicadas, você encontra tudo sobre os assuntos que mais caem no vestibular.

1530

O militar português Martim Afonso de Souza comanda a **expedição pioneira de colonização** do Brasil. Em 1532 funda a primeira vila da colônia, São Vicente, no atual estado de São Paulo.

1548

Tomé de Sousa assume o **primeiro governo-geral** do Brasil. Pág. 102

1549

Chegam ao Brasil os primeiros **jesuítas** – religiosos da ordem católica Companhia de Jesus. Chefiados pelo padre Manoel da Nóbrega, dedicam-se à catequese dos índios e à educação dos colonos.



[2]

1630

Após duas tentativas pouco efetivas na década anterior, na Bahia, os **holandeses invadem o Brasil**, dessa vez em Pernambuco. Para vencer a resistência da população local, organizada pelo governador da capitania, Matias de Albuquerque, os estrangeiros contam com a ajuda do pernambucano Domingos Calabar, que considera a invasão positiva para a região. Permanecem no Nordeste até a Insurreição Pernambucana (1645-1654).

1608

Maior pregador em língua portuguesa, deixando uma riquíssima obra escrita, como os clássicos Sermões, o **Padre Antônio Vieira** nasce em Lisboa, mudando-se ainda criança para o Brasil.

1630

Nas décadas de 1630 e 1640, chega ao auge no Sudeste o movimento das **entradas e bandeiras**. Pág. 110

## COLÔNIA

1530

Por volta desse ano, paralelamente à introdução do plantio da cana-de-açúcar, tem início a **escravidão** africana no Brasil. Pág. 106

1534

O rei de Portugal, dom João III, cria as **capitanias hereditárias**, a primeira divisão política do Brasil. Veja mais na matéria sobre **política colonial**. Pág. 102.

1500

O português Pedro Álvares Cabral e sua esquadra chegam ao litoral da Bahia em 22 de abril. É o **descobrimento do Brasil**. Segundo a maioria dos historiadores, trata-se mais de uma tomada de posse do que de um descobrimento em si, pois a existência do território – dividido seis anos antes entre portugueses e espanhóis pelo Tratado de Tordesilhas – já era sabida por Portugal. Nos anos seguintes, tem início a exploração do pau-brasil.



[1]

1555

A França não aceita a partilha das terras americanas feita pelo Tratado de Tordesilhas e defende seu direito de ocupação. A primeira **invasão francesa** no território brasileiro ocorre na ilha de Serigipe (atual Villegaignon), na baía de Guanabara, onde é instalada a **França Antártica**, chefiada por Nicolas Durand de Villegaignon. Os portugueses expulsam os franceses em 1567.

1580

Dois anos após a morte do rei português dom Sebastião, que não deixa herdeiro, o espanhol Felipe II, ligado por parentesco à Casa Real Portuguesa, impõe-se como rei de Portugal. A **União Ibérica** vigora até 1640 e equivale a uma anexação de Portugal pela Espanha. No Brasil, há duas consequências principais: a livre movimentação entre os domínios portugueses e espanhóis na América, o que facilita a penetração dos luso-brasileiros além do limite do Tratado de Tordesilhas, e os ataques sofridos pela colônia por nações inimigas da Espanha, principalmente a Holanda.

1594

Os aventureiros franceses Jacques Riffault e Charles Vaux instalam-se no Maranhão depois de naufragar ao largo da costa. O governo francês os apóia e incentiva a criação de uma colônia no território, a **França Equinocial**. Em 1612 chegam centenas de colonos, que erguem o forte de São Luís, origem de São Luís do Maranhão. São expulsos três anos depois pelos portugueses.

1641

Numa das revoltas contra os portugueses no Brasil colonial, ocorre a **Aclamação de Amador Bueno** como rei de São Paulo. Pág. 112

1637

O domínio holandês no Brasil passa a ser administrado pelo militar **Maurício de Nassau**. Sua administração em Pernambuco fica marcada pela prosperidade econômica e cultural. Nassau propõe financiamentos para a recuperação de engenhos, realiza obras de urbanização, assegura a liberdade de culto religioso, promove estudos de história natural, astronomia, meteorologia e medicina, além de trazer artistas estrangeiros, como o pintor holandês Frans Post. Seu governo se encerra em 1644.



[3]





**1693**

As primeiras **jazidas de ouro são descobertas** no atual estado de Minas Gerais. No século seguinte, a atividade mineradora se tornaria a mais importante da colônia.  
Pág. 103



**1750**

O **Tratado de Madri** reconhece a presença luso-brasileira em grande parte dos territórios a oeste da linha do Tratado de Tordesilhas. Como parte das negociações, Portugal cede à Espanha a Colônia do Sacramento (atualmente no Uruguai) em troca da área dos Sete Povos das Missões (no atual Rio Grande do Sul).  
Pág. 112

**1708**

Tem início, em Minas Gerais, a **Guerra dos Emboabas**.  
Pág. 112

**1789**

No âmbito mundial, a **Revolução Francesa** marca o início da Idade Contemporânea.  
Pág. 70

**1805**

O mineiro Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, maior nome da escultura barroca brasileira, conclui sua obra-prima: o conjunto de imagens sacras, **Os Passos da Paixão e Os Doze Profetas**, da Igreja de Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo (MG).  
Pág. 112



**1818**

Com a morte de dona Maria I, seu filho **dom João é coroado** rei de Portugal, do Brasil e de Algarves, no Rio de Janeiro, com o título de dom João VI.  
Pág. 112

**1817**

Estoura a **Revolução Pernambucana**.  
Pág. 112

**1684**

Eclode no Maranhão a **Revolta dos Beckman**.  
Pág. 112

**1710**

Começa, em Pernambuco, a **Guerra dos Mascates**.  
Pág. 112

**1720**

É deflagrada a Revolta de Filipe dos Santos, também chamada de **Rebelião de Vila Rica**.  
Pág. 112

**1754**

Os guaranis dos Sete Povos das Missões recusam-se a deixar suas terras, e tem início a **Guerra Guaranítica**. São derrotados após dois anos, por uma aliança entre hispano-argentinos e luso-brasileiros.  
Pág. 112



**1711**

É fundada Vila Rica, atual Ouro Preto (MG), símbolo da sociedade urbanizada que surge no contexto da mineração. Veja mais na matéria sobre a **sociedade colonial**.  
Pág. 105

**1765**

No âmbito mundial, o escocês James Watt aperfeiçoa o motor a vapor, marco da **Revolução Industrial**.  
Pág. 59

**1768**

Ao lançar **Obras Poéticas**, o mineiro Cláudio Manuel da Costa inaugura o **arcadismo**, primeiro movimento literário a se afastar dos modelos portugueses, ao retratar temas tipicamente brasileiros. Costa e Tomás Antônio Gonzaga, outro importante poeta arcade, seriam integrantes da Inconfidência Mineira.  
Pág. 112

**1777**

É assinado o **Tratado de Santo Ildefonso**, que restitui aos espanhóis o direito sobre a região de Sete Povos das Missões. Os portugueses tentam obter a devolução da Colônia do Sacramento, mas não conseguem. As fronteiras atuais do Rio Grande do Sul só são definidas pelo Tratado de Badajoz, em 1801.  
Pág. 112

**1789**

Ocorre a **Inconfidência Mineira**.  
Pág. 112

**1798**

É deflagrada a **Conjuração Baiana**.  
Pág. 112

**1808**

Fugindo de Napoleão Bonaparte, a **corte portuguesa transfere-se para o Brasil**.  
Pág. 111

**1821**

O Brasil anexa a Banda Oriental (atual Uruguai), como **Província Cisplatina**. A área proporciona o controle da navegação e do comércio na bacia platina. Em 1828, o Uruguai se torna independente.  
Pág. 111

**1821**

Pressionado pelo Parlamento português, **dom João VI regressa a Portugal**, deixando Pedro, seu filho mais velho, como regente do Brasil, com o título de dom Pedro I.  
Pág. 111

**1822**

Dom Pedro I proclama a **independência do Brasil**.  
Pág. 111



## POLÍTICA COLONIAL

# Governo remoto

Repleto de riquezas, mas extenso e distante, o Brasil era um desafio administrativo para os portugueses. Veja como eles tentaram resolver o problema



**Caso de sucesso** Martim Afonso de Sousa (de vermelho) comandava a próspera São Vicente

Com o objetivo de tomar posse, explorar e defender o território brasileiro, Portugal deu início, no século XVI, à montagem da estrutura administrativa colonial. Primeiramente, dividiu o país em capitanias hereditárias; mais tarde, aprimorou o sistema, criando o Governo-Geral.

## CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

Sem recursos financeiros nem humanos para empreender uma ocupação em grande escala na colônia, o rei português dom

João III decidiu, em 1534, dividir o território brasileiro em 15 faixas de terra – as capitanias hereditárias (veja o mapa abaixo). O direito de administrá-las, vitalício e hereditário, era concedido aos **donatários**, nobres ou burgueses que se comprometiam a arcar com os gastos internos, repassando grande parte dos rendimentos à Coroa portuguesa.

A regulamentação do sistema era feita por meio de dois documentos: a **Carta de Doação** e o **Foral**. Eles estabeleciam os direitos e deveres dos donatários e da Coroa. O donatário devia aplicar a Justiça e podia doar sesmarias (fazendas) e cobrar impostos relativos à agricultura e à exploração dos rios. A Coroa tributava a exploração do pau-brasil, das especiarias e dos metais preciosos.

O sistema de capitanias, no entanto, não apresentou os resultados esperados, por causa do isolamento, dos ataques dos índios e da falta de investimentos. Das 15, somente duas prosperaram – **Pernambuco** e **São Vicente**. A primeira foi favorecida pelo sucesso na produção açucareira. A segunda desenvolveu uma significativa economia de subsistência. As demais ou faliram ou nem sequer foram ocupadas pelos donatários.

## GOVERNO-GERAL

Com o fracasso das capitanias e as investidas estrangeiras na colônia, Portugal resolveu impor-se mais fortemente no Brasil. Em 1548, surgiu o Governo-Geral, com sede na capitania da Bahia e capital na cidade de Salvador.

Ao **governador-geral** cabia coordenar a defesa, a cobrança de impostos e incentivar a economia. Ele era assessorado pelo **provedor-mor** (tesoureiro), pelo **ouvidor-mor** (juiz) e pelo **capitão-mor** (a cargo da defesa).

Embora o Governo-Geral tenha sido implantado após as capitanias, ele não as substituiu. A idéia era impor uma centralização política na colônia, o que funcionou na esfera militar, mas não se refletiu no dia-a-dia, em razão da falta de infra-estrutura de transporte e comunicação. Boa parte do poder, de fato, era exercida pelas **Câmaras Municipais** de cada vila.

Entre os principais governadores-gerais, estão Tomé de Souza e Mem de Sá. Após a morte desse último, em 1572, Portugal dividiu o território colonial nos governos do Norte e do Sul. Seis anos depois voltou atrás e reunificou a colônia. Em 1621, porém, fez nova divisão: foram criados o **Estado do Brasil**, com capital em Salvador, e o **Estado do Maranhão**, com capital em São Luís. O último passaria, em 1751, a se chamar **Estado do Grão-Pará e Maranhão**, com sede em Belém.

## E NO MUNDO...

### A ESPANHA MANDA EM PORTUGAL

Em 1580, dom Sebastião, rei de Portugal, desapareceu numa expedição na África. Seu tio, dom Henrique, ficou apenas um ano no trono e morreu, deixando vaga a Coroa. Parente de dom Henrique, Felipe II, rei da Espanha, herdou o trono português, originando a União Ibérica, que duraria até 1640. A unificação teve reflexos no Brasil. Em guerra contra os espanhóis, a Holanda invadiu Pernambuco em 1630, ficando no Nordeste brasileiro até 1654. No “Brasil holandês”, destacou-se o próspero governo de Maurício de Nassau.

## CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

Veja como era a primeira divisão política adotada no Brasil e confira os nomes dos donatários de cada faixa de terra





# Rapto de fortunas

Nos três séculos em que governou o Brasil, Portugal pôs em prática uma rentável política econômica com o fim de transferir as riquezas da colônia para seus cofres

A economia do Brasil colônia foi sempre voltada para o benefício de Portugal. Inserida no contexto do mercantilismo europeu, foi caracterizada pelo **pacto colonial**, segundo o qual os brasileiros só podiam comercializar produtos com os portugueses, de modo que esses últimos compravam barato, vendiam caro e ainda tinham exclusividade na exportação das mercadorias do Brasil a outras nações. A grande maioria dos lucros ia para a metrópole, especialmente para os cofres da Coroa portuguesa, que cobrava altos impostos sobre a exploração dos produtos coloniais. As principais atividades econômicas realizadas no período em nosso território foram a extração do pau-brasil, a produção de açúcar, a mineração e a pecuária.

## PAU-BRASIL

A primeira riqueza brasileira percebida por Portugal foi o pau-brasil, madeira então abundante em nosso litoral, usada como matéria-prima para a fabricação de tinturas. A extração era feita pelos índios, que trocavam a mercadoria – numa prática conhecida como **escambo** – por quinquilharias, como espelhos e colares, que eram fornecidos pelos comerciantes portugueses. Em alguns pontos da costa foram instaladas **feitorias** para o armazenamento do produto.

A atividade era simples e bastante lucrativa, mas trazia um problema: os mercadores lusitanos vinham ao Brasil, carregavam seus navios e, em seguida, voltavam à Europa, sem se fixar na colônia, o que facilitava a ocorrência de ataques estrangeiros. Ou seja, para garantir a proteção de seus domínios na América, Portugal precisava povoá-los urgentemente. Acontece que havia uma maneira bastante rentável de fazer isso: bastava introduzir uma atividade produtiva na região.



**Garimpagem voraz** Toneladas de metais preciosos foram retiradas do solo brasileiro e levadas a Portugal no século XVIII

## AÇÚCAR

Escolhida a estratégia, definiu-se o produto: o açúcar. A matéria-prima, a cana-de-açúcar, adaptava-se bem ao clima e ao solo brasileiros. Além disso, Portugal já possuía experiência na produção de cana nos Açores e na Ilha da Madeira. Para completar, o açúcar tinha grande aceitação na Europa, o que era uma garantia de mercado consumidor. Entretanto, faltavam aos portugueses capital inicial e uma eficiente infra-estrutura de distribuição. Essa questão foi resolvida com uma parceria com os holandeses, que já fretavam o açúcar produzido por Portugal nas ilhas do Atlântico.

## A HISTÓRIA HOJE

### EXPORTAÇÃO DE UMA NOTA SÓ

O Brasil se tornou independente, industrializou-se, diversificou a economia, mas mantém uma característica que lembra os tempos coloniais: os principais produtos que exportamos são primários, ou seja, matérias-primas pouco beneficiadas. Dos cinco itens de maior participação nas vendas externas brasileiras em 2006, quatro são desse tipo: minério de ferro, óleo bruto de petróleo, soja e açúcar de cana.



## ECONOMIA COLONIAL

## ECONOMIA DO BRASIL COLÔNIA

Veja onde e quando se desenvolveram as atividades econômicas introduzidas em nosso país durante os três séculos do período colonial

## SÉCULO XVI



O sistema instalado foi o de **plantation**, cujas características eram:

- » Grandes propriedades (latifúndios) monocultoras (dedicadas a apenas um produto) – os **engenhos**.
- » **Mão-de-obra escrava** (primeiramente indígena; depois negra).
- » Produção voltada para o mercado externo.

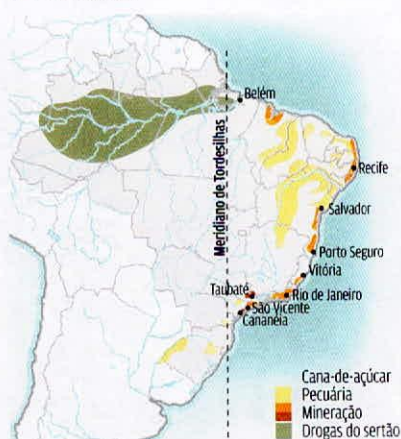
Os latifúndios monocultores e a escravidão permitiam uma produção vasta a baixos custos – o que levava a altos lucros. O destino era unicamente a exportação, uma vez que Portugal não tinha o menor interesse em desenvolver a economia interna brasileira. Os lucros que permaneciam no Brasil eram poucos e ficavam nas mãos dos senhores de engenho – os donos dos latifúndios –, provando grande concentração de renda.

A produção de açúcar foi a principal atividade econômica do Brasil colonial durante os séculos XVI e XVII, sendo ultrapassada no século XVIII pela mineração.

## PECUÁRIA

A criação de gado foi a única das principais atividades econômicas do Brasil colonial que era voltada para o mercado interno. Fornecedora de força de tração, alimento e meio de transporte para os engenhos, ela foi inicialmente instalada na Bahia e em Pernambuco, em meados do século XVI. Como no litoral predominavam as lavouras de cana-de-açúcar, o gado foi levado ao interior. As feiras organizadas para o comércio dos animais acabavam se transformando em vilas, o que permitiu a colonização dos sertões brasileiros. Além do Nordeste, a atividade também se desenvolveu com força

## SÉCULO XVII



no sul do país, onde foi favorecida pelas vastas pastagens naturais dos pampas.

Os trabalhadores – **vaqueiros** – eram livres e de origem simples, sendo geralmente índios ou mestiços. Recebiam, além de um pequeno salário, algumas cabeças de gado. Com isso, tinham condições de começar o próprio negócio, o que ajudava a desenvolver a atividade no país. Com o surgimento da mineração, a pecuária teve novo impulso, por causa da necessidade de abastecimento das regiões mineradoras.

## MINERAÇÃO

Em 1693, abundantes jazidas de ouro foram descobertas na região hoje ocupada por Minas Gerais. Assim que a notícia se espalhou, milhares de pessoas das mais variadas origens e condições sociais rumaram para lá em busca de riquezas.

A Coroa portuguesa, com o objetivo de impor uma administração mais rígida e garantir sua parte nos lucros, publicou em 1702 o **Regimento Aurífero**, que regulamentava a extração de minérios na colônia. O documento estabeleceu a criação das **intendências das minas** – governos praticamente autônomos que prestavam satisfação sobre a mineração ao rei português. Em 1720, a metrópole transformou a região mineradora, então parte da capitania de São Vicente, na nova capitania de Minas Gerais.

Para organizar a extração, as áreas de ocorrência de metais preciosos foram divididas em **lavras** e **faiscações**. As primeiras eram amplas, demandando muito capital e grande quantidade de escravos. As faiscações, menores, eram mais numerosas.

## SÉCULO XVIII



Fonte: José Arruda e Nelson Piletti. *Toda a História*, 3 ed., Ática, págs. XXXI, XXXIII, XXXVI

Quem se dedicava à extração devia pagar 20% do ouro encontrado à Coroa – o **quinto**. Em 1725, em razão da enorme sonegação, foram criadas as **Casas de Fundição**, nas quais o ouro em pó era transformado em barras e tinha o quinto extraído. Para garantir a arrecadação do imposto, só se permitia a exportação do ouro fundido. Dez anos depois, a Coroa passou a cobrar um novo tributo: a capitação, que incidia sobre o número de escravos utilizados.

A mineração promoveu o surgimento de núcleos urbanos e o crescimento da população brasileira. Também levou a uma integração do mercado interno do país, pois o Sudeste passou a comprar gado do Sul e escravos do Nordeste. A decadência da atividade se deu por volta de 1800, quando o esgotamento das jazidas causou um rápido esvaziamento e empobrecimento das zonas de extração.

## VOCÊ SABIA?

## SANTO DO PAU OCO

Usada até hoje para se referir a pessoas hipócritas ou mentirosas, a expressão “santo do pau oco” provavelmente surgiu no século XVIII, auge da mineração no Brasil. Acredita-se que as imagens de santos esculpidas em madeira oca eram recheadas de ouro e pedras preciosas para passar pelos postos de fiscalização da Coroa Portuguesa. Assim, evitava-se o pagamento de impostos altíssimos.



# A vida em classes

Veja como se dividiam as camadas da população no Brasil colonial, de que forma elas interagiam entre si e como variavam de uma região para outra

Diferentes sociedades floresceram no Brasil colonial. Elas compartilhavam algumas características, como a escravidão, mas apresentavam diversas particularidades, que variavam conforme as atividades econômicas desenvolvidas em épocas e regiões distintas. Os exemplos mais relevantes são a sociedade do Nordeste açucareiro, dos séculos XVI e XVII, e a do Sudeste mineiro, do século XVIII.

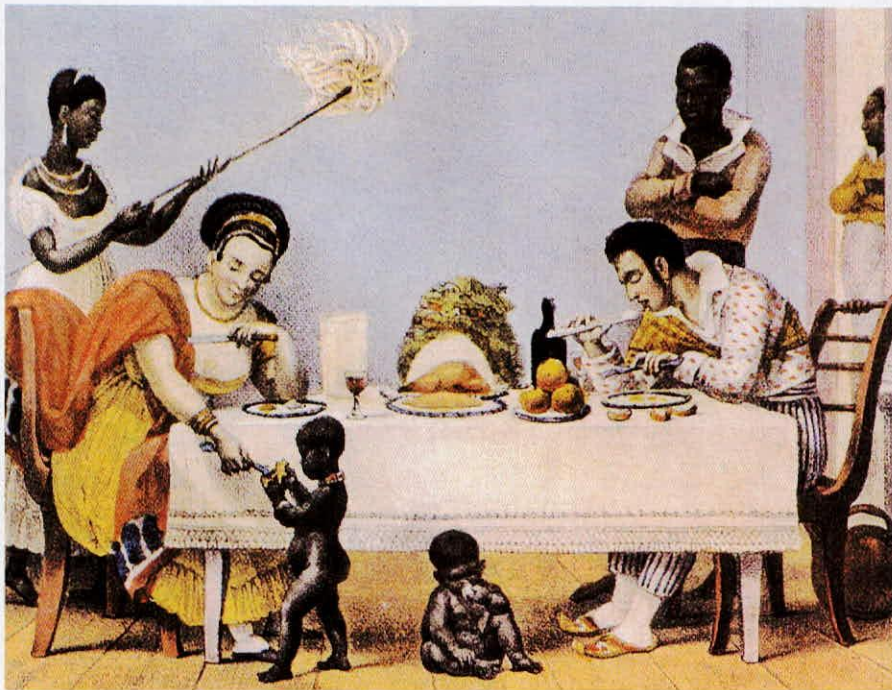
## SOCIEDADE DO AÇÚCAR

Além de **escravista**, a sociedade açucareira era **agrária** e **estratificada**. Agrária porque os principais aspectos da vida econômica e social se davam em torno dos latifúndios – os povoados e as vilas tinham papel secundário. Estratificada porque havia pouca ou nenhuma mobilidade entre as classes.

O grupo mais privilegiado era o dos **senhores de engenho**, a elite econômica, social e política. Eles eram os donos das terras, das máquinas e da mão-de-obra – tudo o que representava riqueza e prestígio na época. O símbolo máximo do poder do senhor era a **casa-grande**, a sede do engenho, onde o senhor vivia com a família e os criados. Por ser pai e autoridade máxima dentro do latifúndio, diz-se que ele comandava uma sociedade do tipo **patriarcal**.

No outro extremo da hierarquia social açucareira estavam os **escravos**, africanos ou indígenas, que eram propriedade do senhor e exerciam todas as atividades de produção. Na época do corte e da moagem da cana, chegavam a trabalhar dezoito horas. Os escravos viviam nas senzalas, alojamentos cuja simplicidade se contrapunha à opulência da casa-grande (veja mais sobre a escravidão na pág. 106).

Havia, ainda, outras duas classes intermediárias. Alguns engenhos contavam com trabalhadores assalariados. Eles ocupavam cargos como o de feitor-mor, responsável



**Exploração cotidiana** A espoliação dos negros pelos brancos foi uma constante nos diversos tipos de sociedade que se constituíram no Brasil no decorrer dos três séculos da colonização portuguesa

pela administração do engenho; feitor, que vigiava e castigava os escravos; alfaiate; pedreiro; pescador etc. Existiam também os comerciantes, que negociavam escravos, animais, carne, trigo, tabaco e outros produtos. Muitos conseguiam romper a típica imobilidade da sociedade açucareira, acumulando fortunas e convertendo-se em senhores de engenho.

## SOCIEDADE DO OURO

Formada pela massa migratória atraída pela possibilidade de enriquecer garimpando ouro, a sociedade mineradora tinha sérias diferenças em relação à açucareira. Em primei-

ro lugar, não havia a figura do latifúndio, portanto a população não era agrária, estando organizada em **núcleos urbanos**.

Além disso, a **mobilidade social** era muito maior e o **trabalho livre**, muito mais significativo. Surgiu, pela primeira vez no Brasil, uma **classe média**, constituída por artesãos, barbeiros, médicos, advogados, tropeiros e soldados, dentre outros. No espectro social, eles ficavam acima dos escravos e abaixo dos grandes comerciantes e donos de minas – os proprietários das maiores fortunas. Esse estrato intermediário da sociedade mineradora é o embrião da atual classe média brasileira. II

## VOCÊ SABIA?

### O "PARTIDO" DO PPP

Classe mais explorada da sociedade colonial, os escravos eram considerados verdadeiros animais de carga. Dizia-se na época que eles tinham direito a apenas três "pês": pano (para vestir), pão (para agüentar o trabalho) e pau (para andar na linha).

## HISTÓRIA MALUCA

### "CHARME" COLONIAL

No século 17, a moda feminina no Brasil seguia a tendência européia, com vestidos feitos de cetim e bordados a ouro. Até aí tudo bem. Acontece que havia o estranho hábito de colar no rosto pedaços de tecidos enrolados, imitando pequenas verrugas. Elas eram consideradas charmosíssimas...



# ESCRavidÃO



## Crueldade histórica

Cenas assim eram comuns no Brasil colônia, quando os negros eram considerados inferiores. Até hoje, os afrodescendentes sonham com uma sociedade igualitária

# Como animais

Por quase quatro séculos, milhões de indígenas e negros foram seqüestrados, vendidos, castigados e obrigados a trabalhar de graça para fazer girar a economia brasileira

No Brasil, o uso do escravo como mão-de-obra teve início com a atividade açucareira, atravessou todo o período colonial e só foi oficialmente extinto em 1888, já no fim do Império. Durante praticamente todo esse período, o **trabalho compulsório** (forçado) constituiu a base da economia do país: eram os escravos que realizavam a coleta, a pesca, o serviço doméstico e a agricultura. Inicialmente foram escravizados apenas os indígenas; depois, os africanos, que logo se tornaram majoritários. Trazidos pelo **tráfico negreiro** – que dava enorme lucro à metrópole –, os negros, assim como os índios, eram mantidos subjugados mediante uma política desumana de repressão e controle.

## ÍNDIOS

A mão-de-obra indígena foi a primeira a ser utilizada no Brasil colônia, para a extração do pau-brasil, nas primeiras décadas do século XVI. Os nativos envolvidos na atividade eram livres, sendo explorados pelo sistema do **escambo** (troca). A escravidão só viria com a introdução da cana-de-açúcar, por volta de 1530.

Logo, porém, os indígenas seriam substituídos pelos africanos. A principal motivação de Portugal ao efetuar a mudança era econômica: o aprisionamento indígena era uma atividade interna do Brasil, não resultando em renda para os portugueses; já a captura e o comércio intercontinental de africanos garantiam importantes ganhos

para os mercadores lusitanos. Outros fatores justificavam a troca: os índios, ao contrário dos negros, não estavam culturalmente acostumados à agricultura em larga escala, por isso não se adaptavam bem à produção de cana. Além disso, os nativos conheciam bem o território brasileiro, o que facilitava sua fuga.

## NEGROS

Estima-se que, entre 1550 e 1850, tenham chegado ao Brasil 4 milhões de negros trazidos do continente africano, especialmente da Guiné, da Costa do Marfim, do Congo, de Angola, Moçambique e Benin. Para aprisioná-los, inicialmente os portugueses promoviam invasões às aldeias. Mais tarde passaram a incenti-





**Zumbi** Líder de Palmares e símbolo da resistência negra

var a luta entre tribos rivais para depois negociar com os vencedores a troca dos derrotados por panos, alimentos, cavalos e munições.

Os negros eram trazidos para a América nos porões superlotados dos **navios negreiros** conhecidos como tumbeiros (veja o *infográfico na pág. 108*). A sujeira, os maus-tratos e a má alimentação matavam até metade dos escravos transportados. No Brasil, os africanos eram vendidos em praça pública como mercadoria. Quando comprados, tornavam-se propriedade do senhor e ficavam sujeitos a penas e punições. Os castigos mais comuns eram a palmatória, o chicote e o açoite.

**RESISTÊNCIA** – Os negros sempre lutaram contra a escravidão. Algumas práticas adotadas eram a fuga, a queima de plantações, os atentados a feitores e a senhores e até mesmo a morte de recém-nascidos e o suicídio. Mas a mais expressiva forma de resistência foi a organização dos **quilombos**, co-

**“ONDE ESTÃO OS HOMENS / DE UM LADO, CANA-DE-AÇÚCAR / DO OUTRO LADO, CAFEZAL / AO CENTRO, SENHORES SENTADOS / VENDENDO A COLHEITA DO ALGODÃO BRANCO / SENDO COLHIDO POR MÃOS NEGRAS / EU QUERO VER QUANDO ZUMBI CHEGAR / O QUE VAI ACONTECER / ZUMBI É SENHOR DAS GUERRAS, É SENHOR DAS DEMANDAS / QUANDO ZUMBI CHEGA, É ZUMBI QUEM MANDA”**

TRECHO DA MÚSICA ZUMBI, DE JORGE BEN JOR

munidades auto-suficientes formadas por escravos fugidos.

Havia quilombos por todo o país. O mais importante foi o de **Palmares**, criado no fim do século XVI, em uma área onde fica a divisa de Alagoas e com Pernambuco. No seu auge, chegou a ser formado por nove aldeias, denominadas de **mocambos**, contando com uma população de 20 mil habitantes. Tinha uma economia bem organizada, realizando comércio com o entorno. Abrigava, além de negros fugidos, índios e brancos marginalizados.

A existência de Palmares estimulava ainda mais a fuga de escravos. Com isso, já no século XVII, os fazendeiros da região decidiram reunir milícias para atacá-lo. O líder da comunidade, Ganga Zumba (“grande chefe”), firmou um acordo de paz com os brancos em 1678. Contudo, os conflitos continuaram com o inexplicado assassinato de Ganga Zumba. Seu sucessor, Zumbi, liderou a resistência contra os invasores até 1694, quando o principal mocambo de Palmares caiu diante de um batalhão comandado pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, contratado pelas autoridades coloniais. Nos meses seguintes, as outras aldeias capitularam. Zumbi fugiu, mantendo a resistência. Mas, traído, teve o esconderijo descoberto e foi morto numa emboscada em 1695.

**ABOLIÇÃO** – A partir de 1830, já no período imperial, a expansão da cultura cafeeira aumentou a necessidade de mão-de-obra. Ao mesmo tempo cresciam as pressões contra o tráfico negreiro, principalmente da Inglaterra, preocupada com a concorrência, já que nas colônias inglesas no Caribe o comércio de escravos havia sido proibido e os produtos exportados tinham ficado mais caros.

Em 1831, cumprindo acordos firmados com a Inglaterra, o governo brasileiro declarou o tráfico ilegal no território nacional. Mas o comércio continuou em grande escala. Diante disso, o Parlamento britânico aprovou, em 1845, a **Bill Aberdeen**, lei que dava à Marinha de Guerra inglesa o direito de perseguir e aprisionar tumbeiros em qualquer ponto do Atlântico. A pressão inglesa era cada vez maior, e, em 1850, foi promulgada a **Lei Eusébio de Queiroz**, que novamente proibia a entrada de escravos no

país. Dessa vez, o governo brasileiro empenhou-se em cumpri-la. Com o fim do tráfico, a escravidão entrou em declínio.

Para suprirem a demanda por mão-de-obra, os fazendeiros e o governo imperial começaram a incentivar a vinda de imigrantes europeus. O trabalho assalariado tornou-se cada vez mais comum, em oposição à escravidão, que, em decadência, passou a ser vista como algo anacrônico por vários setores da sociedade. Além disso, percebeu-se que o trabalho compulsório era um empecilho ao desenvolvimento do capitalismo, pois atravancava a formação do mercado consumidor interno. Só por volta de 1880 surgiu um movimento pró-abolição, que contava com jornalistas, políticos, artistas etc.

A pressão sobre o governo levou à publicação de uma série de leis, que, lentamente, conduziram ao fim do trabalho forçado no país. A primeira foi a do **Ventre Livre**, em 1871, que libertava os filhos de escravos nascidos a partir de então. Em 1885 foi promulgada a **Lei do Sexagenário**, que deu liberdade aos raros escravos que conseguiram passar dos 65 anos. Em 1888, foi criada a **Lei Áurea** – assinada pela princesa Isabel, que substituiu o imperador dom Pedro II, em viagem à Europa –, que finalmente proibiu a escravidão no país. ||

## A HISTÓRIA HOJE

### HERANÇA DE CONTRASTES

A libertação dos negros no Brasil não foi acompanhada de uma política de integração à sociedade. Estima-se que, por ocasião da Lei Áurea, dos quase 800 mil escravos libertos, menos de 1% sabia ler. Sem qualificação, não tinham condições de melhorar de vida e, sem melhorar de vida, não podiam dar qualificação aos filhos. Esse círculo vicioso dura até hoje. Atualmente, 41,7% dos negros brasileiros estão abaixo da linha de pobreza – entre os brancos a porcentagem é de 19,5%. A desigualdade também é visível nos salários: a média entre os brancos é de 760,90 reais; entre os negros, cai para 385,90.



## ESCRAVIDÃO

## Navio infame

## EM ALTO-MAR

UMA VIAGEM EM UM  
NEGREIRO DO SÉCULO XIX

O navio negreiro – ou “tumbeiro” – arrastou mais de 11 milhões de africanos para a América. Em caravelas ou barcos a vapor, europeus, americanos e até negros se metiam no “infame comércio”. Os traficados eram, em maioria, homens de 8 a 25 anos. Mas o tráfico mudou nos seus últimos anos. “Tudo quanto se podia trazer foi trazido: o manco, o cego, o surdo, tudo; príncipes, chefes religiosos, mulheres com bebês e mulheres grávidas”, disse, em depoimento ao Parlamento Britânico, em 1840, o ex-traficante Joseph Cliffer.

Como não havia fabricação de navios apenas para o comércio de escravos, pelo menos 60 tipos de embarcações já foram identificadas como tumbeiros adaptados. Se houve uma regra, é que eles ficaram menores e mais velozes no século 19, à medida que o tráfico se tornou ilegal e passou a ser perseguido pela política antiescravista dos ingleses.



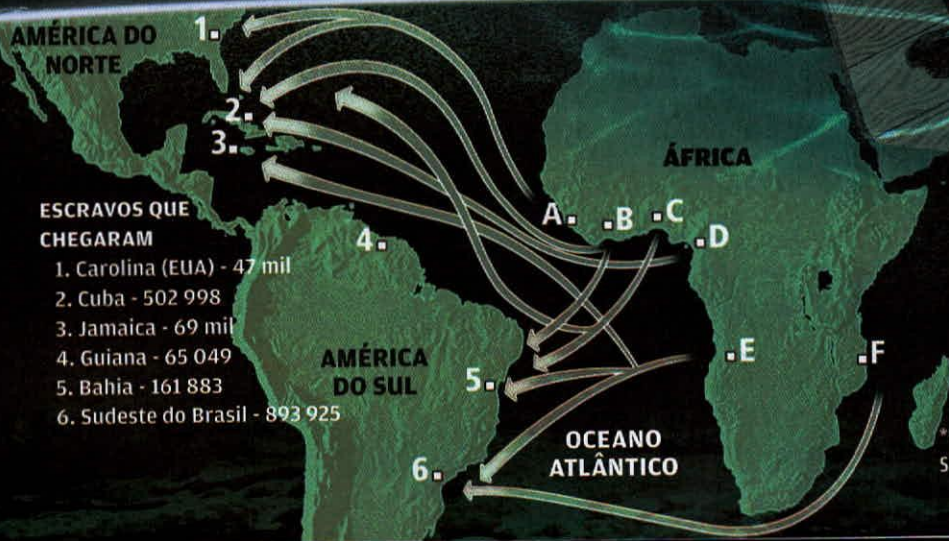
## DANÇA TRISTE

Alguns traficantes levavam grupos de escravos adultos para o convés e os obrigavam a fazer exercícios físicos.

Sob a ameaça da chibata, os negros tinham de dançar e cantar. Uma cena melancólica de cantos monótonos e dança sem júbilos dominava o navio

## RADIOGRAFIA DO TRÁFICO

AS SEIS PRINCIPAIS ROTAS NEGREIRAS\*

ESCRAVOS QUE  
CHEGARAM

1. Carolina (EUA) - 47 mil
2. Cuba - 502 998
3. Jamaica - 69 mil
4. Guiana - 65 049
5. Bahia - 161 883
6. Sudeste do Brasil - 893 925

## ESCRAVOS QUE SAÍRAM

- A. Serra Leoa - 66 974
- B. Costa do Ouro - 80 597
- C. Baía do Benin - 222 407
- D. Baía do Biafra - 217 781
- E. Congo e Angola - 952 937
- F. Moçambique - 236 504

\* Dados de 1801 a 1862, obtidos do estudo The Trans-Atlantic Slave Trade Database, da Universidade de Cambridge



### BAILE DOS MASCARADOS

Na luta contra o tráfico, a Inglaterra seguia e, autorizada por acordos com outras nações, vistoriava navios suspeitos em alto-mar. Como os Estados Unidos não permitiam essa vistoria, negreiros de várias nações hasteavam a bandeira americana para passar por baixo do nariz dos ingleses

### CRIANÇAS COM MEDO

Além dos cerca de 20 tripulantes, apenas crianças podiam circular livremente no convés. "Os jovens tinham acesso, mas muitos pulavam para fora do navio, pensando que seriam comidos", afirmou aos ingleses Augustino, traficado aos 12 anos

### PIOR QUE O SAARA

"Houve um companheiro tão desesperado pela sede que tentou apanhar a faca do homem que nos trazia água. Suponho que foi jogado ao mar", contou o escravo Mahommah Baquaqua. Entre fezes e temperaturas de até 55°C, comia-se apenas milho e bebia-se meio litro de água por dia



### LAVATÓRIO

### MOVIMENTO NEGRO

Algumas revoltas resultavam na conquista do navio pelos escravos, como a do Amistad, em 1839. Outras, como a do Kentucky, em 1845, acabaram com a morte de todos os escravos insurretos, cujos corpos foram lançados ao mar

### BANHO DE GATO

Para a higiene bucal, os escravos faziam bochechos com vinagre. Para limpar o corpo, só podiam se enxaguar duas vezes durante a viagem. Com infecções oculares e intestinais, os que não morriam chegavam moribundos ou cegos

### ESTANTE HUMANA

Os traficantes dividiam o porão em três patamares, com altura de menos de meio metro. Presos pelos pés, mais de 500 escravos se espremiavam deitados ou sentados. "Ficavam como livros numa estante", disse aos ingleses o traficante Joseph Cliffer



## ENTRADAS E BANDEIRAS

# Nas entranhas do Brasil

Em busca de escravos e ouro, exploradores paulistas dos séculos XVII e XVIII penetraram nos selvagens sertões brasileiros e estenderam como nunca os limites da colônia



**Marcha desumana** Nas bandeiras, os índios eram caçados e feitos escravos

**E**ntradas e bandeiras foram expedições de desbravamento do interior do Brasil realizadas entre o século XVII e o XVIII, geralmente a partir da capitania de São Vicente, em direção a todas as regiões do país. De maneira geral, dizemos que as entradas eram as campanhas oficiais financiadas pelo governo; já as bandeiras resultavam da iniciativa de particulares. Os principais objetivos das incursões eram a **captação de mão-de-obra indígena**, a procura por **metais preciosos** e o **combate aos negros** que resistiam à escravidão. Apesar de não terem inicialmente como meta a conquista de novos territórios, elas acabaram resultando no maior ciclo de expansão dos domínios portugueses na América.

## DESBRAVANDO O BRASIL

Veja as rotas, os líderes e os objetivos das principais entradas e bandeiras realizadas entre os séculos XVII e XVIII



Fonte: José Arruda e Nelson Piletti, *Toda a História*, 3 ed., Ática, pág. XXXV

## CAÇA AO ÍNDIO

Nas últimas décadas da União Ibérica (1580-1640), época em que Portugal estava submetido ao domínio espanhol, os holandeses tomaram dos portugueses os principais pontos de tráfico de escravos na costa africana. Como consequência, faltou mão-de-obra no Brasil. A solução encontrada foi a substituição dos negros pelos indígenas.

Em **São Vicente**, desde o início da colonização eram organizadas expedições rumo ao interior para o aprisionamento de índios, utilizados como escravos. Além da experiência na atividade, outro fator que contribuiu para fazer da capitania o principal núcleo de irradiação das entradas e bandeiras foi o **desenraizamento de sua população**. A região ficava muito longe da metrópole, e o solo não se adaptou à cana-de-açúcar, o que resultou em pobreza e desapego à terra.

Como não havia mais muitos índios nas áreas próximas ao litoral, as expedições tiveram de adentrar mais profundamente o território. A maioria se dirigiu ao Sul, onde padres jesuítas haviam instalado missões para catequizar os nativos. As incursões eram comandadas por portugueses e descendentes de lusitanos como Antônio Raposo Tavares e Fernão Dias Pais Leme. As maiores chegavam a reunir alguns milhares de indivíduos, entre familiares, brancos pobres e mamelucos (mestiços de índios e brancos).

## EM BUSCA DO OURO

Em 1648, Portugal retomou o controle sobre o tráfico negreiro no Atlântico. Paralelamente, a produção

de açúcar, então principal atividade econômica da colônia, começava a entrar em decadência. Os dois fatores contribuíram para o surgimento de um novo tipo de expedição, as **bandeiras de prospecção**, que buscavam metais preciosos, com o incentivo da Coroa portuguesa.

As primeiras rumaram ao atual estado de Minas Gerais, permitindo o surgimento da intensa atividade mineradora que ali se desenvolveu no século XVIII. Em seguida, direcionaram-se a Mato Grosso e a Goiás, onde também encontraram ouro, mas em menor quantidade. Os principais líderes dessas bandeiras foram os paulistas Bartolomeu Bueno da Silva, Fernão Dias Pais Leme e Manuel de Borba Gato.

## SERTANISMO DE CONTRATO

Por conhecer bem os sertões, muitos bandeirantes foram contratados por fazendeiros e administradores coloniais para combater índios e negros que resistiam à escravidão. Era o sertanismo de contrato. As mais conhecidas expedições desse tipo foram comandadas pelo paulista Domingos Jorge Velho, nas décadas de 1680 e 1690, e resultaram na destruição do Quilombo dos Palmares.

## HISTÓRIA HOJE

### HERÓIS E VILÕES

Uma das características mais importantes da figura dos bandeirantes é a ambigüidade. Hoje em dia, vários são homenageados com monumentos ou batizam grandes obras, o que ressalta seu caráter heróico e desbravador. Porém, não podemos nos esquecer de que, ao mesmo tempo, eles foram os responsáveis pelo aprisionamento e pela morte de populações inteiras de índios e negros.





**Maquiagem romântica** Nossa independência não foi tão gloriosa quanto Pedro Américo pintou neste famoso quadro, nem representou uma reviravolta para a maioria da população do país

# Independente só no grito

A separação política entre a colônia brasileira e Portugal foi declarada oficialmente em 7 de setembro de 1822. Ela resultou de um processo iniciado décadas antes, com as revoltas emancipacionistas do fim do século XVIII e início do XIX (veja o infográfico na pág. 112), a vinda da corte portuguesa ao Brasil e a crise do sistema colonial. Fatores externos, como a independência dos EUA, a Revolução Francesa, as guerras napoleônicas e a pressão da Inglaterra pela liberação dos mercados consumidores americanos – aos quais queria

vender seus produtos industrializados – também influenciaram a emancipação.

## VINDA DA CORTE PORTUGUESA

Em 1806, o bloqueio comercial à Inglaterra imposto na Europa continental por Napoleão Bonaparte foi desrespeitado por Portugal, que dependia economicamente dos britânicos. A invasão francesa no território lusitano, como retaliação, tornou-se iminente, e, em 1808, o rei português dom João VI e sua corte fugiram para o Brasil.

Assim que chegou à colônia, o monarca decretou a **abertura dos portos às nações**

Em 1822, após um longo processo, o Brasil enfim obteve a soberania política – mas ela não veio acompanhada da independência econômica nem de grandes transformações sociais

**amigas.** Com a possibilidade de comercializar com outros países que não a metrópole, o Brasil ficou praticamente livre do pacto colonial. A novidade fez a elite econômica brasileira compreender melhor a necessidade da independência como uma maneira de aumentar seus lucros. Ao mesmo tempo, a Inglaterra, que passou a dominar nosso mercado após a abertura dos portos, percebeu que o fim do controle de seu aliado Portugal sobre o Brasil não causaria impacto nas relações com nosso país. Formou-se, assim, uma espécie de aliança entre as elites brasileira e inglesa, que contribuiria muito para a independência.



# INDEPENDÊNCIA

## MOVIMENTOS PRÉ-INDEPENDÊNCIA

Durante o período colonial, ocorreram várias revoltas da população brasileira contra os portugueses. As primeiras, chamadas de nativistas, exprimiam rebeldia em relação ao domínio estrangeiro, mas ainda não propunham a independência. Só a partir do fim do século XVIII aconteceram movimentos desse tipo – as revoltas emancipacionistas. Veja como, onde e quando se deu cada uma





A família real instalou-se no Rio de Janeiro, que foi transformado em capital do reino português. Em 1815, o governo joanino (como era conhecida a administração de dom João VI) elevou o Brasil à categoria de **Reino Unido a Portugal e Algarves**. Em sua política externa, dom João VI dominou a Guiana Francesa, entre 1808 e 1817, em represália a Napoleão, e ocupou a Cisplatina (atual Uruguai) entre 1821 e 1828.

## REGÊNCIA DE DOM PEDRO

Em 1820, em Portugal, a burguesia local, influenciada pelas idéias liberais da Revolução Francesa, tomou o poder no país por meio da **Revolução do Porto**. Foi instalada uma monarquia constitucional baseada nas **Cortes Constituintes**, que funcionavam como um Parlamento. Elas obrigaram dom João VI a retornar imediatamente a Portugal e a jurar lealdade à Constituição que haviam promulgado. Ele foi, deixando em seu lugar, como regente do Brasil, seu filho dom Pedro, que deveria conduzir a separação política, caso fosse inevitável.

A Constituição portuguesa deixava claras as intenções do novo governo lusitano em recolonizar o Brasil. Também era de exigência das Cortes que dom Pedro voltasse à Europa. O príncipe regente, entretanto, resistiu às pressões, as quais considerava uma tentativa de esvaziar o poder da monarquia. Formou-se em torno dele um grupo de políticos brasileiros que defendiam a manutenção do status do Brasil de Reino Unido a Portugal.

Em 29 de dezembro de 1821, dom Pedro recebeu um abaixo-assinado de representantes da elite nacional pedindo que não deixasse o Brasil e lhe oferecendo a possibilidade de reinar sobre um império na América. Sua decisão de ficar foi anunciada em 9 de janeiro do ano seguinte, no episódio conhecido como o **Dia do Fico**.

## INDEPENDÊNCIA

Entre os políticos que cercavam o regente estavam José da Silva Lisboa, o visconde de Cairu, e os irmãos Antônio Carlos e José Bonifácio de Andrada e Silva. Principal ministro e conselheiro de dom Pedro, José Bonifácio lutou num primeiro momento pela manutenção dos vínculos com a antiga metrópole. Porém,



[3] **Patriarca** José Bonifácio

ao se convencer de que o rompimento

era necessário, passou a ser o principal ideólogo da independência política do Brasil, entrando para a história como o **Patriarca da Independência**. Fora do círculo da corte, líderes liberais como Joaquim Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa atuaram nos jornais e nas lojas maçônicas criticando pesadamente o colonialismo português e defendendo a total separação da metrópole.

Em 3 de junho de 1822, dom Pedro recusou fidelidade à Constituição de Portugal e convocou a primeira Assembléia Constituinte brasileira. Em 1º de agosto, baixou um decreto declarando inimigas as tropas portuguesas que desembarcassem no país. Cinco dias depois, assinou o **Manifesto às Nações Amigas**, redigido por José Bonifácio. Nele, justificou o rompimento com as Cortes Constituintes de Lisboa e defendeu a independência do Brasil.

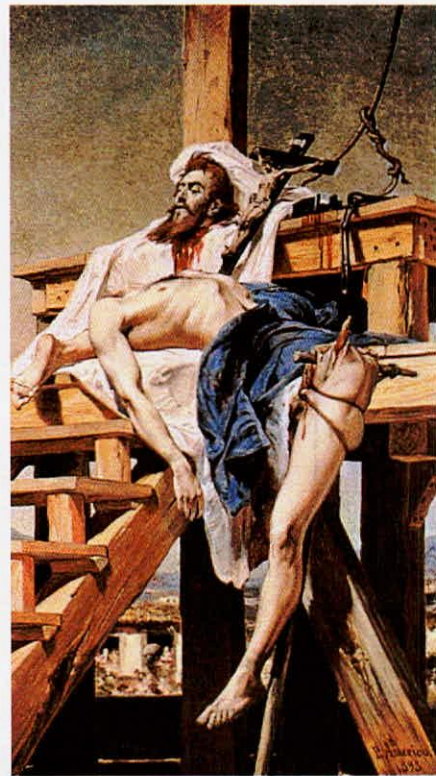
Em protesto, os portugueses anularam a convocação da Assembléia Constituinte brasileira, ameaçaram o envio de tropas e exigiram o retorno imediato do príncipe regente. Ao receber as cartas com as exigências das Cortes, em 7 de setembro, dom Pedro proclamou a independência do Brasil. Em 12 de outubro foi aclamado imperador e, em 1º de dezembro, coroado pelo bispo do Rio de Janeiro, recebendo o título de dom Pedro I.

No início de 1823, realizaram-se eleições para a Assembléia Constituinte, encarregada de elaborar e aprovar a Carta Constitucional do Império Brasileiro. Entretanto, o órgão entrou em divergência com dom Pedro I e foi fechado em novembro. O texto acabou sendo elaborado pelo Conselho de Estado – instituição nomeada pelo imperador – e foi outorgado (ou seja, imposto) em março de 1824. Com a Constituição em vigor e vencidas as últimas resistências portuguesas nas províncias, o processo de separação entre colônia e metrópole estava concluído. O reconhecimento oficial da independência brasileira pelo governo português, porém, só viria em 1825, quando dom João VI assinou o **Tratado de Paz e Aliança entre Portugal e Brasil**.

## SIGNIFICADO

A independência do Brasil representou o triunfo do espírito conservador e centralizador de José Bonifácio. Ele conseguiu promover a emancipação do país mantendo o regime político – a monarquia – e o caráter agrário, latifundiário, escravocrata e exportador de nossa economia, o que favorecia os interesses da elite local.

Apesar da soberania política, o Brasil con-



**Liberdade esquartejada** Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes: mártir da Inconfidência Mineira, em 1789

tinuou economicamente dependente, se não mais de Portugal, agora da poderosa Inglaterra. Era dos ingleses que comprávamos quase tudo de que precisávamos – principalmente os caros produtos industrializados –, e era a eles que vendíamos praticamente a totalidade de nossa produção – restrita a produtos primários, mais baratos. Além disso, para alavancar nossa economia, recém-emancipada, contraímos volumosos empréstimos dos britânicos, o que nos deixou ainda mais submissos ao seu poder econômico. ||

## HISTÓRIA MALUCA

### HERÓI DO AVESSO

A independência do Brasil não foi um parto sem dor. Na Bahia, por exemplo, o pau coqueu. Em 8 de novembro de 1822, quatro mil portugueses tentavam expulsar 300 brasileiros de Pirajá. Prevendo a derrota, o comandante brasileiro determinou a retirada. Porém, Luís Lopes, corneteiro improvisado, se confundiu e disparou o toque que ordenava o avançar da cavalaria (da qual, aliás, os brasileiros nem dispunham). Temendo a chegada de reforços, os portugueses fugiram.









# Império

O período imperial no Brasil começou em 1822, com a proclamação da independência por dom Pedro I, e estendeu-se até 1889, com a instalação da República no país.

A fase inicial do Império brasileiro, o **Primeiro Reinado**, vai da posse de dom Pedro I até a abdicação do imperador, em 1831. Foram anos marcados pela instabilidade política – com o embate entre a elite liberal e o imperador – e econômica – causada pela concorrência externa e pela má administração. Nesse período, o Brasil ganhou sua primeira Constituição.

Com a abdicação de dom Pedro I, em 1831, o Brasil passou a ser governado por **regentes**: líderes políticos que agiam em nome do herdeiro da Coroa, dom Pedro II, impossibilitado de tomar posse por ser menor de idade. Nessa época, o país viveu grande agitação social e política, com várias rebeliões que quase o fragmentaram. Entre as questões discutidas estavam a unidade territorial do Brasil e a centralização do poder. As regências se estenderam até 1840, quando, aos 14 anos, dom Pedro II adquiriu antecipadamente a maioridade e assumiu o trono.

O golpe da maioridade deu início ao **Segundo Reinado**, que terminou com a proclamação da República, em 1889. Sob a liderança de dom Pedro II, a política interna manteve-se relativamente tranqüila, mas o país se envolveu em conflitos com nações vizinhas, como o Paraguai. A economia foi impulsionada pelo café, que provocou mudanças que contribuíram para a queda da monarquia: a substituição da mão-de-obra escrava pela assalariada, a vinda de imigrantes europeus e um surto de desenvolvimento industrial.

A **proclamação da República** selou o fim do Império. A mudança de regime foi fruto sobretudo da ruptura das relações do governo imperial com os setores que o sustentavam: a Igreja (com a “questão religiosa”); o Exército (com a “questão militar”); e a aristocracia escravista (com a abolição da escravidão).



## LINHA DO TEMPO

## IMPÉRIO

Confira os eventos mais importantes da história do Brasil durante o período imperial e saiba onde encontrar tudo sobre os que mais caem no vestibular.

1824

Dom Pedro I outorga a primeira **Constituição brasileira**.

Pág. 118



1831

Isolado no poder, em abril **dom Pedro I abdica do trono** em nome de seu filho, Pedro, então uma criança.

Pág. 119

1831

Após a abdicação de dom Pedro I, um grupo de líderes políticos assume interinamente o governo do país. É o período das **Regências**.

Pág. 120

1832

Sem conhecer o trabalho do francês Joseph Niépce, responsável pela fixação da primeira fotografia, em 1826, o francês radicado no Brasil Hercules Florence inventa uma **câmera fotográfica rudimentar**.

1836

Gonçalves de Magalhães lança *Suspiros Poéticos e Saudades*, marco do **romantismo** no Brasil. O movimento desenvolve uma linguagem própria nacional e aborda temas ligados à natureza e às questões político-sociais.

1848

Em Pernambuco, tem início a **Revolta Praieira**.

Pág. 122

1848

No âmbito mundial, Karl Marx e Friedrich Engels publicam o *Manifesto Comunista*, que origina o **socialismo científico**.

Pág. 73

1845

O Parlamento britânico aprova a **Bill Aberdeen**, lei que dá à Marinha inglesa o direito de prender navios negreiros no Atlântico. A partir daí, o tráfico de escravos para o Brasil cai significativamente.

## IMPÉRIO

1822

Após proclamar a independência do Brasil, dom Pedro I é coroado imperador, dando início ao **Primeiro Reinado**.

Pág. 118



[2]

1824

Províncias do Nordeste revoltam-se contra o poder imperial formando a **Confederação do Equador**.

Pág. 119

1826

Dom Pedro I **renuncia ao trono de Portugal**. Mas o conturbado processo de sucessão no reino ibérico monopoliza a atenção do imperador, que perde popularidade no Brasil.

Pág. 119

1825

Começa a **Guerra da Cisplatina**, que acaba em 1828, com a independência do Uruguai, que fora anexado pelo Brasil como província Cisplatina em 1821.

Pág. 119

1831

Cumprindo acordos firmados com a Inglaterra, o governo brasileiro declara **suspenso o tráfico negreiro** no território brasileiro. A entrada de escravos africanos, no entanto, permanece em grande escala. É o trabalho forçado que garante os bons preços no mercado externo do café, que nessa década desponta como o principal produto de nossa economia.

1835

Um ano após o Ato Adicional de 1834 substituir a Regência Trina pela Regência Una, o ex-ministro da Justiça **Diogo Feljó** assume como regente.

Pág. 121

1835

No Sul, tem início a maior rebelião ocorrida durante o período regencial, a **Revolta dos Farrapos**.

Pág. 121

1835

Um levante popular contra o governo regencial no Pará fica conhecido como **Cabanagem**.

Pág. 121

1835

Um grupo de malês – nome pelo qual eram conhecidos os negros muçulmanos – rebelou-se em Salvador. É a **Revolta dos Malês**. Ex-escravos que conseguiram comprar a liberdade, os revoltosos reclamam que continuam marginalizados e que sofrem opressão tanto pela cor quanto pela religião. O levante é violentamente reprimido.

1837

O médico Francisco Sabino lidera uma revolta separatista na Bahia, a **Sabinada**.

Pág. 121

1838

No Maranhão, irrompe a **Balaia**.

Pág. 121



[3]

1840

Aos 14 anos, Dom Pedro II é declarado maior de idade e começa a reinar. Tem início o **Segundo Reinado**.

Pág. 122

1847

É instituído no país o **"parlamentarismo às avessas"**, em que o imperador permanece com grande poder: é ele quem nomeia o gabinete e pode dissolver o Executivo e a Câmara.

Pág. 122

1850

O tráfico de escravos é definitivamente extinto no país com a **Lei Eusébio de Queirós**. Aos poucos, trabalhadores assalariados passam a substituir os escravos, principalmente nas fazendas de café.





[4]

**1864**

Pretensões territoriais e interesses econômicos levam à **Guerra do Paraguai**, o maior conflito da história da América do Sul. Pág. 123

**1881**

Um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, Machado de Assis lança *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, marco no país do **realismo**, movimento que se caracteriza por uma abordagem objetiva da realidade.

**1883**

Uma série de conflitos entre o governo imperial e o Exército – a **Questão Militar** – abala ainda mais a monarquia. Pág. 125

**1885**

É criada a **Lei dos Sexagenários**, que liberta os escravos com mais de 60 anos mediante compensações aos proprietários. Pág. 107

**1885**

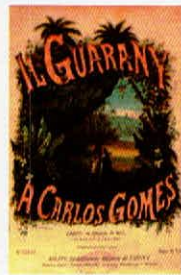
No âmbito mundial, as potências européias fazem a partilha da África na **Conferência de Berlim**. Pág. 74

**1873**

A **Questão Religiosa**, choque entre a Igreja Católica e o governo monárquico, leva o clero brasileiro a apoiar a República, enfraquecendo o regime imperial. Pág. 125

**1854**

O empresário gaúcho Irineu Evangelista de Souza, o **visconde de Mauá**, inaugura a primeira ferrovia brasileira, entre Petrópolis e o Rio de Janeiro. Pág. 124



[5]

**1870**

O maestro paulista **Carlos Gomes** ganha projeção internacional ao apresentar no Teatro Scala de Milão, na Itália, sua ópera *O Guarani*.

**1870**

No Rio de Janeiro, fazendeiros, políticos, jornalistas e intelectuais lançam o **Manifesto Republicano**, defendendo um regime presidencialista, representativo e federativo.



[7]

**1880**

Políticos e intelectuais como Joaquim Nabuco (na foto) e José do Patrocínio criam no Rio de Janeiro a **Sociedade Brasileira contra a Escravidão**, que estimula a formação de dezenas de agremiações similares pelo país.

**1888**

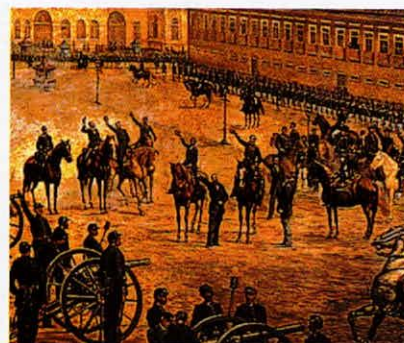
Em 13 de maio, a princesa Isabel, substituindo dom Pedro II, que estava em viagem à Europa, assina a **Lei Áurea** (pág. 107), que extingue definitivamente a escravidão no Brasil. A abolição desagrada aos fazendeiros, que exigem indenizações pela perda de propriedade. Sem conseguir, aderem ao movimento republicano como forma de pressão. O Império perde sua última base de sustentação política.



[6]

**1871**

É promulgada a primeira lei abolicionista, a **Lei do Ventre Livre**. Ela dá liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir da data da assinatura, mas os mantém sob a tutela de seus senhores até os 21 anos. Pág. 107



[8]

**1889**

É proclamada a **República**, pelo marechal Manuel Deodoro da Fonseca, no Rio de Janeiro, em 15 de novembro. Sem apoio na sociedade, o antigo regime não resiste. A monarquia é abolida e instaura-se uma República federativa. Deodoro da Fonseca assume a chefia do novo governo provisório. Pág. 125



## PRIMEIRO REINADO



**Aclamação real** Após a cerimônia de coroação, dom Pedro I é saudado pelo povo. Seu governo, contudo, seria marcado por medidas autoritárias

# Ascensão e queda de dom Pedro

Desde que recebeu a coroa, logo após proclamar a independência, dom Pedro I tentou concentrar o poder do país em suas mãos. Conseguiu, mas não por muito tempo

O Primeiro Reinado foi o período inicial do Império brasileiro, estendendo-se da independência, em 1822, à abdicação de dom Pedro I, em 1831. Caracterizou-se pela instabilidade política – marcada pelo embate entre o liberalismo da elite econômica e o autoritarismo do imperador – e econômica, causada pela concorrência internacional e pela má administração. Durante esses nove anos, o Brasil consolidou sua independência, escrevendo sua primeira Constituição e caminhando para a instalação de um governo brasileiro de fato.

## ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE

Em maio de 1823, a Assembléia Constituinte, convocada por dom Pedro I no ano anterior, deu início à elaboração da primeira Constituição brasileira. Os deputados que a compu-

nham estavam divididos em dois grupos. De um lado se encontrava o **Partido Português**, formado pela burocracia administrativa e por comerciantes lusitanos que defendiam a instalação de um governo autoritário e viam com bons olhos uma possível recolonização do Brasil por Portugal. De outro, estava o **Partido Brasileiro**, composto da elite latifundiária, que lutava por um regime liberal que lhe garantisse participação política.

Majoritário, o grupo brasileiro apresentou um projeto de Carta – a **Constituição da Mandioca** – que instituiu o voto censitário (ou seja, restrito às pessoas de maior renda), a supremacia do Parlamento sobre o imperador e a plena liberdade econômica à iniciativa privada. Com pretensões autoritárias, dom Pedro I rejeitou o projeto e, em novembro de 1823, enviou tropas para cercar o prédio da Assembléia. Os deputados, porém, continu-

aram reunidos numa sessão de emergência, durante a **Noite da Agonia**. No dia seguinte, o imperador dissolveu a Constituinte. Em seu lugar, nomeou o **Conselho de Estado**, que, em dezembro, concluiu o que seria a primeira Constituição brasileira. O texto foi outorgado (ou seja, imposto de forma não democrática) em março do ano seguinte.

## CONSTITUIÇÃO DE 1824

Embora determinasse que o sistema vigente no Brasil fosse liberal, a Carta de 1824 era autoritária, fazendo de dom Pedro I um típico soberano absolutista. Sua medida mais significativa foi a criação de um quarto poder, além do Executivo, do Legislativo e do Judiciário: o **poder Moderador**. De uso exclusivo do imperador, o artifício lhe permitia ampla intervenção nos demais poderes: além de nomear pessoalmente os senadores, dom Pedro I podia dissolver a



**“O PODER MODERADOR É A CHAVE DE TODA A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA, E É DELEGADO PRIVATIVAMENTE AO IMPERADOR, (...) PARA QUE, INCESSANTEMENTE, VELE SOBRE A MANUTENÇÃO DA INDEPENDÊNCIA, EQUILÍBRIO E HARMONIA DOS DEMAIS PODERES POLÍTICOS.”**

ARTIGO 98 DA CONSTITUIÇÃO DE 1824, APRESENTANDO O ARTIFÍCIO QUE FAZIA DE DOM PEDRO I UM REI SUPERPODEROSO

Câmara dos Deputados, convocar reuniões extraordinárias do Parlamento e suspender juízes sempre que achasse necessário.

Além disso, a Carta instaurou oficialmente a monarquia constitucional e hereditária; estabeleceu a união entre o Estado e a Igreja Católica (os bispos eram nomeados pelo governo); submeteu as províncias a um governo centralizador, negando-lhes maior autonomia; e determinou que o voto seria censitário e aberto, ou seja, não-secreto.

## QUEDA DA POPULARIDADE

Além do choque com a elite latifundiária, expresso durante a elaboração da Constituição, uma série de outros fatores contri-



**Pena de morte** Frei Caneca, líder da Confederação do Equador

buiu para a diminuição da popularidade de dom Pedro I no decorrer de seu governo.

**CRISE ECONÔMICA** – Durante o Primeiro Reinado, nenhum dos principais produtos de exportação do país passava por um bom momento. O açúcar enfrentava a concorrência das Antilhas; o algodão, dos Estados Unidos; o couro, da Argentina; e o fumo, que era usado como moeda de troca no comércio de escravos, sofria com as pressões inglesas contra o tráfico negreiro. Para completar o quadro, o governo não conseguia sanar suas contas nem combater a desvalorização da moeda, além de contrair grandes empréstimos no exterior em condições desfavoráveis. Assim, a imagem de dom Pedro I se desgastava tanto com as elites exportadoras quanto com a população em geral, que via a renda per capita cair vertiginosamente.

**CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR** – Em 1824, a insatisfação do povo com a situação da economia e com a outorga da Constituição se agravou no Nordeste, após a nomeação pelo imperador de presidentes de província impopulares. Revoltosos ocuparam o Recife e proclamaram a República. Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte aderiram ao movimento em seguida. Conhecida como Confederação do Equador, a revolta foi severamente reprimida pelas tropas imperiais, que promoveram saques, fuzilamentos e assassinatos. Um dos executados foi o líder popular Frei Caneca.

**GUERRA DA CISPLATINA** – Em 1825, os uruguaios se rebelaram contra a dominação brasileira, imposta quatro anos antes, quando dom João VI anexou a região sob o nome de Província Cisplatina. Apoiados pela Argentina, que pretendia retomar o controle sobre a área, os líderes uruguaios Juan Antonio Lavalleja e Fructuoso Rivera proclamaram a independência do país. Dom Pedro I enviou tropas e a guerra se estendeu até 1828. Sob a influência da Inglaterra, Brasil e Argentina reconheceram a soberania do novo país. A derrota contribuiu para o enfraquecimento político do imperador brasileiro.

**SUCESÃO DO TRONO PORTUGUÊS** – Após a morte do pai, dom João VI, em 1826, dom Pedro I tinha direito à herança da Coroa portuguesa. Ele, entretanto, renunciou em nome da filha, a brasileira Maria da Glória, que ainda era criança, e nomeou regente seu irmão dom Miguel, até que a menina chegasse



**Fim da linha** Dom Pedro apresenta a carta de abdicação

se à maioria. Dom Miguel, porém, tomou o trono definitivamente para si, o que levou dom Pedro I a se envolver cada vez mais na política interna portuguesa, descuidando-se do governo brasileiro, o que deu ainda mais motivos para a oposição criticá-lo.

**ASSASSINATO DE LÍBERO BADARÓ** – Em 20 de novembro de 1830, durante as comemorações das Revoluções Liberais europeias, em São Paulo, foi assassinado o jornalista Líbero Badaró, feroz opositor de dom Pedro I. O crime foi atribuído a policiais ligados ao governo, resvalando negativamente na própria imagem do imperador.

## ABDIÇÃO

Na virada de 1830 para 1831, buscando uma retomada de popularidade, dom Pedro I foi a Minas Gerais a fim de fechar um acordo com os políticos da província, mas acabou sendo recebido com frieza. Na volta ao Rio, portugueses manifestaram-se em defesa do monarca e acabaram entrando em confronto com brasileiros, na série de eventos batizada de **Noites das Garrafadas**.

Em março, o imperador fez mais uma tentativa de reconquistar o prestígio político, nomeando um novo ministério, mas a medida não surtiu efeito. No mês seguinte, voltou atrás e instalou um gabinete ainda mais impopular que o anterior. Houve forte reação nas ruas, com apoio militar. Isolado no governo, em 7 de abril dom Pedro I abdicou ao trono brasileiro em nome do filho, Pedro, então com 5 anos. Voltou à Europa e foi coroado rei de Portugal, como dom Pedro IV. Até o herdeiro do trono brasileiro adquirir a maioria, o país seria administrado por um governo provisório – as regências. ||



## REGÊNCIAS



**Caras sem coroa** Lima e Silva, Costa Carvalho, Diogo Feijó e Araújo Lima (da esq. para a dir.) foram alguns dos governantes do Brasil durante o período da era imperial em que o trono ficou vazio

# Em nome do rei

Entre o Primeiro e o Segundo Reinado, o jovem Império brasileiro ficou nas mãos de governantes provisórios, que enfrentaram forte instabilidade política e econômica: os regentes

**A**pós a abdicação de dom Pedro I, em 1831, o Brasil foi governado por regentes: líderes políticos que agiam em nome do herdeiro da Coroa, dom Pedro II, impossibilitado de tomar posse por ser menor de idade. As regências se estenderam até 1840, quando, aos 14 anos, dom Pedro II adquiriu antecipadamente a maioridade e assumiu o trono. Nesses nove anos, o país passou por grande agitação social e política. Entre as principais questões discutidas estavam a unidade territorial do Brasil e a centralização ou não do poder. O período costuma ser dividido em duas fases: o Avanço Liberal e o Regresso Conservador.

## AVANÇO LIBERAL

Nessa primeira etapa do período regencial, três partidos disputavam o poder político: o **Exaltado (ou farroupilha)**, integrado pela esquerda liberal, que defendia a implantação de uma política federal descentralizada; o **Modera-**

**do (ou chimango)**, composto da direita libe-

ral, que lutava pelos interesses dos grandes fazendeiros; e o **Restaurador (ou caramuru)**, constituído pela direita conservadora, cujo maior objetivo era trazer dom Pedro I de volta ao trono. Os moderados conseguiram se firmar como a principal força do período, implementando medidas liberais, porém contidas, que não chegaram a transformar radicalmente a estrutura socio econômica do país.

**REGÊNCIA TRINA PROVISÓRIA** – Depois da partida de dom Pedro I, a **Assembléia Geral** (Parlamento) deveria eleger três líderes (uma regência trina) para governar o país até a maioridade de dom Pedro II. Porém, como em abril de 1831 o Parlamento brasileiro estava em recesso, e a maioria dos deputados e senadores não se encontrava no Rio de Janeiro, os poucos parlamentares restantes na capital elegeram uma regência provisória. Foram escolhidos os senadores Nicolau de Campos (moderado) e Carneiro de Campos (restaurador) e um representante do Exército, o brigadeiro Lima e Silva. Eles permaneceram no poder por dois meses. Entre suas medidas se destacaram a reintegração do último ministério de-

posto por dom Pedro I e a suspensão temporária do poder Moderador.

**REGÊNCIA TRINA PERMANENTE** – Em junho, a Assembléia Geral elegeu a Regência Trina Permanente, formada por três moderados: os deputados Bráulio Muniz e Costa Carvalho e o brigadeiro Lima e Silva. Porém, quem despontou como homem forte do novo governo foi o ministro da Justiça, Diogo Feijó. Ainda em 1831, ele criou a **Guarda Nacional**, um corpo militar comandado pelos grandes fazendeiros – os quais receberam a patente de coronel – que foi usado para reprimir com violência as manifestações dos exaltados. No ano seguinte, após uma tentativa frustrada de golpe de Estado, Feijó renunciou.

Acalmados os ânimos dos setores mais radicais, o governo introduziu duas importantes reformas liberalizantes. A primeira foi a promulgação, em 1832, do **Código do Processo Criminal**, que dava ampla autonomia judiciária aos municípios, fortalecendo o poder local dos fazendeiros. A outra foi o **Ato Adicional de 1834**, que reformou a Consti-



**“ESCUTA O QUE VOU LHE DIZER, AMIGO. NESTA PROVÍNCIA A GENTE SÓ PODE TER COMO CERTO UMA COISA: MAIS CEDO OU MAIS TARDE REBENTA UMA GUERRA OU UMA REVOLUÇÃO...”**

TRECHO DE UM CERTO CAPITÃO RODRIGO, ROMANCE DE ÉRICO VERÍSSIMO AMBIENTADO À ÉPOCA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

## REVOLTAS REGENCIAIS

O período das regências foi marcado por uma série de rebeliões provinciais. De maneira geral, elas foram motivadas pela miséria da população e pelo descontentamento com o governo central. Veja quais foram esses movimentos e como, onde e quando aconteceram



### Cabanagem (1835-1840)

Única revolta que instalou um governo popular de fato, a Cabanagem deve seu nome ao modo como a massa pobre do Grão-Pará era chamada: cabanos. Cansada da miséria, da opressão das elites e do descaso do governo, a população tomou Belém sob o comando de líderes populares como Félix Clemente Malcher. A violenta reação oficial, que teve a ajuda de mercenários estrangeiros, arrasou o levante em 1840, causando a morte de 40 mil pessoas – quase metade da população da província à época.

### Revolta dos Farrapos (1835-1845)

Conhecida como Revolução Farroupilha, nasceu do descontentamento dos estancieiros (latifundiários) em relação aos impostos sobre o charque gaúcho, que o tornavam mais caro do que a carne importada de outros países. Liderados por Bento Gonçalves, eles tomaram Porto Alegre em 1835. No ano seguinte, proclamaram a República Rio-Grandense. O movimento se alastrou para Santa Catarina, onde, em 1839, surgiu a República Juliana. Em 1845, após derrotas rebeldes, foi negociada a paz.

### Sabinada (1837-1838)

Descontente com a falta de autonomia da província e com os desmandos da administração regencial, a classe média de Salvador, apoiada por uma parcela do Exército, tomou a cidade e proclamou a República Baiana em 1837. Os rebeldes eram liderados pelo médico Francisco Sabino, daí o nome Sabinada. Sem respaldo popular, porém, o movimento se enfraqueceu. No ano seguinte, as tropas oficiais, apoiadas pelos latifundiários da região, cercaram e derrotaram os revoltosos.

### Balaiada (1838-1841)

A miséria provocada pela crise do algodão e pelo aumento de impostos e preços, somada ao descaso das autoridades, motivou a rebelião popular do sertão maranhense em 1838. O movimento era comandado por um chefe de quilombo, o negro Cosme; um vaqueiro, Raimundo Gomes; e um artesão, Manuel Francisco Ferreira, o “Balaio” – daí o nome Balaiada. Eles chegaram a ocupar a vila de Caxias, a segunda mais importante da província, mas foram derrotados pelas tropas do governo central em 1841.

Fonte: Alfredo Bualos Júnior, História: Sociedade & Cidadania – 7ª série, 1 ed., FTD, pág. 332

## REGRESSO CONSERVADOR

A partir de 1834, as forças políticas do país se reorganizaram. Naquele ano morreu dom Pedro I, o que levou à extinção dos restauradores. Os exaltados também haviam quase desaparecido, por causa da repressão oficial. E os moderados, durante a campanha para a eleição da Regência Una, em 1835, se dividiram em duas facções. A mais conservadora se uniu aos antigos restauradores e formou o partido **Regressista**, defensor de um governo forte e centralizado. A mais liberal agregou alguns remanescentes dos exaltados e compôs o partido **Progressista**, liderado por Diogo Feijó, favorável à instalação de uma monarquia constitucional. Feijó venceu a eleição e tomou posse em outubro de 1835.

**REGÊNCIA UNA DE FEIJÓ** – Com o Parlamento dominado pela oposição, Feijó teve dificuldade para governar. Ele não conseguiu solucionar a crise financeira que se abateu sobre o governo nem conter as rebeliões que ocorriam no Pará – a Cabanagem – e no Rio Grande do Sul – a **Revolta dos Farrapos** (veja o infográfico ao lado). Em 1837, ele renunciou. Foi substituído interinamente pelo regressista Pedro de Araújo Lima, confirmado no cargo pelas eleições de 1838.

**REGÊNCIA UNA DE ARAÚJO LIMA** – Ao chegarem ao Executivo, os regressistas reformularam as principais medidas adotadas durante o Avanço Liberal. Pela **Lei de Interpretação do Ato Adicional**, o sistema jurídico voltou ao controle do governo, e as Assembléias Provinciais tiveram a atuação limitada. Para tentar retomar o poder, os progressistas deram início a uma campanha pela antecipação da posse de dom Pedro II. A causa ganhou as ruas e, em julho de 1840, dom Pedro II foi declarado maior de idade aos 14 anos. Era o fim do período regencial e o começo do Segundo Reinado. O **Golpe da Maioridade** deu certo para os progressistas, que foram escolhidos pelo jovem imperador para compor seu ministério. ||

## A HISTÓRIA HOJE

### CURRAIS ELEITORAIS

A Guarda Nacional, criada por Diogo Feijó em 1831, formalizou a estrutura de poder das oligarquias agrárias – o coronelismo –, que se mantém até hoje em algumas partes do país. Uma das mais típicas práticas dos “coronéis” é a formação dos currais eleitorais: aproveitando-se da miséria da população, os grandes latifundiários oferecem favores como roupa, ferramentas e emprego em troca do voto, o que contribui para a manutenção dessas elites no poder político.



## SEGUNDO REINADO

# O último imperador

Política interna estável, terríveis confrontos internacionais e o café consolidado como carro-chefe da economia: assim foi o capítulo derradeiro da monarquia no Brasil, sob o comando de dom Pedro II

O Segundo Reinado, o governo mais longo da história do Brasil, teve início com o golpe da maioria, em 1840, e terminou com a proclamação da República, em 1889. Sob a liderança de dom Pedro II, a política interna manteve-se relativamente tranqüila, mas o país se envolveu em sangrentos conflitos com as nações vizinhas. A economia foi impulsionada pelo café, que contribuiu para uma série de mudanças, ocorridas no fim do período e que acabariam colaborando para a queda da monarquia: a substituição da mão-de-obra escrava pela assalariada, a vinda em massa de imigrantes europeus e um surto de desenvolvimento industrial.

## POLÍTICA INTERNA

Logo no início do Segundo Reinado, o Partido Progressista passou a se chamar **Partido Liberal**, e o Regressista foi rebatizado de **Partido Conservador**. Essas duas forças políticas disputariam entre si o poder durante a maior parte do governo de dom Pedro II.

O primeiro ministério nomeado pelo imperador era composto de liberais, mas a Câmara dos Deputados tinha maioria conservadora. Pressionado pelos ministros, dom Pedro dissolveu a Casa e convocou novo pleito. As **eleições do cacete**, como ficaram conhecidas, foram marcadas pela violência e pelas fraudes, que garantiram a vitória liberal. Em 1841, porém, como o governo não conseguia controlar a Revolta dos Farapos, o imperador nomeou outro gabinete e, no ano seguinte, desagregou novamente a Câmara, dessa vez em favor dos conservadores. Como reação, irromperam em 1842, em São Paulo e em Minas Gerais, as **rebeliões liberais**, debeladas logo em seguida. Os revoltosos foram anistiados e, dois anos depois, dom Pedro formou um novo ministério,

mais uma vez liberal.

**PARLAMENTARISMO ÀS AVESSES** – Para evitar que a disputa entre liberais e conservadores resultasse em novos conflitos armados – que sempre representavam para as elites o risco de uma revolução popular –, em 1847 adotou-se o parlamentarismo no país. O regime, entretanto, foi adaptado aos interesses da elite agrária nacional.

Nas monarquias parlamentaristas clássicas, o Poder Legislativo é soberano em relação ao Executivo, e o rei tem atuação bastante limitada. Há eleições para a Câmara dos Deputados e o partido que obtém maioria na Casa compõe o gabinete (primeiro-ministro e conselho de ministros), que exerce o Executivo.

No Brasil, o sistema foi implantado ao contrário: o imperador nomeava o presidente do Conselho de Ministros (primeiro-ministro), que formava o próprio conselho. Depois, eram convocadas eleições parlamentares, geralmente fraudadas para garantir a vitória dos candidatos do primeiro-ministro. Caso o Poder Legislativo entrasse em conflito com o gabinete

de ministros, o imperador poderia dissolver a Câmara e convocar novas eleições, de acordo com o poder Moderador. Do mesmo modo, podia derrubar o Executivo quando bem entendesse.

**REVOLTA PRAIEIRA** – A adoção do parlamentarismo garantiria, de fato, um revezamento pacífico entre liberais e conservadores no poder. A última revolta do império ocorreu em 1848, em Pernambuco. Após o veto do Senado, dominado pelos conservadores, à indicação do liberal pernambucano Antônio Chichorro da Gama a uma cadeira da Casa, a ala



Dom Pedro II Recorde de permanência no poder brasileiro: 49 anos



exaltada do Partido Liberal do estado se rebelou. Chamados de praiheiros (pois a sede do seu jornal ficava na rua da Praia), eles tomaram Olinda e atacaram o Recife, mas, em 1849, foram derrotados. Seguiram-se quatro décadas de relativa paz interna.

## POLÍTICA EXTERNA

As relações exteriores brasileiras durante o Segundo Reinado foram caracterizadas por um desentendimento diplomático com a Inglaterra – a **Questão Christie** – e por conflitos militares com nossos vizinhos sul-americanos – as **Guerras Platinas** (Guerra contra Oribe e Rosas, Guerra contra Aguirre e Guerra do Paraguai).

**QUESTÃO CHRISTIE** – Em 1861, um navio britânico naufragou na costa do Rio Grande do Sul e, logo depois, sua carga desapareceu. Sem nem esperar a conclusão das investigações brasileiras, William Christie, embaixador inglês no Brasil, exigiu o pagamento de uma pesada indenização. No ano seguinte, mais um incidente: três oficiais da Marinha inglesa que estavam no Rio de Janeiro provocaram um tumulto ao se embriagarem pelas ruas da cidade. À paisana, os oficiais foram detidos. No distrito policial, quando identificados, foram liberados. Mas Christie considerou que a Marinha britânica havia sido severamente ofendida e exigiu punição aos policiais brasileiros.

Como não foi atendido, o embaixador mandou um almirante inglês bloquear o porto do Rio de Janeiro e aprisionar navios mercantes brasileiros. A população carioca reagiu atacando estabelecimentos britânicos na cidade. Christie, então, propôs que a questão fosse resolvida por arbitragem internacional. Proposta aceita, o árbitro – rei Leopoldo I, da Bélgica, que era, inclusive, parente da rainha Vitória, da Inglaterra – deu ganho de causa ao Brasil e determinou que os ingleses nos pedissem desculpa. Como a Inglaterra se negou a cumprir o determinado, em 1863 o governo brasileiro cortou relações diplomáticas com o país, só as reatando dois anos depois, quando finalmente o pedido oficial de perdão foi feito.

**GUERRA CONTRA ORIBE E ROSAS** – Após se tornar independente, em 1828, o Uruguai passou a enfrentar disputas internas entre blancos e colorados. Os primeiros representavam os fazendeiros de gado aliados da Argentina. Já os segundos eram comerciantes de Montevideú apoiados pelo Brasil. Em 1851, o blanco Manuel Oribe assumiu o governo uruguaio e, com o apoio do ditador argentino Juan Manuel Rosas, decretou o bloqueio do porto de Montevideú.

A atitude provocou a reação do Brasil, que já queria intervir no Uruguai em razão das invasões e dos roubos de gado que os blancos de Oribe estavam promovendo no Rio Grande do Sul. Aliado do general rebelde argentino Justo José de Urquiza, o Brasil conseguiu derrubar Oribe. Após a vitória, as tropas aliadas invadiram a Argentina e derrotaram Rosas. Em 1852, Urquiza assumiu o governo argentino.

**GUERRA CONTRA AGUIRRE** – A intervenção do Brasil e a deposição de Oribe não cessaram os conflitos entre blancos e colorados no Uruguai. Em 1864, subiu ao poder o blanco Atanásio Aguirre e as invasões às fronteiras brasileiras voltaram a ocorrer. Atendendo ao pedido dos estancieiros gaúchos, o governo imperial deu a Montevideú um ultimato: Aguirre deveria pagar uma indenização pelos prejuízos causados aos fazendeiros brasileiros, sob pena de intervenção militar. O líder blanco não aceitou a proposta e rompeu relações com o Brasil, procurando apoio do presidente paraguaio Solano López. O Brasil invadiu o Uruguai e, com a ajuda das tropas coloradas de Venâncio Flores, derrubou Aguirre.

**GUERRA DO PARAGUAI** – Pequeno e isolado no interior do continente, o Paraguai não despertou o interesse das grandes potências estrangeiras após sua independência, em 1811, tendo adotado um modelo diferente de desenvolvimento em relação aos demais países sul-americanos. Praticamente não havia escravidão nem elite agrária no país, e, sem depender de capital externo, o governo era capaz de garantir eficientes serviços públicos e significativa distribuição da terra e da renda. Esse relativo sucesso da nação guarani passou a

## “QUEM VIVER EM PERNAMBUCO DEVE ESTAR DESENGANADO QUE OU HÁ DE SER CAVALCANTI OU HÁ DE SER CAVALGADO.”

VERSOS POPULARES EM PERNAMBUCO À ÉPOCA DA REVOLUÇÃO PRAIEIRA, EXPRESSANDO A DOMINAÇÃO DAS OLIGARQUIAS AGRÁRIAS, REPRESENTADAS PELA ENTÃO MAIS PODEROSA FAMÍLIA NO ESTADO, OS CAVALCANTI

ser considerado um perigoso exemplo pela Inglaterra e pelos latifundiários dos países vizinhos, como o Brasil. Além disso, paraguaios, argentinos e brasileiros tinham pretensões expansionistas conflitantes entre si, de modo que o confronto armado era uma questão de tempo.

O estopim foi o ataque brasileiro na guerra contra Aguirre, que era aliado de Solano López. Ainda em 1864, o presidente paraguaio reagiu declarando guerra ao Brasil. Esse primeiro ano do conflito foi marcado pelo sucesso da ofensiva guarani. Em 1865, Brasil, Argentina e Uruguai firmaram o **Tratado da Tríplice Aliança** e, com apoio inglês, deflagraram um forte contra-ataque. Sob o comando dos brasileiros Manuel Luís Osório e Luís Alves de Lima e Silva, o duque de Caxias, em 1869 os aliados entraram em Assunção. No ano seguinte, com o assassinato de Solano López, o confronto foi encerrado. O Paraguai teve sua economia destruída, cerca de dois terços de sua população foram dizimados e perdeu porções de seu território para os aliados. Apesar de vitorioso, o Brasil saiu da guerra com uma grande dívida, por causa da importação de armas e equipamentos da Inglaterra.



**Massacre de um povo** Com pais e maridos mortos, crianças e mulheres guaranis são feitas prisioneiras na Guerra do Paraguai



## SEGUNDO REINADO

## ECONOMIA E SOCIEDADE

O **café** foi o principal responsável pelas transformações sociais e econômicas pelas quais o Brasil passou durante o Segundo Reinado. Inicialmente produzido somente para o consumo interno, a partir do começo do século XIX o café é exportado para os Estados Unidos e para a Europa. Na década de 1830, já era o principal produto de nossa economia. O cultivo, a princípio restrito ao Rio de Janeiro, expandiu-se no decorrer do século pelo interior do Sudeste, encontrando no oeste paulista seu pólo de desenvolvimento.

Com o sucesso do café, o Brasil finalmente conseguiu escapar da grave crise econômica que assolou o país durante o Primeiro Reinado e as Regências. O produto também teve papel fundamental na disseminação do uso da **mão-de-obra assalariada**. Em 1850, quando a pressão inglesa pelo fim da escravidão levou à proibição do tráfico negreiro (veja matéria na pág. 106), o café estava em plena expansão, e os imigrantes europeus passaram a ser alternativa aos escravos negros.

Inicialmente vigorou o **sistema de parceria**, segundo o qual os fazendeiros financiavam a vinda e a instalação dos estrangei-



**Novos brasileiros** A partir de 1850, imigrantes europeus vieram em massa ao Brasil para trabalhar nas lavouras de café

ros em troca de parte da produção. Porém, os imigrantes ficavam altamente dependentes dos latifundiários, sem nunca conseguir quitar suas dívidas, acabando submetidos a um estado de **semi-servidão** – uma espécie de escravidão disfarçada. No fim da década de 1850, esses trabalhadores se rebelaram e o sistema fracassou.

Foi então que tiveram impulso os **contratos assalariados**. O governo pagava a viagem desde a Europa, o fazendeiro custeava o primeiro ano de estada no Brasil e o imigrante recebia um salário fixo anual e mais um rendimento variável, conforme a colheita. Como resultado, os europeus afluíram em massa para o país, principalmente os italianos (veja mais na pág. 134).

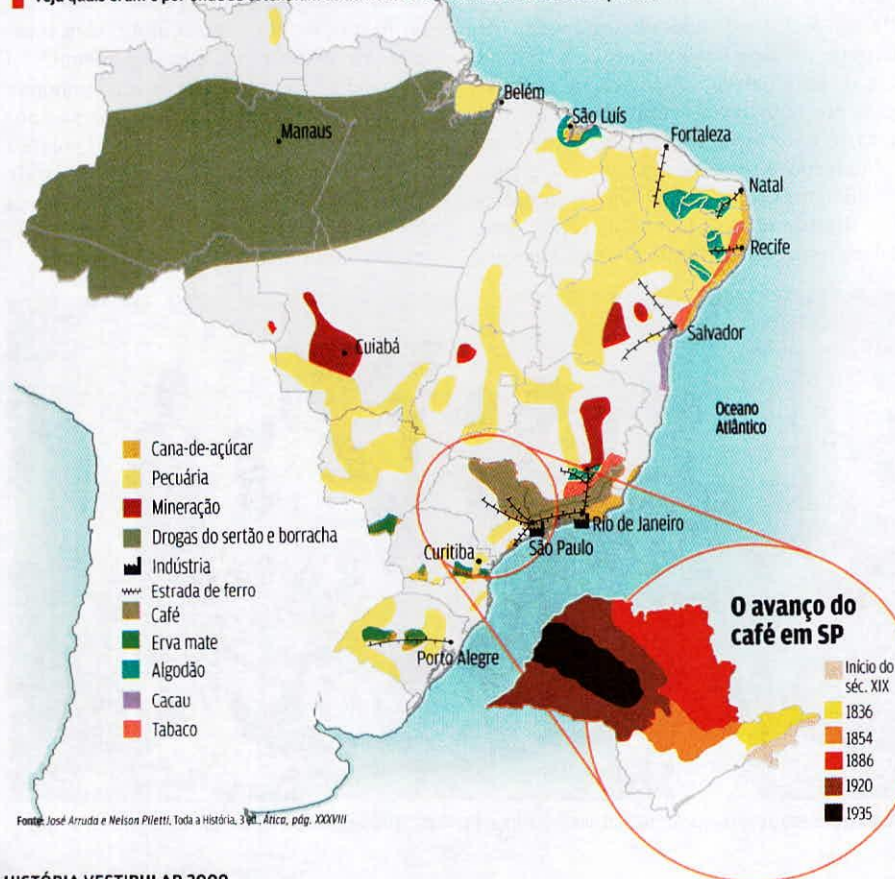
**INDUSTRIALIZAÇÃO** – Aos poucos, os lucros obtidos com o café passaram a ser investidos na industrialização do país. A instalação das fábricas foi estimulada pela **Tarifa Alves Branco**, de 1844, que, a fim de aumentar a arrecadação do governo, elevou as taxas incidentes sobre as importações.

Uma figura se destacou no período como o maior empreendedor da incipiente indústria brasileira: o gaúcho Irineu Evangelista de Sousa, o visconde de Mauá. Ele investiu em companhias de bonde, navegação, iluminação urbana, fundição, em estradas de ferro e até na instalação de um telégrafo submarino ligando o Brasil à Europa. Sua atuação foi tão importante que as primeiras décadas da segunda metade do século XIX ficaram conhecidas como **Era Mauá**. Sem o apoio do governo, porém, ele acabou falindo. A industrialização brasileira durante o império foi apenas um surto que só teria prosseguimento décadas depois, já na República.

Apesar da prosperidade do império, a estrutura socioeconômica brasileira não sofreu mudanças realmente significativas. A escravidão só foi oficialmente abolida em 1888, a um ano da proclamação da República, e a agricultura voltada para a exportação continuou sendo nossa principal atividade durante todo o período. As lutas pela modernização do país acabariam impulsionando a queda do regime e a proclamação da República.

## A ECONOMIA NO SÉCULO XIX

Veja quais eram e por onde se estendiam as atividades econômicas brasileiras no período







Nova era

Em 1889, Deodoro  
proclama a República

## O adeus da Coroa

Identificada com uma realidade socioeconômica decadente, a monarquia perdeu suas bases de sustentação e foi substituída pelo sistema republicano, que até hoje vigora no país

A proclamação da República foi o movimento político-militar que, em 1889, extinguiu o Império e instaurou no país um regime presidencialista e federativo. A queda da monarquia resultou da ruptura das relações do governo com os três setores que o sustentavam: a Igreja – com a “questão religiosa” –, o Exército – com a “questão militar” – e a aristocracia escravista – em razão da abolição da escravatura.

### QUESTÃO RELIGIOSA

No Segundo Reinado, o clero se revoltou contra a submissão da Igreja ao Estado, que vigorava desde 1824. Pelos princípios constitucionais do **beneplácito** e do **padroado**, o imperador tinha, respectivamente, os poderes de vetar as decisões papais e de nomear os membros dos cargos eclesiásticos mais importantes no país.

O conflito teve início em 1864, quando o Vaticano proibiu as relações entre a Igreja e a maçonaria. Como essa instituição era muito influente na política brasileira, dom Pedro II rejeitou

a decisão papal. Porém, em 1873, os bispos de Olinda e de Belém mandaram fechar as irmandades religiosas que se negassem a expulsar os maçons. O governo, então, condenou os clérigos à prisão, o que abalou de vez a relação entre a Igreja e a monarquia. Boa parte do clero passou a apoiar a República, que traria a separação entre as duas instituições.

### QUESTÃO MILITAR

Após a Guerra do Paraguai, o Exército brasileiro ganhou grande relevância. Nessa época, tornou-se popular nos quartéis a corrente filosófica do **positivismo**, que defendia a República como um sistema político superior. Convenidos de que cabia a eles impor ao país “ordem e progresso” (típica máxima positivista), os militares se indispuseram com a autoridade imperial numa série de incidentes.

Os casos mais conhecidos foram o do tenente-coronel Sena Madureira e o do coronel Cunha Matos, punidos por terem se manifestado contra o governo por meio da imprensa – o que era proibido aos militares. Os episódios ganharam repercussão e incentivaram a adesão do Exército à causa republicana. Em 1887 foi criado o **Clube Militar**, que passou a pressionar o governo. Seu primeiro presidente foi o marechal Deodoro da Fonseca, que dois anos depois lideraria a proclamação da República.

### CAMPANHA ABOLICIONISTA E REPUBLICANA

A partir de 1870, teve início na crescente classe média uma campanha a favor da abolição da escravidão e da instalação da República. As camadas urbanas não mais aceitavam o domínio político das antigas aristocracias agrárias. Identificadas com o trabalho assalariado e com a industrialização, queriam um novo regime político no qual tivessem maior representatividade.

Em 1870, foi fundado no Rio de Janeiro o Partido Republicano. Em 1873, surgiu o Partido Republicano Paulista. Neste mesmo ano, reunidos na **Convenção de Itu**, os cafeicultores de São Paulo – setor mais dinâmico da economia brasileira à época – aderiram à causa republicana. A campanha crescia, mas não conseguia bons resultados eleitorais. Cada vez ficava mais claro que apenas a luta política seria insuficiente.

Em 1888, pressionado, o governo publicou a **Lei Áurea**, abolindo a escravidão (veja mais na pág. 106). A medida abalou a monarquia, que perdeu o apoio dos latifundiários escravocratas. Os republicanos aproveitaram o momento e intensificaram a conspiração contra o regime. Comandante de prestígio, Deodoro da Fonseca foi convidado a chefiar o levante. Em 15 de novembro de 1889, no Rio de Janeiro, à frente de suas tropas, ele proclamou a República. A família real foi desterrada para a Europa, e Deodoro assumiu o governo provisório. ||

**“NÃO É A REPÚBLICA QUE VEM,  
É O IMPÉRIO QUE VAI.”**

ATRIBUÍDA A UM MINISTRO DE DOM PEDRO II, A FRASE MOSTRA QUE O PRINCIPAL MOTIVO QUE LEVOU AO FIM DA MONARQUIA FOI SUA PRÓPRIA DECADÊNCIA



LINHA DO TEMPO | REPÚBLICA DA ESPADA | REPÚBLICA DO CAFÉ-COM-LEITE | ERA VARGAS | REPÚBLICA LIBERAL | DITADURA MILITAR



SEMANA DE ARTE  
MODERNA - CATANGA  
DA EXPOSIÇÃO S. PAULO  
1922







# República

A história republicana no Brasil começa em 15 de novembro de 1889, com a proclamação da República, e prossegue até os dias atuais. Os primeiros cinco anos do período republicano, conhecidos como **República da Espada**, foram marcados por governos militares, que comandaram o país de forma centralizadora, enfrentando a oposição de setores monarquistas e das oligarquias cafeeiras. Após o breve comando militar, o Brasil passou mais de três décadas – entre 1894 e 1930 – sob o controle das elites oligárquicas de Minas Gerais e São Paulo, que se revezavam no poder e ditavam os caminhos da nação.

A **República Velha** acabou em 1930, com a revolução liderada por **Getúlio Vargas**. Nacionalista e populista, em sua primeira passagem pelo poder, ele impulsionou o desenvolvimento do país e implementou importantes ganhos sociais. Mas seu governo, que durou até 1945, foi marcado ainda pela criação do **Estado Novo**, com forte intervenção estatal nas esferas pública e privada.

No período conhecido como **República Liberal** – que vai do fim do Estado Novo, em 1945, até o golpe militar, em 1964 –, o Brasil viveu uma conturbada democracia, marcada por governos populistas, tentativas de golpe e enorme tensão entre os setores conservadores e progressistas. Com o golpe de 1964, o Brasil passou mais de 20 anos sob os desmandos de uma **ditadura militar**, marcada pela ruptura do regime democrático, por forte centralismo e autoritarismo e pela violação dos direitos políticos e civis. No período, o país viveu ainda a euforia – e, mais tarde, a decepção – do “milagre econômico”.

Com o fim da ditadura, em 1985, começou a **Nova República**, quando o Brasil voltou a escolher diretamente seus governantes. Os presidentes que se seguiram se pautaram pela busca de solidificar o regime democrático e pelas tentativas – a maioria frustrada – de acertar a economia por meio de mirabolantes planos econômicos. Na área social permaneceu a imensa desigualdade entre ricos e pobres.



## LINHA DO TEMPO

## REPÚBLICA

Confira os fatos mais relevantes da história republicana brasileira – desde a posse do primeiro presidente, o marechal Deodoro da Fonseca, em 1889, até a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002 – e saiba onde encontrar tudo sobre aqueles que mais caem na prova.

1891

É promulgada a **segunda Constituição Brasileira**, a primeira da República. Em seguida, Deodoro da Fonseca é oficialmente eleito, pelo Congresso, o primeiro presidente do Brasil. Pág. 133

1893

Oficiais da Marinha dão início à **Revolta da Armada**. Pág. 133

1893

No Rio Grande do Sul, eclode a **Revolta Federalista**. Pág. 133

1897

O governo federal massacra o povoado de **Canudos**, fundado pelo líder político-religioso Antônio Conselheiro. Pág. 137

1903

Pelo Tratado de Petrópolis, o Brasil compra da Bolívia o **Acre**, região que havia sido invadida por seringueiros brasileiros no fim do século XIX, com o ciclo da borracha.

1906

O mineiro **Alberto Santos Dumont** coloca no ar o seu 14-Bis, o primeiro avião a ultrapassar a barreira de 25 metros em voo oficial. A demonstração é realizada em Paris, na França.



1910

Começa o mandato de **Hermes da Fonseca** na Presidência. Pág. 138

1914

Eclode a **I Guerra Mundial**. Pág. 76



1914

**Venceslau Brás** assume a Presidência. Pág. 138

1922

Acontece a **Semana de Arte Moderna de 1922**. Pág. 139



1922

**Artur Bernardes** torna-se presidente. Pág. 139

## REPÚBLICA

1889-1930 &gt;&gt;

Vigência da **República Velha**, como é conhecido o período que compreende a República da Espada e a República do café-com-leite, marcado pela hegemonia das oligarquias agrárias de São Paulo e de Minas Gerais.



1891

Deodoro renuncia. O vice, marechal **Floriano Peixoto**, assume a Presidência. Pág. 133



1898

**Campos Salles** assume a Presidência. Pág. 136



1902

**Rodrigues Alves** é eleito presidente. Pág. 137

1894

Prudente de Moraes é eleito, pelo voto direto, primeiro presidente civil brasileiro. Começa a **República do café-com-leite**. Pág. 136



1889

Logo após proclamar a República, o marechal **Deodoro da Fonseca** assume provisoriamente o governo do país. É o início da **República da Espada**, que dura até 1894. Pág. 132

1906

Para tentar valorizar o café, que passava por crise de superprodução, os governadores de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro criam o **Convênio de Taubaté**. Pág. 137



1906

**Afonso Pena** toma posse como novo presidente. Após sua morte, em 1909, assume o vice, Nilo Peçanha. Pág. 137

1908

Tem início a imigração japonesa para o Brasil. Os japoneses estão entre as nacionalidades que respondem pelas maiores levas de **imigrantes para o país**. Pág. 134

1910

No Rio de Janeiro, irrompe a **Revolta da Chibata**. Pág. 138

1911

Estoura a **Revolta de Juazeiro** no Ceará. Pág. 138

1912

Um violento conflito social ocorre no **Contestado**, área disputada por Santa Catarina e Paraná. Pág. 137

1917

A gravação de **Pelo Telefone**, de Donga e Mauro de Almeida, marca o nascimento do **samba**.



1919

Começa o governo de **Epitácio Pessoa**. Pág. 139



1922

A **Revolta dos 18 do Forte** é a primeira das **Revolutas Tenentistas**, fruto da insatisfação de setores militares com a República Velha. O maior desses levantes é a **Coluna Prestes**, que tem início em 1924. Pág. 139



1932

Inicia-se a **Revolução Constitucionalista** de 1932.  
Pág. 141



[14]

1937

Getúlio Vargas implanta a ditadura do **Estado Novo**. A **quarta Constituição** é outorgada, oficializando o regime.  
Pág. 142

[16]



1938

Virgílio Ferreira da Silva, o **Lampião**, é morto a mando do governo em Sergipe. Ele é o maior expoente do cangaço, movimento social que ocorre no sertão nordestino entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Os cangaceiros percorrem a região assaltando propriedades e povoados. O movimento entra para a história como expressão da revolta contra a pobreza e o abandono dos sertanejos.

1951

Reeleito, dessa vez por voto direto, **Getúlio Vargas** assume a Presidência. Ele permanece no cargo até 1954, quando, sem sustentação política, se suicida.  
Pág. 145



[19]



[21]

1932

Plínio Salgado funda em São Paulo a **Ação Integralista Brasileira** (AIB), de inspiração nazi-fascista.  
Pág. 142



[15]

1939

Começa a **II Guerra Mundial**.  
Pág. 82

1943

A estréia de *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, inaugura a **moderna dramaturgia brasileira**.

1960

**Brasília**, a nova capital federal, é inaugurada.  
Pág. 147

1926

**Washington Luís** toma posse da Presidência.  
Pág. 125

1929

A **quebra da Bolsa de Nova York** causa uma crise mundial.  
Pág. 72



[13]

1934

A **terceira Constituição** brasileira é promulgada.  
Pág. 141

1934

**Getúlio Vargas** é eleito presidente pelo voto indireto.  
Pág. 142

1935

Inspira nas frentes populares europeias antifascistas, é criada a **Aliança Nacional Libertadora** (ANL).  
Pág. 142

1935

É organizada a **Intentona Comunista**.  
Pág. 142

1938

Um dos representantes da **"geração de 30"** (grupo de escritores que, influenciados pelo modernismo, se dedicam à temática social), Graciliano Ramos lança *Vidas Secas*, que retrata os dramas do sertão nordestino.

1942

O Brasil entra na **II Guerra Mundial** ao lado dos aliados. O primeiro contingente é deslocado em 1944.  
Pág. 142



[17]



[18]

1945

Getúlio Vargas renuncia. **Eurico Gaspar Dutra** é eleito presidente e toma posse no ano seguinte, quando promulga a quinta Constituição brasileira. É o início da **República Liberal**.  
Pág. 144



[20]

1956

Após uma série de governos provisórios, **Juscelino Kubitschek**, eleito no ano anterior, é empossado presidente.  
Pág. 146

1958

João Gilberto grava a hoje clássica *Chega de Saudade* (de Antonio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes), marcando o início da **bossa nova**.  
Pág. 145



[22]

[23]

1961

**Jânio Quadros** assume como presidente, em janeiro, mas renuncia em agosto. Setores militares e políticos resistem a entregar o poder ao vice, **João Goulart**, tido como esquerdista. Sua posse é aceita com a condição de o Congresso instituir o parlamentarismo, com Tancredo Neves como primeiro-ministro. Só em 1963 o presidencialismo é restaurado.  
Pág. 146



## LINHA DO TEMPO



[1]

1964

Acusado pela oposição de estar tramando um golpe comunista, João Goulart é deposto em 31 de março pelos militares, que impõem um regime autoritário. É o início da **ditadura militar**. Em 9 de abril, é decretado o Ato Institucional nº 1 (AI-1), que cassa mandatos e direitos políticos. Em 20 de abril, o general **Humberto de Alencar Castello Branco** é apontado presidente pelo Congresso. Pág. 148

1968

Costa e Silva fecha o Congresso e decreta o **Ato Institucional nº 5 (AI-5)**, que lhe confere poderes para cassar mandatos, suspender os habeas corpus e institucionalizar a repressão. Pág. 149



[3]

1969

Paralisado por um derrame, Costa e Silva deixa a presidência. Uma junta militar assume temporariamente, impedindo a posse do vice, o civil Pedro Aleixo. No mesmo ano, o general **Emílio Garrastazu Médici** é empossado. Ele comanda o período mais brutal da ditadura, batizado de **anos de chumbo**. Pág. 149

1971

O fluminense **Carlos Lamarca** (1937 - 1971), ex-capitão do Exército e líder da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), uma das organizações que haviam aderido à luta armada, é morto na Bahia por um grupo formado por militares e policiais.

1974

Eleito pelo Colégio Eleitoral, composto de membros do Congresso e delegados das assembleias legislativas estaduais, o general **Ernesto Geisel** assume a presidência. Ele inicia a abertura política "lenta, segura e gradual". Pág. 150

1977

Intensifica-se o movimento da sociedade civil pela recuperação dos direitos democráticos. O governo coloca o Congresso em recesso por duas semanas e baixa o **Pacote de Abril**, que altera as regras eleitorais para garantir a maioria do partido governista, a Arena, nas eleições do ano seguinte. Pág. 150

1979

É sancionada a lei que concede **anistia** aos acusados ou condenados por crimes políticos. O governo também restabelece o pluripartidarismo e determina o retorno das eleições diretas para governador a partir de 1982. Pág. 151

## REPÚBLICA

1964

Glauber Rocha lança *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, um dos marcos do **Cinema Novo**, movimento que propõe a elaboração de obras voltadas para a realidade brasileira.

1965

Castello Branco extingue os partidos políticos por meio do **Ato Institucional nº 2 (AI-2)** e cria o bipartidarismo com o Ato Complementar nº 4. Os políticos reagrupam-se, então, na Aliança Renovadora Nacional (Arena), do governo, e no Movimento Democrático Brasileiro (MDB), de oposição. Outra medida do AI-2 é acabar com as eleições diretas para presidente da República. Pág. 149

1966

Em fevereiro, o **Ato Institucional nº 3 (AI-3)** estabelece eleição indireta para governadores dos estados, feita pelas assembleias estaduais. Pág. 149

1967

O general **Artur da Costa e Silva** assume a Presidência. Pág. 149

1967

É aprovada a **sexta Constituição brasileira**, que incorpora os atos institucionais e aumenta o poder do Executivo, institucionalizando a ditadura. Pág. 149



[2]

1968

Contra as violentas ações repressivas do governo, é realizada no Rio de Janeiro a **Passeata dos 100 Mil**. Pág. 149

1973

O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) ultrapassa 14%. É o auge do **milagre econômico**. Pág. 150



1975

O jornalista **Vladimir Herzog**, ligado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), é assassinado nas dependências do Exército, em São Paulo. Apresentada como suicídio, sua morte provoca grande indignação. Milhares de pessoas comparecem a um ato ecumênico na Praça da Sé. Pág. 150

1979

Posseiros expulsos de uma reserva indígena acampam na Encruzilhada Natalino, em Ronda Alta (RS), para reivindicar acesso a terra. É o recomeço dos **movimentos no campo pela reforma agrária**, processo que levará à criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

1978

Garantida a maioria parlamentar da Arena, o presidente Geisel envia ao Congresso emenda constitucional que **acaba com o AI-5** e restaura o habeas-cópus. Pág. 150

1978

Candidato apoiado por Geisel, o general **João Baptista Figueiredo** é eleito presidente pelo Colégio Eleitoral, garantindo, assim, a continuidade da abertura política nos moldes em que vinha sendo feita. Pág. 151



[4]

1978

Os **sindicatos começam a reorganizar-se**, e Luiz Inácio Lula da Silva, como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, lidera a primeira greve do ABC paulista desde 1964. No ano seguinte, mais de 3 milhões de operários entram em greve, e o movimento sindical se fortalece, apesar da repressão policial. Pág. 151





[5]

**1984**

O movimento pelas eleições diretas para presidente cresce, e grandes comícios ocorrem nas principais cidades brasileiras, sob o lema **"Diretas Já"**. Contudo, a emenda que propõe a mudança não passa no Congresso. Pág. 151

**1986**

O governo Sarney lança o **Plano Cruzado**, que fracassa a longo prazo na tentativa de combater a inflação. Pág. 152

**1988**

O líder seringueiro e ativista ambiental Francisco Alves Mendes Filho, conhecido como **Chico Mendes**, é assassinado em Xapuri, no Acre, a mando de um fazendeiro local. O seringueiro é um dos maiores ícones da luta pela preservação da floresta amazônica.



[13]

**1988**

É promulgada a **sétima Constituição brasileira**, atualmente em vigor, que amplia os direitos individuais. Pág. 152

**1994**

É lançado o **Plano Real**, que se mostra eficaz no controle da inflação. O ministro da Fazenda, **Fernando Henrique Cardoso**, elege-se presidente, assumindo no ano seguinte. Pág. 153



[10]



[11]

**1999**

Reeleito no ano anterior, **Fernando Henrique Cardoso** dá início a um novo mandato. Pág. 153

**1981**

Militares da linha dura tentam barrar a abertura do regime. Pessoas ligadas à Igreja Católica são seqüestradas e cartas-bomba explodem na sede de instituições democráticas. O episódio mais grave é o **atentado do Riocentro**, centro de convenções, no Rio, no qual milhares de jovens assistiam a um festival de música. Uma bomba explode no interior de um carro, ocupado por um sargento, que morre no local, e um capitão do Exército, que fica gravemente ferido. Outra bomba estoura na casa de força do Riocentro. As circunstâncias mostram que os militares levaram os explosivos ao local para simular um atentado de esquerda, mas o governo abafa o caso e impede a investigação.



[6]



[7]

**1985**

O civil **Tancredo Neves** é eleito presidente pelo Colégio Eleitoral, mas morre antes de ser empossado. Seu vice, **José Sarney**, assume o cargo, tornando-se o primeiro presidente civil desde o início do Regime Militar. Tem início a **Nova República**. Pág. 152



[8]

**1989**

No âmbito mundial, a queda do Muro de Berlim simboliza o **fim da Guerra Fria** e o início da **Nova Ordem Mundial**. Pág. 91

**1989**

Ocorrem as primeiras **eleições diretas para a Presidência** desde 1960. O vencedor é **Fernando Collor de Mello**, que toma posse no ano seguinte. Pág. 152



[9]

**1992**

Acusado de corrupção, Collor tem processo de **impeachment** aberto contra ele na Câmara, é afastado e renuncia. O vice **Itamar Franco** o substitui. Pág. 153

**1993**

Como estava previsto na Constituição de 88, é realizado um **plebiscito** para a escolha da forma e do sistema de governo no Brasil. O resultado mantém o regime republicano e presidencialista.

**2002**

O ex-metalúrgico e ex-sindicalista **Luiz Inácio Lula da Silva** é eleito presidente da República.



[12]

**1990**

O governo lança o **Plano Collor**, que também não consegue conter a inflação. Pág. 152



## REPÚBLICA DA ESPADA

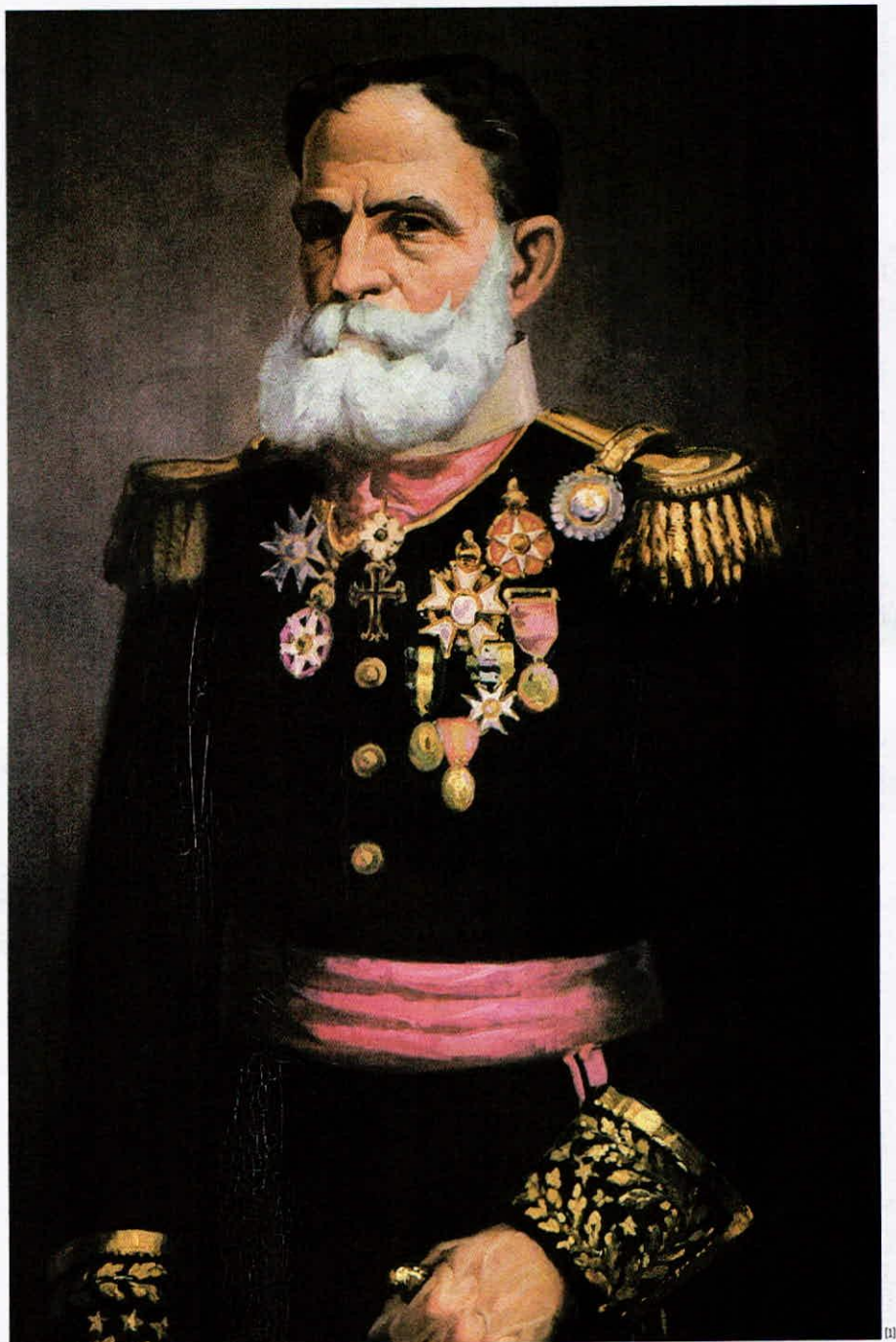
# Com mãos de ferro

O início do período republicano no Brasil foi marcado por governos militares que comandaram o país de forma centralizadora, enfrentando a oposição de setores monarquistas, da sociedade civil e das oligarquias regionais

**N**os primeiros cinco anos da República, de 1889 a 1894, o Brasil foi governado por militares, que estiveram em constante choque com as oligarquias cafeeiras. O Exército adotava medidas autoritárias e reformas que favoreciam a nascente burguesia, com vista à maior modernização e à urbanização do país. Já a oposição civil lutava por uma república federativa descentralizada que garantisse a manutenção de seus interesses econômicos.

## GOVERNO PROVISÓRIO

Após a derrubada da monarquia, em 1889, foi instituído no país um Governo Provisório, composto de membros do Exército, das oligarquias e das classes médias. Presidido pelo marechal Deodoro da Fonseca, tinha como principais funções consolidar a República federativa (as províncias se transformaram em estados e o país passava a se chamar Estados Unidos do Brasil), aprovar uma Constituição e executar reformas administrativas. As primeiras medidas aprovadas pelo governo foram a dissolução da Câmara dos Deputados, a extinção do Conselho de Estado, a nomeação de interventores estatais, a expulsão da família real, a separação entre Igreja e Estado e a naturalização de todos os estrangeiros que viviam no país. Também nessa época foi criada a bandeira nacional.



**Curto e grosso** Primeiro presidente do Brasil, o marechal Deodoro da Fonseca ocupou o posto por pouco tempo

**ENCILHAMENTO** – No plano econômico, o Governo Provisório colocou em prática uma política desastrosa encabeçada pelo então ministro da Fazenda, Rui Barbosa, representante da incipiente burguesia nacional e da classe média. Buscando incentivar o desenvolvimento econômico por meio da expansão de crédito para as empresas, o governo decidiu favorecer os empréstimos e emitir papel-moeda. Contudo, essa emissão desenfreada

e a facilidade de crédito provocaram enorme crise inflacionária e de especulação financeira. A situação ficou conhecida como Encilhamento, em alusão ao encilhamento dos cavalos antes das corridas, quando se intensificavam as apostas no Jockey Club do Rio de Janeiro. À época, por exemplo, surgiram dezenas de empresas-fantasma com o objetivo de tomar empréstimos. Em 1891, o ministro da Fazenda renunciou ao cargo.



**CONSTITUIÇÃO DE 1891** – Em 1890 havia sido eleita uma Assembléia Constituinte para elaborar o projeto da nova Constituição republicana. Após muitas discussões, em fevereiro de 1891 a segunda Constituição brasileira – a primeira da República – foi promulgada. O texto, inspirado na tradição republicana dos norte-americanos, definia o Brasil (oficialmente Estados Unidos do Brasil) como uma **República Federativa**, presidencialista, com voto aberto e sufrágio universal. A nova Constituição também estabelecia a divisão em **três poderes**: **Executivo**, exercido pelo presidente eleito por voto direto para um mandato de quatro anos; **Legislativo**, formado pelo Congresso Nacional (Câmara e Senado) e eleito pelo povo; e **Judiciário**, exercido pelos juizes federais sob supervisão do Supremo Tribunal Federal.

## O GOVERNO DEODORO DA FONSECA

No dia seguinte à promulgação da Constituição, Deodoro da Fonseca foi eleito indiretamente presidente do Brasil – de acordo com a nova lei, o Congresso elegeria por voto indireto o primeiro governante. No curto período em que ocupou o cargo, Deodoro enfrentou dura oposição, que tentou silenciar por meio de um golpe de Estado: em novembro de 1891, ele fechou o Congresso e determinou estado de sítio. Mas, apesar do apoio de parte das oligarquias, o golpe enfrentou a resistência do próprio Exército, chefiada pelo vice-presidente, marechal Floriano Peixoto, e Deodoro renunciou ao cargo.

## O GOVERNO FLORIANO PEIXOTO

Ao assumir, Peixoto reintegrou o Congresso e suspendeu o estado de sítio. Segundo a Constituição, o marechal deveria convocar novas eleições, mas não o fez. Com uma política centralizadora e voltada para um Executivo forte, o presidente governou com mão de ferro e usou o apoio popular para radicalizar a luta contra os setores monarquistas, acusados de conspirar contra o novo regime.

No âmbito econômico e social, Peixoto implementou reformas que favoreceram a nova burguesia e as classes média e pobre. Ele lançou uma política de protecionismo alfandegário, de empréstimos às indústrias e abaixou os preços do peixe e da carne. Mas, apesar de ter conquistado o apoio de muitos setores da sociedade, o presidente enfrentou críticas por sua insistência em continuar no

## “À BALA!”

RESPOSTA DE FLORIANO PEIXOTO A CÔNSULES EUROPEUS QUANDO PERGUNTADO SOBRE COMO RECEBERIA O DESEMBARQUE DE TROPAS ESTRANGEIRAS NO BRASIL (A PRETEXTO DE DEFENDER OS CIDADÃOS ESTRANGEIROS DURANTE A REVOLTA DA ARMADA, EM 1893)



**Peixe grande** O marechal Floriano Peixoto: política centralizadora e apoio popular para radicalizar a luta contra a oposição

poder e teve de lidar com rebeliões e protestos até o fim do mandato, em 1894.

**REVOLTA DA ARMADA** – Em setembro de 1893, algumas unidades da Marinha do Rio de Janeiro exigiram a imediata convocação dos eleitores para a escolha dos governantes. Entre os revoltosos estavam os almirantes Saldanha da Gama e Custódio de Melo, ex-ministro da Marinha e candidato declarado à sucessão do presidente Floriano Peixoto. A revolta conseguiu pouco apoio no Rio de Janeiro. Sem chance de vitória, os revoltosos dirigiram-se ao Sul. Alguns efetivos desembarcaram em Desterro (atual Florianópolis) e tentaram, inutilmente, articular-se com os federalistas gaúchos. Floriano adquiriu novos navios no exterior e, com eles, derrotou a revolta, em março de 1894.

**REVOLTA FEDERALISTA** – No Rio Grande do Sul, dois partidos disputavam o poder. De um

lado, os **federalistas (maragatos)** reuniam a velha elite do Partido Liberal do Império e, de outro, o **Partido Republicano Rio-Grandense (pica-paus)** agrupava os republicanos históricos, participantes do movimento pela proclamação da República. Em fevereiro de 1893, ano da campanha eleitoral para o governo estadual, os federalistas iniciaram sangrento conflito com os republicanos, que evoluiu para uma guerra civil. Floriano Peixoto recusou o pedido dos maragatos de intervenção federal no estado e apoiou os pica-paus. Os maragatos avançaram sobre Santa Catarina e Paraná e uniram-se aos rebeldes da Revolta da Armada. Chegaram a tomar Curitiba, mas recuaram por falta de recursos (soldados, armas e suprimentos). Em 1895, o novo presidente, Prudente de Moraes, conseguiu um acordo de paz e anistiou os participantes do movimento.



## IMIGRAÇÃO

## Terra nostra

Em 2008, comemora-se os 100 anos do início da imigração japonesa para o Brasil. Confira como se deu a chegada dos maiores contingentes de imigrantes ao país

**A**s principais levas de imigração para o Brasil ocorreram entre meados do século XIX e a primeira metade do século XX. Italianos, portugueses, espanhóis, japoneses e alemães constituíram os principais fluxos em termos quantitativos. Mas a entrada no país de mais de 4 milhões de estrangeiros dessas nacionalidades teve dois momentos bem diferentes.

Até a primeira metade do século XIX, muitos vinham atraídos por terras oferecidas pelo governo brasileiro, principalmente para ocupar o sul do país. A partir de 1870, a coisa mudou. Nessa época, o principal produto de exportação do Brasil era o café, e sua produção

baseada no uso da mão-de-obra escrava estava em crise – o tráfico de escravos já havia sido suspenso e a abolição total da escravidão viria em 1888. A saída encontrada pelo governo e pelos grandes fazendeiros para substituir os trabalhadores libertos foi incentivar a vinda de mão-de-obra de fora do país. Assim, a nova geração de imigrantes chegava não para ter sua terrinha, mas para trabalhar duro nas lavouras, principalmente em São Paulo. Para atrair os estrangeiros, pagavam-se as passagens de navios e eram oferecidos alojamentos temporários até o imigrante arrumar trabalho.

No século XX, essa política de apoio à imigração passaria por altos e baixos. Em 1902,

por exemplo, uma crise na indústria cafeeira levou à redução dos incentivos aos estrangeiros. Após a I Guerra (1914-1918), porém, o fluxo migratório voltaria a crescer, dessa vez impulsionado também por trabalhadores de outras nacionalidades, como poloneses, judeus e russos. O período posterior à II Guerra (1939-1945) seria marcado pela chegada de outro tipo de estrangeiro: os refugiados de países afetados pelo conflito. A partir de 1960, outros povos, como bolivianos e coreanos, passaram a desembarcar aqui, mas o ritmo migratório para o Brasil já era bem menor e diminuiria ainda mais nas décadas seguintes.

## FRONTEIRAS ABERTAS

ITALIANOS E PORTUGUESES FORAM OS MAIS NUMEROSOS E ALEMÃES, UM DOS GRUPOS PIONEIROS



**PORTUGUESES**  
QUANTOS VIERAM: MAIS DE 1,6 MILHÃO  
EM QUE ÉPOCA: A PARTIR DA METADE DO SÉCULO XIX

É claro que os portugueses estão por aqui desde o descobrimento, mas os que vieram para o Brasil após nossa independência, em 1822, são considerados imigrantes. Eles se espalharam por todo o país, mas a maior concentração ocorreu no Rio de Janeiro e em São Paulo. O uso do mesmo idioma e a falta de crescimento econômico de Portugal no século XIX foram os principais motivos a incentivar a migração para o Brasil



## ITALIANOS

QUANTOS VIERAM: MAIS DE 1,5 MILHÃO  
EM QUE ÉPOCA: A PARTIR DE 1870

Os primeiros a chegar vinham principalmente do norte da Itália. No século XX, porém, predominaram os imigrantes vindo do centro-sul e do sul do país. São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais foram os principais destinos. A maior parte dos que se fixaram em São Paulo ganhou subsídios para vir trabalhar em lavouras ou como operários; já os do Rio Grande do Sul migraram por conta própria, tornando-se pequenos agricultores





1919: família espanhola no interior de São Paulo

## ESPAANHÓIS

**QUANTOS VIERAM: MAIS DE 700 MIL  
EM QUE ÉPOCA: A PARTIR DE 1872**

Os imigrantes espanhóis só foram menos numerosos que portugueses e italianos - entre as décadas de 1870 e 1970, representaram cerca de 14% dos estrangeiros que desembarcaram aqui, contra 31% de italianos e 31% de portugueses. Foi a colônia que mais se concentrou no estado de São Paulo e teve como principal ocupação o trabalho nas lavouras de café. Os espanhóis foram ainda os europeus que chegaram com mais crianças e grupos familiares

## "TURCOS"

**QUANTOS VIERAM: MAIS DE 50 MIL  
EM QUE ÉPOCA: A PARTIR DE 1870**

Embora viessem principalmente da Síria, do Líbano e de outros pontos do Oriente Médio, esses imigrantes passaram a ser chamados de "turcos" no Brasil, pois na época tais regiões faziam parte do Império Turco-Otomano. A crise econômica do império - que logo se desmanchava, dando origem à República da Turquia - incentivou a migração. Aqui, a maior parte de sírios e libaneses se dedicou ao comércio e se fixou principalmente no estado de São Paulo



Libanesa vende quitutes árabes (data e local desconhecidos)



1924: foto de passaporte de família alemã

## ALEMÃES

**QUANTOS VIERAM: MAIS DE 200 MIL  
EM QUE ÉPOCA: A PARTIR DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX**

Um dos primeiros grupos a chegar, os alemães - e cidadãos de outras nacionalidades de idiomas germânicos, como austríacos e suíços - se fixaram principalmente nos estados da região Sul. Muitos viraram pequenos proprietários rurais, ocupando terras oferecidas pelo governo. O período de maior desembarque de alemães no Brasil foi em 1920, quando a Alemanha estava destrozada pela derrota na Primeira Guerra

1930: família japonesa em plantação de algodão no interior de São Paulo



## JAPONESES

**QUANTOS VIERAM: CERCA DE 250 MIL  
EM QUE ÉPOCA: A PARTIR DE 1908**

No início do século XX, a Itália dificultou a migração subsidiada para o Brasil. Então, esse tipo de política se voltou para o Japão, que tinha interesse em exportar a mão-de-obra excedente no país. Entre 1932 e 1935, um terço dos imigrantes que entraram no Brasil eram nipônicos. Os estados preferidos foram São Paulo e, em menor escala, o Paraná. Chegaram para trabalhar em lavouras, mas aos poucos viraram pequenos agricultores



## REPÚBLICA DO CAFÉ-COM-LEITE



**Senhores da terra** Prudente de Moraes (ao centro), com partidários republicanos: primeiro de uma série de governos alinhados às oligarquias agrárias

# Poderosos oligarcas

Após o breve comando militar no início do período republicano, o Brasil passou mais de três décadas sob o controle das elites oligárquicas de Minas Gerais e São Paulo, que se revezavam no poder e ditavam os caminhos da nação

**E**ntre 1894 e 1930, o Brasil esteve sob o comando de setores das oligarquias paulista e mineira, que controlaram eleições, fizeram presidentes e dominaram o país. Nesse período, esses grupos se alternaram no governo, contando com a ajuda dos coronéis – e sua impositiva influência política e social – para perpetuar-se no poder e conter, até quando foi possível, as revoltas da oposição.

## RECEITA DE CAFÉ-COM-LEITE

A denominação República do café-com-leite é feita em alusão à aliança que alternava no poder representantes dos estados de Minas Gerais, grande produtor de leite, e São Paulo, líder cafeeiro. Por meio dessa política, instalada pa-

ra garantir os interesses de suas oligarquias regionais, os dois estados mais ricos e populosos do Brasil – reunidos nos partidos Republicano Paulista (PRP) e Republicano Mineiro (PRM) – escolhiam um candidato único às eleições presidenciais, ora indicado por São Paulo, ora por Minas. Assim, durante todo o período – com algumas exceções que permitiram a entrada de gaúchos na cena política –, mineiros e paulistas dominaram o país.

## PRUDENTE DE MORAIS (1894-1898)

As eleições de 1894 fizeram do paulista Prudente de Moraes o **primeiro presidente civil** do Brasil. Ele procurou apaziguar o país, conter a oposição militar e restaurar as finanças. Mas as crises perseguiram o presidente.

Dois anos após sua posse, estourou a **Guer-ra de Canudos** (veja o box na pág. ao lado). A situação econômica também não melhorou, e, no fim de seu mandato, a moeda brasileira praticamente perdera o valor. Apesar disso – e mesmo chegando no fim do mandato governando sob estado de sítio –, Prudente de Moraes conseguiu eleger seu sucessor nas próximas eleições.

## CAMPOS SALLES (1898-1902)

Para garantir o domínio das oligarquias, o próximo presidente, o paulista Campos Salles, montou o esquema conhecido como **política dos governadores**: o presidente dava suporte aos candidatos oficiais nas eleições estaduais e os governadores, por sua vez,



apoiavam o indicado do governo nas eleições presidenciais. Para dar certo, o plano contava com a autoritária e bastante difundida prática do **coronelismo**, por meio da qual os coronéis usavam seu poder sobre o eleitorado regional. Cada coronel controlava o próprio **"curral eleitoral"**, garantindo os votos dos eleitores para os candidatos por ele indicados. Além disso, o governo mantinha o controle da Comissão de Verificação de Poderes do Congresso Nacional, responsável pelos resultados eleitorais finais e pela diplomação dos eleitos. Estava organizada, assim, a fraude eleitoral.

### RODRIGUES ALVES (1902-1906)

As eleições de 1902 deram vitória ao paulista Rodrigues Alves, apoiado por Campos Salles. O novo presidente adotou uma política econômica de valorização do café, batizada de **socialização das perdas**: sempre que o preço do produto caía no mercado internacional, o governo reduzia a taxa cambial, desvalorizando a moeda e aumentando, assim, o lucro dos cafeicultores. Essa desvalorização, contudo, gerava mais inflação e aumentava o custo de vida da população, que pagava caro para beneficiar a classe dominante.

Amparados por essa política benevolente, os fazendeiros aumentaram demasiadamente a produção cafeeira, o que provocou uma crise de superprodução. Para tentar valorizar o produto, foi criado, em 1906, o **Convênio de Taubaté** – acordo entre os governadores de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro para comprar todo o excedente estocado. Em contrapartida, os barões do café deveriam evitar futuras superproduções. Apesar de ser cafeicultor paulista, o presidente não reconheceu o Convênio e suas políticas só foram implantadas no governo seguinte.

**"QUEM NASCE LÁ NA VILA  
NEM SEQUER VACILA  
AO ABRAÇAR O SAMBA  
QUE FAZ DANÇAR OS GALHOS,  
DO ARVOREDO E FAZ A LUA,  
NASCER MAIS CEDO.  
LÁ, EM VILA ISABEL,  
QUEM É BACHAREL  
NÃO TEM MEDO DE BAMBA.  
SÃO PAULO DÁ CAFÉ,  
MINAS DÁ LEITE,  
E A VILA ISABEL DÁ SAMBA"**

TRECHO DA MÚSICA FEITIÇO DA VILA  
(DE NOEL ROSA E VADICO), GRAVADA NA  
DÉCADA DE 1930 POR NOEL ROSA

Ainda no plano econômico, Rodrigues Alves investiu na realização de obras públicas. Com o auxílio do prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, modernizou a capital federal, que, à época, era uma cidade suja, foco de ratos e mosquitos transmissores de doenças. Coube ao governo realizar o alargamento de ruas, o saneamento da lagoa Rodrigo de Freitas e o acerto do serviço de limpeza pública. As melhorias, contudo, não foram sempre bem recebidas.

**REVOLTA DA VACINA** – A falta de saneamento básico no Rio de Janeiro à época deixava os habitantes vulneráveis a epidemias de febre amarela, varíola e outras doenças. Uma reforma sanitária foi conduzida pelo prefeito Pereira Passos e pelo cientista Osvaldo Cruz, chefe do Departamento Nacional de Saúde Pública. Mas a tensão foi imediata quando, em 1904, o governo impôs a

vacinação aos moradores. Na raiz da revolta estava a reurbanização do centro da cidade, que removeu parte da população à força dos cortiços e morros centrais para bairros distantes. O descontentamento generalizado fez da cidade um campo de batalha. A oposição militar aproveitou-se da situação para tentar derrubar o presidente. Mas a revolta foi, por fim, sufocada, deixando centenas de mortos de ambos os lados.

### AFONSO PENA (1906-1909)

De acordo com o esquema do café-com-leite, o paulista Rodrigues Alves foi sucedido pelo mineiro Afonso Pena, que colocou em prática as decisões do Convênio de Taubaté. Promoveu ainda a construção de estradas de ferro e portos e ampliou a colonização do interior brasileiro. Em 1907 ampliou a rede de comunicações do país ao ligar a Amazônia ao Rio de Janeiro por

## CANUDOS E CONTESTADO: A FÉ EM ARMAS

Os movimentos de Canudos e do Contestado foram bem diferentes, apesar do caráter messiânico de ambos. O primeiro ocorreu em 1896, no sertão da Bahia. Sob a liderança do pregador Antônio Conselheiro, milhares de pessoas juntaram-se no Arraial de Canudos. Conselheiro proclamava o início de uma nova era e convocava os fiéis a defender a monarquia. Fazia duras críticas à República e à Igreja Católica, além de recusar o pagamento de impostos. Canudos, com cerca de 20 mil moradores, começou a ser visto não só como "arraial de fanáticos", mas também como reduto de rebeldes monarquistas. Assim, após intensos combates, em 1897 o povoado foi destruído por tropas federais, deixando milhares de mortos. Para ter uma idéia da dimensão dos combates, todo o Exército brasileiro tomou parte na última batalha.

Já o Contestado ocorreu em Santa Catarina, entre 1912 e 1916. O beato José Maria aglutinou milhares de camponeses pobres no Contestado, região no oeste de Santa Catarina, divisa com o Paraná (chamava-se Contestado por ser uma área disputada pelos dois estados). Além dos camponeses – vítimas da concentração de terras nas mãos de fazendeiros –, uma enorme massa de desempregados engrossava o rol dos aflitos: eram trabalhadores da Brazil Railway Company, contratados em cidades como Salvador para a construção de uma estrada de ferro na região e, após concluído o trabalho, demitidos e largados à própria sorte. Nos primeiros combates com as tropas estaduais, José Maria foi morto. Os fiéis resistiram, mas o Exército decidiu o conflito, com milhares de revoltosos mortos.





# REPÚBLICA DO CAFÉ-COM-LEITE



**Cidade febril** Ruas do Rio de Janeiro são bloqueadas pela população durante a Revolta da Vacina, em 1904

meio do telégrafo. Na sucessão de Afonso Pena, porém, ocorreu um cisma na aliança entre mineiros e paulistas: o nome indicado pelos paulistas não foi aceito pela maioria do Partido Republicano Mineiro, e o desacordo fez com que os mineiros se aliassem aos gaúchos na escolha do marechal Hermes da Fonseca. Os paulistas, por sua vez, uniram-se aos baianos para lançar a candidatura de Rui Barbosa. O esforço de Rui Barbosa ganhou o nome de Campanha Civilista, por opor um civil a um militar truculento. Na verdade, essa é considerada a primeira campanha eleitoral de fato no país, com Rui Barbosa percorrendo várias cidades em comícios. À época das eleições, o governo já era ocupado pelo fluminense Nilo Peçanha, vice de Afonso Pena, que assumira o cargo em 1909, com a morte do

presidente. O trunfo de Hermes da Fonseca, em 1910, representou a vitória da situação.

## HERMES DA FONSECA (1910-1914)

Com pouca experiência política, Hermes da Fonseca procurou recuperar para os militares a influência antes já exercida na esfera pública. Foi com esse intento que ele colocou em prática a **política das salvções**, que derrubou as velhas oligarquias estaduais do Nordeste por meio de intervenções militares e pôs no poder grupos mais afinados com o presidente. Mas ele enfrentou grandes revoltas durante seu governo. Além das rebeliões da Chibata e de Juazeiro, no fim de seu mandato estourou a Guerra do Contestado, na divisa do Paraná com Santa Catarina (veja o boxe na pág. 137).

## TENENTISMO E REVOLUÇÃO DE 30

Veja onde aconteceram os movimentos dos jovens oficiais e a revolta que derrubou a República do café-com-leite



**REVOLTA DA CHIBATA** – Também conhecida como revolta dos Marinheiros, a rebelião ocorreu em unidades da Marinha no Rio de Janeiro, em 1910. Os rebeldes queriam o fim dos castigos corporais, pena comumente aplicada por oficiais brancos aos marujos negros. Exigiam, ainda, a redução da jornada de trabalho e a concessão de anistia. Liderados pelo gaúcho João Cândido, eles assumiram o controle de embarcações da Marinha de Guerra, ancoradas na baía de Guanabara. O presidente prometeu, inicialmente, atender às reivindicações, mas acabou prendendo e deportando muitos deles.

**REVOLTA DE JUAZEIRO** – A política das salvções provocou essa revolta, que, no Ceará, opôs oligarquias locais e governo federal, em 1911. Para retirar o poder da família Acioli, que dominava o estado por meio do coronelismo, o presidente interveio indicando um novo governador, Marcos Franco Rabelo. Os coronéis, apoiados pelo padre Cícero, então prefeito de Juazeiro do Norte, reagiram armando centenas de sertanejos e enviando-os à capital, onde foram contidos pelas forças federais. Rabelo renunciou, e Hermes da Fonseca nomeou um novo interventor, o general Setembrino de Carvalho.

## VENCESLAU BRÁS (1914-1918)

Passado o mandato de Fonseca, o mineiro Venceslau Brás foi eleito presidente em 1914. É durante seu governo que o Brasil toma parte

## VOCÊ SABIA?

### O SURTO DA BORRACHA

Durante quase meio século, de 1870 a 1920, o Brasil foi um dos maiores produtores de borracha do mundo, detendo 97% do mercado internacional. A produção do látex na Amazônia representou uma das mais importantes atividades econômicas do país, envolvendo cerca de 100 mil pessoas. Grandes bancos e empresas europeias e norte-americanas instalaram agências em Belém e Manaus, que exibiam enorme prosperidade e modernização, com teatros, cafés, palacetes, lojas, bondes, telefones e luz elétrica. A situação começou a mudar após o fim da I Guerra Mundial, em 1918, com o rápido declínio da demanda mundial pela borracha aliado à concorrência das plantações do produto no sul da Ásia. Além disso, nessa época as atenções do governo se voltavam para o café. Era o fim do ciclo de ouro do látex amazônico.



na I Guerra Mundial. Nesse contexto do conflito global, o país enfrentava um crescimento intenso da atividade industrial, que formou um contingente expressivo de operários nos grandes centros. Em 1917, influenciados pela revolução que ocorria na Rússia, os trabalhadores se organizaram em um movimento que se espalhou por todo o país. Inicialmente concentrado no bairro da Mooca, em São Paulo, o movimento dos trabalhadores levou a uma greve nacional por aumento salarial, jornadas de oito horas e abolição do trabalho noturno para mulheres e menores de idade. Após intensos confrontos, a classe patronal concordou em negociar, pondo fim à mobilização.

## TENENTISMO

O paulista **Rodrigues Alves** foi eleito para suceder Venceslau Brás, mas morreu antes de assumir o cargo. Seu vice, o mineiro **Delfim Moreira**, governou por um ano até convocar novas eleições, em 1919. No novo pleito, venceu o paraibano **Epitácio Pessoa**, candidato apoiado por PRM e PRP, que governou de 1919 a 1922. Seu sucessor foi o mineiro **Artur Bernardes** (1922 a 1926), que não conseguiu obter a unanimidade de paulistas e mineiros.

Bernardes também despertou uma oposição militar, principalmente da ala jovem do Exército. Movidos pelo descontentamento diante das instituições fraudulentas da República, os oficiais formaram um movimento armado para derrubar o governo – o Tenentismo. Embora contassem com o apoio de oligarquias dissidentes e de parte da classe média, não possuíam uma ideologia definida nem um programa de ação. Em 1922, os tenentistas tomaram o **forte de Copacabana**, mas a revolta foi sufocada e a maioria dos líderes, morta.

## A SEMANA DE 1922



Influenciados por movimentos como o cubismo e o futurismo, intelectuais e artistas brasileiros romperam com os padrões acadêmicos da arte no país ao realizar a vanguardista Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo. Seus idealizadores condenavam a simples ingestão de modismos estrangeiros. Defendiam uma assimilação "antropofágica" das estéticas internacionais, que deveriam ser mescladas com elementos da cultura nacional para originar uma arte vinculada à realidade do Brasil. Entre os expoentes, estão o escritor Oswald de Andrade, a pintora Tarsila do Amaral (com obras como *Abaporu*, ao lado) e o compositor Heitor Villa-Lobos.

**COLUNA PRESTES** – O auge do movimento tenentista ocorreu após uma tentativa frustrada de tomar a cidade de São Paulo em 1924, que ficou conhecida como **revolução paulista**. Derrotados, os oficiais fugiram para o interior e, unidos com rebeldes paranaenses e gaúchos, lutaram sob a liderança de Miguel Costa e Luis Carlos Prestes. Buscando conquistar a adesão popular ao movimento, a Coluna Prestes – também conhecida como **Coluna Prestes-Miguel Costa** – marchou por 25 mil quilômetros de sul a norte do país, mas seu esforço foi em vão. Em 1927, embora não tenham perdido uma única batalha, cansados e sem o apoio popular, os rebeldes refugiaram-se na Bolívia.

## REVOLUÇÃO DE 1930

Para suceder Bernardes foi eleito, em 1926, o paulista **Washington Luís**. Durante seu governo, ele enfrentou o endividamento interno e externo do país, a retração das exportações e, a partir de 1929, os problemas provocados pela crise econômica mundial com a quebra da Bolsa de Nova York (veja matéria na pág. 80).

Na verdade, era o auge de toda uma década de crise, com a falência do Convênio de Taubaté e a ascensão da classe média e dos movimentos operário e tenentista formando uma oposição importante ao governo, com demandas por maior liberdade, modernização e democracia.

Para sua sucessão, alegando defender os interesses da cafeicultura, Washington Luís lançou como candidato o governador de São Paulo, Júlio Prestes, do PRP. Ao indicar outro paulista, contudo, rompeu com a política do café-com-leite. Em represália, o PRM foi para a oposição e, com o apoio do Rio Grande do Sul e da Paraíba, compôs a **Aliança Liberal**, que partiu para a disputa tendo o gaúcho Getúlio Vargas como candidato a presidente e o paraibano João Pessoa, a vice.

O programa da Aliança Liberal continha reivindicações das forças democráticas de todo o país, como a defesa do voto secreto e da Justiça Eleitoral. Mas, em 1930, a chapa de Júlio Prestes venceu a eleição. A princípio, a oposição aceitou o resultado. Foi quando, então, João Pessoa foi assassinado, em crime passional. Os aliancistas atribuíram motivos políticos ao crime, deflagrando uma rebelião político-militar. Articulada entre o Sul e o Nordeste, e liderada por Getúlio Vargas, a Revolução de 1930 tomou o poder, pondo fim à República Velha.



**A grande marcha** Líderes da Coluna Prestes-Miguel Costa: 25 mil quilômetros percorridos em luta contra as fraudes do governo

## HISTÓRIA MALUCA

### RATOAGEM

Criar ratos tornou-se um hábito lucrativo em 1903 no Rio de Janeiro. O inusitado costume começou após o sanitarista Oswaldo Cruz passar a oferecer 100 réis por cada roedor, hospedeiro da pulga transmissora da peste bubônica, numa tentativa de conter a doença. Surgiram até revendedores dos animais. O mais famoso deles, conhecido como Amarel dos Ratos, ao ser preso, chegou a declarar que seus bichos eram cariocas legítimos, enquanto os da concorrência eram paulistas.



## ERA VARGAS



**Emerge o líder** Getúlio Vargas comemora a vitória na Revolução de 1930, movimento que lhe garantiu a tomada da Presidência do país

## Carisma e poder

Nacionalista e populista, em seu primeiro – e longo – período à frente do governo, Getúlio impulsionou o desenvolvimento do país e implementou importantes ganhos sociais. Mas também criou o autoritário Estado Novo, com a intervenção estatal em todas as áreas da vida pública e privada

**D**e depois de liderar a revolução que pôs fim à República Velha, em 1930, Getúlio Vargas assumiu de forma provisória o poder do Brasil até que, em 1934, foi eleito presidente de forma indireta pela Assembléia Constituinte, conforme previa a Carta promulgada naquele ano. Sob a liderança de Getúlio, o país viveu um período de desenvolvimento industrial, de aumento da participação popular na política e de ampliação das leis trabalhistas. Entretanto, assistiu-se também a um nacionalismo e um populismo sem precedentes, com grande centralização de poder no Estado, que esteve presente em todas as esferas da sociedade: da economia à organização do trabalho, da educação à cultura. Seu governo, que durou

até 1945, foi marcado ainda pelo Estado Novo, período de forte autoritarismo, calcado na personificação quase mítica da figura do presidente, que ficou conhecido como o “pai dos pobres”.

### GOVERNO PROVISÓRIO (1930-1934)

Assim que o ex-presidente Washington Luís foi deposto pela Revolução de 1930, o poder foi entregue a Getúlio Vargas, líder civil do movimento, que assumiu o governo em caráter provisório, com poderes para elaborar decretos-lei e o compromisso de formar uma Assembléia Constituinte. Mas as dificuldades vieram logo, com o confronto político entre os vitoriosos do movimento: de um lado, as oligarquias dissidentes e, de outro, os militares ligados ao tenentismo, que pregavam reformas sociais.

Uma das primeiras medidas de Getúlio foi nomear interventores para o lugar dos governadores nos estados. Somente Minas Gerais foi poupado. Na maior parte, esses cargos foram preenchidos pelos tenentes, que defendiam um Estado forte e centralizado. Diante do crescente poder dos militares – que haviam organizado o Clube 3 de Outubro e criado as legiões revolucionárias para se aproximar mais do povo –, os velhos caciques políticos de São Paulo, do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais decidiram juntar forças em meados de 1931. Eles exigiam a volta do estado de direito, com uma Constituição imediata para o Brasil.

O movimento era liderado por São Paulo, que exigia a restituição de sua autonomia. Getúlio havia nomeado um interventor militar pernambucano para governar o esta-



## VIAJE NO TEMPO

### DUREZA REINCIDENTE

A ditadura de Vargas não foi a única vivida pelo Brasil no decorrer do século XX. Em 1964, os militares tomaram o poder, usando o pretexto do perigo comunista. Até 1985, eles governaram impondo atos institucionais e suprimindo as liberdades individuais. A forte censura e o autoritarismo exacerbado deixaram centenas de mortos e desaparecidos. Muitos dos crimes nunca foram solucionados e, até hoje, o país guarda em seus arquivos a parte sigilosa desse período nebuloso da história (veja matéria na pág. 148).

do, e os paulistas queriam um civil paulistano no poder. Para acalmar os ânimos, o presidente nomeou o civil Pedro de Toledo para gerir São Paulo. Mas os paulistas passaram, então, a brigar pela realização de uma Assembléia Constituinte, que Getúlio havia protelado para 1932. O descontentamento dos paulistas era acirrado pelo fato de que a até então todo-poderosa oligarquia estadual não mais tomava decisões nacionalmente, embora São Paulo fosse o estado economicamente mais importante.

A **Frente Única Paulista** se formou com a junção de forças entre os partidos Democrático e Republicano e avolumou as tensões. Em maio de 1932, a morte de quatro estudantes (Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo) pelas forças oficiais foi tomada como emblema pelos revoltosos. Tudo caminhava para a revolução.

Em 9 de julho, então, estourou a **Revolução Constitucionalista de 1932**. O movimento ganhou as ruas da capital e de cidades do interior paulista. Os rebeldes contaram com o apoio de industriais, estudantes, intelectuais e políticos liga-

dos à Velha República. A luta, porém, acabou restrita a São Paulo, já que o prometido apoio de gaúchos e mineiros foi retirado na última hora.

A desigualdade de forças ficou logo evidente. Nem o esforço de guerra empreendido por empresários (que produziram capacetes, armas e munições) e pela população (com a doação de jóias na campanha Ouro para o Bem de São Paulo) ajudou os revoltosos, que foram derrotados. A revolução deixou um saldo de 633 paulistas mortos. Um novo interventor foi nomeado, o general Valdomiro Castilho de Lima, e os líderes revolucio-

nários foram presos e banidos. Mas, mesmo derrotado, o movimento paulista alimentou a campanha pela realização da Assembléia Constituinte, marcada para maio de 1933.

### GOVERNO CONSTITUCIONAL (1934-1937)

Nas eleições para a Assembléia Constituinte, realizadas na data prevista, assistiu-se à supremacia dos grupos políticos regionais. Os trabalhos dos constituintes foram dominados pelo embate entre os estados do centro-sul, mais ricos, que pediam maior autonomia em relação ao poder federal, e os do Norte e Nor-



**No braços do povo** Vargas é homenageado por operários no Rio de Janeiro, em 1942. Junto a medidas de apelo popular, ele implementou uma eficiente política de culto à personalidade



# ERA VARGAS

## O BRASIL NA II GUERRA MUNDIAL

Simpatizante do ideário fascista, com o início da II Guerra Mundial Getúlio optou por manter a neutralidade do Brasil, mas dava sinais de que poderia se aproximar de Hitler e de Mussolini. Sob pressão dos Estados Unidos, contudo, em 1942 declarou guerra aos países do Eixo - Alemanha, Itália e Japão - e constituiu a Força Expedicionária Brasileira (FEB). O grupo foi enviado, em 1944, para lutar ao lado dos Aliados e, apesar da falta de preparo bélico e técnico, as tropas brasileiras participaram de importantes batalhas e sucessivas vitórias. Mas o apoio não veio de graça. Ele foi condicionado à ajuda financeira norte-americana para a construção de grandes obras, como a CSN, e para a modernização do aparato militar nacional.



**Reconhecimento** Civis italianos saúdam soldados da Força Expedicionária Brasileira

### A JORNADA DOS PRACINHAS

Confira como foi a campanha brasileira na II Guerra



deste, mais dependentes do governo e defensores do centralismo estatal.

Passaram-se meses de discussões até que, em julho, foi promulgada a **Constituição de 1934**, de caráter liberal. Estabelecia-se o princípio federativo, que garantia a autonomia estadual. Em contrapartida, a União passava a ter maior influência na esfera econômica e na social. As riquezas do subsolo e as quedas-d'água foram nacionalizadas, assim como os bancos e as seguradoras. Os trabalhadores ganharam importantes mecanismos de proteção, como a Justiça do Trabalho, o salário mínimo, a jornada de oito horas, férias remuneradas e o descanso semanal. Por fim, o texto - que também criou a Justiça Eleitoral - estabelecia que o primeiro pleito presidencial após sua aprovação se daria de forma indireta. Foi assim que, em 17 de julho de 1934, Getúlio foi eleito presidente da República por 175 votos a 71.

Entretanto, a calmaria com a promulgação da nova Carta e a eleição do presidente não durariam muito. À época, em território brasileiro se reproduzia um quadro europeu de radicalização política entre grupos de esquerda e de direita, com o crescimento de partidos

nazi-fascistas e comunistas. No Brasil, essa politização se manifestou principalmente por meio de duas instituições opostas: a **Ação Integralista Brasileira (AIB)** e a **Aliança Nacional Libertadora (ANL)**. De cunho fascista, a AIB foi criada em 1932, por Plínio Salgado. Era composta de setores mais reacionários e anticomunistas da sociedade. Já a ANL, fundada em 1935, era formada sobretudo por intelectuais liberais nacionalistas, sindicalistas e membros do partido comunista, sob a liderança de Luiz Carlos Prestes.

No mesmo ano de sua criação, a ANL lançou seu programa de reformas, que pregava, entre outras coisas, a nacionalização imediata das empresas e a suspensão do pagamento da dívida externa. O governo reagiu com a implementação da **Lei de Segurança Nacional**, que dava ao Estado poderes para combater qualquer tipo de movimento considerado subversivo. A ANL, por sua vez, ampliava sua aceitação entre as massas empobrecidas.

Em novembro de 1935, o governo fechou as portas das sedes da ANL. Foi a deixa para que os aliancistas iniciassem uma insurreição político-militar, que ficou conhecida como **Inten-**

**tona Comunista**. Mas o sonho de envolver as massas numa revolução acabou logo nos primeiros dias. Revoltosos e simpatizantes foram perseguidos, presos ou mortos, e o movimento abriu caminho para Getúlio endurecer o regime. O principal líder comunista, Luiz Carlos Prestes, ficou preso até 1945. Já sua mulher, a militante alemã Olga Benário Prestes, apesar de estar grávida, foi torturada e enviada de volta à Alemanha, onde foi entregue à Gestapo - a polícia política nazista - e acabou morrendo num campo de concentração em 1942.

O levante veio ao encontro dos planos de Getúlio, que usou o pretexto do perigo comunista para decretar estado de sítio, abolindo as garantias constitucionais. Tudo estava preparado para o golpe que o deixaria no poder por mais oito anos.

### O ESTADO NOVO (1937-1945)

De acordo com a lei, o mandato do presidente terminaria em 1938. Getúlio até chegou a convocar novas eleições, mas já tinha um plano arquitetado. Em setembro de 1937, os jornais publicaram o **Plano Cohen** - tratava-se de um documento falso, atribuído ao

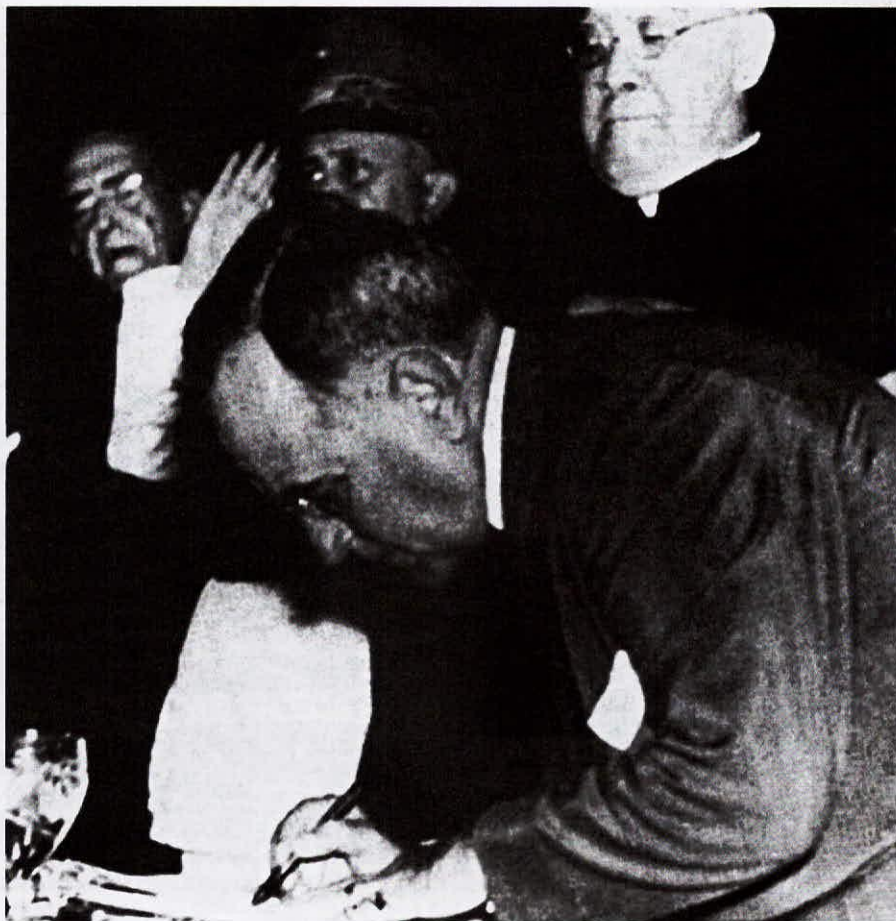


Partido Comunista. No texto, os “comunistas” ameaçavam tomar o poder e instituir um Estado socialista. Contra o “perigo vermelho”, a solução seria uma só: manter Getúlio como presidente, com todo o poder em suas mãos. Menos de um mês depois, o presidente conseguiu reunir apoio suficiente para legitimar um autogolpe e ampliar ainda mais os limites de sua atuação política, transformando-se num ditador. Em 10 de novembro, ele anunciou pelo rádio a nova ordem do país: o Estado Novo.

Inspirado no fascismo italiano e no salazarismo português, o novo regime foi marcado pelo autoritarismo, pela supressão das liberdades individuais e pela forte intervenção estatal. No mesmo dia em que tomou o poder, Vargas outorgou uma **nova Constituição**, que foi apelidada de “**polaca**” por conter elementos fascistas italianos e poloneses. O texto dava a ele poder para dissolver o Congresso e nomear e substituir interventores. Também suprimia a autoridade dos estados e extinguiu os partidos políticos. Nem os integralistas escaparam – a própria AIB, que havia sido usada pelo governo contra a ANL, foi fechada. Para divulgar as ações do governo e censurar os meios de comunicação, Getúlio criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Por outro lado, o Estado Novo foi marcado por avanços nas políticas sociais e econômicas. Durante o período, foram criadas e consolidadas garantias históricas dos trabalhadores, como o salário mínimo e as férias remuneradas. A nova legislação trabalhista foi unificada na **Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)**, que entrou em vigor em 1943. Foi o auge do **populismo** – política calcada na figura de um líder que se coloca como benfeitor e realizador de todas as demandas da sociedade. E Getúlio capitalizou os ganhos sociais para atrelar ao Estado organizações populares como os sindicatos.

Na economia, o presidente conseguiu um feito: a **ascensão da industrialização** – de 1933 a 1939, por exemplo, o crescimento da produção industrial foi de aproximadamente 11% ao ano. Isso se deveu sobretudo à desvalorização cambial, à redução das importações, aos investimentos estatais em infraestrutura (como ferrovias e navegação) e a uma política protecionista e nacionalista. Getúlio criou, entre outras iniciativas, o Conselho Nacional do Petróleo e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Esse dinamismo industrial teve eco na produção científica. O Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), ligado à escola Politécnica de São Paulo, dedicava-se a pesquisas na área de metalurgia e de resistência de materiais. Já o Instituto Nacional de Estatística, que centralizava dados de vários ministérios,



**Direito histórico** Em 1940, Vargas assina a Lei do Salário Mínimo, uma das mais célebres garantias trabalhistas de sua gestão [2]

daria origem, em 1938, ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O crescimento econômico também transformou a cara das cidades. Em 1938, por exemplo, teve início o processo de verticalização dos grandes centros, em que foram construídos edifícios de até 12 andares. O vigor da construção civil pode ser medido pelo número de construções. Se, em 1930, São Paulo havia ganho 3 922 construções, dez anos depois esse número saltara para 12 490. O Brasil crescia e inseria-se em uma nova realidade nacional e mundial.



**O bom velhinho** Getúlio e populares: cuidado com as bases [3]

**LIGAÇÕES PERIGOSAS** – Entretanto, com a deflagração da II Guerra Mundial e a posterior adesão do Brasil à causa aliada (veja o boxe na pág. ao lado), Getúlio passou a enfrentar uma grave contradição em seu governo: se, no plano exterior, lutava contra as ditaduras nazista e fascista, internamente era, ele próprio, uma ditadura. Prevendo a queda do regime, o presidente anunciou eleições gerais para o fim de 1945. Porém, desconfiada de que o próprio Getúlio fosse disputar a reeleição, e ao ver surgir o movimento batizado de “**queremismo**” – que defendia a candidatura do presidente sob o slogan “Queremos Getúlio!”, a oposição, representada pela União Democrática Nacional (UDN), que concentrava as oligarquias descontentes com Getúlio, se aproximou dos militares. Em outubro de 1945, os opositores deram um golpe, depuseram Getúlio e foram marcadas novas eleições. O general Eurico Gaspar Dutra, ex-ministro da Guerra de Getúlio, candidato do Partido Social Democrático (PSD), apoiado pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), foi eleito novo presidente da República. **II**





**Surto desenvolvimentista** Juscelino Kubitschek durante inauguração de fábrica da Volkswagen no Brasil, em 1959: governo focado no crescimento industrial

# Respiro (quase) democrático

Entre o Estado Novo e a ditadura militar, o Brasil viveu uma conturbada democracia, marcada por governos populistas, tentativas de golpe e enorme tensão entre os setores conservadores e os progressistas

**N**o período compreendido entre o fim do Estado Novo, de Getúlio Vargas, em 1945, e o golpe militar, em 1964, o Brasil viveu anos de transição e de adaptação. A democracia havia substituído um sistema ditatorial, mas o populismo – política calcada na figura de um líder paternalista voltado para as massas populares – dominou a maioria dos mandatos presidenciais, e as forças de direita e de esquerda viveram em permanente e exacerbada tensão. No plano internacional, a Guerra Fria polariza-

va o mundo e exigia o posicionamento dos países periféricos (veja mais na pág. 84). O Brasil, na maioria do tempo, manteve-se ao lado do capitalismo encabeçado pelos norteamericanos.

## O GOVERNO DE EURICO GASPAR DUTRA (1946-1951)

Logo após a derrubada de Getúlio, foram convocadas novas eleições, das quais saiu vencedor o ex-ministro da Guerra de Getúlio, Eurico Gaspar Dutra, do Partido Social

Democrático (PSD), com o apoio do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Saíram derrotados o brigadeiro Eduardo Gomes, candidato da União Democrática Nacional (UDN), e Iedo Fiuza, do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Essa foi a primeira e única vez em que o PCB apresentou candidato próprio para a Presidência.

Dutra tomou posse em 1946 e instalou a **Assembléia Constituinte**. Em setembro, foi promulgada a quinta Constituição brasileira. Mais democrático, o texto estabelecia



## ANOS 50: A DÉCADA DA CULTURA

O período em que Juscelino assumiu o governo foi de efervescência cultural no Brasil. Logo no começo de 1950 chegaram os primeiros aparelhos de TV e, por iniciativa do empresário Assis Chateaubriand, foi lançada a TV Tupi. A princípio, a emissora copiou o formato do rádio, líder de audiência da época. Aos poucos surgiram novos canais e, em 1951, foi transmitida a primeira novela brasileira. No teatro, um novo formato surgia, com textos de grandes dramaturgos e atuações mais profissionais. Na música, a bossa nova agitou o Brasil e o mundo. Nomes como João Gilberto, Tom Jobim e Vinícius de Moraes se tornaram ícones de uma geração de impecáveis compositores. Nas artes plásticas, o cenário também foi de transformação. Em 1951 ocorreu a 1ª Bienal Internacional de São Paulo, que mostrou muitas tendências e ousou na linguagem.



**Dupla afinada** Tom Jobim e Vinícius de Moraes: o som e a palavra da bossa nova

cinco anos de mandato para o presidente, garantia a liberdade de expressão e concedia ampla autonomia administrativa e política a estados e municípios.

Um ano depois, contudo, os ares democráticos já davam sinais de mudança. Primeiro, foi extinto o PCB. A medida foi tomada pelo Supremo Tribunal Federal, com base no texto constitucional que proibia a existência de partido político contrário ao regime democrático. Em seguida, o Ministério do Trabalho fechou a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), controlada por comunistas, e interveio em mais de 100 sindicatos, acusados de ser focos de agitação operária. O governo rendeu-se às pressões norte-americanas e rompeu relações com a URSS – era o começo da Guerra Fria, que opôs capitalistas e comunistas no plano internacional, obrigando os países periféricos a tomar uma posição internamente.

No plano econômico, ao contrário da política intervencionista de Getúlio, Dutra op-

tou por adotar o liberalismo, abrindo o país às importações. Entre as consequências dessa estratégia, houve um gasto exorbitante das reservas nacionais com compras de produtos ditos supérfluos dos EUA e, de certa forma, registrou-se quase que uma paralisação do processo de industrialização nacional alavancado no governo de Getúlio. Para tentar solucionar o problema da inflação, o presidente tentou organizar os gastos públicos. Lançou, então, o **Plano Salte**, prevendo investimentos em saúde, alimentação, transporte e energia. Mas a falta de recursos minou o projeto e o país continuou com seu permanente déficit social.

## A VOLTA DE GETÚLIO VARGAS (1951-1954)

Nas eleições de 1950, o “pai dos pobres” voltou ao poder, dessa vez eleito pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em seu novo mandato, continuou o processo de industrialização. Inaugurou o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) e promoveu a estatização da produção de energia elétrica. Para atender os trabalhadores urbanos, uma de suas principais bases de apoio, Getúlio flexibilizou a legislação sindical. Tudo era feito para reforçar o caráter nacionalista de seu governo.

O auge dessa política ocorreu quando o presidente enviou ao Congresso o projeto de lei que

**“BOTA O RETRATO  
DO VELHO OUTRA VEZ  
BOTA NO MESMO LUGAR  
O SORRISO DO VELHINHO  
FAZ A GENTE TRABALHAR  
EU JÁ BOTEI O MEU  
E TU, NÃO VAI BOTAR?  
JÁ ENFEITEI O MEU  
E TU VAIS ENFEITAR ?  
O SORRISO DO VELHINHO  
FAZ A GENTE TRABALHAR”**

TRECHO DE RETRATO DO VELHO (DE HAROLDO LOBO E MARINO PINTO), MARCHINHA CAMPEÃ DO CARNAVAL DE 1951 QUE CELEBRA O RETORNO DE VARGAS AO PODER



**“O petróleo é nosso”** Getúlio Vargas comemora o sucesso da campanha que culmina com a criação da Petrobras, em 1953



## REPÚBLICA LIBERAL

estabelecia o monopólio estatal sobre a perfuração e o refino do petróleo brasileiro. O texto provocou polêmica entre os nacionalistas e os “entreguistas”, os defensores da entrega da exploração do petróleo ao capital estrangeiro. Após forte campanha promovida pelo governo e intitulada “**O Petróleo é nosso**”, em 1953, a lei que criou a Petrobras foi sancionada.

A vitória governista, acrescida do êxito da greve geral por reajuste salarial que reuniu 300 mil trabalhadores em São Paulo, provocou a ira dos conservadores liderados pela UDN.

Em 1954, no Rio de Janeiro, um atentado contra o jornalista Carlos Lacerda, ferrenho opositor udenista, matou um major da Aeronáutica. Na averiguação do caso ficou comprovado o envolvimento de Gregório Fortunato, chefe da guarda presidencial de Getúlio. Depois desse episódio, o governo perdeu muito de sua base aliada, num processo conturbado que atingiu seu ápice com a divulgação de um manifesto dos militares que exigia a renúncia do presidente.

Sob pressão e abandonado politicamente, Getúlio se suicidou na manhã de 24 de agosto, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. Sua morte foi seguida de grandes manifestações populares. Considera-se que foi a imensa comoção popular que tornou totalmente desfavorável o contexto político para um eventual golpe udenista – dado como certo –, garantindo, assim, uma transição do poder dentro da legalidade.

### JUSCELINO KUBITSCHKEK (1956-1961): 50 ANOS EM 5

Com a morte do presidente, tomou posse o vice, João Café Filho. Cercado por udenistas, o novo mandatário da nação tentou conciliar os interesses dos golpistas favoráveis à ditadura, dos conservadores antigelistas e dos que queriam manter a política nacionalista de Getúlio. Nas próximas eleições presidenciais, saiu vencedor o candidato da coligação PTB-PSD, Juscelino Kubitschek, tendo como vice o ex-ministro do Trabalho de Getúlio, João Goulart.

Derrotada, a UDN tentou impedir a posse dos eleitos, em manobras como a mobilização da população e de militares antigetulistas por meio do jornal Tribuna da Imprensa, de Carlos Lacerda. Nas matérias, os udenistas diziam que os novos governantes tiveram apoio dos comunistas e incitavam os leitores a rejeitar a posse. Mas a tentativa de golpe foi frustrada por comandantes legalistas, tendo à frente o ministro da Guerra, Henrique Teixeira Lott, que mobilizou o Exército, cercando as bases aéreas e navais envolvidas com os golpistas. O presidente pôde, então, tomar posse em 1956.

Com um discurso desenvolvimentista, cujo lema era “Cinquenta anos (de progresso) em cinco (de governo)”, JK soube manobrar as diversas facções políticas e se aproximou do Exército e da Aeronáutica. Durante seu mandato, os operários ganha-

ram concessões salariais, a classe média ficou satisfeita como o progresso econômico e os setores industriais puderam ampliar sua ação por meio da facilidade de crédito.

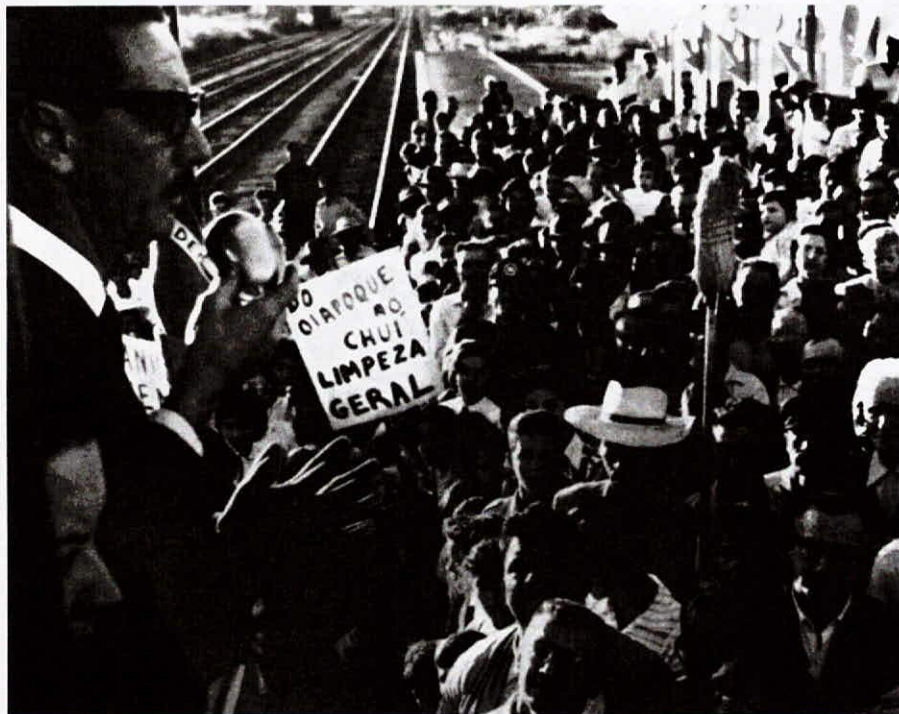
Essa relativa estabilidade política – pois nunca cessaram os arroubos da oposição udenista – foi resultado, principalmente, do enorme crescimento industrial da época. O governo JK focou a atenção no que chamou de “nacionalismo desenvolvimentista”. Apesar do nome, a política de expansão industrial do presidente não teve nada de nacionalista. Foi, pelo contrário, repleta de medidas de desnacionalização, com a abertura do mercado ao capital estrangeiro, atraído pela ampliação dos serviços de infra-estrutura. Com esses investimentos externos, JK estimulou a diversificação da economia nacional, aumentando a produção de insumos e máquinas, a fabricação de fertilizantes, o transporte ferroviário e a construção civil. Isso favoreceu, entre outras coisas, a implantação de grande pólo automobilístico na região do ABC paulista.

Para sistematizar seu projeto, o presidente lançou o Plano Nacional de Desenvolvimento. Conhecido como **Plano de Metas**, privilegiou cinco setores: energia, transporte, alimentação, indústria de base e educação. Também o desenvolvimento da Região Nordeste foi incentivado pela criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene).

Em 1957, o presidente decidiu que o Brasil deveria ter uma nova capital, que integrasse melhor todo o território e facilitasse o desenvolvimento do interior. Começou, assim, a construção de **Brasília**, meta-símbolo do governo. O projeto urbanístico foi assinado por Lúcio Costa – os principais prédios governamentais foram projetados por Oscar Niemeyer. A obra atraiu enorme quantidade de trabalhadores nordestinos, conhecidos como candangos. Três anos depois, a cidade era inaugurada, à custa de endividamento externo e emissão de moeda. Na verdade, podemos considerar que toda a política econômica de JK tenha ocasionado um endividamento externo, associado à alta da inflação e ao conseqüente arrocho salarial.

### O BREVE MANDATO DE JÂNIO QUADROS (1961)

Nas eleições de 1960, o candidato do Partido Trabalhista Nacional (PTN), Jânio Quadros, apoiado pela UDN, venceu a disputa. Era a primeira vez, desde 1945, que a coligação PTB-PSD não elegia o presidente – conseguiu apenas o vice, Jango. A derrota do candidato de JK ocorreu principalmente pelo estado em que se encontrava o país no fim de



**Vassourinha ligeira** Símbolo de sua campanha presidencial em 1960, a vassoura de Jânio Quadros durou pouco no poder





**Gota d'água** No ápice da tensão com as forças conservadoras, João Goulart reúne 300 mil pessoas em comício na Central do Brasil (RJ), em março de 1964. Pouco depois, é dado o golpe militar

seu governo: inflação alta, desvalorização da moeda e aumento do custo de vida.

O novo presidente tinha carisma e seu discurso populista conseguiu fascinar o povo. O símbolo de sua campanha foi uma vassoura, segundo ele “para varrer a corrupção”. Logo que assumiu, Jânio aplicou a austeridade na economia, restringiu o crédito e congelou os salários. Adotou uma política externa independente daquela ditada pelos EUA, em defesa da soberania nacional. Entretanto, ao manter-se neutro diante da revolução cubana, duramente criticada pelos EUA, sofreu críticas dos setores conservadores do país – atrelados à cartilha de Washington –, e a UDN rompeu definitivamente com o presidente. Pressionado com a explosão de denúncias, segundo as quais ele apoiaria o comunismo, Jânio partiu para uma medida arriscada: renunciou em agosto de 1961, na esperança de que

seus ministros militares e a população pedissem sua volta. Nenhuma força social, contudo, se mobilizou a seu favor.

A crise institucional acirrou-se na hora de passar o cargo ao vice, pois os militares e os setores conservadores não admitiam que o esquerdista João Goulart ficasse no poder. Sua posse só foi aceita após uma manobra no Congresso, que instituiu o **parlamentarismo** no país. A Constituição de 1946 foi, então, reformada, reduzindo-se os poderes do presidente em favor de um gabinete ministerial chefiado por um primeiro-ministro.

## JANGO E O GOLPE MILITAR (1961-1964)

Mesmo com poderes limitados, João Goulart aceitou a proposta. Nessa época, a situação econômica do país era difícil. O déficit governamental e a taxa de inflação cresciam mensalmente e as receitas das exportações só diminuía. A crise exigia soluções rápidas. Foi então que o ministro do Planejamento, Celso Furtado, lançou, em 1962, o **Plano Trienal** de Desenvolvimento Econômico e Social, ou somente Plano Trienal. O programa propunha uma taxa de crescimento de 7% ao ano e a redução drástica da inflação por meio de empréstimos externos e da renegociação da dívida. Mas com forte oposição no Congresso e desconfiança do empresariado nacional e estrangeiro, o plano fracassou e a inflação e o custo de vida voltaram a crescer.

Outras tentativas de reestruturação, como as **reformas de base** (agrária, bancária, eleitoral e fiscal), também não conseguiam vencer as resistências da oposição. Numa tentativa de reverter a situação, em 1963 Jango mobilizou suas forças políticas para a campanha pelo retorno do presidencialismo no novo plebiscito popular sobre a forma de governo, que já estava previsto na emenda constitucional de 1961. Com o restabelecimento do presidencialismo, Jango retomou as rédeas da nação.

Seguiu-se um período de intensa radicalização política: de um lado, greves e manifestações populares a favor das propostas do presidente; de outro, adversários de oposição, que responsabilizavam o governo pela crise econômica e acusavam Jango de estar preparando um golpe comunista. A tensão chegou ao ápice em março de 1964. No dia 13, o presidente promoveu um grande comício popular na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, com a presença de cerca de 300 mil pessoas para apoiá-lo. Seis dias depois, seus adversários reagiram com a conservadora Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que reuniu outras 200 mil pessoas numa passeata contra o governo, desta vez na cidade de São Paulo.

A queda-de-braço continuou até que, no dia 31, tropas do Exército ocuparam as ruas das principais cidades do país, destituindo Jango – que se refugiou no exílio no Uruguai – e implantando um longo e lamentável regime militar no Brasil.

## VOCÊ SABIA?

### NASCIDA GRANDE

Brasília foi construída praticamente no meio do nada. No dia da inauguração, no entanto, já havia na cidade 100 mil habitantes, 3,9 mil apartamentos construídos, uma emissora de TV, 30 farmácias, 35 agências de banco, 17 times de futebol, cinco hotéis e seis boates.



## DITADURA MILITAR



**Se correr o bicho pega** Estudante tenta fugir de policiais militares que reprimem manifestação estudantil, em junho de 1968, no centro da cidade do Rio de Janeiro

# Tempos de chumbo

Com o golpe de 1964, o Brasil passou mais de 20 anos sob os desmandos de uma ditadura militar, caracterizada pela violação dos direitos políticos e civis

**A** ditadura militar no Brasil, instaurada pelo golpe de Estado de 31 de março de 1964, durou 21 anos. Chamada por seus defensores de “Revolução”, foi marcada pela ruptura do regime democrático, por forte centralismo e autoritarismo, pela cassação dos direitos políticos de opositores e pela violação das liberdades individuais. No período, o país viveu ainda a euforia – e, mais tarde, a decepção – do “milagre econômico”.

## O GOLPE

Em 1961, o Brasil mergulhou numa agitada crise institucional causada pela renúncia do presidente Jânio Quadros, ainda no começo do mandato. O vice, João Goulart – o

Jango – sofria intensa oposição de militares e de setores conservadores e só pôde assumir o governo após uma manobra no Congresso que levou à adoção do parlamentarismo, limitando o poder do presidente em favor do primeiro-ministro. Porém, ao vencer um plebiscito popular sobre o tema, em 1963, Jango restabeleceu o presidencialismo, retomando o controle da nação.

O país enfrentou, então, um período de radicalização política, com greves e manifestações pelas **reformas de base** (agrária, bancária, eleitoral, fiscal, urbana e salarial) propostas pelo presidente. Além disso, vivia-se uma intensa crise econômica. Buscando reforçar sua base política, Goulart tentou mobilizar as massas trabalhadoras, o que le-

vou o empresariado, parte da Igreja Católica e os partidos de oposição, liderados pela União Democrática Nacional (UDN) e pelo Partido Social Democrático (PSD), a denunciar a preparação de um suposto golpe comunista, que contaria com a participação do presidente.

O cenário estava preparado. No dia 31 de março de 1964, o Exército ocupou as ruas das principais cidades do país anunciando a destituição de Goulart. O pretexto para a manobra, que recebeu apoio de grande parte da classe média e de setores importantes da elite nacional, foi o combate à “ameaça comunista”, à corrupção e à crise político-econômica brasileira. No dia 1º de abril de 1964, uma junta militar assumiu o controle da nação no lugar de Jango, que partiu para o exílio.



Seguiu-se uma onda de repressão, que atingiu entidades como a União Nacional dos Estudantes (UNE), a Central Geral dos Trabalhadores (CGT) e as Ligas Camponesas. Os militares passaram a decretar os **atos institucionais** (AI), utilizados para dar força de lei às suas ações. O primeiro deles, o **AI-1**, imposto em abril de 1964, cassou mandatos e suspendeu a imunidade parlamentar, o caráter vitalício dos cargos dos magistrados, a estabilidade dos funcionários públicos, entre outros direitos constitucionais. Com a cassação de membros da oposição, os apoiadores do golpe tornaram-se maioria no Parlamento, que referendou como próximo presidente o marechal Humberto de Alencar Castello Branco.

### CASTELLO BRANCO (1964-1967)

O militar assumiu com a promessa de que a intervenção seria curta e que o poder voltaria aos civis logo que o país superasse os problemas que levaram ao golpe. No entanto, três meses após sua posse ele promulgou a emenda constitucional que prorrogou seu mandato até 1967. Em outubro de 1965, editou o **AI-2**, que estabelecia a eleição indireta para presidente, extinguiu partidos políticos e permitia ao Executivo cassar mandatos. O presidente também instituiu o **bipartidarismo** com a Aliança Renovadora Nacional (**Arena**), de situação, e o Movimento Democrático Brasileiro (**), de oposição — ou o que sobrou dela, após as cassações — e criou o **Serviço Nacional de Informações** (**SNI**), uma espécie de polícia política.**

Em fevereiro de 1966, como resposta às pressões pelo fim do regime, foi editado o **AI-3**, tornando indiretas as eleições para governador. Em novembro, veio o **AI-4**, que fechou o Congresso e determinou as regras para a aprovação da nova Constituição, votada em janeiro de 1967. O texto incorporou os atos institucionais, ampliou os poderes do presidente e reduziu ainda mais os do Legislativo.

No plano econômico, Castello Branco implementou uma política recessiva, com seu **Plano de Ação Econômica**, cuja principal meta era conter a inflação. Para isso, cortou os gastos públicos e aumentou impostos.

### COSTA E SILVA (1967-1969)

O sucessor de Castello Branco foi o marechal Arthur da Costa e Silva, ex-ministro do Exército. Em seu mandato, a oposição se acentuou e as manifestações pelo fim do regime se multiplicaram. Em março de 1968, a morte do estudante Edson Luiz Lima Souto durante confronto com a polícia militar no Rio de Janeiro disparou nova onda de protestos e passeatas estudantis. Em junho, uma manifestação organizada pela UNE contra a ditadura, a **Passeata dos Cem Mil**, tomou o centro da capital fluminense.

Enquanto isso, o governo também era pressionado pelos militares da linha dura, que defendiam a intensificação das ações repressivas. Em setembro, num ousado discurso contra o regime, o deputado oposicionista



Ame-o ou deixe-o Ditadura investe em slogans ufanistas

Márcio Moreira Alves, do MDB, convocou, na tribuna da Câmara, a população a boicotar a parada militar de 7 de setembro. Profundamente irritados, os militares solicitaram ao Congresso licença para processar o parlamentar. Sem autorização para processá-lo, o governo fechou o Congresso e decretou o **AI-5**, iniciando a fase mais dura do regime.

As forças policiais e militares passaram a ter carta-branca para prender opositores sem precisar de acusação formal nem registro. A repressão policial aumentou, enquanto grupos radicais de esquerda se voltaram para ações de guerrilha urbana.

### MÉDICI (1969-1974)

Afastado por problemas de saúde, Costa e Silva foi substituído por uma junta militar, que governou por dois meses e realizou a própria reforma constitucional, instituindo a prisão perpétua e a pena de morte a quem praticasse ações "subversivas". Ao fim do período, os ministros reabriram o Congresso para que os parlamentares pudessem oficializar a escolha do novo presidente, o general Emílio Garrastazu Médici.

Conhecido como "**anos de chumbo**", o mandato de Médici foi caracterizado pela multiplicação das acusações de **tortura** e de **desaparecimento** de opositores. Espalharam-se pelo país os centros de tortura do regime, ligados ao Destacamento de Operações e Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi). A guerrilha urbana perdeu terreno nas capitais e tentou afirmar-se no interior, como no Araguaia, mas acabou enfraquecida e derrotada. Os

## ABUSOS INSTITUCIONAIS

No Brasil da ditadura foram impostos ao todo 17 atos institucionais. Confira os principais

**AI-1**  
(9 de abril de 1964)

Cassou mandatos e suspendeu a imunidade parlamentar, a vitaliciedade dos magistrados, a estabilidade dos funcionários públicos e outros direitos constitucionais.

**AI-2**  
(27 de setembro de 1965)

Estabeleceu a eleição indireta para presidente, extinguiu partidos políticos e permitiu ao Executivo cassar mandatos.

**AI-3**  
(5 de fevereiro de 1966)

Fixou eleições indiretas para governador, vice-governador, prefeito e vice-prefeito.

**AI-4**  
(7 de dezembro de 1966)

Fechou o Congresso e determinou as regras para a aprovação da nova Constituição.

**AI-5**  
(13 de dezembro de 1968)

Deu ao presidente plenos poderes para cassar mandatos, suspender direitos políticos, demitir e aposentar juizes e funcionários; acabou com a garantia do habeas-corpus; ampliou e endureceu a repressão policial e militar.



## DITADURA MILITAR



**Palco de protestos** Concentrados nas escadarias do Teatro Municipal, no Rio de Janeiro, atores, como Paulo Autran e Tônia Carreiro (ao centro), participam de manifestação contra a censura

dirigentes de esquerda Carlos Marighella e Carlos Lamarca foram mortos nessa época.

Enquanto isso, o regime apelava ao **ufanismo**, tentando criar a imagem do “Brasil Grande” com projetos megalomânicos como a rodovia Transamazônica e slogans do tipo “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Como

**“COMO BEBER DESSA BEBIDA AMARGA / TRAGAR A DOR, ENGOLIR A LABUTA / MESMO CALADA A BOCA, RESTA O PEITO / SILÊNCIO NA CIDADE NÃO SE ESCUTA / DE QUE ME VALE SER FILHO DA SANTA / MELHOR SERIA SER FILHO DA OUTRA / OUTRA REALIDADE MENOS MORTA / TANTA MENTIRA, TANTA FORÇA BRUTA**

**PAI, AFASTA DE MIM ESSE CÁLICE PAI, AFASTA DE MIM ESSE CÁLICE PAI, AFASTA DE MIM ESSE CÁLICE DE VINHO TINTO DE SANGUE”**

TRECHO DE CÁLICE, DE CHICO BUARQUE E GILBERTO GIL. A MÚSICA FAZ UM JOGO DE PALAVRAS ENTRE O SUBSTANTIVO “CÁLICE” E A ORDEM DE “CALE-SE”, NUMA ALUSÃO À REPRESSÃO IMPOSTA PELO REGIME MILITAR

trunfo, o governo alardeava o vigor da economia. De fato, entre 1969 a 1973, o Brasil viveu o **“milagre econômico”**, crescendo, em média, 11,1% ao ano. Tal pujança se deveu, entre outros fatores, a uma política de investimentos no setor financeiro, a subsídios e incentivos fiscais para a indústria e agricultura, à imposição de um arrocho salarial, ao apoio às exportações e a intensos empréstimos no exterior. A euforia começou a se transformar em decepção com a crise do petróleo, em 1973, e a alta dos juros internacionais. Uma das consequências da política governamental, por exemplo, foi o salto vertiginoso da dívida externa no período, que passou de 3,5 bilhões para 17 bilhões de dólares.

#### GEISEL (1974-1979)

O presidente seguinte, general Ernesto Geisel, enfrentou dificuldades econômicas e políticas. Era o fim do milagre e a oposição se fortalecia, provocando temores na cúpula militar pela estabilidade do regime. Diante do contexto adverso, o governo decidiu iniciar um processo de liberalização controlada e Geisel anunciou o projeto de **abertura política “lenta, gradual e segura”**.

Ela, de fato, foi lenta e teve grandes solavancos. Apesar da diminuição das denúncias de tortura e da suspensão da censura prévia à imprensa, em outubro de 1975 o jornalista Vladimir Herzog foi encontrado morto nas dependências do Exército, em São Paulo. Segundo a versão oficial, tratou-se de suicídio, mas protestos e manifestações públicas denunciavam a morte por tortura.

Um ano depois, foi editada a **Lei Falcão**, que proibia o debate político na rádio e na TV. Mesmo assim, a oposição venceu as eleições legislativas. O MDB ampliou sua bancada de 12% para 30% no Senado. Na Câmara, o salto foi de 28% para 44%.

Em 1977, ante a iminência de nova derrota eleitoral, Geisel fechou temporariamente o Congresso e editou um conjunto de regras eleitorais conhecido como **Pacote de Abril**. Entre as principais mudanças estavam a ampliação das bancadas do Norte e do Nordeste na Câmara dos Deputados — o que garantia maioria parlamentar à Arena —, o aumento do quórum para mudar a Constituição de 50% dos parlamentares para mais de dois terços (o que seria decisivo, em 1984, para a não aprovação das Diretas Já) e a criação do senador biônico: dos três senadores de cada estado, um passou a ser escolhido pelos deputados estaduais.



Em 1977, o regime assistiu ao ressurgimento do movimento estudantil e das greves. No ABC paulista, nasceu o movimento metalúrgico, liderado pelo torneiro-mecânico Luiz Inácio da Silva. Em 1979, Geisel enviou ao Congresso emenda constitucional que acabava com o AI-5 e restaurava o habeas-corpus. Com isso, abriu caminho para a volta gradual da democracia.

### FIGUEIREDO (1979-1985)

A gestão do general João Figueiredo manteve o processo de abertura que culminaria na redemocratização. Em 1979, o presidente decretou a **lei da anistia**, que permitiu a libertação e a volta ao país dos opositores do regime. Entretanto, de acordo com a mesma lei, a anistia era ampliada aos próprios militares, que não poderiam ser processados pelos crimes cometidos durante a ditadura. No mesmo ano, o **pluripartidarismo** foi restabelecido e, em 1980, desapareceu a figura do senador bônico e foram restabelecidas as eleições diretas para governador.

No pleito de 1982, foram eleitos 12 governadores pelo partido alinhado ao governo e dez pelas legendas de oposição, entre eles, os governantes dos principais estados do país, como São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Além disso, a oposição garantiu maioria na Câmara Federal. Mas faltava ainda restabelecer a eleição direta para presidente da República.

O sucessor de Figueiredo deveria ser escolhido pelo Colégio Eleitoral em novembro de 1984. Um ano antes, porém, o deputado oposicionista Dante de Oliveira (PMDB-MT) apresentou uma emenda à Constituição que previa o restabelecimento das eleições diretas para a Presidência. Ao mesmo tempo que a emenda tramitava no Congresso, a campanha ganhava as ruas de todo o país: eram as **Diretas Já**, e chegou a reunir 1,7 milhão de pessoas em São Paulo. Mas, apesar disso, a Emenda Dante de Oliveira não obteve os dois terços necessários para sua aprovação.

O regime, contudo, estava definitivamente abalado. O PMDB e uma dissidência do PDS, ligado à ditadura, formaram a Aliança Liberal e lançaram o governador de Minas Gerais Tancredo Neves como candidato a presidente no Colégio Eleitoral. Em janeiro de 1985, ele obteve a maioria com 480 votos, contra 180 de Paulo Maluf, do PDS. Tancredo, porém, adoeceu três dias antes da posse e morreu sem assumir. A Presidência foi ocupada pelo vice José Sarney, cuja posse, em 15 de março de 1985, marcou o fim do longo regime militar no Brasil. ||



O povo unido Milhares tomam as ruas do país na campanha das Diretas Já. Acima, comício no Rio de Janeiro, em 1984

## HISTÓRIA HOJE

### "SIGILO ETERNO"

A investigação dos crimes do regime militar até hoje não foi realizada. A reticência do governo federal em vasculhar os arquivos da ditadura explica-se pelo cuidado em não entrar em choque com os militares. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso criou, no fim de seu segundo mandato, uma lei com o conceito de "sigilo eterno" para documentos com o carimbo de "ultra-secreto". O atual presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, mudou a lei, mas manteve a possibilidade de não haver acesso a alguns papéis, se assim as autoridades quiserem. Em 2007, por exemplo, embora tenha concordado em abrir parte dos documentos do SNI, a União não liberou os papéis considerados ultra-secretos. Assim, a abertura dos arquivos confidenciais fica parada na Justiça, com o governo recorrendo aos processos abertos por parentes das vítimas do terror.





**Retorno da lei** Em sessão presidida pelo deputado Ulysses Guimarães, o Congresso promulga a Constituição de 1988, marcada pela ampliação dos direitos individuais e coletivos

# De volta à democracia

Com o término da ditadura, os governos que se seguiram se pautaram pela busca de solidificar o regime democrático e pelas tentativas – a maioria frustrada – de acertar a economia do país

Com o fim do regime militar, o Brasil voltou a escolher diretamente seus governantes. Os presidentes que se seguiram à ditadura tentaram resolver a profunda crise econômica que emperrava o crescimento do país, adotando uma sequência de planos econômicos, muitos infrutíferos e, como se viu mais tarde, com fins eleitoreiros. Na área social permaneceu a imensa desigualdade entre ricos e pobres.

## JOSÉ SARNEY (1985-1990)

Em 1985, Tancredo Neves elegeu-se presidente pelo Colégio Eleitoral. Na véspera da posse, porém, foi internado com graves problemas no aparelho digestivo. O vice, José Sarney, assumiu o cargo, a princípio interinamente. Com a morte de Tancredo, contudo, Sarney tornou-se o primeiro presidente civil após 21 anos de regime militar.

A partir da administração Sarney, o período da história republicana passou a ser conhecido como **Nova República**, título que, à época, designava o programa da Aliança Democrática, formada pela Frente Liberal (dissidentes do PDS) e pelo PMDB. Os desafios iniciais do presidente não eram poucos: realizar a reforma constitucional, estabilizar a economia e retomar o crescimento. Tudo num quadro de recessão e de inflação alta. Primeiramente, Sarney revogou a legislação autoritária herdada dos

governos militares, tomando medidas como o restabelecimento da eleição direta para a Presidência da República e a oficialização de partidos políticos, incluindo o PCB e o PC do B.

Para tentar conter a crise econômica, o presidente lançou, em 1986, o **Plano Cruzado**, de combate à inflação. O cruzeiro foi substituído pela nova moeda, o cruzado, os preços foram congelados e os salários, reajustados. A estratégia alcançou bons resultados no início, garantindo altos índices de popularidade ao governo. Por todo o país, por exemplo, consumidores incorporaram o slogan de “fiscals do Sarney” para vigiar se o congelamento de preços era respeitado.

Porém, como os ajustes necessários no plano foram protelados para não prejudicar os candidatos do governo nas eleições – pois revelariam as falhas no modelo –, a economia se desequilibrava. Até o fim do mandato, Sarney apresentou mais três programas de estabilização: os planos **Cruzado II** – dias após a vitória arrasadora do governo nas eleições de 1986 –, **Bresser e Verão**, sem sucesso. No último ano do governo, a inflação havia explodido e ameaçava sair de controle ao ultrapassar estrondosos 80% ao mês.

Em 1987, o Congresso se reuniu em Assembleia Nacional Constituinte para a elaboração da **nova Constituição**, promulgada em 1988. Entre as principais conquistas da Carta estava a ampliação dos direitos individuais e coletivos, como as garantias de proteção à mulher, ao idoso, aos índios e à criança e ao adolescente. Além disso, o território de Roraima foi transformado em estado por determinação constitucional, sendo estabelecida ainda a divisão do estado de Goiás, com sua parte norte dando origem ao Tocantins.

## FERNANDO COLLOR DE MELLO (1990-1992)

O pleito para a sucessão de Sarney, em 1989, foi a primeira eleição direta para a presidência desde 1960. O ex-governador de Alagoas Fernando Collor de Mello venceu, no segundo turno – sobretudo por causa do apoio de setores da mídia, como a Rede Globo –, o rival Luiz Inácio Lula da Silva, um dos fundadores do PT. Entre as promessas de campanha de Collor estavam o fim da inflação e a modernização econômica.

**“O PLANO CRUZADO CONSTITUI UMA IMPRUDÊNCIA QUE, FATALMENTE, LEVARÁ O PAÍS AO CAOS ECONÔMICO E À MISÉRIA SOCIAL.”**

LEONEL BRIZOLA, EX-GOVERNADOR DO RIO DE JANEIRO, AO CRITICAR, EM MARÇO DE 1986, O PLANO ECONÔMICO LANÇADO PELO ENTÃO PRESIDENTE JOSÉ SARNEY



Logo que assumiu a Presidência, em janeiro de 1990, Collor lançou seu programa de estabilização, o **Plano Collor**, baseado num inédito confisco monetário, inclusive de contas-correntes e de poupanças, e o congelamento de preços e salários. Tais medidas visavam a conter a demanda, numa visão equivocada dos fatores inflacionários. A inflação, contudo, continuou a crescer: em fevereiro, por exemplo, ultrapassou 70% e, em março, atingiu mais de 80%.

A situação se agravou com o surgimento de suspeitas de envolvimento de ministros e altos funcionários em uma grande rede de corrupção. Em abril de 1992, Pedro Collor, irmão do presidente, denunciou o "esquema PC" de tráfico de influência e irregularidades financeiras, organizado pelo empresário Paulo César Farias, amigo de Collor e tesoureiro de sua campanha eleitoral. Em maio, o Congresso instalou uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) para averiguar o caso e, comprovadas as acusações, votou o **impeachment** (destituição) presidencial. Em outubro, o presidente foi afastado e seu vice, Itamar Franco, assumiu interinamente. Durante o julgamento no Senado, Collor renunciou. Mesmo assim, a sessão prosseguiu e ele teve os direitos políticos cassados por oito anos.

## ITAMAR FRANCO (1992-1995)

Em dezembro de 1992, Itamar Franco assumiu a Presidência em caráter definitivo e governou com altos índices de popularidade. No primeiro ano de seu mandato foi realizado um **plebiscito** para a escolha da forma e do sistema de governo no Brasil, que manteve o regime republicano e presidencialista.

No campo econômico, continuavam as mesmas dificuldades no combate à inflação. Os ministros da Fazenda sucederam-se até que Fernando Henrique Cardoso assumiu o cargo. Em julho de 1994, ele anunciou o **Plano Real**, novo projeto econômico antiinflacionário que, entre outras disposições, mudou o nome da moeda para real, com valor cambial fixado em estreita paridade com o dólar. O relativo sucesso do plano fez Fernando Henrique famoso e abriu espaço para sua vitoriosa candidatura nas eleições seguintes.

## FERNANDO HENRIQUE CARDOSO (1995-2003)

Apresentado como idealizador do Plano Real, FHC elegeu-se presidente no primeiro turno. Em segundo lugar ficou Luiz Iná-

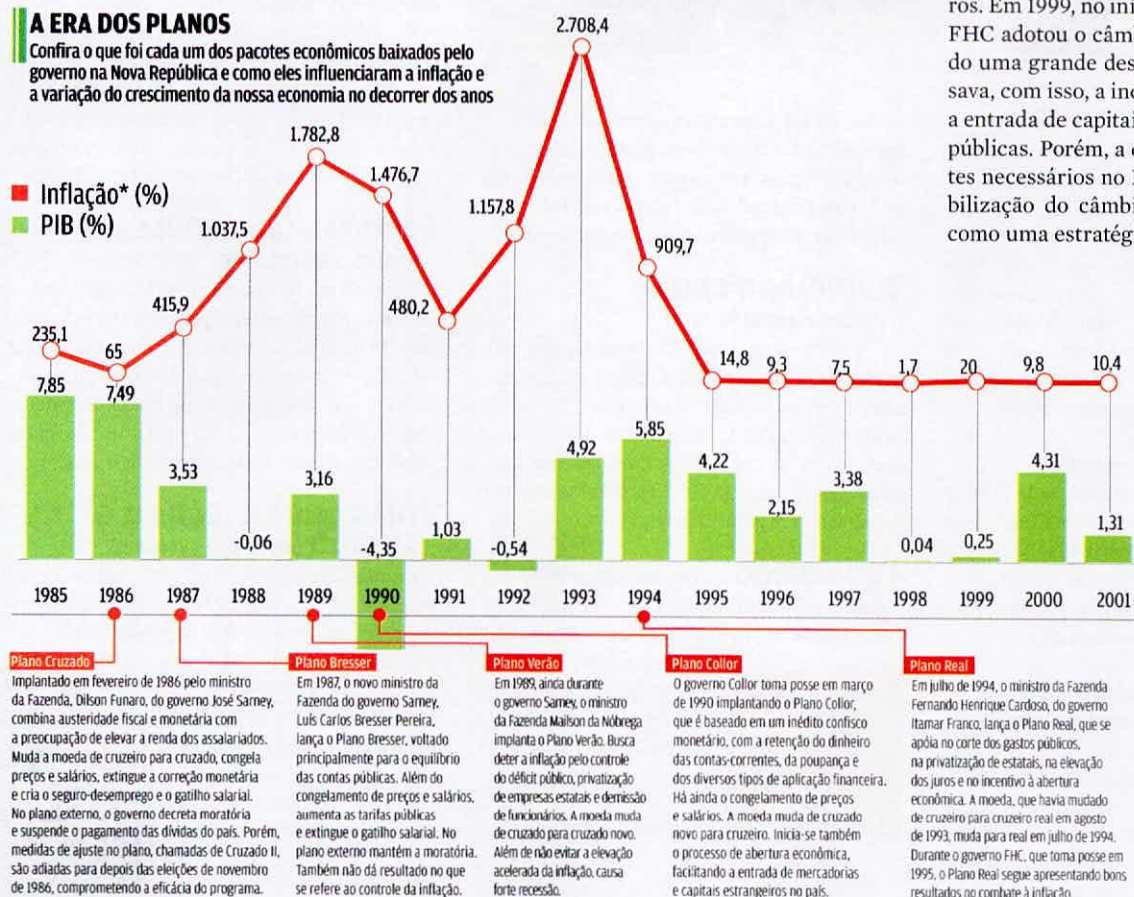
cio Lula da Silva, do PT. As principais medidas de seu governo focavam a estabilidade econômica e as reformas constitucionais para atrair investimentos estrangeiros. Tudo de acordo com a **política neoliberal**, que defende a intervenção mínima do Estado na economia, com medidas como a **privatização** de empresas estatais. A Companhia Vale do Rio Doce, por exemplo, uma das mais lucrativas do setor no mundo, foi vendida à iniciativa privada durante o mandato de FHC, num processo até hoje cercado de polêmica – os críticos da política de privatização de FHC o acusam de ter vendido a "preço de banana" importantes empresas nacionais.

Em 1997, ano anterior às novas eleições, o governo concentrou seus esforços na aprovação da emenda que permitia a reeleição de FHC. Em 1998, após vencer novamente o pleito em primeiro turno, o presidente deu continuidade ao Plano Real, promovendo ajustes econômicos para manter a inflação em níveis baixos. Mas surgiram sinais de recessão, o que levou o governo a adotar uma série de medidas para estancar a saída de divisas. A principal foi o aumento da taxa de juros. Em 1999, no início do segundo mandato, FHC adotou o câmbio flutuante, promovendo uma grande desvalorização do real – visava, com isso, a incentivar as exportações e a entrada de capitais e a equilibrar as contas públicas. Porém, a demora em fazer os ajustes necessários no Plano Real, como a flexibilização do câmbio, também foi criticada como uma estratégia eleitoreira para garantir a vitória nas eleições de 1998.

Em seu último ano no poder, FHC enfrentou duras críticas pela alta do dólar e pelo endividamento público. De fato, se o Plano Real trouxe benefícios, como o controle da inflação, também aprofundou o desemprego, a desnacionalização da economia e a concentração de renda. O desgaste de FHC garantiu o trunfo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no pleito presidencial de 2002 sobre o candidato governista José Serra.

## A ERA DOS PLANOS

Confira o que foi cada um dos pacotes econômicos baixados pelo governo na Nova República e como eles influenciaram a inflação e a variação do crescimento da nossa economia no decorrer dos anos



\* IGP-DI Fonte: Banco Central



# História animada

Muitos dos temas recorrentes nos vestibulares já serviram de inspiração para cineastas, compositores, sites, jogos e quadrinhos. Confira a seleção a seguir e aprenda um pouco mais enquanto você relaxa

## FILMES, SÉRIES E DOCUMENTÁRIOS

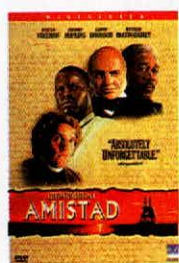


### 1492 - A CONQUISTA DO PARAÍSO (Ridley Scott, 1992)

O filme relata a viagem do navegador genovês Cristóvão Colombo que, tentando chegar às Índias, aportou do outro lado do oceano: na América. Em ritmo vibrante, as cenas descrevem desde os percalços por que passou a expedição de Colombo, como os motins da tripulação, até o profundo choque cultural entre europeus e índios nativos. Um bom retrato dos meandros da expansão marítimo-comercial europeia.

### ROMA (1ª Temporada - 6 DVDs)

Trata-se da série exibida pela rede HBO e co-produzida pela BBC britânica. Com trama amarrada pela vida de dois soldados da Legião Romana, a produção mostra a política na época da República e os eventos que precederam a formação do Império Romano.



### AMISTAD (Steven Spielberg, 1997)

O tortuoso processo para dar fim à escravidão nos Estados Unidos é retratado neste filme por meio de um fato verídico: o julgamento de dezenas de africanos que,

em 1839, são presos após matar quase toda a tripulação do navio negreiro espanhol La Amistad. As divergências entre abolicionistas e escravistas no tribunal refletem o contexto que levará à eclosão da Guerra de Secessão no país em 1861.

### GIORDANO BRUNO (Giuliano Montaldo, 1973)

O roteiro narra um dos episódios mais marcantes da História, a execução do matemático, astrônomo e filósofo renascentista Giordano Bruno. A Inquisição determinou que ele fosse queimado vivo por defender teorias contrárias aos dogmas da Igreja Católica. Um forte retrato da intolerância política e religiosa do período.

### QUILOMBO (Carlos Diegues, 1986)

Principal comunidade formada por escravos fugidos no Brasil, o Quilombo dos Palmares ganha vida nesta ficção, que conta com trilha sonora composta por Gilberto Gil. Interessante para se conhecer a rica – e dolorosa – história de Palmares: sua organização social, política e econômica; o papel de Zumbi como



líder do grupo; e como se deram as ofensivas das autoridades oficiais contra o quilombo.

### BAILE PERFUMADO (Paulo Caldas e Lirio Ferreira, 1997)

A trajetória de Virgulino Ferreira, o Lampião, é retomada neste filme a partir da história real do libanês Benjamin Abrahão, que, na década de 1930, percorreu o sertão nordestino filmando o cotidiano do bando do cangaceiro. Importante registro histórico, as imagens captadas pelo libanês ajudam a compreender o vigoroso e até hoje polêmico universo do cangaço.

### TERRA E LIBERDADE (Ken Loach, 1995)

A obra conta a trajetória de um jovem inglês que, durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), vai para a Espanha lutar contra as forças golpistas do general Francisco Franco. Uma boa pedida para entender o sangrento conflito entre os partidários de Franco – que foram apoiados pelos regimes de Hitler e Mussolini – e a frente republicana, formada por socialistas e liberais.

### A BATALHA DO CHILE (Patrício Guzman, 1979)

Dividido em três partes, este aclamado documentário aborda um dos períodos mais dramáticos da história chilena: o governo socialista de Salvador Allende e a reação de setores conservadores que, em 1973, culminou no golpe comandado por Augusto Pinochet e na instalação de uma longa e violenta ditadura militar no Chile.

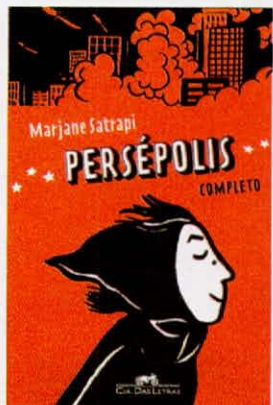
### DIAS QUE ABALARAM O MUNDO (Kit com três volumes)

Produzida pela rede BBC e trazida ao Brasil pela revista *Aventuras da História*, a coleção traz uma série de documentários sobre fatos decisivos da história mundial. Desde 2004 são lançados DVDs acerca de temas variados. O kit mais recente conta com episódios sobre as duas guerras mundiais e a Revolução Islâmica no Irã, entre outros tópicos. Um mapeamento instigante do que de mais importante ocorreu ao longo dos séculos.





## II QUADRINHOS



### II PERSÉPOLIS (de Marjane Satrapi)

COMPANHIA DAS LETRAS, 352 PÁGINAS, 39 REAIS  
(PREÇO DO VOLUME ÚNICO)

Nessa auto-biografia em quadrinhos, a iraniana Marjane Satrapi relata suas memórias de infância, durante a Revolução Islâmica em 1979, quando tinha apenas dez anos. Os quadrinhos são uma bela viagem pelas questões subjetivas da personagem e pelos mais importantes eventos do Irã nos últimos 25 anos. A obra também chegou ao cinema como uma animação.

### II ADOLF (de Osamu Tezuka)

EDITORAL CONRAD, 28 REAIS (PREÇO MÉDIO POR VOLUME) – SÉRIE DE CINCO VOLUMES

Às vésperas da II Guerra Mundial, dois garotos chamados Adolf – um filho de um diplomata nazista e outro de origem judia –

descobrem um segredo sobre seu xará mais famoso que pode mudar os rumos da história: Hitler seria judeu. Apesar de ser uma ficção, a trama ajuda a entender a realidade da época, mostrando, por exemplo, como o fôhrer hipnotizava multidões com seus discursos. Linhas do tempo com fatos reais ajudam a contextualizar a trama.

### II GORAZDE (de Joe Sacco)

EDITORAL CONRAD, 232 PÁGINAS, 37 REAIS

Espécie de reportagem em quadrinhos, a obra apresenta um retrato cru da selvagem guerra civil na ex-Iugoslávia, que se despedaçou a partir do início dos anos 1990. Gorazde – uma pequena cidade próxima à fronteira da Sérvia – foi palco de sangrentos massacres, o que levou à intervenção da ONU na região.

### II CASA GRANDE & SENZALA

(de Gilberto Freyre, adaptação de Estevão Pinto)

EDITORAL GLOBAL, 64 PÁGINAS, 39 REAIS

Trata-se da versão em quadrinhos do livro de Gilberto Freyre que figura entre os clássicos da sociologia do Brasil. Como na obra original do sociólogo, a linguagem da HQ é um convite a um passeio pela história da sociedade brasileira.

### II CHALAÇA, O AMIGO DO IMPERADOR

(de André Diniz e Antônio Eder)

EDITORAL CONRAD, 88 PÁGINAS, 25 REAIS

A HQ conta a história de Francisco Gomes da Silva, o Chalaça, homem de confiança de Dom Pedro I. Sempre dos bastidores, ele assessorava o imperador em quase tudo. Como nas ocasiões em que o monarca mulhengo acabava misturando seus romances com negócios de estado.

## II SITES

### II PANORAMA HISTÓRICO

Bem organizado e didático, o site oferece uma visão global dos principais eventos ocorridos no Brasil e no Mundo, além de disponibilizar bom conteúdo sobre temas importantes da atualidade, como os conflitos no Oriente Médio.

WWW.HISTORIANET.COM.BR

### II REDE DE HISTÓRIAS

O History World (*em inglês*) – do governo britânico – oferece mais de 400 tópicos de pesquisa. Mas o melhor é sua apresentação, com capítulos interligados por regiões, épocas, ou pelo modo como os movimentos históricos se entrelaçam.

WWW.HISTORYWORLD.NET

### II TRÊS PRESIDENTES EM UM

No site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas, pode-se passear pe-

los governos de Getúlio Vargas, João Goulart e Juscelino Kubitschek.

WWW.CPDOR.FGV.BR/COMUM/HTM

### II CANUDOS VIRTUAL

Trata-se do maior depósito na internet de fotos sobre o embate entre Antônio Conselheiro e as forças republicanas, em 1896 e 1897. Também disponibiliza transcrições de documentos raros, como a certidão de batismo do líder messiânico.

WWW.CANUDOS.PORTFOLIO.COM.BR

### II VOZES DO PASSADO

Repleto de raridades, o Free Info Society (*em inglês*) disponibiliza áudios de discursos que marcaram a história, como o do presidente dos EUA Franklin Roosevelt declarando guerra ao Japão na II Guerra ou o de Che Guevara falando da importância do trabalho voluntário em Cuba.

WWW.FREEINFOSOCIETY.COM/SITE.PHP?POSTNUM=460

## II JOGOS

### II SHOW DE BOLA

O site The Sport of Life and Death (*em inglês*) mescla história e cultura das civilizações pré-colombianas na América, como os maias e os astecas. Mas o foco é o surpreendente – e sangrento – “jogo de bola” mesoamericano, o mais antigo esporte da história.

WWW.BALLGAME.ORG

### II IMPÉRIOS DO MUNDO



O Age of Empires III (*em inglês*), continuação do badado jogo de mesmo nome, permite que os jogadores entrem na pele de colonizadores de várias potências europeias durante a conquista do Novo Mundo.

WWW.AGEOFEMPIRES3.COM



# É MENTIRA, CAMARADA!

Montagens e adulterações mostram como Stálin usou a fotografia - e uma eficiente máquina de propaganda política - para alterar o passado e varrer seus inimigos da história



## O FANTASMA DA REVOLUÇÃO



Defensor da "internacionalização" da revolução comunista, Leon Trotsky (batendo continência, na foto ao lado) era uma pedra na bota de Josef Stálin, que pretendia consolidar o poder "apenas" no Estado soviético. Expulso da União Soviética em 1925, Trotsky acabou assassinado em 1940, no México e foi, pouco a pouco, apagado de documentos e fotografias (veja a foto acima)

## MEMÓRIA APAGADA



Em 1924, após a morte de Lênin, principal líder da revolução bolchevique de 1917, Trotsky e Stálin passaram a dividir a influência sobre o partido comunista que, na prática, governava a União Soviética. Depois de intensa disputa interna, em 1925, Stálin assumiu o poder e tratou de eliminar a memória do rival. Numa das imagens mais famosas da revolução, Lênin discursa em frente ao Teatro Bolshoi em 1920, durante a guerra civil russa. Repare que Trotsky, que aparece acima nos degraus do palanque, desapareceu (na foto à esquerda)



## FALSA INTIMIDADE

Aparecer ao lado de Lênin era uma forma de posar como seu legítimo sucessor e de herdar a popularidade do líder. Stálin mandou produzir estátuas, pinturas e fotos falsas (como na imagem acima), forjando uma proximidade entre os dois que nunca existiu





## QUATRO, TRÊS, DOIS, UM

A partir de 1934, a União Soviética viveu o período conhecido como o “Grande Terror” em que adversários declarados, potenciais ou mesmo suspeitos de oposição ao regime foram perseguidos.

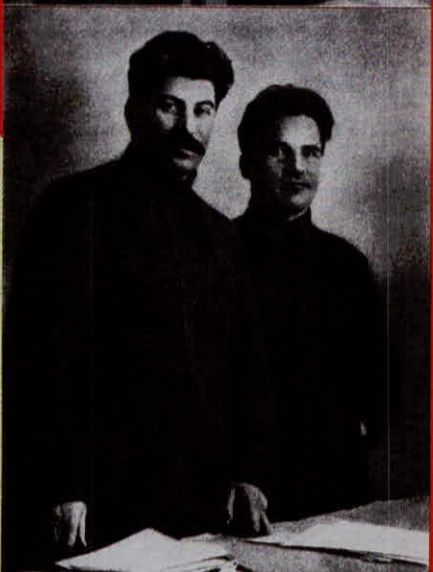
Em menos de dez anos, ocorreram cerca de 800 mil assassinatos políticos. Entre essas vítimas havia muitos líderes e companheiros de outros tempos. A foto ao lado mostra a cúpula do partido comunista em 1926: ao lado de Stálin, estão Nikolai Antipov, Sergei Kirov e Nikolai Shvernik.

Com os sucessivos expurgos, eles foram sumindo um a um, até que sobrasse apenas Stálin numa pintura a óleo inspirada nas fotografias.



## PUBLICIDADE COMUNISTA

Adulterar fotos era uma prática anterior ao governo de Stálin. Em 1917, o cartão-postal de uma passeata de soldados em Petrogrado (acima, à direita) teve a placa ao fundo alterada. A frase “Relógios - prata e ouro” foi trocada para “Lute pelos seus direitos”. E a bandeira antes ilegível passou a dizer “Abaixo a monarquia. Longa vida à república!”



## CENSURA DENTRO DE CASA



O comissário do partido Nikolai Yezhov, executado pela polícia secreta em 1940, desapareceu da foto oficial ao lado de Stálin (ao lado). Seus familiares, com medo de ter o mesmo fim, riscaram sua foto dos álbuns de família (abaixo, à esquerda).

O fotógrafo Alexander Rodchenko, autor de *Dez Anos no Uzbequistão*, teve de pintar com tinta preta o rosto de todas as pessoas indesejadas para que sua obra pudesse ser publicada (abaixo).





# Prove que você sabe

É hora de conferir se você está pronto para mandar bem no vestibular. O simulado a seguir teve questões preparadas especialmente para esta publicação pelos professores do **curso Objetivo**. A partir da página 161, cada questão está respondida e explicada, para você aprender ainda mais. Boa sorte!

## QUESTÕES

### QUESTÃO 1

O Período Clássico da civilização grega corresponde ao século V a.C., quando Atenas alcançou seu apogeu. Essa fase de esplendor da Grécia Antiga pode ser delimitada, respectivamente:

- a) pela chegada dos dórios ao território da Grécia e pela Primeira Diáspora Grega.
- b) pela formação das primeiras cidades-Estado e pela Segunda Diáspora Grega.
- c) pelas Guerras Médicas e pelo início da Guerra do Peloponeso.
- d) pela Época de Péricles e pela conquista da Grécia por Felipe da Macedônia.
- e) pela formação da Liga de Delos e pela morte de Alexandre Magno.

### QUESTÃO 2



Na Antiguidade, os romanos estenderam sua dominação por grande parte do mundo conhecido, desde a Península Ibérica até a Mesopotâmia. Vários fatores contribuíram para dar solidez a essa estrutura, cuja porção ocidental somente desmoronaria em 476 d.C., por

força das invasões germânicas. Um fator decisivo foi:

- a) o duro tratamento imposto pelos romanos às populações conquistadas, visando submetê-las pelo terror.
- b) a romanização dos povos conquistados, que se concluiu com sua incorporação à cidadania romana.
- c) o respeito aos costumes dos povos conquistados, dando origem a um império pluricultural.
- d) a ação unificadora do Direito Romano, que equiparava os estrangeiros aos cidadãos.
- e) a facilidade com que os patrícios absorveram elementos provenientes de outras camadas sociais.

### QUESTÃO 3

A Igreja teve extraordinária influência no sistema feudal que caracterizou a Europa Ocidental durante a maior parte da Idade Média. Coube a essa instituição proporcionar o ordenamento ideológico e social do feudalismo, interferindo até mesmo nos assuntos políticos. Assinale a alternativa que retrata a influência política da Igreja no período citado.

- a) A supremacia do poder temporal sobre o espiritual, visando colocar a Igreja sob a proteção do Estado.
- b) A criação de ordens religiosas militares, destinadas a defender a autoridade dos reis.
- c) A abertura das bibliotecas monásticas ao público leigo, para difundir o conhecimento da doutrina católica.
- d) A criação das ordens mendicantes, cujo exemplo de pobreza acabaria influenciando a alta hierarquia eclesiástica.

- e) A imposição da “trégua de Deus” e da “paz de Deus”, que visavam reduzir a violência dos conflitos da época.

### QUESTÃO 4

Assinale a alternativa que contém somente nomes ligados ao Renascimento.

- a) Erasmo, Thomas Morus e Montesquieu.
- b) Maquiavel, Hobbes e Da Vinci.
- c) Miguel Ângelo, Dante e Newton
- d) Tomás de Aquino, Gil Vicente e Shakespeare.
- e) Camões, Rafael e Cervantes.

### QUESTÃO 5

A Reforma foi um importante acontecimento do início dos Tempos Modernos, com reflexos em todos os aspectos da vida européia. Uma implicação econômica relevante produzida pela Reforma foi:

- a) o esforço de adequar a doutrina cristã ao capitalismo nascente, encontrando justificativas para certas práticas inerentes a esse sistema.
- b) a condenação à usura, cuja prática entravava o desenvolvimento do capitalismo, devido aos altos juros cobrados pelos prestamistas.
- c) a tentativa de restabelecer certos valores ligados ao cristianismo primitivo, com destaque para a renúncia aos bens materiais.
- d) a ênfase dada à acumulação de riquezas, independentemente dos métodos que fossem empregados em sua aquisição.
- e) a retomada do antigo conceito bíblico de que o trabalho era um castigo divino, não devendo portanto ser entendido como gerador de riqueza.

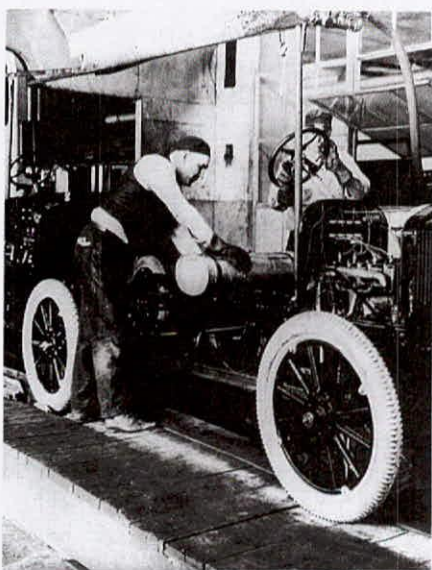


### QUESTÃO 6

Jean-Jacques Rousseau foi um destacado filósofo iluminista cujas idéias, sob certos aspectos, conflitavam com os demais pensadores de seu tempo. Assinale a alternativa que apresenta uma dessas discordâncias.

- a) No plano social, Rousseau defendia os privilégios da aristocracia, enquanto os demais iluministas propunham a igualdade dos cidadãos perante a lei.
- b) No plano religioso, Rousseau defendia o ateísmo, enquanto os demais iluministas propunham uma religião baseada no culto à Natureza.
- c) No plano cultural, Rousseau defendia a limitação do ensino às classes abastadas, enquanto os demais iluministas propunham a democratização das escolas.
- d) No plano político, Rousseau defendia o predomínio da vontade geral, enquanto os demais iluministas eram partidários do governo de uma minoria esclarecida.
- e) No plano filosófico, Rousseau defendia o predomínio da fé sobre a razão, enquanto os demais iluministas propunham exatamente o contrário.

### QUESTÃO 7



Por volta de 1760, a Inglaterra era o país europeu que reunia as condições mais favoráveis ao início da Revolução Industrial. Além dos fatores técnicos (utilização da máquina a vapor e desenvolvimen-

to da metalurgia), o país contava com importantes fatores econômicos, sociais e políticos para a ocorrência daquele evento. Esclareça que fatores eram esses.

### QUESTÃO 8

Por que Lenin, quando implantou a Nova Política Econômica (NEP), em 1921, declarou que estava “dando um passo atrás para depois dar dois à frente”?

### QUESTÃO 9

Assinale a alternativa que não corresponde a uma característica dos regimes totalitários de direita (fascismos).

- a) Nacionalismo.
- b) Militarismo.
- c) Liberalismo.
- d) Expansionismo.
- e) Anticomunismo.

### QUESTÃO 10

“Para obter a liberdade de nosso país, estamos dispostos a derramar nosso sangue, não o vosso.” Esta frase do Mahatma Gandhi foi dirigida aos ingleses e reflete a peculiaridade da luta desse líder pela independência da Índia. Assinale a alternativa que contém princípios defendidos por Gandhi em sua campanha nacionalista.

- a) Religiosidade e transcendentalismo.
- b) Ação sindical e greves pacíficas.
- c) Desobediência civil e resistência passiva.
- d) Tolerância e submissão.
- e) Individualismo e pressão moral.

### QUESTÃO 11

A crise do socialismo, que se manifestou a partir de meados dos anos 80, varreu todo o Leste Europeu, levando ao fim da “Cortina de Ferro” e à desintegração da própria União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O desmantelamento do mundo comunista desencadeou um processo de fragmentação política que deu origem a diversos estados soberanos, alguns dos quais jamais haviam tido vida independente. Esse é o caso de cinco ex-repúblicas soviéticas localizadas na Ásia Central. A que novos países estamos nos referindo?

### QUESTÃO 12



O bandeirismo foi um importante capítulo da História Colonial, responsável pela expansão do território brasileiro no Sul e no Centro-Oeste.

- a) Por que o bandeirismo foi uma atividade típica dos moradores de São Paulo?
- b) Além do apresamento de índios e da busca de minerais preciosos, houve um ciclo bandeirístico denominado “bandeirismo de contrato” ou “sertanismo de contrato”. Onde atuaram os bandeirantes ligados a esse ciclo e qual o objetivo de suas ações?

### QUESTÃO 13

O Período Regencial (1831-40) foi, sob o ponto de vista político, o mais agitado da história do Brasil. Foi também o período que consolidou o Estado Nacional Brasileiro, criando as bases para a longa estabilidade que caracterizou o Segundo Reinado. Entre as alternativas abaixo, assinale a que não se relaciona com o período regencial.

- a) A aristocracia rural, que se manteve razoavelmente coesa contra D. Pedro I, dividiu-se entre centralistas (situação) e federalistas (oposição).
- b) As camadas populares, tradicionalmente mantidas à margem do processo político, rebelaram-se contra a ordem latifundiário-aristocrática.
- c) Foi no período regencial que progressistas e regressistas lançaram as bases do bipartidarismo liberal e conservador que caracterizaria o Segundo Reinado.
- d) O Brasil deu início a uma política externa de hegemonia na Região Platina, recorrendo a intervenções armadas para impôr seus interesses aos países vizinhos.



e) O Ato Adicional de 1834, ao estabelecer a eleição direta para regente uno, criou uma “experiência republicana” em pleno regime imperial.

#### QUESTÃO 14



**Acerca da imigração européia para o Brasil no século XIX, assinale a alternativa correta.**

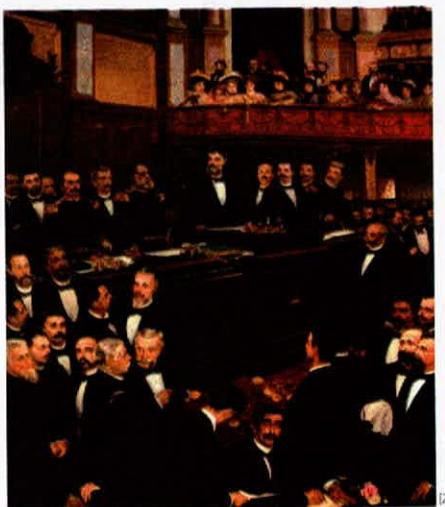
- a) A acelerada expansão das idéias abolicionistas no Brasil, logo após a Independência, fez com que a contratação de colonos europeus crescesse rapidamente, antes mesmo que o tráfico negreiro fosse extinto.
- b) A prosperidade da Europa no século XIX, como resultado da Revolução Industrial, dificultou a emigração de trabalhadores para o Brasil, tendo em vista a atraente remuneração paga pelos empresários europeus.
- c) A crença na superioridade da raça branca, difundida ao longo do século XIX, contribuiu para que a imigração européia fosse bem aceita pelas autoridades brasileiras, interessadas em promover o “branqueamento” da população.
- d) Os imigrantes europeus vindos para o Brasil direcionaram-se sobretudo para as províncias do Sul, o que criou sérios problemas para os cafeicultores do Oeste Paulista, dada a crescente escassez de mão-de-obra escrava.
- e) Os cafeicultores do Oeste Paulista utilizaram a mão-de-obra européia de forma esporádica, pois o tráfico interno de escravos procedentes do Nordeste conseguiu suprir as demandas das fazendas de café da região até a Abolição.

#### QUESTÃO 15

**Beneplácito e Padroado eram princípios constitucionais do Brasil Império que podemos relacionar com:**

- a) a Questão Christie.
- b) a Questão Religiosa.
- c) o movimento republicano.
- d) a Questão Abolicionista.
- e) a Questão Militar.

#### QUESTÃO 16



**Acerca da Constituição de 1891, assinale a alternativa correta.**

- a) A influência do positivismo de Comte se fez sentir na preservação da união entre Estado e Igreja.
- b) Os analfabetos tornaram-se eleitores, mas essa medida democrática foi anulada pela permanência do voto aberto.
- c) A estrutura federativa foi prejudicada pela atribuição do Poder Moderador ao presidente da República.
- d) O Poder Judiciário tinha peso maior na tripartição de poderes, o que enfraquecia a autoridade do chefe de Estado.
- e) No plano político, a Constituição Brasileira sofreu forte influência do modelo norte-americano.

#### QUESTÃO 17

**Por que o marechal Floriano Peixoto, que exerceu a Presidência da República entre 1891 e 1894, foi cognominado “Consolidador da República” e “Marechal de Ferro”?**

#### QUESTÃO 18

**O governo de Juscelino Kubitschek (1956-61) produziu no País um acelerado desenvolvimento econômico, mas também apresentou aspectos negativos. Entre estes últimos, pode-se citar**

- a) a pouca importância dos bens de consumo duráveis, o que provocou atraso tecnológico.
- b) a dificuldade em diversificar os investimentos internacionais, quase todos destinados ao setor terciário.
- c) a subordinação da economia nacional à influência do capital estrangeiro.
- d) a submissão do Brasil às imposições do FMI, que foi o grande financiador do governo JK.
- e) a construção de Brasília, que não produziu resultados significativos para o desenvolvimento do Centro-Oeste.

#### QUESTÃO 19

**O presidente Ernesto Geisel (1974-79) declarou que daria início à abertura política, mas que ela seria “lenta, gradual e segura”. Uma das medidas de Geisel que confirma esse aspecto restritivo foi:**

- a) a aprovação da Lei Falcão.
- b) o Ato Institucional nº 5.
- c) a criação do DOI-CODI.
- d) a influência dos oficiais mais radicais.
- e) a imposição da pena de morte para crimes políticos.

#### QUESTÃO 20

**Entre os eventos que antecederam a independência política do Brasil e propuseram ou criaram condições para a autonomia, podem-se mencionar:**

- a) as iniciativas da Coroa portuguesa no Brasil, no início do século XIX, como a permissão ao comércio internacional sem mediação da metrópole e a criação de sistema bancário oficial.
- b) as revoltas ocorridas na região das Minas Gerais, no decorrer do século XVIII, com características e projetos, em todos os casos, emancipacionistas e propositores de um Estado brasileiro autônomo.
- c) as mudanças ocorridas no cenário europeu, entre o fim do século XVIII e o início do XIX, com a ascensão de Napo-



leão ao trono francês e a conquista, por suas tropas, de toda a Europa Ocidental e de suas possessões coloniais.

d) as ações de grupos de comerciantes da Colônia, desde o início do século XIX, desejosos de ampliar sua independência comercial e de estabelecer vínculos diretos com países do Ocidente europeu e do Extremo Oriente.

e) as vitórias, no século XVIII, das lutas pela independência nas regiões de colonização espanhola, francesa e in-

glesa das Américas, gerando um conjunto de impérios autônomos, possíveis parceiros comerciais para o Brasil.

#### QUESTÃO 21

**“Chegou a hora da igualdade passar a foice por todas as cabeças. Portanto, legisladores, vamos colocar o terror na ordem do dia.” (Discurso de Robespierre na Convenção). A fala de Robespierre ocorreu num dos períodos mais intensos da Revolução Francesa. Ela caracterizou-se:**

a) pela fundação da monarquia constitucional, marcada pelo funcionamento da Assembléia Nacional.

b) pela organização do Diretório, marcado pela adoção do voto censitário.

c) pela reação termidoriana, marcada pelo fortalecimento dos setores conservadores.

d) pela convocação dos Estados Gerais, que pôs fim ao absolutismo francês.

e) pela criação do Comitê de Salvação Pública e pela radicalização da revolução.

## RESPOSTAS

#### QUESTÃO 1

**Resposta: C**

**Comentário:** Na história da Grécia Antiga, o Período Clássico começa com as Guerras Médicas ou Greco-Pérsicas (490-449 a.C.), quando os atenienses tiveram o avanço do imperialismo persa, e termina com a Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), que ensanguentou o Mundo Grego e resultou na derrota de Atenas. A Liga de Delos (formada para combater os persas na Terceira Guerra Médica) e a Época de Péricles (desenvolvimento máximo de Atenas) estão inseridas nesse período.

#### QUESTÃO 2

**Resposta: B**

**Comentário:** Embora parte das populações vencidas fosse escravizada no primeiro momento da conquista, os habitantes remanescentes recebiam gradualmente o influxo da cultura romana, fosse pela ação dos administradores, fosse pelo contato com colonos assentados nas regiões ocupadas. Com o passar do tempo, a cidadania romana era concedida a determinadas pessoas ou mesmo a cidades inteiras. Finalmente, um edito do imperador Caracala tornou cidadãos todos os homens livres do Império (212 d.C.).

#### QUESTÃO 3

**Resposta: E**

**Comentário:** A “trégua de Deus” consistia na proibição aos cristãos de combaterem entre si em determinados dias ou períodos que tivessem um significado religioso especial. Já a “paz de Deus”

era a proteção dada pela Igreja aos feudos cujo senhor estivesse ausente, participando de uma cruzada.

#### QUESTÃO 4

**Resposta: E**

**Comentário:** O poeta português Luís de Camões, o pintor italiano Rafael Sanzio e o escritor espanhol Miguel de Cervantes fazem parte do Renascimento Cultural. Já Montesquieu, Hobbes, Newton e Tomás de Aquino pertencem a outros períodos que não o renascentista. Dante, por sua vez é pré-renascentista. E a produção literária de Gil Vicente, embora cronologicamente faça parte da Renascença, não está integrada na literatura do período.

#### QUESTÃO 5

**Resposta: A**

**Comentário:** Calvino, ao justificar a usura e os lucros como permitidos por Deus, compatibilizou o cristianismo com essas práticas econômicas e se opôs à condenação das mesmas Igreja Católica. Além disso, ao considerar a riqueza como indicio de salvação e apontar o trabalho e a poupança como os meios adequados para conseguir-la, criou uma ética que foi largamente adotada pela burguesia protestante.

#### QUESTÃO 6

**Resposta: D**

**Comentário:** Em sua obra *O Contrato Social*, Rousseau defendeu a idéia de que o Estado deveria representar a “vontade geral”, isto é, do desejo da maioria (regime democrático). Já os demais iluministas argumentavam que, como o povo não

era instruído, o governo deveria ser exercido por uma “minoridade esclarecida”, ou seja, a burguesia. Por outro lado, enquanto os demais iluministas propunham o predomínio da razão sobre a fé, Rousseau argumentava que os homens deveriam agir com base em seus sentimentos naturais (idéia precursora do romantismo).

#### QUESTÃO 7

**Comentário:** Fatores econômicos: grande acumulação primitiva de capitais, importantes jazidas de carvão e de ferro, abundância de matéria-prima (algodão) e hegemonia marítima, que assegurava à Inglaterra o domínio das rotas oceânicas. Fator social: ampla disponibilidade de mão-de-obra barata, resultante do êxodo rural provocado pelos cercamentos. Fator político: participação da burguesia nos assuntos de governo, realizada por intermédio da Câmara dos Comuns.

#### QUESTÃO 8

**Comentário:** Com a NEP, Lenin esperava superar os péssimos resultados do “comunismo de guerra”, implantado em 1918, e estabilizar o regime bolchevique nos planos econômico e político. Dessa forma, estaria dando “um passo atrás” (adoção temporária de algumas práticas capitalistas) para depois dar “dois à frente” (consolidação do socialismo).

#### QUESTÃO 9

**Resposta: C**

**Comentário:** Os totalitarismos, fossem de direita ou de esquerda, impunham a autoridade do Estado em todos os aspectos.



tos da vida política, social, econômica e cultural; restringiam portanto a liberdade e, com isso, inviabilizavam a prática do liberalismo político ou econômico.

#### QUESTÃO 10

##### Resposta: C

**Comentário:** Diferentemente dos líderes da descolonização afro-asiática que optaram pela luta armada, Gandhi propôs o caminho da não-violência para libertar a Índia da dominação inglesa. A desobediência civil (não cumprimento de normas impostas pelos ingleses), a resistência passiva (manter a desobediência mesmo sob pressão física exercida pelos dominadores) e boicote aos produtos britânicos constituíram a estratégia de Gandhi para desestabilizar os britânicos e granjear simpatias para a causa da independência indiana.

#### QUESTÃO 11

**Comentário:** Cazaquistão, Turcomenistão, Uzbequistão, Tadjiquistão e Quirguistão.

#### QUESTÃO 12

a) **Comentário:** Principalmente devido ao isolamento e à falta de recursos da vila de São Paulo. Também contribuíram a relativa facilidade de penetração para o interior por via fluvial e o fato de muitos paulistas serem mamelucos, com certa inclinação pelas atividades sertanistas.

b) **Comentário:** O bandeirismo de contrato realizou-se no interior do Nordeste, tendo por objetivos a destruição de quilombos e o combate a tribos indígenas que se opunham ao avanço da pecuária.

#### QUESTÃO 13

##### Resposta: D

**Comentário:** As graves perturbações internas do Período Regencial impediram que o Brasil desse uma importância maior a sua política externa. No Segundo Reinado, a política externa brasileira assumiu um caráter regional imperialista que culminou com a Guerra do Paraguai, depois de intervenções militares no Uruguai e Argentina.

#### QUESTÃO 14

##### Resposta: C

**Comentário:** A imigração européia para o Brasil, durante o século XIX, des-

tinou-se a fornecer mão-de-obra para a cafeicultura do Oeste Paulista e fixar pequenos proprietários no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A preferência dada aos europeus nesse processo foi, ao menos parcialmente, estimulada pelo "darwinismo social" e pelas teorias pseudo-científicas sobre a superioridade da raça branca, muito em voga no século XIX.

#### QUESTÃO 15

##### Resposta: B

**Comentário:** Beneplácito era a aprovação do governo brasileiro às decisões papais, necessária para que elas pudessem ser cumpridas pelo clero no Brasil. Padroado era o direito do governo imperial de sugerir nomes para o provimento dos cargos eclesiásticos, uma vez que o clero fazia parte do funcionalismo público. Essas instituições estão na gênese da Questão Religiosa: o governo brasileiro negou o beneplácito a uma determinação papal contra a Maçonaria; mas dois bispos, desobedecendo à autoridade civil, decidiram cumprir a ordem do papa, sendo por isso condenados à prisão.

#### QUESTÃO 16

##### Resposta: E

**Comentário:** A influência norte-americana na Constituição de 1891 pode ser notada na denominação "Estados Unidos do Brasil", na tripartição de poderes, na estrutura federativa, no sufrágio universal masculino e no mandato presidencial de quatro anos, além de outros aspectos menores.

#### QUESTÃO 17

**Comentário:** Floriano foi apelidado "Consolidador da República" porque reprimiu a Revolução Federalista do Rio Grande do Sul e a Revolta da Armada, que poderiam ter restaurado a Monarquia no Brasil; recebeu também o cognome de "Marechal de Ferro" por causa da forte autoridade com que exerceu o poder e sobretudo pela violência com que reprimiu as revoltas do período.

#### QUESTÃO 18

##### Resposta: C

**Comentário:** Para cumprir seu slogan de realizar "cinquenta anos de progresso em

cinco de governo", Juscelino teve de abrir o País às multinacionais, as quais passaram a ter um papel preponderante na economia brasileira.

**Obs.:** A alternativa D é incorreta porque Juscelino rompeu com o FMI, justamente para evitar que essa entidade monitorasse sua política econômica.

#### QUESTÃO 19

##### Resposta: A

**Comentário:** A Lei Falcão, de 1976, foi sugerida pelo Ministro da Justiça Armando Falcão. Consistia na imposição de limitações à propaganda eleitoral no rádio e TV, restringindo-a ao nome, número e partido do candidato, com poucas palavras sobre seu currículo, e à apresentação de uma foto 3x4 (no caso da propaganda televisiva).

#### QUESTÃO 20

##### Resposta: A

**Comentário:** Durante o Período Joanino (1808-1821), o governo português, instalado no Brasil, adotou diversas medidas que, mais tarde, favoreceriam a existência do Brasil como país independente. A Abertura dos Portos de 1808 (que quebrou o "exclusivo" metropolitano e praticamente pôs fim ao Pacto Colonial) e a criação do Reino Unido a Portugal e Algarves (1815) foram, sem dúvida, as iniciativas mais importantes. Mas a fundação do Banco do Brasil (também em 1808) deve ser levada em conta.

#### QUESTÃO 21

##### Resposta: E

**Comentário:** O Período do Terror (1793-1794) corresponde à fase popular da Revolução Francesa, quando o poder foi exercido pelos montanhese (ou jacobinos), liderados por Robespierre. Nessa fase, a Convenção (assembleia eleita por sufrágio universal masculino) concedeu plenos poderes ao Comitê de Salvação Pública e promulgou leis repressivas extremamente duras.

Colaboraram na elaboração deste material os professores **Ciro de Moura Ramos** (formulação das questões) e **Daily de Matos Oliveira** (pesquisa iconográfica).





**Vestibular**

INFORMAÇÕES

[www.fmu.br/vestibular](http://www.fmu.br/vestibular)

0800 016 3766

DUDE

# O QUE ESTÁ POR TRÁS DA QUALIDADE FMU

40 anos de tradição • 61 cursos de nível superior • 104 cursos de pós-graduação lato sensu • Mestrado em Direito na sociedade de informação • Cursos de MBA • Cursos de Extensão Universitária • Mestres e doutores são a maioria dos nossos professores • IMAE – Instituto Metropolitano de Altos Estudos, um órgão de apoio à pesquisa e iniciação científica • Programa de Apoio ao Aluno • Centro esportivo • Banco Metropolitano de Empregos • Biblioteca Informatizada – com acesso ao portal de periódicos da CAPES • Convênios nacionais e internacionais • 7 Campi com 35 prédios localizados em bairros centrais e de fácil acesso, dotados de toda infra-estrutura e tecnologia de ponta • Clínicas, laboratórios, fazenda e hospital veterinário e tudo para a prática profissional.

QUALIDADE

**FMU 40**  
ANOS



- ☐ Administrador
- ☐ Advogado
- ☐ Gerente de Marketing
- ☐ Gerente de TI

O que você vai ser agora  
que o Brasil vai crescer?

☐ n.d.a.



manufatura de propaganda

## Processo Seletivo 2008 2º semestre

## 4 campi completos:

- 200 salas de aula • 1050 computadores • 5 bibliotecas
- 25 laboratórios • portal universitário • lousas eletrônicas

### Bacharelado:

- Direito
- Administração
- Ciências Contábeis
- Sistemas de Informação
- Ciência da Computação

### Cursos de tecnologia:

- 19 cursos superiores em
- 2 anos, nas áreas de negócios, comunicação, tecnologia da informação e turismo.
- 3 anos na área de saúde.

## Bolsas de estudo

**Inscreva-se em uma de nossas Unidades:**

Tatuapé - Tel.: 6942-1499 • Ponte Rasa - Tel.: 6546-5246  
Penha - Tel.: 6192-8400 • Vila Formosa - Tel.: 6674-0262

